

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**VALDOMIRO DE OLIVEIRA**

**O PROCESSO ENSINO-TREINAMENTO DA  
TÉCNICA E DA TÁTICA NO BASQUETEBOL  
DO BRASIL: UM ESTUDO SOB A ÓTICA DE  
PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR E  
TÉCNICOS DE ELITE**

**VOLUME I**

Campinas  
2007

**VALDOMIRO DE OLIVEIRA**

**O PROCESSO ENSINO-TREINAMENTO DA  
TÉCNICA E DA TÁTICA NO BASQUETEBOL  
DO BRASIL: UM ESTUDO SOB A ÓTICA DE  
PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR E  
TÉCNICOS DE ELITE**

**VOLUME I**

Tese de Doutorado apresentada à  
Pós-Graduação da Faculdade de  
Educação Física da Universidade  
Estadual de Campinas para  
obtenção do título de Doutor em  
Educação Física.

**Orientador: Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes**

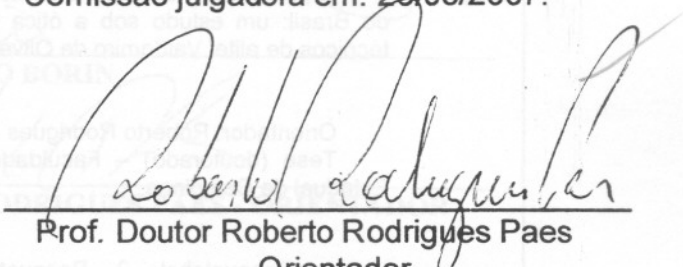
Campinas  
2007

VALDOMIRO DE OLIVEIRA

**O PROCESSO ENSINO-TREINAMENTO DA  
TÉCNICA E DA TÁTICA NO BASQUETEBOL DO  
BRASIL: UM ESTUDO SOB A ÓTICA DE  
PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR E  
TÉCNICOS DE ELITE**

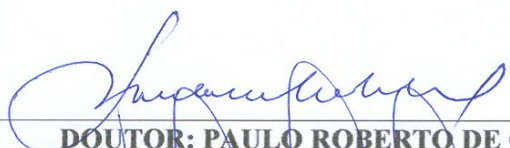
**VOLUME I**

Este exemplar corresponde à redação final da Tese de Doutorado defendida por Valdomiro de Oliveira e aprovada pela Comissão julgadora em: 26/03/2007.

  
Prof. Doutor Roberto Rodrigues Paes  
Orientador

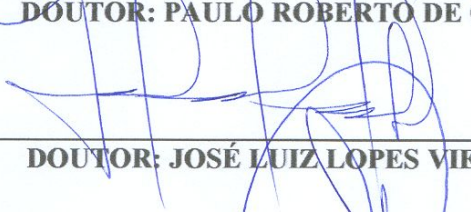
Campinas  
2007

UNIDADE	2
Nº CHAMADA	
TÍTULO	
V	
TOMBO BOI	5000
PROC	1000
<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
TRECO	100
DATA	2007/03/26
BIB-ID	



---

**DOUTOR: PAULO ROBERTO DE OLIVEIRA**



---

**DOUTOR: JOSÉ LUIZ LOPES VIEIRA**

---

**DOUTOR: ANTONIO CARLOS GOMES**



---

**DOUTOR: PAULO CÉSAR MONTAGNER**



---

**DOUTOR: JOÃO PAULO BORIN**



---

**DOUTOR: ROBERTO RODRIGUES PAES - ORIENTADOR**

## DEDICATÓRIA

“Aos meus familiares Paulo, Celeste, João, Nilza, Nilson e aos seres superiores que nos conduzem nesta vida”

“Ao meu orientador, Professor *Roberto Rodrigues Paes*, que me orientou com muita dedicação desde quando nos conhecemos no Mestrado e, posteriormente, no Doutorado, me incentivando, motivando e ensinando coisas simples que sempre acrescentaram ao meu saber pessoal e me acompanhará eternamente por onde eu andar”. Muito obrigado, *Amigo!*

“Aos estudiosos do desporto, Professores Doutores: Paulo Roberto de Oliveira, Antonio Carlos Gomes, José Luiz Lopes Vieira, Paulo César Montagner, João Paulo Borin. Acredito que temos missões importantes aqui, e percebi nesse pouco tempo de convivência que suas capacidades, aliadas às competências e serenidade que os senhores realizam seus trabalhos, me deram certeza para acreditar na Educação Física e no desporto como um aliado da vida social, me fazendo buscar dentro da alma toda a crença para nunca desistir de contribuir para o basquetebol brasileiro”.

“A todos os meus professores, e amigos que, pela convivência de muitos anos, me motivaram a cursar Educação Física e me dedicar aos cursos de Especialização, Mestrado e Doutorado, conhecendo e admirando os maestros brasileiros das ciências do desporto e realizar este trabalho com muita dedicação e tranquilidade”.

“A minha esposa Gislaine, e aos meus filhos Caio e Giovana, pelo amor que temos entre nós”

E, por fim,

“A todos os técnicos e atletas na qual conheci enquanto técnico e atleta de basquetebol. Agradeço por todos os duelos travados ”.

... “Não existem fórmulas mágicas para formar equipes campeãs no basquetebol, o que pode existir são encaminhamentos científicos e muito trabalho, trabalho árduo, por parte daqueles que atuam no dia-a-dia nos treinamentos e competições. Aprendi que pessoas que compartilham um objetivo comum, com um sentido de equipe, podem chegar ao seu destino mais depressa e mais facilmente do que se fizessem sozinhas, porque elas se apóiam na confiança e na solidariedade uma das outras”.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Maringá e todos os professores e funcionários do Departamento de Educação Física pela convivência durante a licenciatura e posteriormente na docência.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Desporto da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas e, em especial, a todos os funcionários, que me receberam com muito carinho e atenção.

Aos professores do Mestrado, em especial ao professor Miguel, Denise, pelos ensinamentos que transmitiram durante as discussões fantásticas em suas disciplinas.

Aos companheiros de orientação do professor Roberto Paes pelos momentos de discussão e aprendizagem: Wagner Bergamo, José Carlos Moreno- Cacao, Hermes Balbino, Paulo César Montagner, Laurita Schiavon, Larrissa Galati e Henrique Barcelos e todo o grupo de Pedagogia do Esporte.

Ao Prof. Dr. José Luiz Lopes Vieira, que durante o processo de doutoramento me fez compreender as novas possibilidades de orientação diante de uma Tese de Doutorado.

Aos queridos e amigos professores da velha guarda: Vanildo, Maria, Noriko, Lenamar, Wellington, Joaquim, Umeda, Fred, Carraro, Jair, Celso e Macoto, pela convivência de muitos anos e troca de conhecimentos importantes para a vida acadêmica e a todos os professores da jovem guarda, entre esses: Larrissa, Giuliano, Wilson, Ieda.

Aos companheiros do basquetebol maringaense e paranaense: Técnico Saulo e Sergio Abujanrra, Cambará, Nino, Paraná, César, Profeta, Laurindo, Primo, Claudião, Rosa, Sergio Prati, Luis Prati.

Aos comparsas do basquetebol veterano: Gê, Gilmar, Luizão, Cuculo, Heitor, Mauricio, Ricardo, Marcelo, Ogawa, pela convivência e desenvolvimento do basquetebol veterano, que dá continuidade à prática do basquetebol em âmbito nacional.

Aos amigos da jovem guarda: Eduardo, Tião, Renata, Marchi, Roger, Jéferson, Ricardinho, Rodrigo, Graziela, Palpitz e Osler, pelos maravilhosos momentos que vivemos juntos.

À família Tarnhovi: Eugenio, Terezinha, Alessandra, Elton e Evandro, pelo apoio e incentivo durante toda a minha caminhada em Maringá.

Aos amigos de apoio: Flávio, Alexandre da K2, Josias, Rodrigo da Prestel, professora Anie e professor Manoel do departamento de letras e lingüística da UEM, que colaboraram de forma decisiva para o término deste trabalho.

Aos companheiros do Mestrado: Ciro, Wilton, Cris, Fernanda, Tania Bandera, Roberto Alegria, Mauricio, Gustavo, Zé e Dê, pela amizade e momentos filosóficos, que vivemos juntos.

A todos aqueles que direta ou indiretamente estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis da vida.

### **Agradecimentos e homenagens especiais**

Fica fácil tirar algumas conclusões quando se tem a possibilidade de conhecer e conviver, mesmo que por pouco tempo, com pessoas que há tempos contribuem para o desenvolvimento do basquetebol brasileiro. Entre estes, professores e técnicos que colaboraram com a minha pesquisa, meu amadurecimento humano e até por minha permanência no Mestrado e no Doutorado. Posso então lhes afirmar queridos companheiros que muitas saudades ficam expressas nessas pequenas falas e fico muito orgulhoso ao saber que muitos de vocês hoje são meus amigos. Obrigado professores e técnicos pela imensa colaboração que deram e tornaram realidade um sonho de muitos: “A união dos seus conhecimentos descritos em um trabalho científico e a contribuição do mesmo para professores e técnicos menos experientes”. E lembrando que todos vocês já deixaram em suas práticas pedagógicas nos diversos cantos do nosso País e do mundo suas idéias, ou melhor, suas teses. Assim sendo, agradeço:

**Aos professores:** Dante de Rose Junior; Dartagnan Pinto Guedes; Arli Ramos de Oliveira; Vagner Roberto Bergamo; Valdir Pagan Peres; Silvia Cristina Madrid Finck; Ângelo Diniz; Marcelo Bandiera Sálvio; Carlos Alberto de Oliveira; Dagmar Hunger; Mario Roberto Guarizi.

**Aos técnicos:** Aluisio Elias Xavier Ferreira; Antonio Carlos Barbosa; Antonio Carlos Vendramini; Maria Helena Cardoso; José Roberto Lux - Zé boquinha; Antonio José Paterniane - Tom Zé; Jorge Guerra - Guerrinha; Maria do Carmo M. Ferreira; José Alves dos Santos Neto; Flávio Davis furtado; Hélio Rubens Garcia.

E ao **Professor Moacir Daiuto** *in memoriam*. Não poderia ser diferente professor, pois, tenho certeza que se estivesse entre nós (vida terrena), estaria fazendo parte de alguma forma deste estudo. Agradeço de forma especial ao seu labor profissional enquanto em vida e seus trabalhos científicos que nos deram luz e inspiração para avançar nas pesquisas em basquetebol.

OLIVEIRA, Valdomiro de. **O processo ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol do Brasil**: um estudo sob a ótica de professores do ensino superior e técnicos de elite. 2007. 357 f. Dissertação (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

## RESUMO

O objetivo geral da pesquisa foi explorar o conhecimento acumulado de técnicos brasileiros e professores do ensino superior em relação ao processo ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol do Brasil. De forma específica, buscou-se contextualizar os conteúdos e as estratégias metodológicas utilizadas por técnicos e professores do ensino superior para o processo ensino-treinamento dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos nas diferentes categorias da formação desportiva:- pré-mini, mini, mirim, infantil, infante, cadete, juvenil e sub-21. A amostra foi constituída por 11 técnicos de basquetebol com representação em nível nacional e internacional e 11 professores universitários que atuam com basquetebol em universidades brasileiras. Como critério de seleção, os técnicos deveriam ser considerados referência no País e, para a seleção dos professores universitários, o critério foi a titulação mínima de Mestre e Doutor na área de Ciência do Desporto e/ou Mestre e Doutor que atuassem no ensino do basquetebol em universidades brasileiras. O instrumento de medida utilizado foi a entrevista embasada num questionário semi-estruturado com perguntas abertas. Os dados foram analisados de forma qualitativa, através da análise de conteúdo e descrito de forma quantitativa em nível de frequência e percentual. Os resultados mostraram que em relação ao ensino-treinamento do basquetebol na etapa de iniciação e especialização, considerando os fundamentos técnicos do jogo de basquetebol e os sistemas defensivos e ofensivos, há convergências, divergências, sob a ótica de técnicos e professores do ensino superior quanto aos conteúdos de ensino bem como as estratégias metodológicas a serem utilizadas. Por exemplo, há fortes indícios para conflitos entre os métodos de ensino dos fundamentos técnicos na iniciação, no qual os métodos analíticos sofrem críticas, enquanto os métodos de jogo parecem ser mais apropriados, principalmente para manter um maior nível de motivação dos praticantes. Já na etapa de especialização, ficou evidenciado que os exercícios produzem uma adaptação mais eficiente da técnica motora e tem maior aceitação entre os entrevistados. Em relação ao ensino-treinamento dos sistemas defensivos, pode-se confirmar que a defesa individual é a mais indicada na etapa de iniciação e, na etapa de especialização, todas as defesas equiparam-se. Com relação ao ensino-treinamento dos sistemas ofensivos, pode-se dizer que, na etapa de iniciação, deve-se evitar jogadas complexas privilegiando o ensino baseando-se nos exercícios em situações de jogo. Contudo, na etapa de especialização, há de se firmar as qualidades de conjunto com a utilização de estratégias mais complexas. Com base nos resultados do estudo, podem-se tecer algumas considerações: o ensino do basquetebol deve ser concebido num processo longo, no qual seus conteúdos e métodos variem no transcorrer do processo de ensino da técnica e da tática dos atletas, e haja um modelo de iniciação para o basquetebol brasileiro que ainda precisa de muitos estudos, principalmente longitudinais. No que tange à especialização, etapa de treinamento, firma-se a idéia de que é imprescindível a periodização embasada num planejamento dos conteúdos e métodos de treinamento em longo prazo, principalmente após 15 anos de idade, categoria infante e cadete, com o pensamento em nível nacional e internacional. Sendo assim, tornou-se possível sinalizar algumas possibilidades pedagógicas para as diferentes fases das etapas do processo de formação técnica e tática no basquetebol brasileiro, considerando uma periodização em longo prazo dos conteúdos e estratégias pedagógicas de ensino-treinamento.

**Palavras-chave:** Pedagogia. Basquetebol. Ensino-Treinamento.



OLIVEIRA, Valdomiro de. **The teaching-training process of technique and tactics in basketball practiced in Brazil: a study based on the viewpoint of college professors and elite coaches.** 2007. 357 f. Dissertação (Doutorado em Educação Física)- Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

## ABSTRACT

The objective of this study was to explore the acquired knowledge of Brazilian coaches and college professors in relation to the teaching-training process of technique and tactics in the Brazilian basketball. The work tried to contextualize the contents of the methodological strategies used by coaches and college professors for the teaching-training of fundamentals as well as defensive and offensive systems in all different Brazilian basketball categories. The sample group was constituted of 11 basketball coaches and 11 university basketball professors of Brazilian universities. The elected coaches had to be considered as national reference and for the elected university professors, the criterion was their master and doctor degrees in the sports scientific field, and/or basketball experts with teaching experience in Brazilian universities. The measuring instrument was an interview based in an open questionnaire. The data were analyzed qualitatively - through the analysis of the content; and quantitatively, by means of the frequency and percentage of similar answers. Results showed that, in regard to basketball teaching-training, in all stages of the process, considering the fundamentals of basketball and the offensive and defensive systems, there are convergences and divergences when it comes to teaching contents as well as methodological strategies, according to the interviewed participants' point of view. For instance, there are strong indications of conflicts between the teaching methods of the basketball foundations for beginners, when analytical methods are criticized, while the game method seems to be more appropriate, mainly to keep the children highly motivated. In the specialization stage, on the other hand, there was evidence that individual exercises may produce a more efficient adaptation to the motor technique, having greater acceptance among the interviewees. Regarding the defensive systems, it can be confirmed that the man-to-man defense is recommended in the initial stage, whereas in the specialization stage, the zone defense starts to be a strong tactical possibility. However, the predominance of the man-to-man defense is still observed. Regarding the offensive systems, it can be observed that in the initial stage, complex games should be avoided, privileging exercises based on game situations and individual conditions. Nevertheless, in the specialization stage, exercises should focus teamwork and more complex strategies. Based in the results of the study it is important to consider that basketball teaching must be conceived in a long term process whose contents and methods may vary according to athletes' fundamentals and tactics, with a model of initial stage for the Brazilian basketball that still needs further longitudinal studies. With reference to the specialization stage, it is mandatory that contents and training methods be planned in a long term basis, mainly after the age of 15, targeting national and international levels. Thus, it is possible to signal some pedagogical possibilities for the different phases from the two stages of the basketball learning process in Brazil, taking in consideration the contents and pedagogical strategies of the teaching-training process, in a long-term basis.

**Keywords:** Pedagogy. Basketball. Teaching-Training.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Distribuição das respostas coletivas em relação ao ensino-treinamento dos conteúdos – fundamentos técnicos.....	87
<b>Gráfico 2</b> – Distribuição das respostas coletivas em relação aos métodos de treinamento dos fundamentos técnicos .....	97
<b>Gráfico 3</b> – Distribuição das respostas coletivas em relação ao ensino-treinamento dos conteúdos – sistemas defensivos .....	104
<b>Gráfico 4</b> – Distribuição das respostas coletivas em relação à metodologia de treinamento dos conteúdos – sistemas defensivos. ....	113
<b>Gráfico 5</b> – Distribuição das respostas coletivas em relação ao ensino-treinamento dos conteúdos – sistemas ofensivos .....	118
<b>Gráfico 6</b> – Distribuição das respostas coletivas em relação à metodologia de treinamento dos conteúdos – sistemas ofensivos .....	125
<b>Gráfico 7</b> – Distribuição das respostas coletivas em relação ao treinamento dos conteúdos – fundamentos técnicos. ....	131
<b>Gráfico 8</b> – Distribuição das respostas coletivas em relação à metodologia de treinamento dos conteúdos – fundamentos técnicos.....	137
<b>Gráfico 9</b> – Distribuição das respostas coletivas em relação ao treinamento dos conteúdos – sistemas defensivos .....	142
<b>Gráfico 10</b> – Distribuição das respostas coletivas em relação à metodologia de treinamento dos conteúdos – sistemas defensivos .....	151
<b>Gráfico 11</b> – Distribuição das respostas coletivas em relação ao treinamento dos conteúdos – sistemas ofensivos .....	155
<b>Gráfico 12</b> – Distribuição das respostas coletivas em relação à metodologia de treinamento dos conteúdos – sistemas ofensivos .....	164

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Periodização do processo de ensino-treinamento da técnica e tática para o basquetebol na etapa de Iniciação. ....	43
<b>Quadro 2</b> – Formas didático-metodológicas de ensinar e treinar o basquetebol.....	49
<b>Quadro 3</b> – Fases de aprendizagem do basquetebol propostas por Garganta (1995)..	51
<b>Quadro 4</b> – Distribuição percentual dos conteúdos da técnica e tática geral e especial na etapa de iniciação em basquetebol e suas fases de desenvolvimento. .	61
<b>Quadro 5</b> – Periodização do processo de especialização da técnica e da tática no basquetebol e os aspectos biológico, escolar, cronológico e as categorias de competição. ....	65
<b>Quadro 6</b> – Percentual da preparação técnica e tática geral e especial na etapa de especialização em basquetebol e suas fases de desenvolvimento.....	66
<b>Quadro 7</b> – Ambiente A: Técnicos de basquetebol do Brasil.....	75
<b>Quadro 8</b> – Ambiente B: Professores universitários .....	75
<b>Quadro 9</b> – Perfil dos sujeitos do ambiente A - Professores universitários envolvidos na pesquisa. ....	78
<b>Quadro 10</b> – Perfil dos sujeitos do ambiente B - Técnicos renomados envolvidos na pesquisa. ....	78
<b>Quadro 11</b> – Distribuição dos conteúdos e métodos de ensino-treinamento para as diferentes fases de aprendizagem na etapa de iniciação em basquetebol, segundo a preparação geral e especial.....	172
<b>Quadro 12</b> - Distribuição dos conteúdos e métodos de ensino-treinamento para as diferentes fases de aprendizagem na etapa de especialização em basquetebol, segundo a preparação geral e especial .....	175

## **MÁRIO**

<b>LISTA DE GRÁFICOS .....</b>	<b>9</b>
<b>LISTA DE QUADROS.....</b>	<b>10</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
 <b>CAPÍTULO I</b>	
<b>PEDAGOGIA DO TREINAMENTO DESPORTIVO: FATORES FUNDAMENTAIS PARA O ENSINO-TREINAMENTO DA TÉCNICA E DA TÁTICA NO BASQUETEBOL NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA .....</b>	<b>24</b>
1. CARACTERÍSTICAS DOS JOGOS DESPORTIVOS COLETIVOS – BASQUETEBOL .....	24
 <b>CAPÍTULO II</b>	
<b>PEDAGOGIA DO TREINAMENTO DESPORTIVO: REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE O PROCESSO ENSINO-TREINAMENTO DA TÉCNICA E DA TÁTICA NO BASQUETEBOL NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA.....</b>	<b>41</b>
1. ETAPA DE INICIAÇÃO EM BASQUETEBOL E SUAS FASES DE DESENVOLVIMENTO .....	41
2. ETAPA DE ESPECIALIZAÇÃO EM BASQUETEBOL E SUAS FASES DE DESENVOLVIMENTO .....	64
 <b>CAPÍTULO III</b>	
<b>PROCESSO E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....</b>	<b>73</b>
1. O CONTEXTO DA PESQUISA.....	73
2. PROCEDIMENTOS PARA ANALISAR OS DADOS DA PESQUISA.....	78
 <b>CAPÍTULO IV</b>	
<b>DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....</b>	<b>85</b>
1. ETAPA DE INICIAÇÃO: A ÓTICA DE TÉCNICOS E PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS EM RELAÇÃO AO ENSINO-TREINAMENTO DA TÉCNICA E DA TÁTICA NO BASQUETEBOL .....	85
2. ETAPA DE ESPECIALIZAÇÃO: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS SOB A ÓTICA DE TÉCNICOS E PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS EM RELAÇÃO AO ENSINO-TREINAMENTO DA TÉCNICA E DA TÁTICA.....	128
 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	 <b>169</b>
 <b>INDICATIVOS PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO-TREINAMENTO TÉCNICO E TÁTICO DO BASQUETEBOL .....</b>	 <b>177</b>
1. ETAPA DE INICIAÇÃO EM BASQUETEBOL E SUAS FASES DE DESENVOLVIMENTO .....	177

2. ETAPA DE ESPECIALIZAÇÃO EM BASQUETEBOL E SUAS FASES DE DESENVOLVIMENTO .....	183
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>190</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>200</b>

## APRESENTAÇÃO

No início da década de 80, eu estava na escola, na quinta série, e, em uma aula de Educação Física, um professor aplicou um jogo que ele chamava de basquetebol; esse jogo não era conhecido por mim, pois eu só brincava os jogos que aprendi na rua com os vizinhos. Após conhecer o basquetebol na escola, nas aulas de Educação Física, passei a praticá-lo nos intervalos, no recreio e também após o final das aulas, no quintal de casa. Ao final dos treze anos de idade, estava passando em frente ao ginásio de desportos da cidade de Rolândia, no norte do Paraná, quando avistei um técnico ministrando treinamento de basquetebol. Ao me aproximar, ele me disse: por que você não treina? Respondi: não posso... minha família quer que eu trabalhe para ajudar em casa. Todavia, não resisti e fui, às escondidas, no outro dia ao treino e, a partir daí, não mais abandonei o basquetebol, me especializando e me tornando um atleta, participando de vários torneios nacionais e internacionais.

Aos 16 anos, assumi o cargo de técnico na cidade de Rolândia e comecei a estudar basquetebol nos cursos em vídeos, com diferentes técnicos do basquetebol brasileiro, espanhol, americano, entre outros. Participei também em eventos como técnico nas diferentes categorias, como mirim, infantil e infante, cadete e juvenil no Estado do Paraná e no interior de Santa Catarina e São Paulo. Resolvi prestar o vestibular para o curso de Educação Física e acabei, após muita insistência, entrando na Universidade Estadual de Maringá. Graduei-me em quatro anos; o curso estava de encontro com meus interesses. Após a graduação, fiz especialização na cidade de Londrina, onde havia jogado em algumas temporadas. Em uma das disciplinas, conheci o professor Paulo Roberto de Oliveira, que me disse: “o basquetebol precisa de estudantes”. Essa frase simplesmente me deu asas para aprofundar mais ainda meus conhecimentos em basquetebol e procurei, ao final do curso de especialização, o professor Antônio Carlos Gomes, que havia voltado do Doutorado, para discutir os problemas da preparação física dos basquetebolistas brasileiros. Naquela ocasião, a preocupação era a preparação física de nossos jogadores, visto que acreditava que poderíamos ser melhores se jogássemos mais rápido com e sem a bola, principalmente.

Iniciei, então, a busca pelo Mestrado em várias universidades, quando acabei, após três concursos seguidos, por entrar na Unicamp, sob a orientação do ilustre professor Roberto Rodrigues Paes que, além de orientador, que passei a admirar, considerando-o hoje como um fiel escudeiro e amigo. Compartilhamos o pensamento de que só a parte física não é suficiente e que, juntos, poderíamos construir um trabalho ampliando as possibilidades de preparação; estruturamos então uma proposta de ensino para os jogos desportivos coletivos, dividida em seis fases, visando, especificamente, à aprendizagem das habilidades e estratégias tático-cognitivas e também ao desenvolvimento das capacidades físicas específicas para o basquetebol na iniciação e no treinamento especializado, com a intenção de contribuir para a melhora do desporto coletivo e do basquetebol no Brasil.

Após a conclusão do Mestrado, publicamos nossos trabalhos no Brasil e em alguns países do exterior, como Portugal, Espanha, Argentina e lançamos livros e capítulos de livros, com bases científicas mais consistentes. No entanto, ainda faltava algo que eu não conseguia ver, até que tive a oportunidade de ir à Espanha participar do II Congresso Ibérico de Baloncesto, promovido pela universidade de Extremadura em Cáceres, norte da Espanha. Naquela ocasião, percebi a importância da ciência e a prática de se ter uma maior aproximação com ela. Na volta, tive o meu ingresso aprovado no Doutorado da Unicamp e a felicidade de continuar meus estudos sob a orientação do professor Roberto Rodrigues Paes, que com uma frase, dentre outras marcantes, me disse: “o aro não vai ser mais alto que 3,5 metros, e os atletas de basquetebol dificilmente atingirão mais velocidade ou mais estatura do que o que vimos, nestes últimos 100 anos, desde que o basquetebol foi inventado pelo professor canadense James Naismith”. Porém, a título de curiosidade, avançamos na literatura internacional para investigar como estava a produção científica sobre a inteligência tática do jogo e sobre os procedimentos de intervenção da técnica motora. Durante o Exame de Qualificação do Doutorado, o professor Paulo Roberto de Oliveira, com uma idéia brilhante, nos sugeriu o apoio de estudiosos e técnicos de renome nacional, para concluirmos nossos estudos em nível de doutoramento. Posso afirmar que dificilmente minha idéia inicial seria apagada de vez da minha memória, que era “colocar dois grupos controle e testar diferentes métodos de ensino e conteúdos em diferentes faixas

etárias realizando filmagens para produzir tecnologias mais avançadas sobre o ensino-treinamento do basquetebol”. No entanto, tenho certeza que fui privilegiado com a idéia do professor e o apoio da banca como um todo e agora poderei realizar novos estudos de diferentes ordens metodológicas, com maior embasamento da realidade do basquetebol brasileiro. Afinal, pude conhecer muitos professores e técnicos de nível indiscutível, aprender mais do que havia feito no Mestrado e ainda fazer muitos amigos. A defesa da tese no dia 26/03/2007 ocorreu tudo muito bem, e então fui aprovado e finalmente recebi o título de Doutor em Educação física na área de Ciências do desporto.



# INTRODUÇÃO

## 1. Caracterizando a problemática do tema

Estudiosos de diversas áreas das ciências aplicadas ao desporto, principalmente a pedagogia do desporto no Brasil, têm analisado as questões que envolvem o sistema de preparação dos atletas dos desportos coletivos – especificamente nas questões técnicas e táticas, estudando e transportando teorias gerais para modalidades específicas, como o basquetebol, nos quais se destacam Paes (1989), Greco (1998), Oliveira e Paes (2002, 2003, 2004a, 2005) e Balbino (2001 e 2005). No exterior, Garganta (1995 e 1998), Barreto (2001), Nascimento (2003), Cardenas (2003), Calatayud (2003) e Delgado (2003).

Para estes autores, atualmente existe um aumento considerável nas discussões sobre o processo de formação técnica e tática nos desportos coletivos. São vários os assuntos a serem debatidos como: quais conteúdos e quais estratégias de ensino-treinamento devem ser priorizados em diferentes momentos da formação desportiva, principalmente as metodologias de treinamento em longo prazo?

A problemática inicial está nos enfoques teóricos que abordam o processo de formação técnica e tática dos atletas de basquetebol no Brasil e no exterior, porque parecem ainda não se mostrarem suficientes para sustentar os anseios dos técnicos no seu trabalho na prática do basquetebol. Assim sendo, recorreu-se aos estudos publicados na teoria dos jogos desportivos coletivos, no treinamento desportivo, na pedagogia do desporto, na aprendizagem e desenvolvimento motor, no crescimento, maturação e desenvolvimento físico e ainda em estudos sobre o ensino-treinamento do basquetebol. Esses estudos, por sua vez, podem ser compreendidos em uma etapa que abrange a iniciação e a especialização desportiva. No basquetebol, esse entendimento reflete as categorias de disputas nos campeonatos estaduais pré-mini, mini e mirim, e nacionais infante, cadete e juvenil, competições estas que formam a base desse desporto no País.

Além disso, entende-se que os problemas aumentam em função da distância existente entre teoria e prática, ou seja, os técnicos que atuam no dia-a-dia têm pouco

ou quase nenhum acesso às produções acadêmico-científicas e, por outro lado, a academia tem discutido os temas que abordam a iniciação e a especialização em basquetebol de maneira distante das realidades práticas dos técnicos.

No Brasil, segundo Vidal (1997), a cobrança dos clubes e dos dirigentes, na maioria das situações práticas pelo resultado no basquetebol em curto prazo, é um procedimento que tem ocorrido com frequência em todas as categorias, e esse fator pode refletir principalmente na categoria adulta masculina, pois se tem verificado, em pesquisas realizadas por Oliveira e Paes (2002, 2003d), que nos últimos quatro campeonatos mundiais os resultados pioraram gradativamente e não agradaram aos especialistas das ciências do esporte no Brasil: 1990, quinto lugar; 1994, décimo quarto lugar; 1998, décimo primeiro lugar; 2002, oitavo lugar; 2006, décimo sétimo lugar (CBB, 2002). Apesar da conquista do último torneio pan-americano em 2005, os resultados anteriores demonstram uma queda do basquetebol brasileiro masculino ante o cenário internacional, quando se trata de resultados olímpicos e mundiais.

O que se tem observado com base nos resultados competitivos é que as equipes de outros países, como Espanha, Itália, Estados Unidos, Lituânia, França, entre outras, principalmente da Europa, têm seu foco principal nas competições mundiais e olímpicas. Além desse quadro, percebe-se ainda nos resultados das competições (CBB 2000) que a Argentina, principal rival do Brasil na América do Sul, não tem utilizado o pan-americano como competição principal, priorizando a preparação para mundiais e olimpíadas. Pode-se ver nos resultados das últimas olimpíadas, por exemplo, em 2000, que a Argentina foi vice-campeã mundial e, em 2004, foi campeã olímpica, enquanto nesse período o Brasil sagrou-se campeão pan-americano por duas vezes, porém sem boas classificações em mundiais e, pior, não participa de olimpíadas há 12 anos. Talvez os resultados do basquetebol masculino em âmbito mundial e olímpico estejam refletindo nos resultados pouco expressivos também nas categorias de base, como infante, cadete e juvenil.

Atrelado a esses problemas estão outros fatores que nos intriga: as dificuldades na formação continuada dos profissionais que atuam com o basquetebol nos diferentes cenários, e a não estruturação das seleções permanentes de base quando se trata de seleção brasileira. Todos esses podem ser fatores fundamentais e responsáveis pelos

resultados pouco expressivos, principalmente no masculino nas categorias de base e até na adulta. Ainda sobre esse assunto, um outro problema pode ser a não organização e planejamento na aplicação dos conteúdos do sistema de treinamento técnico e tático de forma sistematizada e permanente, em longo prazo, foco esse de maior preocupação nesse estudo.

Oliveira e Paes (2002; 2003c; 2004b) observaram em seus estudos sobre o contexto desportivo do basquetebol um distanciamento entre a produção científica com a prática recaindo, por exemplo, nas fases sensíveis da aprendizagem, segundo as teorias desenvolvimentistas, a especialização desportiva precoce, o ensino tecnicista proposto de forma fragmentada, o treinamento tático realizado somente por jogadas estereotipadas, não valorizando as capacidades cognitivas importantes nas resoluções de problemas causados pela imprevisibilidade do basquetebol, ou seja, a tomada de decisão diante das ações dos adversários, fazendo a leitura do jogo e agindo de acordo com as situações casuais. Além dessas preocupações, os autores têm enfatizado, ainda, a importância do basquetebol ser oferecido e utilizado no ensino fundamental e médio, como um aliado da Educação Física para a educação geral das crianças e adolescentes de todos os segmentos sociais, uma vez que sua prática pode promover intervenções quanto à cooperação, convivência, participação, inclusão, entre outras, como possibilidades de identificação de talentos.

São várias as questões problematizadas nesse estudo, mas o desinteresse dos praticantes mais jovens pelo ingresso na aprendizagem e, posteriormente, no treinamento sistemático no basquetebol, pode estar atribuído principalmente na forma como as aulas e/ou treinamentos são aplicados ao ensinar a técnica e a tática e é aqui que estarão delimitadas as investigações. Sendo assim, foi elaborada a seguinte questão norteadora do estudo: Qual a ótica de técnicos e professores universitários (Mestres e Doutores) em relação ao processo ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol do Brasil?

Diante dessa questão norteadora, outra questão se construiu para o estudo: Quais são os conteúdos e as estratégias pedagógicas que poderiam ser utilizadas no ensino-treinamento dos aspectos técnicos e táticos para as diferentes categorias do basquetebol no Brasil: pré-mini, mini, mirim, infantil, infante-juvenil, cadete, juvenil e

sub-21?

Com base nos problemas levantados e nas questões norteadoras sobre o processo de ensino-treinamento da técnica e tática no basquetebol em longo prazo, apresenta-se a seguir a importância e as justificativas para a realização do estudo.

## **2. Importância e justificativas para a realização do estudo**

A importância da realização deste estudo é ampla, partindo da idéia de criar condições freqüentes para analisar o processo de formação desportiva – técnica e tática no basquetebol do Brasil e com eficácia levar o conhecimento das discussões sobre os procedimentos para a aprendizagem, para as competições e para as metodologias de ensino-treinamento, aplicadas ao basquetebol de forma eficiente aos professores, técnicos, dirigentes das federações, alunos das universidades nacionais, bem como aos atletas das escolas e dos clubes desportivos, ampliando-se as possibilidades e melhorando-se o intercâmbio teórico-prático dessa modalidade.

Assim sendo, autores da área das Ciências do Desporto da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, particularmente da linha de Estudos em Pedagogia do Desporto, discutem essas possibilidades visando a apresentar propostas metodológicas de ensino-aprendizagem e treinamento nos desportos coletivos e, nesse caso específico, para o basquetebol.

São necessárias alternativas teóricas para o oferecimento do basquetebol no Brasil, na qual a elaboração de um modelo de ensino da técnica e da tática é importante para a etapa de iniciação e de especialização com a participação de técnicos, porque são eles que atuam no dia-a-dia nas escolas e nos clubes, bem como a participação de acadêmicos, que estudam o assunto mais profundamente e discutem nas suas universidades nos cursos de Educação Física.

No caso do basquetebol, deve-se focar o ensino nas escolas e nos clubes e nas universidades como um processo na busca da aprendizagem do basquetebol e não apenas nos resultados mais expressivos, segundo Garganta (1998). Já em etapas posteriores, como na etapa de treinamento especializado que deve ocorrer entre 15-19 anos, segundo Greco (1998;1999), aí sim solidifica-se o processo de preparação em

longo prazo, com vistas às competições nacionais e internacionais. Deve-se, no entanto, evitar nas categorias iniciais o resultado desportivo a qualquer preço.

Portanto este estudo se justifica pela necessidade de aprofundar estudos com o respaldo de professores universitários e técnicos renomados do basquetebol nacional com vistas a produzir um material conjugando teoria e prática a exemplo de países mais desenvolvidos, como a Espanha, na qual esse procedimento já é comum a muitos anos, a julgar pela realização do I, II e III Congresso Ibérico de Baloncesto (2001, 2003, 2005)

Justifica-se também a importância dessa pesquisa porque pode-se perceber (I, II, III Congresso Ibérico de Baloncesto, 2001, 2003, 2005) a relevância da aproximação entre os cientistas e os técnicos debatendo o futuro do basquetebol de diversos países e provavelmente ampliando as possibilidades de aprendizagem e treinamento do basquetebol. Percebe-se ainda que no Brasil esse tipo de procedimento de pesquisa não é comum ou não existe, pois a aproximação da teoria com a prática ainda é tênue, apesar dos esforços realizados no I Congresso Mundial de Medicina e Ciências do Desporto no Basquetebol, promovido pela CBB em 2006. Em relação aos técnicos entende-se que poucos acreditam no desenvolvimento científico e os estudiosos não encontram facilidades no acesso à prática dos técnicos. Assim sendo, com essa aproximação, entende-se que poderia ser possível levar os conhecimentos das produções científicas e das práticas pedagógicas de muitos técnicos renomados com mais coerência e confiabilidade através dos meios de comunicação para os técnicos e para as universidades nacionais de ensino do basquetebol e ainda abrir portas para novas pesquisas no basquetebol e em outras modalidades desportivas.

Salienta-se ainda que parte dessas informações serão posteriormente organizadas e divulgadas para a comunidade científica e para os técnicos em todo o Brasil, mediante diferentes meios de comunicação, como o *site* da Pedagogia do Basquetebol ([www.pedagogiadobasquete.com.br](http://www.pedagogiadobasquete.com.br)), entre outros meios, além dos impressos e CD-ROM.

Levando-se em consideração a realidade brasileira bem como a temática cuja abordagem traça o eixo do estudo sobre o sistema de treinamento dos atletas brasileiros de basquetebol, justifica-se também a realização desta pesquisa pela necessidade e carência de propostas pedagógicas e metodológicas que ampliem as

possibilidades de discussão acerca do basquetebol, com o respaldo da experiência de professores universitários e da cultura esportiva especializada de nossos técnicos. Entende-se que nos dias atuais novas propostas pedagógicas e metodológicas devem ser apresentadas à comunidade científica, visando ao oferecimento do basquetebol em diferentes níveis de atuação, de forma organizada, planejada e sistematizada em seus conteúdos e métodos, assegurando a promoção do basquetebol com mais qualidade para os jovens e principalmente para o fortalecimento da base Mirim, Infantil, Infante, cadete e juvenil, identificando, selecionando e promovendo o talento do basquetebol para representar os estados em âmbito nacional e o País em âmbito internacional, recuperando o prestígio de outrora em nível olímpico e mundial em um futuro próximo.

Este estudo foi delimitado a técnicos que possuem reconhecimento nacional e/ou internacional e professores universitários com titulação de Mestre ou Doutor, caracterizando-se como valores reconhecidos pela cultura de onde vivem e atuam.

O sistema de treinamento desportivo envolve a preparação física – técnica e tática - psicológica e social dos atletas de uma determinada cultura, segundo Matveev (1980). No entanto, este estudo limita-se aos conhecimentos produzidos sobre a etapa de iniciação e especialização em basquetebol, que busca orientar como deve ocorrer o ensino-treinamento dos fundamentos técnicos, dos sistemas defensivo e ofensivo e também as estratégias pedagógicas em um período que abrange o início da prática na modalidade basquetebol até o início da fase adulta, que visam aos resultados superiores.

Com o intuito de organizar o estudo sobre o ensino-treinamento do basquetebol, na iniciação e na especialização, optou-se pela divisão do estudo em quatro capítulos. No primeiro, são abordados os fatores fundamentais que envolvem o treinamento técnico e tático no basquetebol, tais como as características dos desportos coletivos, os aspectos do crescimento físico e da maturação para a elaboração das cargas de treinamento para jovens atletas, os princípios do treinamento desportivo e sua importância para o treinamento do basquetebol, os métodos e os meios que são utilizados para a realização do treinamento do basquetebol na infância e na adolescência, na qual norteia o processo de preparação da base dos atletas brasileiros para as competições nacionais e internacionais no futuro.

No segundo capítulo, o destaque principal é com os referenciais teóricos que tratam do processo de formação desportiva – basquetebol. Destaca-se a etapa de iniciação em basquetebol e suas fases de desenvolvimento, passando pela fase de conhecer brincando o jogo de basquetebol, a importância do aspecto lúdico, depois pela fase de aprendizagem inicial dos sistemas e fundamentos do jogo de basquetebol e, para finalizar, pela fase de automatização e refinamento da aprendizagem inicial ao jogo de basquetebol e aprendizagem de novos conteúdos. Deste modo, a exemplo de como se procedeu na etapa de iniciação em basquetebol, e visando a melhor explanação, dividiu-se a etapa de especialização dos atletas de basquetebol em duas fases: a) fase de aperfeiçoamento inicial da técnica e da tática; b) fase de aperfeiçoamento profundo da técnica e da tática. Finalizando este capítulo, discute-se alguns aspectos sobre a preparação dos jovens atletas de basquetebol para as competições nacionais e internacionais.

O terceiro capítulo do estudo ficou reservado para os procedimentos metodológicos, que compreende o contexto da pesquisa realizada com o intuito de ter um melhor conhecimento de causa sobre o processo de ensino-treinamento do basquetebol no Brasil. A pesquisa de campo buscou explorar o conhecimento acumulado de técnicos que atuam com as principais equipes nacionais e seleções brasileiras. Nesse caso, os técnicos brasileiros de renome nacional e muitos deles com renome internacional e professores mestres e doutores com atuação acadêmica no ensino superior e que atuam com basquetebol em diferentes universidades brasileiras.

No quarto capítulo, descreve-se, analisa-se e discute-se os resultados da pesquisa para enfim apresentar as considerações finais e apresentar alguns indicativos pedagógicos e metodológicos para o ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol para as etapas de iniciação e especialização, considerando as diferentes categorias do basquetebol presentes na cultura competitiva nacional, reservada aos conteúdos e aos métodos de trabalho.

São apresentados a seguir os objetivos da pesquisa que norteou o processo de formação desportiva – basquetebol no Brasil.

## **OBJETIVOS**

### ***Objetivo Geral***

Explorar o conhecimento acumulado de técnicos brasileiros e professores do ensino superior em relação ao processo ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol do Brasil.

### ***Objetivos Específicos***

Contextualizar os conteúdos e as estratégias metodológicas utilizadas por técnicos e professores do ensino superior para o ensino-treinamento dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos nas diferentes categorias da formação desportiva – basquetebol: pré-mini, mini, mirim, infantil, infante, cadete, juvenil e sub-21, e apresentar indicativos pedagógicos para o ensino da técnica e da tática para as diferentes categorias considerando os conteúdos e os métodos de ensino-treinamento..



## **CAPÍTULO I**

# **PEDAGOGIA DO TREINAMENTO DESPORTIVO: FATORES FUNDAMENTAIS PARA O ENSINO-TREINAMENTO DA TÉCNICA E DA TÁTICA NO BASQUETEBOL NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA**

O principal enfoque de preocupação nesse capítulo é com os fatores fundamentais que envolvem o ensino-treinamento técnico e tático dos jogos desportivos coletivos – basquetebol, tais como as características dos desportos coletivos, os aspectos do crescimento físico e da maturação para a elaboração das cargas de treinamento para jovens atletas, os princípios do treinamento desportivo e sua importância para o ensino-treinamento do basquetebol, os métodos e os meios que se utilizam para realizar o treinamento do basquetebol na infância e na adolescência, que norteia o processo de preparação da base dos atletas brasileiros para as competições nacionais e internacionais no futuro.

### **1. Características dos jogos desportivos coletivos – basquetebol**

A área das Ciências do Desporto tem estudado esse processo e a linha de pesquisa - Pedagogia do Desporto em algumas universidades brasileiras em suas distintas dimensões identificou vários problemas pertencentes à modalidade basquetebol. Entre eles, menciona-se a busca de resultados em curto prazo, a especialização precoce, a carência de planejamento, a fragmentação do ensino dos conteúdos do treinamento e outros aspectos relevantes que tratam da compreensão do fenômeno em sua função social, mas principalmente a continuidade no processo de treinamento desportivo – basquetebol. Os principais autores desta linha, entre outros, são: Paes (1989); Greco (1998); Oliveira (2002); Oliveira e Paes (2003a, 2004a e 2005); Balbino (2005).

O jogo de basquetebol desde sua origem é praticado por crianças, adolescentes e adultos dos mais diferentes povos e nações e sua evolução é constante, ficando cada vez mais evidente seu caráter competitivo, regido por regras e regulamentos

(TEODORESCU, 1984). O basquetebol caracteriza-se, entre outros fatores, pela predominância da variação técnica e tática, além das solicitações e efeitos cumulativos morfológicos funcionais e motores, provocados por um intenso envolvimento das habilidades e estratégias mentais e da manifestação-emoção. Também estão envolvidos outros fatores, como alimentação, temperatura, diversificação de ambientes, condições socioeconômicas. Essas exigências, que estimulam os processos adaptativos, influenciam diretamente no desenvolvimento multifacetado do indivíduo em variadas dimensões e níveis de adaptação (WEINECK, 1999), bem como permitem, através dessas exigências e estímulos, o desenvolvimento integral do indivíduo (BALBINO, 2004).

De acordo com Balbino (2005), uma outra característica que o jogo desportivo coletivo possui diz respeito à exigência da habilidade espacial do sujeito em relação a bola, aos colegas e adversários no espaço de jogo. No basquetebol, a aleatoriedade do contexto, somada à imprevisibilidade seqüencial de ações, provoca a constante necessidade do atleta projetar, nos possíveis momentos do jogo, posteriores combinações, formadas pelos vários modelos de jogo e não teria outra forma, senão uma ótima preparação tanto técnica como tática, pois uma necessita da outra para uma melhor compreensão do jogo. Essa condição de intersubjetividade, ou seja, a trama de experiências internas que cada indivíduo estabelece ao jogar, é um dos elementos provocadores da alternância imprevisível de situações e resultados das ações de jogo (GARGANTA, 1995). Dessa forma, pode-se dizer que a preparação técnica e tática no processo de formação em longo prazo tem variância de performance e torna-se necessário verificar quais conteúdos e métodos devem ser utilizados nas diferentes fases de desenvolvimento dos jovens atletas. De qualquer forma, torna-se imprescindível fundamentar a pesquisa antes das indicações teóricas:- pedagógicas e metodológicas para o ensino-treinamento do basquetebol embasado nas ciências do desporto.

Assim sendo, apresentam-se a seguir estudos que tratam do desenvolvimento físico e sua relação com o treinamento no basquetebol. Depois, serão apresentados os princípios científicos que dão suporte teórico à preparação dos atletas de basquetebol e, em seguida, os métodos de treinamento e, conseqüentemente, os meios de sua

aplicação. Inicialmente, mostram-se alguns estudos de especialistas da área de desenvolvimento e crescimento físico que discutem as suas respectivas faixas de maturação biológica relacionadas às idades cronológicas aproximadas e sua relação com a aplicação de cargas de treinamento. No entanto, torna-se necessário um breve entendimento sobre crescimento, maturação e desenvolvimento do organismo humano durante o processo de treinamento do basquetebol, entendendo que o desenvolvimento humano tem amplas formas de vida como: desenvolvimento social, cultural, emocional e econômico. Quando se trata do desporto, todos entram em ação ao mesmo tempo, porém o objetivo nesse tópico é apenas dissertar sobre o desenvolvimento físico e sua relação com o treinamento técnico e tático, no qual entram os aspectos crescimento e maturação, que são os principais fenômenos de discussão e dúvidas entre os especialistas do desporto, quando se trata de preparação desportiva e, nesse caso específico, dos(as) atletas de basquetebol.

### ***1.1. Desenvolvimento físico e sua relação com o treinamento técnico tático no basquetebol***

No ensino da técnica e da tática dos desportos coletivos - basquetebol, torna-se muito valioso discutir como ocorre o desenvolvimento físico das crianças e adolescentes com o intuito de planejar os conteúdos e as cargas de treinamento com vistas a não especialização precoce de alguma capacidade física, bem como aos fatores motivacionais, que envolve a prática do basquetebol. Dessa forma, busca-se o entendimento sobre o desenvolvimento físico e sua relação com as idades biológicas e cronológicas, no que diz respeito às metodologias de ensino dos conteúdos técnicos e táticos do basquetebol no processo de iniciação e especialização, com respaldo de autores renomados nessa área citados a seguir.

Para Guedes e Guedes (1997), o desenvolvimento físico é definido como um conjunto de fenômenos que, de forma inter-relacionada, permitem ao indivíduo uma seqüência de modificações evolutivas, da maturidade até a morte, em toda a complexidade da vida humana. Isso demonstra que, apesar das fases de desenvolvimento serem seqüenciais ao desenvolvimento, as experiências e o ambiente

de cada aluno/atleta são diferenciados. Por exemplo, há atletas que não se alimentam muito bem em função das condições socioeconômicas de suas famílias. Por outro lado, há atletas que não se motivam muito para o treinamento porque suas condições socioeconômicas lhes possibilitam muitas outras atividades, como estudar idiomas, viajar, namorar, entre outras, tendo o treinamento de basquetebol como apenas uma de suas possibilidades de sucesso, enquanto outros fazem desse artifício sua única forma de vida (WEINECK, 1999).

Assim sendo, torna-se necessário conceituar tais fenômenos, a fim de se obter uma melhor compreensão dos mesmos no processo de ensino do basquetebol.

O técnico de basquetebol, ao programar seu treinamento técnico e tático, pode ser menos ou mais criterioso na escolha dos recursos físicos-materiais, e vai depender é claro do seu cenário de atuação. Mas quando se trata de aprendizagem de algum conteúdo, seja ele técnico ou tático, entre outros, torna-se valioso o conhecimento básico dos aspectos do crescimento e da maturação dos jovens atletas, principalmente por diferenciarem-se nas curvas do crescimento durante a adolescência, (ASTRAND, 1997).

Nesse sentido, recorreu-se aos estudos de Malina e Bouchard (1991) que asseveraram que o crescimento físico é fruto de um complexo mecanismo celular que envolve basicamente três fenômenos: a) *hiperplasia* – aumento no número de células a partir da divisão celular; b) *hipertrofia* – aumento no tamanho das células a partir da elevação das unidades funcionais destas, como relação principal entre proteínas e substratos; c) *agregação* – que é o aumento na capacidade das substâncias intercelulares em agregar células.

Nesse contexto, Nahas (1991) ressalta o crescimento físico como um fenômeno complexo e dependente de inúmeros fatores, como a bagagem genética, o estado nutricional, o nível socioeconômico, as doenças na infância e adolescência, a atividade física, a região geográfica e as condições climáticas. Para Tani (1998), o crescimento físico é o aumento do número e/ou tamanho das células que compõem os diversos tecidos do organismo, sendo que sua mensuração pode ser realizada através das medidas antropométricas de estatura, massa corporal, dobras cutâneas, circunferências e diâmetro. Com a avaliação desses fatores, talvez a prescrição das atividades possa

tomar um novo rumo quando se trata de treinamento com jovens.

Em relação à maturação, Malina (1994) argumenta que esta se apresenta como sendo o andamento, a seqüência e o processo em direção ao estado biológico maduro. Entretanto, apesar da maturação ser um fenômeno essencialmente biológico, não se deve descartar a possibilidade desse fenômeno sofrer influência do contexto sociocultural e ambiental no qual vivem os seres humanos. Em relação a esse assunto, Guedes e Guedes (1997) entendem que a “experiência”, fator originado do meio ambiente, pode alterar ou modificar o surgimento de algumas características predeterminadas geneticamente do desenvolvimento físico por meio do processo de aprendizagem. Neste sentido, Weineck (1999) revela a existência da interação entre maturação, aprendizagem e o ambiente, tidos como um processo proveniente da prática e dos esforços físicos realizados pelos indivíduos na atividade desportiva, nesse caso o basquetebol.

Enfim, é importante destacar que os aspectos relacionados ao crescimento, maturação e experiência e o ambiente estão intimamente ligados, sendo que sua percepção separadamente no treinamento técnico e tático do basquetebol é praticamente impossível. No caso do basquetebol, onde as estaturas se diferenciam muito, deve-se tomar muito cuidado para selecionar as funções dos atletas no jogo, podendo cometer sérios equívocos de avaliação, pois “crianças” que crescem demasiadamente durante o período da puberdade podem não ser as mais altas na fase adulta e, no entanto, poderão não ser pivôs na fase de profissionalização. Assim sendo, deve-se dar oportunidade às crianças adolescentes na prática do basquetebol de uma vivência multifacetada em todas as funções que o jogo possibilita e, então, buscar a formação técnica e tática especializada em uma determinada função após o pico da velocidade de crescimento, que em alguns meninos acontece por volta dos 15/16 anos e nas meninas por volta dos 14-15 anos, fase esta que já é mais propícia a uma especialização para os atletas (WEINECK, 1999).

Outro fator de preocupação, por parte dos técnicos, deve ser a relação do treinamento técnico e tático com as idades cronológica e biológica, às quais, na maioria das vezes, diferem de atleta para atleta (OLIVEIRA e ARRUDA, 2000). Esses dois conceitos são imprescindíveis para a compreensão na elaboração das cargas de

treinamento no processo de ensino da técnica e da tática no basquetebol

No que tange especificamente à idade biológica, Gallahue e Osmum (1995) concebe a idade cronológica como determinada pela diferença entre determinado dia e a data do nascimento do indivíduo, apresentando a seguinte classificação: vida pré-natal: entre a concepção e 8 semanas do nascimento; primeira infância: um mês a 24 meses do nascimento; segunda infância: 24 meses a 10 anos; adolescência: 10-11 a 20 anos; adulto de meia idade: 40-60 anos; adulto mais velho: acima de 60 anos. Para o autor, a idade biológica corresponde à idade determinada pelo nível de maturação dos diversos órgãos que compõem a formação corporal do ser humano. Dessa forma, a determinação da idade biológica, quesito relevante para o treinamento técnico e tático na adolescência, pode ser efetuada por meio de avaliação da idade óssea, morfológica, neurológica, dental e sexual, o que possibilita a compreensão do fenômeno, possibilitando a classificação em grupos pré-púbere, púbere e pós-púbere, facilitando, para os técnicos, a compreensão do fenômeno ao aplicarem as cargas de treinamento.

Malina e Bouchard (1991) sugerem para os técnicos a estimativa da maturação biológica por meio da maturação sexual proposta por Tanner (1975), a qual faz uso das características sexuais secundárias: pêlos auxiliares, pêlos pubianos e desenvolvimento escrotal, e desenvolvimento mamário, podendo ser de grande valia para a prescrição do treinamento. Essa classificação, em função da idade biológica, é positiva na distribuição das cargas de treinamento para crianças e adolescentes, possibilitando a distinção de forma mais clara e segura das adaptações fisiológicas e morfológicas resultantes do programa de trabalho e das transformações que ocorrem no organismo, principalmente durante a puberdade, haja vista que o início da adolescência é marcado por um período de aumento acelerado no peso e na estatura. A idade de início, duração e intensidade do estirão de crescimento é determinada geneticamente e varia consideravelmente de indivíduo para indivíduo. Isso ocorre porque o genótipo estabelece limites com o crescimento individual, e as condições de aprendizagem e experiências, no ambiente em que a pessoa vive, têm influência primordial sobre esse fator (GALLAHUE, 2000).

De acordo com os estudos do crescimento e da maturação que determinam o desenvolvimento físico, pode-se afirmar que os treinamentos de crianças e jovens no basquetebol devem ser diferenciados dos adultos, tendo em vista que cada faixa etária

possui determinada função didática e pedagógica em função da especificidade do desenvolvimento do organismo (períodos sensíveis para a aprendizagem). Weineck (1999) afirmou que os estímulos e as possibilidades do aprendizado podem ser avaliados de acordo com a fase sensitiva, ou seja, existe um período ótimo ou sensível do desenvolvimento das pessoas para receberem cargas específicas de treinamento de onde os atletas de basquetebol podem ter como referência (OLIVEIRA e PAES, 2004).

Weineck (1999) aponta alguns fatores como determinantes para a continuidade, enfatizando a coerência entre treinamento físico e técnico-tático, sobretudo em relação às disponibilidades do treinamento intenso. Dessa maneira, ao especializar os atletas no basquetebol, pode-se ter um melhor diagnóstico obtido por intermédio das avaliações médico-fisiológicas, sobre o crescimento e o desenvolvimento biológico e assim melhor inferir na distribuição das cargas e acompanha-se de perto o desenvolvimento físico motor dos atletas e não se sobrepõem as cargas.

A seguir, e baseado em uma discussão antiga na área do treinamento desportivo e atualmente ampliada na linha de estudos em Pedagogia do Desporto na Unicamp, será apresentada a compreensão dos princípios pedagógicos e biológicos aplicados ao processo de iniciação e treinamento na infância e na adolescência, dirigido de forma a contemplar o processo de ensino do basquetebol, como sendo complexo e plural e se manifesta em múltiplas dimensões.

## ***1.2. Princípios do treinamento desportivo fundamentais para o ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol***

Para discutir a importância dos princípios do treinamento desportivo e sua aplicação ao ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol, é fundamental o apoio de autores de distintas áreas do conhecimento científico, como: Weineck, (1991), Zakharov e Gomes (1992), Gallahue e Osmum (1995), Filin (1996), Matveev (1997), Gomes (2002) e Granell e Cervera (2003), que procuravam compreender o desempenho total do indivíduo, integrando os aspectos físico, mental, emocional, social e cultural dos jovens atletas.

Nesse sentido, são inúmeros os fatores que influenciam o processo de

preparação técnico e tático dos atletas em longo prazo: biológicos, psicológicos, pedagógicos, sociais, culturais e outros relativos ao desempenho humano como experiência vivida, desenvolvimento físico e a genética (GALLAHUE, e OSMUN, 1995). De qualquer forma, os princípios do treinamento desportivo representam a estrutura primária da organização do processo de preparação e servem para otimizar a escolha e a execução de meios e métodos pelos atletas e técnicos (WEINECK, 1999).

Os princípios científicos aplicam-se em todos os desportos coletivos, especialmente o basquetebol, e determinam o programa dos métodos e meios que são utilizados durante a preparação e formação técnica e tática dos jovens atletas de basquetebol, bem como a organização dos conteúdos do treinamento, relacionando-se à utilização consciente, considerando um grande número de variáveis que interferem no processo. Os princípios científicos representam a metaestrutura do processo de treinamento esportivo, sustentado pelo processo de adaptação biológico e pedagógico (BALBINO, 2004).

Os princípios pedagógicos e biológicos são advindos de outras áreas do conhecimento, como a fisiologia, biologia, bioquímica, das áreas biológicas, e ainda de outras áreas, como a educação, história, psicologia, pedagogia. Matveev (1980) dividiu os princípios do treinamento desportivo, asseverando que os mesmos constituem regras gerais, os quais são extraídos de diversas ciências, particularmente as biológicas e pedagógicas e argumenta que a aplicação dos princípios dependerá da experiência dos técnicos e professores para facilitar a organização da preparação desportiva de forma geral e especial visando às competições.

Gomes (2002) descreveu sobre vários princípios, entre eles o princípio da conscientização que entende-se ser fundamental no processo de formação técnica e tática do atleta de basquetebol, para que os mesmos compreendam e reflitam sobre sua prática. Neste, a utilização dos conhecimentos teóricos norteiam o treinamento, podendo auxiliar os atletas na compreensão dos objetivos e metas no decorrer do processo, durante uma ou mais temporadas. No sistema de treinamento do jogo desportivo coletivo basquetebol, ocorre a inter-relação diária com muitas informações teóricas por parte do técnico e dos atletas e essas informações, por sua vez, compõem um conjunto de conhecimentos necessários ao atleta, completando as atividades



práticas. Nas informações, são contemplados os conhecimentos acerca da história do basquetebol, como o basquetebol situa-se socialmente, sobre as técnicas e metodologias adotadas nos treinamentos e competições, sobre a filosofia dos técnicos em relação às formas de jogar, à higiene, ao controle médico, à alimentação, às regras específicas, à periodização do trabalho, entre outros.

Referindo-se a esse assunto, Matveev (1997) cita que a preparação teórica para os atletas de basquetebol vai contribuir para o desenvolvimento intelectual dos atletas e

a preparação teórica é por sua vez, uma das condições, mais importantes da eficácia do desporto como meio de aperfeiçoamento harmônico da personalidade e confirma que as leis da atividade vital e do desenvolvimento do organismo bem como um elevado nível intelectual, convertem-se cada vez mais não só em premissas, mas também em fatores diretos aos resultados desportivos (MATVEEV, 1997, p. 27).

Em conformidade com a prerrogativa do autor, e analisando o contexto do ensino do basquetebol no Brasil, Oliveira e Paes (2002), constatou-se que os aspectos teóricos que permeiam o treinamento técnico-tático, principalmente na etapa de especialização que o valor atribuído à inter-relação entre os conhecimentos dos atletas com os dos técnicos são insuficientes, prejudicando sobremaneira a evolução intelectual dos atletas, importante para as tomadas de decisão exigidas pela atividade competitiva. Os estudos de Oliveira e Paes (2002), com atletas da seleção masculina que disputaram o Mundial nos Estados Unidos, mostraram que um dos fatores de pouca atenção por parte dos agentes que dirigem o treinamento ou a preparação dos atletas foi a preparação teórica.

Nas fases iniciais do treinamento, busca-se por intermédio dos meios didático-pedagógicos, a autonomia dos atletas. Esses conhecimentos teóricos podem ser apresentados através de filmes, conferências, palestras, seminários, estudo individual, dentre outros, possibilitando o crescimento intelectual e facilitando a compreensão dos conteúdos que norteiam a preparação técnica-tática bem como a inter-relação entre os atletas do grupo, melhorando, também, o ambiente complexo da atividade competitiva desportiva, o árbitro, a torcida, o técnico, o adversário e a imprensa (BALBINO, 2001). Os conhecimentos teóricos oportunizam também aos atletas serem mais autônomos em

suas decisões e não reproduzirem sempre o que técnico fala, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de sua autonomia e de sua personalidade. Assim, a conscientização é uma das principais contribuições ao sistema de treinamento e ao sistema de fatores que complementam a preparação técnico-tática dos atletas.

Deste modo, todos os itens fundamentais do treinamento técnico-tático estão estreitamente inter-relacionados com a preparação teórica dos atletas no processo de preparação para as competições. A preparação física cria premissas para a técnica e a tática. O próprio processo de treinamento técnico-tático, por sua vez, pode ser usado para desenvolver o potencial físico. A atitude do atleta, sua motivação, inter-relação, vontade, determinação e tenacidade são quesitos determinantes para o sucesso no desenvolvimento de suas capacidades e no aperfeiçoamento técnico-tático em toda a atividade que envolva o processo de treinamento e competições do basquetebol. No entanto, a preparação teórica é indispensável para potencializar o trabalho. O destaque principal está em realizar determinadas atividades consciente dos seus benefícios bem como o porquê e para que estar se dedicando. No caso do basquetebol seria os jovens conhecerem os sistemas de preparação, os objetivos do desporto como um todo bem como seus significados no âmbito social.

O princípio da saúde mostra que o indivíduo, na prática desportiva coletiva basquetebol, pode não apenas ser para as competições e, quando for, deverá estar apto a sua prática, mas para a ocupação do tempo livre, melhorar a estética corporal para conseqüentemente maximizar sua capacidade funcional e neuro-muscular ou até em situações terapêuticas, melhorando sua saúde como um todo. Já o princípio da utilidade mostra que a aprendizagem do basquetebol e seu treinamento em longos anos podem e devem ter como principal objetivo a formação do cidadão útil para a sociedade, tendo em vista suas limitações de estatura, peso e características pessoais com o intuito de preparar-se para o desporto e também para a sua vida útil na sociedade.

O princípio das diferenças individuais é um dos principais princípios da preparação desportiva de grande relevância que Tubino (1979), Dantas (1995) e Weineck (1991) destacam também como principio da individualidade biológica, que são as diferenças individuais. Cada ser humano é geneticamente diferente do ponto de vista

biológico, mas também social e psicológico, em função do ambiente onde vivem e das tarefas que lhes são proferidas. Dessa forma, o técnico deve conhecer os conceitos para com inteligência saber explorar as reais capacidades dos seus educandos/atletas. O princípio da durabilidade e da continuidade esclarece que toda carga de treinamento que os jovens recebem em programas de preparação melhoram com o tempo as capacidades e as qualidades do organismo frente às competições desportivas. No entanto, elas devem ter uma programação contínua para evitar a estabilização e principalmente a reversibilidade das competências adquiridas. Sendo assim, as cargas devem ser programadas em muitos anos de preparação (GOMES, 2002).

O princípio da especialização das cargas é apresentada também por Tubino (1979) e Weineck (1991) como principio especificidade. No processo de preparação em muitos anos, as cargas de treinamento vão se alterando com o tempo e, no momento em que os atletas decidem por uma ou outra modalidade, as cargas vão ficando cada vez mais específicas. Isso implica especializar as cargas e as ações motoras às condições psicológicas das atividades, às competências técnico-táticas, bem como aos aspectos funcionais dependentes das possibilidades fisiológicas dos praticantes e das características de cada modalidade.

O princípio da unidade entre a preparação geral e especial é conhecido também como principio da proporcionalização das cargas, que tem como base o princípio da especialização das cargas, na qual os desportistas dos jogos desportivos coletivos – basquetebol, necessitam receber estímulos diferenciados, em distintos momentos da preparação em cada sessão de treinamento e a cada período de competição nos diferentes anos de prática. Essas diferenças nos conteúdos das cargas podem ser chamadas de cargas gerais, especiais que antecedem as competitivas. Já o princípio das cargas ondulatórias foi descrito por Weineck (1999) como principio da ciclização. Essas cargas gerais e especiais tomam proporções diferentes no decorrer do processo, pois nas fases mais iniciais da prática desportiva há o predomínio das cargas mais generalizadas, e nas fases mais especializadas do treinamento as cargas passam a ter predomínio mais específico, com vistas ao aumento do desempenho competitivo.

O princípio da elevação progressiva das cargas, como nos princípios anteriores, indica que a melhoria da performance dos atletas jovens em muitos anos de

treinamento está relacionada com o aumento progressivo das cargas. O princípio da sobrecarga, segundo Weineck (1991), passa por diferenças significativas no decorrer do processo de formação desportiva elencando a carga progressiva mais efetiva, sobrecarga individualizada, sobrecarga crescente, sobrecarga seqüencial, sobrecarga variada, sobrecarga e tempo de recuperação do organismo, progressão da sobrecarga, periodização da sobrecarga, sobrecarga geral e especial. À medida que o atleta recebe certos estímulos, estes devem estar sendo aplicados levando em consideração todos os itens citados acima bem como buscando um controle através das avaliações freqüentes, principalmente no que diz respeito à intensidade e ao volume do treinamento nas diferentes fases do processo de preparação técnica e tática, tanto nos aspectos biológicos quanto no psicológico e social.

Assim, os princípios do treinamento servem como base para a elaboração dos conteúdos e métodos de maneira eficiente, nos quais os estímulos direcionados aos atletas jovens no processo são ações que sustentam a obtenção de informações nas práticas referentes ao desenvolvimento e à aquisição da melhoria continuada do indivíduo no processo de preparação, onde, na etapa de iniciação desportiva, o ensino-aprendizagem é a prioridade e, na etapa de especialização desportiva, o ensino-treinamento passa a ser a prioridade quando se trata de formação técnica e tática. Entende-se ainda que, no caso de uma preparação em longo prazo ou na preparação dos atletas de desportos coletivos basquetebol, os técnicos podem diminuir os erros pedagógicos na elaboração dos métodos e dos meios para a aplicação das cargas nas quais os princípios do treinamento servem como elementos fundamentais para o entendimento do processo de melhoria do indivíduo em todas as suas dimensões de competências na prática desportiva aqui estudada, especificamente para a técnica e tática do basquetebol.

Na seqüência, apresentam-se os métodos e os meios utilizados na elaboração do treinamento, que estão altamente relacionados aos princípios que norteiam o processo de treinamento.

### ***1.3. Métodos e meios pedagógicos aplicados ao ensino-treinamento técnico e tático do basquetebol***

Os métodos de influência pedagógica têm importância para a composição de práticas no treinamento desportivo. Autores clássicos do treinamento desportivo (MATVEEV, 1980 e 1997; WEINECK, 1991 e 1999; BOMPA, 2002; GOMES, 2002) buscaram sistematizar e classificar os métodos pedagógicos para compreender sua estrutura funcional aplicada à preparação de atletas, com fins determinados de melhoria em sua modalidade específica. Matveev (1997) classificou os métodos pedagógicos em três grupos: influência prática, verbal e demonstrativa. É válido ressaltar que, embora essa visão se revele aplicada e com destaque nas capacidades de condicionamento, existe um processo de aprendizagem na execução de sua prática à medida que algum problema a ser resolvido significa um desafio a ser vencido, mesmo que se subtraia daí, aparentemente, a resolução que envolve a lógica e sua verbalização (BALBINO, 2001 e OLIVEIRA e PAES, 2004).

Matveev (1980) e Gomes (2002) propuseram a caracterização dos métodos, organizando-os a fim de estimular as várias dimensões de desempenho. São eles o método de influência prática ou programada que podem ter seqüência e intensidade em variadas combinações e se justificam pelos métodos orientados para o ensino da técnica das ações motoras, nas quais se destacam os enfoques do método de ensino integral, que pressupõe o estudo da técnica das ações motoras de uma só vez e em caráter integral, e o método de ensino dividido, que pressupõe a divisão da atividade motora em elementos ou fases relativamente independentes.

Nesse sentido, cabe ressaltar as preocupações de Fernandez et al, (2002) quando estes autores afirmaram que as ciências do desporto como qualquer outra área do conhecimento humano, vem adotando uma abordagem holística no pensamento metodológico, na qual o ser humano é focado de uma maneira global, dentro dos diferentes campos de estudos e análises. Este enfoque, segundo o autor, busca o despreendimento dos conceitos cartesianos, onde se dividia o todo em partes e a análise era calcada sobre cada parte de forma independente, por exemplo, treinar primeiro as passadas da bandeja e depois o salto para somente na seqüência a empunhadura, o

encaixe da bola na mão predominante e só na última parte ensinar como arremessar para a criança. Desta forma, a metodologia cartesiana não buscava a integração dos diferentes aspectos do treinamento desportivo, visando a um enfoque global das diferentes variáveis que influenciavam a aprendizagem do desporto coletivo e no basquetebol via de regra ainda tem ocorrido atualmente. Basta analisar as pesquisas realizadas por Garganta (1995), Oliveira e Graça (1998), Oliveira e Paes (2002, 2004) sobre as metodologias de ensino dos desportos coletivos, principalmente sobre o ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol no processo de formação desportiva.

Dessa forma, o treinamento das capacidades motoras técnicas e táticas do basquetebol pode estar respaldado pelas referências de diversas áreas do conhecimento e não apenas pelos métodos de exercício de regime em caráter contínuo (permanente) ou intervalados importados do atletismo. De acordo com Bompa (2002, p. 391),

o método de jogo tem em seu caráter emocional grandes vantagens para desenvolver a coordenação e a velocidade de movimentos principalmente nas etapas iniciais de preparação técnica e tática porque promove o contentamento e o divertimento dos desportistas.

Pode-se pensar principalmente no método de jogo que se realiza através das modalidades desportivas coletivas na qual o basquetebol está inserido e pelos diversos tipos de jogos existentes, buscando criar analogias com situações vividas na competição, exigindo desempenho conjugado à emotividade, com ausência de rígida programação de êxitos porque nesses desportos muitos erros acontecem durante o treino e jogos e a preparação global se torna mais fidedigna pela diversidade das situações de jogo e independência criadora na escolha de soluções mais eficazes de tarefas motoras (GRANELL e CERVERA, 2003)

No entanto, parece que o complexo de diversas habilidades e capacidades motoras exigidas e manifestadas nos jogos e nas competições torna o método de jogo de elevado valor metodológico, no processo de treinamento tanto para a iniciação quanto em alto nível de exigência. Nesse sentido, Weineck (1991) destaca vários métodos, como variativo na movimentação, em condições externas, de movimentos

automatizados por exercícios, por tempo determinado, sem tempo determinado, por percepção das informações, depois de grandes cargas, porém ressalta que o método competitivo é o melhor parâmetro para se fazer as análises mais profundas da real performance dos atletas e indica o método psicológico para eliminar fatores desfavoráveis que podem influenciar no desempenho dos jovens. Sobre esse assunto, Granell e Cervera (2003) sugerem os estímulos positivos como principal conteúdo da preparação psicofisiológica dos jovens, defendendo que o reforço negativo pode não ser benéfico em função das fases de desenvolvimento, principalmente social dos adolescentes que parece estar totalmente relacionado com a auto-estima.

Além dos métodos tradicionais de utilização prática, Gomes (2002) com base em Matveev (1980) apresentou outros métodos que são muito relevantes para a preparação técnica e tática de jovens atletas de basquetebol, como o método de influência verbal. Este se manifesta através da comunicação verbal entre o técnico e o atleta. Explicação, diálogo, comando positivo, indicação corretiva, análise verbal, avaliação e outras manifestações mediante a verbalização, pautadas pelo conteúdo emocional e pelo sentido lógico da informação. Podem ser citados nesse método os métodos de influência demonstrativa, os quais utilizam as possibilidades de diferentes sistemas sensoriais do homem, relativos aos sistemas visuais, auditivos e sinestésicos.

Matveev (1980) e Gomes (2002) indicam possibilidades desse tipo de estimulação, através dos métodos que se utilizam. Os métodos demonstrativos visuais são orientados pela apresentação da atividade motora, demonstrando o que deve ser feito, provocando a imitação. Podem se dar pela demonstração de materiais didáticos, permitindo ao atleta perceber a possível solução de uma tarefa motora através de vídeos, fotos, cartazes, desenhos, esquemas gráficos, etc. Uma outra maneira de aplicá-lo é através da orientação visual, que auxilia a executar corretamente o movimento no espaço e no tempo, utilizando pontos visuais de referência, com objetos para marcações, auxiliando o atleta na execução de uma tarefa motora. Os métodos demonstrativos auditivos indicam a criação de pontos de referência necessários ao fim ou ao começo de determinados movimentos, ou a marcação de alguma variação de intensidade na ação motora que seja significativa, indicando o esforço principal, por exemplo. A demonstração sonora pode auxiliar na assimilação do ritmo de execução

das ações motoras. Os métodos demonstrativos *sinestésicos* têm como objetivo estimular a organização pelo atleta das sensações vindas do aparelho motor, que pode ser feita com a intervenção do técnico, em ajuda dirigente, na condução do segmento corporal na ação motora.

Assim, os jogos e os exercícios constituem a base da iniciação e da preparação técnica e tática do atleta de basquetebol, constituindo-se na principal forma de utilização das ações motoras no treinamento em função da facilitação e do estímulo específico orientados para a solução de tarefas nas práticas de preparação dos atletas (BALBINO, 2001). Gomes (2002) ressalta que os exercícios físico-motores estão obrigatoriamente ligados ao método do treinamento técnico e tático, estabelecendo interligações necessárias para a solução das tarefas motoras propostas, com características de repetição, de forma definida e objetiva. Fica convencionado aqui que meio é o que o técnico utiliza (exercícios técnicos através dos movimentos, um meio geral de treinamento para o basquetebol, utilizado principalmente nas fases iniciais da preparação) e método é como se utiliza (número de séries, número de repetições de determinados exercícios de forma intervalada, contínua, ou mistas entre outras).

Gomes (2002) cita alguns meios que são utilizados: equipamentos especiais – material desportivo, instalações, aparelhos de treino, aparelhagem de avaliação, etc; fatores da natureza: influência do ar e da água, radiação solar, condições climáticas especiais; condições sociais e ecológicas de vida dos atletas: condições de vida cotidiana, regime de sono, estudos, trabalho, fator social, econômico; alimentação do atleta: adequação de quantidades necessárias de nutrientes; fatores de recuperação – massagem, fisioterapia, suplementação alimentar, sauna, etc; influências informativas: sistemas de informação a fim de se obter maior variedade possível de dados.

Como forma de aplicação de exercícios, na perspectiva de que possam atender às exigências especiais da modalidade em questão, Matveev (1997) classificou os exercícios em: competitivo: atividade motora integral, dirigida no sentido da solução da tarefa motora específica de competição, realizada de acordo com as regras da modalidade; preparatório especial: análogo aos competitivos, porém sem características contextuais da competição, representando de forma mais intensa da modelagem seletiva competitiva; preparatório geral: pode ser ou não análogo ao competitivo, mas



tem características referenciadas à modalidade de desenvolvimento multifacetada. Dessa forma, os meios apoiados nos princípios que regem o treinamento dão suporte para os métodos de ensino do basquetebol.

Apresenta-se a seguir, pautado pela pedagogia do treinamento desportivo, as etapas e fases do desenvolvimento desportivo e estudos que tratam do ensino do basquetebol, bem como suas propostas teóricas e metodológicas.

## CAPÍTULO II

### **PEDAGOGIA DO TREINAMENTO DESPORTIVO: REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE O PROCESSO ENSINO- TREINAMENTO DA TÉCNICA E DA TÁTICA NO BASQUETEBOL NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA**

Nesse capítulo, o destaque principal é com os referenciais teóricos que tratam do processo de ensino-treinamento da **técnica e da tática** no basquetebol. Destaca-se, no entanto, a etapa de iniciação em basquetebol e suas fases de desenvolvimento, passando pela fase de conhecer brincando o jogo de basquetebol, ou seja, a importância do aspecto lúdico; depois, pela fase de aprendizagem inicial dos sistemas e fundamentos do jogo de basquetebol e, para finalizar, pela fase de automatização e refinamento da aprendizagem inicial ao jogo de basquetebol e aprendizagem de novos conteúdos.

#### **1. Etapa de iniciação em basquetebol e suas fases de desenvolvimento**

Matveev (1997) afirmou que toda proposta teórica que visa à realização de um modelo de planejamento da prática do desporto em longo prazo em seus diferentes significados prioriza o desenvolvimento dos seus praticantes em etapas e fases que percorrem desde a iniciação até o profissionalismo. Fernández et al, (2002) corroboram com a idéia e afirmam que a maioria dos autores está de acordo em estabelecer um modelo piramidal, sendo esse universalmente aceito, considerando uma fase de fundamentação básica que antecede a iniciação desportiva, seguida da especialização desportiva em uma ou até mais modalidade e por fim a prática do desporto em alto rendimento. Destacam-se ainda outros autores que demonstraram essa preocupação no decorrer de sua produção científica, entre os quais Carl (1988), Hahn (1989), Krebs (1992), Zakharov e Gomes (1992), Gallahue e Ozmun (1995), Bompa (1995, 2001 e 2002), Filin (1996), Borin (1997), Greco (1998), Bhome (1999), Weineck (1999), Schimidt (2001), Paes (2001), Gomes (2002), Fernández (2002) e Oliveira e Paes (2004).

Grosser *et. al* (1989) apontam que são vários os fatores que condicionam a preparação técnica e tática desportiva em longo prazo no basquetebol. Por isso, defende que se torna necessário, na elaboração do planejamento da preparação desportiva em longo prazo, considerar fatores de diversas naturezas que determinam os ajustamentos e reformulações dos modelos teóricos e referências, como os objetivos, a estrutura do processo, os conteúdos, os meios e os métodos. Primeiramente, os aspectos socioculturais de cada país, depois a organização científica e metodológica, em seguida os princípios que regem os métodos e por fim a estrutura temporal que, neste estudo, são compreendidos em etapas e fases. Apesar desse entendimento, deve-se pensar que no Brasil, além da sua dimensão territorial, há diferenças culturais significativas (ARRUDA, 2000) e é preciso nas diversas regiões adaptar os modelos teóricos de preparação desportiva. Nesse sentido, muitos autores apresentaram suas teorias e modelos de preparação desportiva em longo prazo para o desporto em geral, mas entende-se que o basquetebol nacional ainda busca um modelo teórico que sirva para as suas características e para as diferentes regiões e cenários e que possibilite uma melhor compreensão do ensino-treinamento da técnica e da tática dessa modalidade por todo o País (OLIVEIRA e PAES, 2004). Esse modelo deve abranger o ensino técnico e tático do basquetebol desde que a criança inicia no esporte até a fase adulta quando for o caso, com diferentes enfoques pedagógicos, meios e métodos de ensino, entre outros aspectos teóricos, enfatizando o respeito ao desenvolvimento físico, compreensão, participação, co-educação, emancipação, autonomia, integração, socialização e os princípios e valores morais na formação da cidadania, principalmente quando se tratar de crianças em fase de iniciação ao basquetebol.

Oliveira e Paes (2004) destacaram uma periodização dos conteúdos e dos métodos e meios, na qual se pudesse ensinar a técnica e a tática do basquetebol (Etapa de Iniciação) e posteriormente aperfeiçoar e aprofundar a aprendizagem (Etapa de Especialização) para as competições, respeitando as idades cronológicas, principalmente ao desenvolvimento biológico de cada desportista, porque nos dias atuais, para se atingir os resultados desportivos superiores, os atletas dedicam-se à essa atividade desportiva durante muitos anos e nessa trajetória há diferentes

momentos no desenvolvimento físico dos jovens atletas, na qual os técnicos precisam desse conhecimento para aplicar o ensino-treinamento. Por isso, tornou-se necessária uma subdivisão metodológica de longo prazo, relacionada à preparação técnica e tática dos atletas, sendo que as etapas e fases não têm prazos definidos de início e finalização, pois dependem não só da idade, mas também do potencial genético do desportista e do ambiente no qual está inserido e das particularidades de seu crescimento, maturação e ainda da qualidade dos técnicos, entre outros, e também das características do basquetebol.

Assim sendo, apresenta-se no Quadro 1 um modelo teórico de formação desportiva para o basquetebol em muitos anos considerando os aspectos técnicos e táticos.

**Quadro 1 – Periodização do processo de ensino-treinamento da técnica e tática para o basquetebol na etapa de Iniciação.**

<b>Idade Biológica</b>	<b>Idade Escolar</b>	<b>Fases de aprendizagem na etapa de iniciação em basquetebol</b>	<b>Idade Cronológica</b>	<b>Categorias do Basquetebol</b>
Primeira e Segunda Infância	Primeira a Quarta Série	Fase de conhecer brincando o jogo de basquetebol: a importância do aspecto lúdico	7-10 anos	Pré-mini
Primeira Idade Puberal	Quinta e Sexta Séries	Fase de aprendizagem inicial dos sistemas e fundamentos do jogo de basquetebol	11-12 anos	Pré-mini e Mini
Pubescência	Sétima e Oitava Séries	Fase de automatização e refinamento da aprendizagem inicial ao jogo de basquetebol e aprendizagem de novos conteúdos	13-14 anos	Mini/Mirim

Fonte: Adaptado de Oliveira e Paes (2004). As categorias de disputas nos campeonatos do ensino não formal como os clubes e federações variam suas idades de Estado para Estado. Neste estudo, os dados foram extraídos das disputas dos campeonatos no Estado de São Paulo.

Oliveira e Paes (2002) afirmaram que as pessoas envolvidas com o contexto desportivo, como dirigentes, amigos, professores e, por fim, os patrocinadores também

podem entender sua importância no processo e contribuir para que os atletas possam incorporar alguns princípios, haja vista que serão submetidos ao processo de treinamento e competições específicos e esse entendimento é fundamental para a continuidade dos jovens na prática do basquetebol, evitando assim o abandono precoce.

Assim, apresenta-se a seguir a base teórica da proposta com os métodos, meios e conteúdos para a etapa de iniciação em basquetebol, baseado nos estudiosos da área do treinamento desportivo, dos desportos coletivos e do basquetebol, entre outras.

A etapa de iniciação em basquetebol segue três fases de desenvolvimento desportivo: a) fase de conhecer brincando o jogo de basquetebol; b) fase de aprendizagem inicial dos conteúdos do basquetebol; c) fase de automatização e refinamento da aprendizagem inicial e aprendizagem de novos conteúdos do basquetebol, sendo que cada fase possui objetivos específicos para o ensino e está de acordo com as idades biológica, escolar e cronológica e com as categorias disputadas nos campeonatos municipais e estaduais, diferenciando-se em seus conteúdos (OLIVEIRA e PAES, 2004).

### ***1.1. Fase de conhecer brincando o jogo de basquetebol: a importância do aspecto lúdico***

O envolvimento inicial das crianças nas atividades do basquetebol deve ter caráter lúdico, participativo e alegre no que diz respeito à técnica e à tática a fim de oportunizar o ensino dos fundamentos e sistemas do basquetebol, estimulando principalmente o pensamento tático. Todas as crianças devem ter a possibilidade de acesso aos princípios educativos dos jogos e brincadeiras, influenciando positivamente o processo ensino-aprendizagem. Podem-se utilizar as competições como facilitadora do ensino da técnica e da tática nas fases iniciais principalmente, porém devem-se evitar cobranças exageradas pelo resultado desportivo e também a perfeição dos movimentos ou gestos motores, além das grandes soluções táticas, ou seja, jogadas estereotipadas, com vistas principalmente à motivação e à prática (KREBS, 1992; ZAKHAROV e GOMES, 1992; FILIN, 1996; MATVEEV, 1997; OLIVEIRA e PAES,

2004).

Paes (1989) pontua que, no processo evolutivo, essa fase tem a participação no minibasquetebol com atividades variadas com caráter recreativo e visa à educação do movimento, buscando-se o aprimoramento dos padrões motores e do ritmo geral, que pode ser por meio das atividades lúdicas ou recreativas. Hahn (1989) propõe, com base nos estudos de Grosser (1981), o desenvolvimento das capacidades de coordenação, velocidade e flexibilidade, pois esse é o período propício para o início de desenvolvimento. As crianças encontram-se favorecidas, aproximadamente entre 7 a 11 anos, em função da plasticidade do sistema nervoso central, e as atividades devem ser desenvolvidas sob diversos ângulos: complexidade, variabilidade e continuidade durante todo o seu processo de desenvolvimento.

Weineck (1991) pontua que as crianças dessa faixa etária (7 a 11 anos) demonstram grande determinação para as brincadeiras com variação de movimentos e ocupam-se de um percentual significativo de jogos, que formam de maneira múltipla. Esse fato indica que se deve proporcionar, então, um ambiente agradável durante o oferecimento do minibasquetebol para que o desenvolvimento ocorra sem maiores prejuízos, ou seja, as crianças devem aprimorar o padrão de movimento cuja execução objetiva apenas a estimulação para que, assim, a criança construa o seu próprio repertório motor, sem nenhuma sobrecarga.

Desta maneira, ao relacionar a participação da criança em atividades motoras na infância, constatou-se que as mesmas gostam de brincar (VIEIRA, 1999 e OLIVEIRA, 2001). Ao entrevistar talentos da modalidade basquetebol, Oliveira (2002) confirmou que os atletas, quando crianças, gostavam de caçar, brincar de super-herói, cabo de guerra, amarelinha, demonstrando, assim, interesse pelas atividades lúdicas.

Nesse contexto, Greco (1999) e Paes (2001) afirmam que a função primordial do basquetebol é assegurar a prática no processo ensino-aprendizagem, com valores e princípios voltados para uma atividade gratificante, motivadora e permanente, reforçada pelos conteúdos desenvolvidos pedagogicamente, respeitando-se as fases sensíveis do desenvolvimento, com carga horária suficiente para não prejudicar as demais atividades, como o descanso, a escola, a diversão, dentre outras; caso contrário, será muito difícil atingir os objetivos em cada fase do período de desenvolvimento infantil.

Oliveira (1997) corrobora essa tese ao afirmar que, nessa fase, as principais tarefas são os gestos motores, necessários à vida, e deve-se procurar assegurar o desenvolvimento harmonioso do organismo por meio de atividades de saltos, corridas, lançamentos que aproximam ao basquetebol, mas que não apresse a especialização do jogo de basquetebol ainda. Os iniciantes devem praticar aproximadamente de 150 a 300 horas anuais, o que corresponde a aproximadamente 4 – 6 horas semanais de prática e de preferência nas escolas, sendo que o trabalho geral deve predominar em relação às cargas específicas. Isso significa que a especialização precoce, nesse momento, pode não ser adequada quando se trata de grandes cargas especializadas (FILIN, 1996).

Em relação ao basquetebol adaptado às condições físicas e psicológicas das crianças, as atividades lúdicas em forma de brincadeiras e pequenos jogos podem contribuir para desenvolver as capacidades técnico-físicas, tais como a coordenação, a velocidade e a flexibilidade – propícias nessa fase – e também as habilidades básicas para futuras especializações, como agilidade, mobilidade, equilíbrio e ritmo. Não deve haver apreensão com a execução errônea do gesto técnico, pois cada forma diferente de movimento em relação ao modelo técnico pode ser aceita, deixando para a fase posterior as cobranças em relação à perfeição dos gestos motores do basquetebol (GALAHUE e OZMUM, 1995).

A seguir, mostram-se os conteúdos do ensino da técnica e da tática e as considerações gerais sobre a segunda fase da etapa de iniciação em basquetebol, que foi denominada de fase de aprendizagem inicial dos sistemas e fundamentos específicos do desporto basquetebol.

### ***1.2. Fase de aprendizagem inicial dos fundamentos e sistemas do jogo de basquetebol***

São discutidos nesse tópico assuntos referentes à aprendizagem inicial dos conteúdos de ensino da técnica e da tática no basquetebol, haja vista que o objetivo é apenas comentar sobre os conceitos e os conteúdos durante a aprendizagem inicial, fase esta em que os adolescentes buscam o basquetebol com o principal objetivo de

jogar.

A fase de aprendizagem inicial dos sistemas e fundamentos do jogo de basquetebol visa a oportunizar a todas as crianças e adolescentes interessados em aprender o basquetebol e corresponde da 5ª a 6ª séries do ensino fundamental, com idades aproximadas de 11 a 12 anos, correspondente também à primeira idade puberal do sistema biológico. No caso do basquetebol, essa fase, nos campeonatos das federações, corresponde à categoria pré-mini. Partindo do princípio de que a fase aprendizagem inicial visa à estimulação e à ampliação do repertório motor, por intermédio das atividades variadas gerais e específicas, essa fase dá início à aprendizagem diversificada dos conteúdos do basquetebol dentro de suas particularidades na qual se defende o jogo como principal instrumento de ensino, onde os fundamentos básicos vão sendo aprendidos pelos iniciantes através de jogos, brincadeiras, situações reais de jogo como, por exemplo, 2x2, 3x3 (OLIVEIRA e PAES, 2002).

Apresenta-se, então, o crescente no diálogo, almejando a busca de novos procedimentos pedagógicos e metodológicos, com vistas à ampliação e facilitação do aprendizado e à preparação dos jovens praticantes de basquetebol para as competições infantis no exterior e no Brasil do ponto de vista teórico.

Bayer (1994) afirmou existir duas correntes pedagógicas de ensino para o basquetebol: uma utiliza-se dos métodos tradicionais e sua didática prevê o ensino dos elementos técnicos de forma fragmentada, na qual a memorização e a repetição permitem moldar a criança e o adolescente ao modelo adulto; outra corrente destaca que os métodos de ensino devem levar em conta os interesses dos jovens e que, a partir de situações vivenciadas, iniciativa, imaginação e reflexão possam favorecer a aquisição de um saber adaptado às situações causadas pela imprevisibilidade que ocorrem no jogo de basquetebol. Essa abordagem pedagógica, citada também por Teodorescu (1984), deve promover aos indivíduos a cooperação com seus companheiros, a integração ao coletivo, opondo-se aos adversários, mostrando ao aprendiz as possibilidades de percepção das “situações de jogo”, interferindo na tomada de decisão, elaborando uma “solução mental”, buscando resolver os problemas que surgem com respostas motoras mais rápidas, principalmente nas interceptações e



antecipações, frente às atividades dos adversários.

Teodorescu (1984) defende ainda a diversificação e a aprendizagem de várias modalidades desportivas, além do basquetebol nessa fase. Bayer (1994) postula que, em nível de aprendizagem, o “transfer” é admitido, ou seja, a transferência se encontrará facilitada logo que um jogador a perceba na estrutura dos jogos desportivos coletivos. Assim, os praticantes transferem a aprendizagem de um gesto como o arremessar ao gol no handebol, a cortada do voleibol ou o arremesso da cesta no basquetebol. Trata-se, então, de isolar estruturas semelhantes que existem em todos os jogos coletivos desportivos para que o aprendiz reproduza, compreenda e delas aproprie-se. Entretanto, o autor adverte: “ter a experiência dum estrutura não é recebê-la passivamente, é vivê-la, retomá-la e assumi-la, reencontrando seu sentido constantemente” (BAYER, 1994, p. 629). De acordo com a literatura, os iniciantes devem participar de jogos e exercícios advindos dos desportos específicos e de outros, que auxiliem a melhorar sua base multilateral e no preparo com a base diversificada para o basquetebol.

Estudos teóricos desenvolvidos sobre o ensino do basquetebol em vários países, como nos Estados Unidos por Musch & Mertend (1990); em Portugal, por Garganta (1995), Oliveira e Graça (1998), Brandão, (2000) Janeira (2000) e Barreto e Nascimento (2003); na Espanha, por Delgado (2003), Calatayud (2003) e Ibanez (2003); e na Argentina, por Cesare (2003), são utilizados nesse momento para fortalecer e dar um maior suporte ao referencial teórico nacional.

Nos Estados Unidos, Musch & Mertend (1990) apresentaram uma proposta para o ensino do basquetebol tomando como referência a idéia do jogo, na qual as situações de exercícios da técnica aparecem claramente nas situações táticas, simplificando o jogo formal para *jogos reduzidos* e relacionando situações de jogo com o jogo propriamente dito. Essa forma de jogo deve preservar a autenticidade e a autonomia dos praticantes, respeitando-se o jogo formal. Sendo assim, devem-se manter as estruturas específicas, como a finalização, a criação de oportunidades para o drible, passe e lançamentos nas ações ofensivas. O posicionamento defensivo é generalizado, enfatizando primeiramente a formação individual, na qual almeja-se dificultar a organização ofensiva dos adversários, principalmente nas interceptações dos passes,

estabelecendo uma dinâmica entre as fases de defesa – transição e ataque. Os autores afirmam existir duas abordagens pedagógicas principais de ensino naquele país: uma centrada na técnica e outra centrada nas combinações de jogo.

Na proposta teórica de Garganta (1995), aparecem três formas didático-metodológicas de ensinar o basquetebol, as quais são demonstradas no Quadro 2. São elas: forma centrada nas técnicas, forma centrada no jogo formal e forma centrada nos jogos condicionados. A primeira é mecanicista, centrada na técnica, na qual o jogo é decomposto em elementos técnicos: passe, drible, recepção e arremesso. Os gestos são aprimorados, especializados e, entre suas conseqüências, mostram o jogo pouco criativo, com comportamentos estereotipados e problemas na compreensão do jogo, com leituras deficientes do ponto de vista tático. As situações-problema, ocasionadas pelas reais situações de jogo, são pobres quando se trata de pensar, ler o jogo e resolver os problemas, podendo provocar desvios negativos de ordem tática na evolução do aluno/atleta.

**Quadro 2 – Formas didático-metodológicas de ensinar e treinar o basquetebol.**

<b>Forma centrada nas técnicas</b>	<b>Forma centrada no jogo formal</b>	<b>Forma centrada nos jogos condicionados</b>
<p><u>Características:</u> Das técnicas analíticas para o jogo formal; o jogo é decomposto em elementos técnicos; hierarquização das técnicas.</p>	<p><u>Características:</u> Do jogo para as técnicas sem decompor em partes; a técnica surge para responder situações globais não orientadas.</p>	<p><u>Características:</u> Do jogo para as situações particulares; o jogo é decomposto em unidades funcionais (de complexidade crescente); os princípios do jogo regulam a aprendizagem.</p>
<p><u>Conseqüências:</u> Ações de jogo mecanizadas, pouco criativas, comportamentos estereotipados; problemas na compreensão do jogo.</p>	<p><u>Conseqüências:</u> Jogo criativo, com base individualista, anarquia tática; descoordenação das ações coletivas.</p>	<p><u>Conseqüências:</u> Técnicas surgem em função da tática, de forma orientada e provocada; inteligência tática, correta interpretação - aplicação dos princípios do jogo, viabilização das técnicas e criatividade nas ações de jogo.</p>

Fonte: Garganta (1995, p.20).

A segunda abordagem é a das combinações de jogo contidas na tática por intermédio dos jogos condicionados, voltados para o todo, nos quais as relações das partes são fundamentais para a compreensão do jogo de basquetebol, facilitando o processo de aprendizagem da técnica. O jogo é decomposto em unidades funcionais sistemáticas de complexidade crescente, nas quais os princípios do jogo de 5x5 regulam a aprendizagem.

Na terceira abordagem, as ações técnicas são desenvolvidas com base nas ações táticas, de forma orientada e provocada através do jogo propriamente dito. Cabe-nos ressaltar que, nesse contexto, o objetivo principal é a etapa de iniciação em basquetebol, que ocorre no início da aprendizagem, provavelmente na quinta e sexta séries do ensino fundamental. Dessa forma, as fases seguintes não devem limitar-se exclusivamente a esses métodos, ou seja, tornam-se necessárias outras possibilidades de ensino.

Garganta (1995) propõe ainda que o ensino do basquetebol não deva ser estruturado a partir de elementos técnicos, mas sim a partir de diversos níveis de relação, que garantam ao aluno a compreensão da lógica do jogo. Desta forma, as técnicas surgirão em função da tática, de forma orientada e provocada, uma vez que é a tática que dá sentido à lógica do jogo, e não a técnica. Os níveis de relação citados pelo autor (p. 21) são: eu - bola, familiarização com a bola e seu controle; eu – bola – alvo, atenção sobre o objetivo do jogo, finalização; eu – bola - adversário, conquista e conservação da posse de bola, perda parcial da liberdade de ação e movimentos (devido à ação adversária); eu – bola - colega, interrupção das ações adversárias com a ajuda de colegas (visão ampla da ação conjunta entre dois indivíduos); eu – bola – equipe - adversários, assimilação dos princípios do jogo, ofensivos e defensivos, com interação de ações contrárias e amistosas, além da própria ação mental e motora.

No Quadro 3, mostra-se as fases de aprendizagem do basquetebol propostas por Garganta (1995). Nessas, tem que se entender como acontece a compreensão da maioria dos praticantes no início da aprendizagem do basquetebol, que é o baixo nível de entendimento do jogo, onde os pré-adolescentes tentam a busca desordenada da posse de bola, a defesa visa à marcação da bola, a aglutinação, as subfunções, o individualismo, a não-ocupação de espaços vazios, os adversários livres de marcação,

a não-ocorrência de aclaramento dos espaços de jogo, a verbalização exagerada, o não-entendimento do jogo, a ausência de linhas de passe, a ausência de passes, o jogo sem objetivo definido e, como consequência, a desorganização tática.

**Quadro 3 - Fases de aprendizagem do basquetebol propostas por Garganta (1995).**

<b>FASES</b>	<b>Comunicação na Ação</b>	<b>Estruturação do Espaço</b>	<b>Relação com a Bola</b>
<b>1. Jogo Anárquico.</b> Centralização da Bola Problemas na compreensão do jogo	Abuso da verbalização, sobretudo para pedir a bola	Aglutinação em torno da bola	Elevada utilização da visão central
<b>2. Descentralização</b> A função não depende apenas da posição da bola	Prevalência da verbalização	Ocupação do espaço em função dos elementos do jogo	Da visão central para a periférica
<b>3. Estruturação</b> Conscientização e coordenação das funções	Verbalização, comunicação gestual	Ocupação racional do espaço (tática individual e de grupo)	Do controle visual para o proprioceptivo
<b>4. Elaboração</b> Ações inseridas na estratégia da equipe	Prevalência da Comunicação gestual	Polivalência funcional. Coordenação das ações táticas coletivas	Otimização das capacidades proprioceptivas

Fonte: Adaptado de Garganta (1995, p. 19).

No Quadro 3, apresenta-se o entendimento de Garganta (1995) sobre as fases que envolvem a aprendizagem do basquetebol e vale destacar que não se trata de uma periodização com datas prévias de aprendizagem, mas de uma estrutura temporal para a aprendizagem. O autor estruturou várias fases de aprendizagem, nas quais os alunos vão aprendendo de acordo com as necessidades que aparecem no jogo, como: a) fase de jogo anárquico, em que acontece a centralização em torno da bola e problemas na compreensão do jogo como um todo; b) fase de descentralização, na qual a função do jogador não depende apenas da posição da bola; c) fase de estruturação, na qual acontece uma melhor coordenação das funções; d) fase de elaboração, na qual as ações são inseridas nas estratégias da equipe. Ver Quadro 3.

Ainda nessa direção, Hadich (1997), em seus estudos analisando as metodologias centradas nas técnicas e centradas no jogo formal, citadas por Garganta (1995), pondera que devido à formação técnico-esportiva, os professores de Educação Física e técnicos de basquetebol vêem seus alunos como atletas e impõem aos mesmos regras imutáveis que se tornam restritas à reflexão dos alunos acarretando muitos abandonos precoces.

Sobre a utilização de determinadas técnicas pedagógicas no ensino do basquetebol, enfatizando o aspecto tático, Mahlo<sup>1</sup>, (1998) cita que as técnicas específicas que são ensinadas nas aulas de Educação Física ou nas chamadas escolinhas de desportos são insuficientes para o aprendizado desse desporto em sua totalidade, e sugere que sejam levados em consideração quatro fatores: *Percepção* (sensibilidade e entendimento da ação ocorrida); *Solução Mental* (pensamento e conhecimento tático em que a pessoa desenvolve uma resposta ao estímulo da ação ocorrente); *Solução Motora* (qualidades físicas, habilidades específicas, nas quais a pessoa realiza uma ação em resposta à ação ocorrente, geradora do processo) e fatores psicológicos (motivação, concentração, espírito coletivo, determinantes da eficácia na forma como serão realizados nos diferentes estágios).

Pode-se, a partir dessa classificação, afirmar que a maior preocupação no ensino do basquetebol que segue a metodologia tradicional centrada no ensino da técnica mecanizada, tem sido a solução motora, como se a mesma se resumisse a esse ensino. Entretanto, todos esses fatores citados são importantes e devem ser transmitidos desde o início da aprendizagem do basquetebol. De acordo com a proposta de Garganta (1995), para ensinar basquetebol os procedimentos de ensino visam a desenvolver a capacidade de jogo e evitar que se torne pobre e mecanizada, reproduzindo os gestos dos adultos, no qual o objetivo do ensino está centrado nas ações técnicas motoras, tornando o jogo previsível, com grandes possibilidades de leitura das ações táticas por parte dos adversários.

Ainda em relação às propostas, Oliveira e Graça (1998), em Portugal, apresentam uma proposta teórica para o ensino do basquetebol objetivando o

---

<sup>1</sup> MAHLO, Friederich. O acto tático do jogo. Lisboa, Compendiun, s/d. Para o autor, a formação tática tem 4 fatores 1- Educação-disciplina, Formação do pensamento inteligente, Habilidades sensório-motriz e Habilidades técnico-tática individual e coletiva.

desenvolvimento de três domínios, a saber: a) social: no qual os alunos devem apreciar o jogo; b) estratégico: desenvolvimento das capacidades de tomada de decisões; c) técnico: a técnica deve ser utilizada no contexto do jogo com grau de dificuldade crescente e integridade física e psicológica na execução das habilidades. De acordo com Oliveira e Graça (1995), devem-se observar quais os pré-requisitos básicos dos alunos, tendo como referência a capacidade de receber, passar, driblar, lançar a bola e desmarcar. Em relação ao jogo de 5 contra 5, os pré-requisitos devem ser: capacidade de não centrar a bola, não aglomerar nos espaços, procurar a melhor linha de passe, driblar e fugir para espaços livres, passar a bola com facilidade, utilizar-se da comunicação verbal. Sendo assim, o ensino, na fase de aprendizagem inicial, visa a estabelecer ótima relação com o jogo em seu sentido amplo, isto é, visa a dominar os espaços da quadra de basquetebol, evitando aglomerações sem nenhum tipo de organização tática. Os alunos/jogadores jogam na frente da linha da bola, buscando interceptar o passe; quando ocorrer violações, o jogo deve continuar. Deve-se driblar, após a leitura das situações do jogo, passar a bola antes e depois do drible. O esquema defensivo deve ser individual.

A prioridade a ser trabalhada no ensino do basquetebol para os autores estrangeiros está centrada, portanto, em uma pedagogia tal que na aprendizagem inicial deve-se buscar um melhor nível de jogo e, mediante esse pensamento, pode-se proporcionar melhoras em relação à intencionalidade, ao esclarecimento, à criação de linhas de passe, etc. Pode-se observar também ganhos no setor defensivo, no qual a visão do jogador vai englobar tanto a marcação aos adversários, a ocupação do espaço da quadra quanto à marcação das linhas de passe do oponente.

Em contrapartida, as propostas de ensino dos autores brasileiros em relação às propostas dos autores estrangeiros diferem em suas metodologias e valorizam e priorizam o ensino da técnica. Por exemplo, a proposta de ensino do basquetebol de Cardoso (1987), técnica da seleção brasileira feminina do Brasil durante mais de 10 anos, propõe que no basquetebol os fundamentos sejam ensinados; primeiramente, as posturas corporais defensivas bem como seus fundamentos básicos de ataque individuais, para depois ser abordada uma movimentação tática de grupo e coletiva, seguindo o caminho inverso da metodologia proposta por Garganta (1995). Sobre esse

aspecto, pode-se inferir que não foi encontrada nenhuma pesquisa longitudinal afirmando o efeito de uma aplicação prática e nem qual seria a melhor metodologia de ensino. Acredita-se que se deve sistematizar e organizar os conteúdos e os métodos e meios afins para garantir uma prática prazerosa e com equilíbrio na aplicação dos conteúdos, buscando evitar o abandono precoce da prática.

Autores brasileiros que propõem uma metodologia para o ensino do basquetebol são Ferreira e De Rose (1987), baseados em Daiuto (1974). Apresentam para a etapa de iniciação o ensino-aprendizagem do basquetebol na prática da seguinte forma: “Essa fase é considerada ideal para o ensino das habilidades motoras, aqui os métodos se diferem, mas a literatura apresenta metodologias contraditórias” p.28. Para os autores, nessa fase deve ocorrer a aprendizagem dos fundamentos simples, como o controle do corpo, o manejo da bola, o drible, os passes e os fundamentos individuais de defesa, arremessos de bandejas, jump em movimento, rebote (FERREIRA e DEROSE, 1987, p. 28). Esses autores apresentam o ensino baseado na técnica inicial e posteriormente à tática, ou seja, deve-se aprender primeiramente os fundamentos isolados do jogo e, posteriormente, em grupo e de forma coletiva, também seguindo um caminho inverso à maioria dos autores estrangeiros.

Outro autor brasileiro que trata da iniciação em basquetebol e apresenta como principal cenário de proposta a escola é Almeida (1998), para quem o ensino do basquetebol deve passar por duas fases distintas: a primeira, na qual chamam de aprendizagem inicial do basquetebol, e deve acontecer o desenvolvimento da coordenação grossa. Para o autor, não há divisão distinta entre as fases de coordenação grossa e fina, elas representam a estrutura básica do processo de aprendizagem motora, independentemente da idade e do nível motor inicial, mas se deve aguardar o desenvolvimento dos alunos para cobrar os movimentos mais refinados. O autor define a coordenação grossa como caracterizada pelo seguinte quadro de manifestação na execução do movimento: força excessiva, paradas que interrompe o movimento, insatisfação, movimento afoito, desarmônico e oscilante (ALMEIDA, 1998).

Ainda no Brasil, Oliveira e Paes (2002 e 2004) propõem o ensino de basquetebol apresentando suas propostas em muitos anos de aprendizagem antes de uma

especialização mais estreita, visando a possibilitar aos professores universitários, aos treinadores e aos praticantes as técnicas na iniciação em basquetebol aliadas às ações táticas em três fases, em uma etapa que envolve de 4 a 6 anos de aprendizagem. Para os autores, o processo de ensino-aprendizagem, em cada nível de aprendizado, busca estimular nos alunos uma melhor compreensão da leitura do jogo para que possam reagir de forma imprevisível às ações imprevisíveis defensivas e ofensivas que são características do basquetebol (OLIVEIRA e PAES, 2002; 2004).

Esses autores, com base em experiências práticas principalmente com crianças e adolescentes em fase de formação, sugerem o ensino do basquetebol no qual não se descarta nenhuma forma de trabalho, que são os métodos e os meios, mas alertam que o ensino deve acontecer através de diferentes métodos: método de brincadeira, jogo pré-desportivo, grandes jogos, jogos possíveis, jogo de 5x5, exercícios individuais, circuito técnico e tático, método situacional com situações de vantagem, desvantagem e igualdade numérica, que são as situações de 1x1, 2x2, 1x2, 3x3, 4x4 e 5x5, em que as situações isoladas dos jogos são aprendidas com números reduzidos, estimulando sempre de forma diferente as capacidades coordenativas dos praticantes, podendo iniciar a aula ou o treinamento pelo jogo de 5x5, já pensando em motivar os alunos/atletas. Em seguida utiliza-se outro método e, em seguida, retorna ao jogo outra vez.

Os autores ainda defendem que a técnica no basquetebol é praticada na aprendizagem inicial aos conceitos da tática, ou seja, aliando o “como fazer” à “razão de fazer”. A técnica individual – drible, passe –, a técnica de conjunto – drible, seguido de assistência, e a técnica coletiva, na qual ocorre a sincronização de todos os fundamentos, formam o conceito de tática de grupo e coletiva. Aprimora-se a técnica nas aulas e treinos, aliadas ao pensamento tático (Ensinar a ler o Jogo), da mesma forma, acontecem com a tática individual, de grupo e coletiva.

Com base nos estudos de Malho (s/d) e Greco (1998), utiliza-se a tática coletiva de 5x5 até 14 anos com vistas a oportunizar a todos sem exceção de vivenciarem todas as funções (posição na quadra de jogo ou posicionamento ofensivo e defensivo). Não se trata de trabalhar os conteúdos da técnica apenas pelo método situacional ou pelas situações de jogo, mas sim de utilizá-lo como um importante recurso, evitando o ensino



somente pelos exercícios analíticos de 1x0 e 1mais 1 ou mais 2 em troca de passes, por exemplo, como visto anteriormente, podem não garantir o sucesso nas tomadas de decisão frente às situações de antecipação que ocorrem imprevisivelmente no jogo de basquetebol em fases mais especializadas. Por outro lado, só o método de jogo pode também não garantir a evolução ótima da técnica individual (OLIVEIRA e PAES, 2002; 2004).

### ***1.3. Fase de automatização e refinamento da aprendizagem inicial e aprendizagem de novos conteúdos do basquetebol***

Entende-se que, nesse momento do processo de iniciação ao basquetebol, que corresponde à faixa etária aproximada de 13 a 14 anos, correspondente às 7ª e 8ª séries do ensino fundamental, passa os atletas pela fase da pubescência nos sistemas funcionais orgânicos. No caso específico do basquetebol, essa fase corresponde, nos campeonatos das federações como nos clubes, à categoria mini/mirim. Deve-se enfatizar, no desenvolvimento dessa fase, para os alunos/atletas, a otimização da repetição mais sistemática com vistas à automatização e ao refinamento dos conteúdos técnicos e táticos aprendidos anteriormente e a introdução paulatina de novos conteúdos.

Nessa fase do processo, o jovem adolescente procura, por si só, a prática de uma ou mais modalidades desportivas por gosto, prazer, aplicação voluntária e pelo sucesso obtido nas fases anteriores. Neste sentido, os atributos pessoais parecem ser fundamentais para o aperfeiçoamento das capacidades individuais. A idade, o biotipo, além da motivação, são características determinantes para a opção por uma ou outra modalidade na busca da automatização e refinamento da aprendizagem dos conteúdos das fases anteriores, buscando mais tarde a especialização em uma só modalidade (VIEIRA, 1999).

Weineck (1991) reconhece que a seleção dos atletas adolescentes deve ser feita com base nas dimensões corporais e na qualificação técnica, além dos parâmetros fisiológicos e morfológicos. As condições antropométricas, além dos fatores afetivos e sociais, exercem uma influência significativa na detecção dos futuros talentos para o

basquetebol. Desta forma, a preparação das capacidades técnico-táticas recebe uma parte relevante do treinamento. Contudo, considera-se o desenvolvimento dos atletas aliado a outros fatores, como o desenvolvimento das capacidades físicas. O objetivo é desenvolver, de forma harmônica, todas as capacidades, preparando os adolescentes para a vida e para posteriores práticas especializadas e/ou funções no jogo de basquetebol.

Gallahue e Ozmum (1995) pontuam que, nessa fase, acontece a passagem do estágio de aplicação para a utilização, a qual fica para o resto da vida. Nesse contexto, Krebs (1992) afirma que ocorre, nessa fase, um ensino por sistema parcialmente fechado (prática). Assim, o plano motor que caracteriza o movimento a ser executado, bem como as demais condições da tarefa, já estão prioritariamente definidos, e almeja-se o aperfeiçoamento. Isso significa que, a partir da aprendizagem de múltiplas modalidades, a prática motora é uma atividade específica. No basquetebol, por exemplo, deve-se buscar desenvolver nos indivíduos alguns requisitos relacionados às demandas das tarefas específicas solicitadas pelas ações motoras por essa modalidade. O fenômeno, aqui, é a automatização do movimento, isto é, todas as aquisições que aconteceram de forma consciente e com muito gasto de energia podem, agora, ser executadas em nível subconsciente, com menor gasto energético, ou seja, de forma automatizada.

A partir de uma fundamentação teórica sobre as considerações gerais que envolvem o ensino do basquetebol na fase de automatização e refinamento da aprendizagem inicial, apresenta-se agora os conceitos e as possibilidades de ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol na visão de alguns autores mais tradicionais da preparação desportiva.

Para Matveév (1977), no ensino da técnica deve-se considerar os seguintes aspectos: a assimilação e a ampliação da teoria do desporto em treinamento; a ampliação do arsenal de destrezas e hábitos motores favoráveis ao aperfeiçoamento do desporto em questão; e o aperfeiçoamento dos gestos desportivos específicos da modalidade eleita. No que diz respeito à tática, Boucherin *apud* Tubino (1979, p. 162) afirmou, com base nos estudos de Theodorescu, que:

a tática é a totalidade das ações individuais e coletivas dos atletas de uma equipe, a qual está organizada numa forma racional dentro do limite do regulamento e da desportividade, cujo objetivo é conseguir a vitória, levando-se em conta, por um lado, as qualidades e particularidades dos atletas e, por outro lado, as condições dos adversários.

Para uma melhor compreensão sobre a técnica e a tática aplicada ao jogo de basquetebol nessa fase, recorre-se em termos de conceitos aos estudos de autores mais contemporâneos, como Forquet (1972) e Konzag (1983) que dividiram a técnica e tática em individual e de grupo, tanto no ataque quanto na defesa, e Bota e Evulet (2001) que acrescentou que a técnica e a tática de equipe são ações coletivas, indicando os princípios de ações ofensivas que estão nas bases dos sistemas dos jogos desportivos coletivos – basquetebol: *posicionamento rápido, contra-ataque, ataque e defesa*. As ações táticas em grupos entre dois e três atacantes ou defensores com e sem bola são subordinações dos princípios técnicos do jogo. As ações individuais com e sem bola são utilizadas somente por jogadas de um só jogador e se subordinam à tática individual.

Nos estudos estrangeiros, são encontrados estudos de Oliveira e Graça (1998), os quais preconizam que essa fase está no nível dois da aprendizagem do basquetebol. Para os autores, nessa fase do ensino do basquetebol, o aprendizado busca ocupar-se racionalmente do espaço, com dispositivo de ataque organizado, procurando manter a integridade coletiva. O jogo passa a ser estruturado, tendo a defesa-transição-ataque um mesmo objetivo organizacional. Acontece o equilíbrio entre as ações táticas individuais 1x1, grupo 2x2, 3x3 e de equipe 5x5. Melhora-se, conseqüentemente, o desenvolvimento dos sinais de comunicação corporal ou verbal, nos quais o aspecto defensivo é controlado pelo domínio da bola, jogador, adversário e cesta.

Garganta (1995), em seu estudo, indica que o nível de jogo deve ficar expresso nessa fase da seguinte forma: bom nível de jogo – busca por espaços vazios, ocupação de espaços vazios, movimentação provocada e consciente, manipulação ordenada da bola, marcação ao adversário, funções de posicionamento definidas, aclaramento espacial, comunicação gestual, funções definidas, retomada da posse de bola, linhas de passe, ações táticas preestabelecidas, busca ordenada ao objetivo do jogo, entendimento do jogo, e, como conseqüência, a organização tática.

No Brasil, são encontrados, nos estudos de Ferreira e De Rose (1987), que a fase de automatização e refinamento da fase anterior busca consolidar o período em que o aluno jogador deve possuir uma bagagem motora necessária para a realização dos gestos específicos do basquetebol de forma mais dinâmica e fluente. “O aprendizado desenvolve-se através dos exercícios, nos quais o gesto é global, consolidando mais uma evolução na aprendizagem” (FERREIRA e DE ROSE, 1987).

Ainda no que tange a essa fase, os autores enfatizam que:

o objetivo principal consiste em dar ao aluno/jogador a oportunidade de praticar os fundamentos aprendidos anteriormente em situações que se aproximam do jogo propriamente dito/competição. Em função disso, os exercícios são apresentados em maior grau de dificuldade no desenvolvimento dos fundamentos e acontece o aperfeiçoamento das capacidades físicas do basquetebol: resistência, força, velocidade, flexibilidade, coordenação, equilíbrio dinâmico e recuperado, agilidade e ritmo através dos exercícios técnicos e táticos (FERREIRA E DE ROSE, 1987, p.8).

Um outro autor brasileiro que discute o ensino nessa fase é Almeida (1998), para o qual a coordenação fina é prioridade e é definida como “o praticante executa o movimento apreendido com poucos erros, manifestando-se da seguinte forma: movimento harmônico satisfatório, movimento fechado, o equilíbrio desejado ainda não é contínuo, há a necessidade de motivação para o progresso, (ALMEIDA, 1998).

Oliveira e Paes (2004), em sua abordagem, propuseram que, além das experiências anteriores, sejam apreendidas pelos atletas as situações de jogo, transição e sistemas ofensivos como também os exercícios sincronizados, cujo principal objetivo é proporcionar aos alunos a execução e a automatização de todos os fundamentos adquiridos, isolando algumas situações de jogo. Com base nesse pensamento, devem iniciar-se as organizações táticas, ofensivas e defensivas, sem muitos detalhes. As “situações de jogo” devem ser trabalhadas em 2x1, 2x2, 3x3 e 4x3, possibilitando aos alunos/atletas a oportunidade de praticar os fundamentos aprendidos em situações reais de jogo, com vantagem e desvantagem numérica.

Outro conteúdo específico nessa fase é a “transição”, entendida como contra-ataque no jogo de basquetebol. Paes (2001) define essa fase “como a passagem da ação defensiva para a ação ofensiva” (PAES, 2001, p. 113). Constatou-se que a evolução técnica e tática e as mudanças na regras do jogo de basquetebol

transformaram a transição ou contra-ataque em objeto de estudo de várias escolas esportivas em todo o mundo. Assim, deve-se dar atenção especial aos aspectos fundamentais que envolvem o treinamento da transição ao ensinar basquetebol para adolescentes, pois estes aspectos, desenvolvidos com vantagem e desvantagem numérica, podem aperfeiçoar em reais situações de jogo a técnica, a tática, o físico e o psicológico dos alunos/atletas na busca da maestria, ou seja, da autonomia e do conhecimento teórico e prático sobre o contexto do jogo de basquetebol (OLIVEIRA e PAES, 2004).

Em relação às habilidades motoras, a fase de automatização e refinamento enfatiza a prática do que foi aprendido anteriormente no basquetebol e acrescenta as situações de jogo, transição (contra-ataque) e sistemas táticos de defesa e ataque, os quais, aliados à técnica, visam ao aperfeiçoamento das condições gerais da formação do atleta, na qual os conteúdos de ensino equilibram-se entre exercícios e jogos com o objetivo de ensinar habilidades “técnicas específicas”, que são o modo de fazer aliado à “tática específica”, a razão de fazer.

O desenvolvimento das capacidades técnica e tática deve acontecer logo que a criança inicia as atividades do basquetebol em forma de brincadeiras nas ruas ou jogos recreativos na pré-escola e na 1ª a 4ª séries do ensino fundamental, e também a partir do momento que entra na 5ª e 6ª séries, aliadas aos outros jogos coletivos desportivos específicos. O próprio jogo coletivo basquetebol, por meio de seus conteúdos, tem a finalidade de aperfeiçoar a velocidade de reação, a coordenação e a flexibilidade que são valências físicas importantes, além da capacidade aeróbica dos pré-adolescentes nessa fase. Isso se torna necessário para uma preparação física e técnica e tática generalizada através de exercícios e jogos.

Na fase de automatização e refinamento dos fundamentos do basquetebol, os exercícios sincronizados e sistemas aprendidos e o desenvolvimento das capacidades físicas, volta-se para a automatização do que já foi conseguido anteriormente, fortalecendo a estrutura física, destacando as capacidades físicas específicas do desporto basquetebol (características biotipológicas). Como exemplo, a resistência de velocidade, muito utilizada no basquetebol, vai depender do biótipo de cada indivíduo.

De qualquer forma, para a prática técnica e tática do basquetebol, torna-se necessário dividir a preparação dos atletas em geral e especial, na qual a geral corresponde às necessidades básicas generalizadas através dos exercícios e jogos e a especial visa ao desenvolvimento, aproximando ao máximo das situações específicas dos gestos motores do basquetebol, de preferência na própria quadra de jogo.

Os estudos de Filin (1996) mostram a importância de periodizar e planejar o treinamento em relação às cargas, às horas e aos conteúdos de ensino, considerando o processo de evolução a longo prazo, a fim de não sobrepôr as cargas antes do tempo aproximado ao desenvolvimento geral dos jovens atletas. Deve-se programar o ensino-treinamento de forma periodizada e planejada, a fim de se conseguir ganhos, potencializando o desenvolvimento de todas as capacidades técnica-tática, física e psicológica dos prováveis atletas. O Quadro 4 demonstra algumas sugestões na relação entre os percentuais de conteúdos que podem ser aplicados nas diferentes fases do processo de iniciação desportiva no basquetebol, no desenvolvimento da preparação geral e especial na qual norteia as futuras competições.

**Quadro 4 – Distribuição percentual dos conteúdos da técnica e tática geral e especial na etapa de iniciação em basquetebol e suas fases de desenvolvimento.**

<b>Etapa de iniciação em basquetebol e suas fases de desenvolvimento</b>	<b>Preparação Geral</b>	<b>Preparação especial</b>
Fase de conhecer brincando o jogo de basquetebol: a importância do aspecto lúdico	80%	20%
Fase de aprendizagem inicial dos sistemas e fundamentos do jogo de basquetebol	70%	30%
Fase de automatização e refinamento da aprendizagem inicial e aprendizagem de novos conteúdos	60%	40%

Fonte: Adaptado de Filin (1996).

Com base nos estudos de Filin (1996), a preparação técnica e tática geral, no basquetebol, pode ser desenvolvida tomando parte da aprendizagem, visando, principalmente, à velocidade de execução das ações motoras dos adolescentes após o pico da velocidade do crescimento que acontece de forma diferenciada para cada pré-adolescente, utilizando-se dos espaços da quadra de jogo para o desenvolvimento,

além de exercícios adicionais em outros espaços, como salas de vídeo, entre outras. A preparação técnica e tática especial, por sua vez, pode ser desenvolvida juntamente com os exercícios e jogos situacionais, nos quais são treinadas as capacidades físicas em conjunto com a técnica-tática, reforçando a motivação e aumentando o interesse dos praticantes. O próprio jogo de basquetebol deve ser utilizado para manifestar as capacidades técnicas e táticas, em exercícios com curtos intervalos de tempo e em regimes máximos e submáximos, com a predominância da velocidade de execução durante a maior parte do tempo de treinamento (KIRKOV, 1984). As competições também devem ser utilizadas para desenvolver as capacidades técnicas e táticas gerais e específicas, oportunizando aos atletas de basquetebol o aperfeiçoamento das capacidades técnicas e táticas em real situação competitivas.

No caso do ensino das habilidades (técnicas), como exposto anteriormente, os jogos e as brincadeiras, nas fases anteriores, objetiva a automatização da manipulação de bola, passe-recepção, entre outras e, no domínio corporal, agilidade, mobilidade, ritmo e equilíbrio, dando início à formação tática e ao aperfeiçoamento das capacidades físicas – coordenação, flexibilidade e velocidade – que constituem as bases para a fase de automatização e refinamento no basquetebol, preparando os alunos/atletas para a especialização e o treinamento específico da técnica e da tática nas fases posteriores.

Finalizando as discussões sobre a etapa de iniciação em basquetebol, Oliveira (2002) e Oliveira e Paes (2004) assinalaram que o ensino do basquetebol, seja na escola ou no clube desportivo, para a faixa etária de 11 a 12 anos, deve ser parcialmente aberto, no que concorda Krebs (1992), isto é, as correções dos erros da técnica dos movimentos das habilidades motoras, ou seja, os conteúdos do ensino são aplicados pelo professor e praticados pelos alunos, com pouca interferência nas correções dos gestos motores para não desestimular os menos habilidosos ou ao corrigir os erros o professor tem que entender que os erros fazem parte da aprendizagem e que as crianças não erram por querer. Na faixa etária de 13 a 14 anos, o ensino deve ser parcialmente fechado, segundo Krebs (1992), pois se inicia o processo de especificidade dos gestos do basquetebol, ou seja, a procura pela especialização. Contudo, entende-se que somente após os 14 anos de idade deve acontecer o ensino totalmente fechado, específico das funções do basquetebol, como a

formação do jogador e também o aperfeiçoamento das capacidades motoras físicas e todos os sistemas táticos que a modalidade necessita. Entende-se que, nessa forma de ensino-aprendizagem, a técnica (habilidade motora) estará sendo desenvolvida em situações que acontecem na maior parte do tempo no jogo de basquetebol. A assimilação por parte dos alunos/atletas poderá ser beneficiada e, posteriormente, a prática constante poderá predispor a especialização dos gestos motores que permanecerão para o resto da vida (GALAHUE e OSMUN, 1995).

De acordo com a literatura, no período de aproximadamente dois anos, consolida-se o início do sistema de preparação em longo prazo no basquetebol, pois é importante não se perder tempo para evitar a interrupção da aprendizagem, utilizando-se dos períodos sensíveis do crescimento, maturação e do desenvolvimento do organismo na elaboração das cargas de treinamento técnico e tático. Para Weineck (1991), além da ótima fase para aprender, na qual as diferenças em relação à fase anterior são graduais e as transições são contínuas, as capacidades coordenativas dão base para futuros desempenhos. Por outro lado, deve se evitar a especialização precoce, como afirma Paes (1986), haja vista que pode levar ao abandono do basquetebol. Este mesmo autor, em seus estudos no Mestrado, entrevistou atletas da seleção brasileira de basquetebol, identificando que a maioria dos atletas que compuseram a seleção brasileira de basquetebol campeã pan-americana iniciou a prática em basquetebol após 12 anos de idade e especializaram-se somente entre 14 e 15 anos. Esse fato demonstra que se deve evitar a busca frenética e precoce dos resultados nas categorias inferiores, entendendo que os resultados superiores deverão ter maior importância, para o futuro atleta.

A partir desse período, começa então o processo de especialização e aprofundamento dos conhecimentos técnicos e táticos no basquetebol. A partir de 14–15 anos, as funções na quadra podem ser priorizadas, mas não especializadas ainda, e, por volta dos 16-17 anos, podem ser aperfeiçoadas em busca da posição do atleta para apenas uma ou no máximo duas funções nas competições. Esse assunto será apresentado a seguir.



## **2. Etapa de especialização em basquetebol e suas fases de desenvolvimento**

Foi visto anteriormente assuntos relevantes sobre o ensino da técnica e da tática na etapa de iniciação em basquetebol e suas fases de desenvolvimento. Foram apresentadas as divergências e convergências de pensamentos de estudiosos no ensino dos conteúdos para cada fase. Abordam-se, a seguir, os aspectos relacionados ao processo de preparação técnica e tática para as competições em busca dos resultados superiores e dos conteúdos da etapa de especialização em basquetebol e suas diferentes fases de desenvolvimento relacionadas às categorias de disputa bem como as idades que as caracterizam.

No entanto, para discutir a aplicação dos conteúdos específicos dos aspectos fundamentais da preparação técnica e tática dos atletas de basquetebol na etapa de especialização, fez-se necessário buscar a compreensão de autores de distintas áreas do desenvolvimento desportivo, como Krebs (1992), Zakharov e Gomes (1992), Bompa (1995), Filin (1996), Matveev (1997) e Paes (2001). E, no caso específico do basquetebol, os estudos de Daiuto (1974), Luz (1984), Ferreira e Rose (1987), Almeida (1998) e Oliveira e Paes (2004), entre outros.

Segundo Bompa (1995), a especialização dos gestos técnicos e táticos é inevitável quando se pensa em formação atlética, e para alcançar a alta performance os gestos próprios e específicos do basquetebol tomam grande parte do treinamento e das competições. Para Filin (1996), essa fase é a do aperfeiçoamento desportivo, e dá-se início à preparação geral e especial da técnica e da tática, voltadas para a especificidade do basquetebol. A idade de início de dedicação exclusiva deve acontecer aproximadamente entre 14 e 15 anos, destacando a idade aproximada para a opção pelo basquete. Pode-se desenvolver nos atletas a motivação e a dedicação que são fatores determinantes na fase de dedicação exclusiva nos treinamentos em basquetebol, seguidos pelas características físicas, apoio da família e incentivos dos técnicos. Corroborando com o assunto, autores como Krebs e Vieira (1999) e Paes (2001) afirmam ser o momento correto para iniciar a especialização em um determinado desporto coletivo, nesse caso específico o basquetebol.

Desse modo, a exemplo de como se procedeu na etapa de iniciação em basquetebol, e visando à melhor explanação, dividiu-se com base em outros modelos a etapa de especialização dos atletas de basquetebol em duas fases: a) fase de aperfeiçoamento inicial da técnica e da tática; b) fase de aperfeiçoamento profundo da técnica e da tática.

Apesar do entendimento de que as categorias mudam de Estado para Estado no Brasil, defende-se que cada fase dessa etapa, e como já visto na etapa de iniciação desportiva - basquetebol, tem suas características em relação à idade biológica, idade escolar, idade cronológica e as respectivas categorias disputadas nos campeonatos nacionais e internacionais, como pode se ver no Quadro 5.

**Quadro 5 – Periodização do processo de especialização da técnica e da tática no basquetebol e os aspectos biológico, escolar, cronológico e as categorias de competição.**

<b>Idade biológica</b>	<b>Idade escolar</b>	<b>Etapa de especialização no basquetebol</b>	<b>Idade cronológica</b>	<b>Categorias basquetebol</b>
Segunda Idade Puberal	Ensino médio	Fase de aperfeiçoamento inicial da técnica e da tática	15-16-17 anos	Infantil, Infante e Cadete
Final da Adolescência	Ensino superior	Fase de aperfeiçoamento profundo da técnica e da tática	18-19-20 anos	Juvenil e Sub-21

Fonte: Adaptado de Oliveira (2002 e 2004). As categorias de disputas nos campeonatos do ensino não formal, como os clubes e federações, variam suas idades de Estado para Estado. Neste estudo, os dados foram extraídos das disputas dos campeonatos no Estado de São Paulo.

Apresentou-se graficamente o desenvolvimento desportivo especializado da técnica e da tática, destacando a etapa de especialização dos atletas de basquetebol, com as suas respectivas fases, e também um exemplo para as categorias disputadas no basquetebol, tanto para o ensino formal quanto para o ensino não formal. Apresenta-se a seguir a fase de aperfeiçoamento inicial no basquetebol, fase que tem seu desenvolvimento de dois a três anos, dependendo do treinamento anterior dos adolescentes, das experiências em competições e seus respectivos níveis.

### **2.1. Fase de aperfeiçoamento inicial da técnica e da tática no basquetebol**

A fase de aperfeiçoamento inicial no basquetebol corresponde ao ensino médio, também conhecido como “colegial”, o qual atende alunos/atletas entre 15 e 17 anos, que estão passando pela segunda idade puberal e cursando o primeiro ano do ensino médio. No caso do basquetebol, as competições são promovidas pelo ensino não formal, tais como pelas prefeituras, federações e confederações, na qual os alunos/atletas enquadram-se nas categorias infanto-juvenil e cadete e, em alguns Estados, infantil, infanto e cadete. Assim, torna-se viável distribuir em percentual os conteúdos da preparação técnica e tática ao longo dos anos de forma geral e especial com vistas às competições, conforme demonstra o Quadro 6.

**Quadro 6 – Percentual da preparação técnica e tática geral e especial na etapa de especialização em basquetebol e suas fases de desenvolvimento.**

<b>Etapa de especialização em basquetebol e suas fases de desenvolvimento</b>	<b>Preparação Geral</b>	<b>Preparação Especial</b>
Fase de aperfeiçoamento inicial da técnica e da tática	40%	60%
Fase de aperfeiçoamento profundo da técnica e da tática	30%	70%
Fase de resultados superiores da técnica e da tática	20%	80%

Fonte: Adaptado de Filin (1996).

De acordo com Filin (1996), tanto na etapa de iniciação quanto na especialização, deve-se distribuir as cargas de forma planejada e organizada a fim de se obter os melhores resultados na fase adulta. Dessa forma, as categorias infanto, cadete e juvenil são as principais fases para preparar tecnicamente e taticamente os atletas e finalizar a preparação em muitos anos. A literatura mundial sobre treinamento desportivo mostra que desde o início da prática sistematizada até o final da formação do jovem atleta a etapa dura em média de 8 a 12 anos e deve-se pensar nos resultados superiores como principal foco apenas na fase adulta. Gomes (2002) aponta que, nesse momento, a quantidade de horas de treinamento anual deve ser entre 600h e 1.000h, nas quais 60% do tempo é destinado à preparação específica dos conteúdos do treinamento e vão evoluindo até 80% na fase juvenil, pois a partir daí, o número de

competições anuais são muito grandes quando se trata de nível internacional e não há muito tempo para a preparação geral que no basquetebol pode-se exemplificar como o ensino dos fundamentos básicos individuais de passes, arremessos, bem como alguma função generalizada, ou seja, busca-se agora o melhor em cada função no jogo.

Abordam-se, nessa fase, primeiramente os aspectos que tratam da especialização técnica e tática no basquetebol marcada pelo aperfeiçoamento inicial, na qual a especialização é caracterizada pela dedicação exclusiva dos adolescentes nos treinamentos e competições do basquetebol visando à obtenção de resultados elevados. A especialização aperfeiçoada inicial dos adolescentes no basquetebol estabelece o direcionamento e a busca de resultados desportivos iniciais através do aperfeiçoamento físico, técnico e tático. Os percentuais dos pesos gerais e específicos das cargas assemelham-se a cada indivíduo em função da fase de desenvolvimento. As cargas horárias devem abarcar entre 600h e 1.000 h por ano, nas quais os atletas dedicam-se aos treinamentos e competições. No entanto, esses treinamentos não podem acarretar, aos alunos/atletas, prejuízos escolares (GOMES, 2002).

Para Krebs (1992), busca-se no movimento técnico, personalizá-lo. Nessa fase, o especializado (aluno/atleta) irá, passo a passo, ou, ainda, ano a ano, buscando, nos treinamentos e competições do basquetebol, atingir a perfeição nos aspectos técnicos e táticos. É por isso que as capacidades volitivas para suportar cargas físicas e psíquicas devem ser estimuladas. Sendo assim, fatores socioculturais envolvidos no processo de preparação dos atletas são decisivos. Entretanto, esses fatores estão reservados apenas para uma minoria dos alunos/atletas da população brasileira.

Schimidt (2001) postula que o sistema de preparação passa a ser totalmente fechado, no qual a especialização das ações motoras é inevitável, aperfeiçoando as ações físicas e técnicas para compor a tática individual de grupo e coletiva, bem como a preparação para as competições. Essa fase de aperfeiçoamento inicial é o início da especialização motora no basquetebol e procura ano a ano a obtenção dos resultados em nível estadual, nacional e internacional. A duração dessa fase coincide com os limites de idade ótima propulsora dos resultados da categoria infanto-juvenil e cadete.

Para Almeida, essa fase é propriamente utilizada para o aperfeiçoamento do basquetebol e é a fase de estabilização da coordenação fina, conceituada pelo autor

como:

O aluno aplica com sucesso o movimento aprendido, mesmo sob condições dificultadas. A execução do movimento aprendido apresenta em todas as características o aperfeiçoamento: a técnica é aperfeiçoada, há o acompanhamento dos acontecimentos táticos, e previne-se de dificuldades causadas pela imprevisibilidade do jogo (ALMEIDA, 1998, p. 20).

As tarefas de aperfeiçoamento inicial da técnica e da tática devem acontecer de forma mais detalhada, aliadas às estruturas táticas com situações específicas de 1x1, 2x2 e 3x3, fortalecendo, também, os aspectos físicos e psíquicos dos atletas de basquetebol. Além desse fator importante, Paes (1999) ressalva que a eficiência na execução de qualquer gesto técnico será melhor aplicado durante um jogo, se aliada às condições físicas de ótimas qualidades, bem como à compreensão tática. Desta maneira, a preparação das condições físicas dos atletas é objeto de preocupação, haja vista que constitui uma das bases para o aperfeiçoamento técnico-tático profundo, transformando o atleta adulto com prontidão para as competições de basquetebol na modernidade.

Os exercícios sincronizados e as situações de jogo de 1x1 até 5x5, utilizando-se de outras possibilidades para a resolução de problemas específicos, como o domínio do corpo e do espaço, pode facilitar o entendimento tático, o que é fundamental nessa fase, tanto individual como em grupo ou coletivo no basquetebol.

Os sistemas táticos ofensivos e defensivos do basquetebol aprendidos e praticados anteriormente sem muitos detalhes agora são aperfeiçoados e tomam grande parte das horas de treinamento de forma específica para cada função na quadra de jogo. O pensamento tático, não obstante, deve ser livre para desenvolver a criatividade junto às ações técnicas, nas quais a tática base é a resolução de problemas com base na movimentação corporal e espacial, utilizando-se da comunicação verbal e das inter-relações entre os jogadores.

## ***2.2. Fase de aperfeiçoamento profundo da técnica e tática no basquetebol***

A fase de aperfeiçoamento profundo corresponde, no ensino formal, ao ensino

superior universitário, e pode atender atletas de 18 a 20 anos que estão na fase final da adolescência em suas idades normais, bem como outros com idades mais avançadas. No caso do basquetebol, essa fase corresponde, nos campeonatos do ensino não formal, às categorias juvenil e sub-21. Trata-se, agora, nessa fase, dos conteúdos que delineiam o aprofundamento no basquetebol, devendo ocorrer a aproximação das cargas no treinamento da fase adulta.

Nessa fase da preparação, o treinamento direciona-se para as proximidades do modelo profissional, no qual o treinamento das capacidades físicas, técnico-tática e os conhecimentos teóricos sobre o basquetebol são passo a passo aperfeiçoados de forma aprofundada nos detalhes das competições ou sistema de competições. No período de aprofundamento e aproximação ao treinamento adulto, os atletas de basquetebol deverão estar com a base sólida já constituída nas fases anteriores. Caso isso não tenha ocorrido nos seus clubes, deve ser retomado no que diz respeito à preparação mais generalizada. Nessa fase, os resultados em competições internacionais, nacionais e estaduais parecem ser o grande objetivo das comissões técnicas, dos patrocinadores, dos técnicos e dos atletas.

Greco e Benda (1998) salientam que essa fase abrange o período de 18 a 21 anos. Os autores a consideram o momento crucial na transição do jovem para uma provável carreira desportiva, nesse caso para o basquetebol, pois são definidos os caminhos e visa-se ao desporto de alto rendimento, denominado profissionalização em função de ser um possível trabalho.

A fase de crescimento físico, nesse período, encontra-se quase finalizada, pois são determinados o biótipo corporal e os traços do perfil psicológico que constituem a personalidade, e que, somados aos outros fatores, levam ao alto nível do basquetebol. Sendo assim, o treinamento técnico e tático deve ser no maior nível de intensidade visando à elaboração de respostas rápidas diante das ações dos adversários (WEINECK, 2001).

Entende-se que leva-se muito tempo para a transmissão dos valores sociais promovidos pelos resultados obtidos em nível internacional, expondo os atletas ao público com muita responsabilidade. Assim, a otimização das capacidades físicas e técnico-tática é extremamente necessária. Matveev (1997) corrobora esse pensamento,

afirmando que essa fase é encontrada na maioria dos desportos, inclusive o basquetebol, no diapasão entre 17 e 20 anos. Esse período é o mais ativo da prática, pois nele acontece o florescimento das capacidades de compreensão, concentração e motivação para os resultados superiores, o que possibilita o treinamento de alto nível, caso suplementados pelos fatores complementares.

Gomes e Teixeira (1999) argumentam que, nessa etapa, os atletas dedicam-se entre 1.000 e 1500 horas de treinamento por ano, das quais 75% são destinadas aos conteúdos específicos. Pode-se afirmar, então, que no processo de preparação do jogador de basquetebol aumentam consideravelmente a parte da preparação especial e específica. O volume e intensidade total das cargas anuais devem ser aproximados e igualados aos aspectos competitivos durante os jogos preparatórios e nos treinamentos, ou seja, igual ou o mais próximo possível do modelo da competição (GOMES, 2000).

A etapa de especialização, segundo Dantas (1985), é enfatizada por muito treinamento físico, e julga-se então que as capacidades técnica e tática são desenvolvidas em função das competências físicas (Oliveira e Paes 2004). Estas podem ser desenvolvidas aliadas aos aparelhos especiais, fortalecendo os músculos específicos dos atletas em suas funções no jogo, por exemplo, os pivôs podem levantar uma serie de halteres no fundo da quadra e, em seguida, jogar dois contra dois. A resistência dos movimentos técnicos e a manutenção dos níveis de compreensão tática durante toda a competição devem manter as condições de velocidade nos jogos e, como o basquetebol deve ter caráter especial, a resistência aeróbia e anaeróbia deve ser altamente exigida e também deve ser treinada em situação real de competição nos estímulos de exercícios técnicos e táticos. Os atletas de basquetebol podem continuar seus desenvolvimentos com base nas fases anteriores, com os exercícios sendo trabalhados dentro da quadra ou campo de jogo, juntamente com os elementos técnicos e táticos que envolvem o jogo, e fora da quadra ou campo de jogo, nos aparelhos de musculação, buscando a preparação mais generalizada e física.

Para a preparação da técnica (fundamentos ou habilidades) do basquetebol nessa fase, Matveev (1980) e Filin (1996) destacam os exercícios gerais, que são aqueles que não possuem semelhança com os principais gestos motores, e que devem ser treinados desde as fases anteriores por intermédio dos exercícios sincronizados,

analíticos, jogos, entre outros – permanecem, porém, com destaque às exigências específicas das competições. Já os exercícios especiais – aqueles muito parecidos com os executados nas competições – representam, nessa fase, um meio que condiciona os melhores ritmos de crescimento dos resultados desportivos superiores em basquetebol. Esses exercícios (especiais) podem ser desenvolvidos no basquetebol, por exemplo, associando os elementos dos sistemas táticos através dos jogos coletivos e das situações de jogo 1x1, 2x3, 3x3 e 2x1, com inferioridade numérica tanto na defesa como no ataque e contra-ataque, para condicionar os atletas em situações reais de competição. As competições, por sua vez, promovem as reais condições de jogo, nas quais os aspectos psicofisiológicos são diretamente acionados. Somente com uma organização pedagógica planejada de treinamento dos conteúdos técnico-táticos pode ser possível aproximar níveis ótimos, quando os objetivos são os resultados superiores.

Os sistemas táticos, nessa fase, constituem os mais importantes instrumentos que o técnico tem para aprofundar os conhecimentos dos atletas de forma bastante detalhada, no que se refere às estratégias defensivas e ofensivas, direcionando e aproximando as leituras sobre as ações dos adversários, formando as competências necessárias para a fase adulta.

Além desses fatores, outros fatores complementares de alta relevância devem ser disponibilizados para a otimização do treinamento dos técnicos e preparadores em geral e dos resultados nas competições. Torna-se necessária, assim, a organização técnico-físico-material, ou seja, o apoio dos fatores que complementam a preparação dos atletas de basquetebol. Os atletas, nessa fase, treinam em centros ou clubes profissionais e devem contar com o apoio de médicos, fisioterapeutas, nutricionistas, preparadores físicos e psicólogos, além de outros influenciadores do processo, a fim de obter e manter os resultados superiores.

A etapa de preparação técnica e tática dos jovens atletas de basquetebol para as competições nacionais e internacionais inicia-se nesse momento e é marcada pela dedicação exclusiva nessa modalidade durante muitos anos nas competições. Inicia-se nas escolas, passando pelos centros de treinamento, seguindo nas competições municipais, regionais, estaduais até ao encontro das nacionais onde uma minoria consegue atingir o nível para competir nas competições internacionais.



A diferença agora é que a preparação visa aos resultados superiores e o treinamento técnico tático deverá ser periodizado desde as categorias infante, cadete, passando pela juvenil até a sub-21, evitando perder tempo no aperfeiçoamento que só se consegue efetivamente através dos treinamentos intensos e nas competições. Parece que só o treinamento não é eficiente para elevar os atletas às máximas possibilidades competitivas, nas quais as competições organizadas em seqüência no processo de ensino poderá trazer maiores contribuições de performance. São elas as competições preparatórias, seletivas, modelares e as principais. No entanto, conseguirão ótimas performances se passarem por diferentes níveis de competições estaduais e nacionais durante todo o processo de preparação e, segundo Matveev (1997), é só na atividade competitiva que se manifestam as reais capacidades competitivas dos atletas. Sendo assim, a experiência em competições precisa ser planejada para que os atletas possam se preparar utilizando a própria atividade competitiva. Dessa forma, o nível técnico e tático irá ano a ano chegando ao melhor da forma desportiva. Assim, as seleções estaduais e nacionais precisam experimentar suas competências técnicas e táticas num processo de preparação que leva aproximadamente 5-6 anos até os resultados superiores, ou seja, os resultados de maior expressão para o País.

O processo de treinamento especializado, planejado e sistematizado no basquetebol tem duração média de seis a dez anos até atingir os melhores resultados na fase adulta, em competições de nível internacional. Nas categorias infante e cadete, isto se dá quando se trata de seleções nacionais que devem priorizar as seleções permanentes tanto estaduais como nacionais, a fim de melhor prepará-los para o nível internacional, segundo Oliveira e Paes (2002, 2003 e 2004), com base nos estudos de Matveev (1980), Zakharov e Gomes (1992) e Filin (1996).

Após a explanação sobre a pedagogia do desporto e as etapas de iniciação e especialização dos atletas de basquetebol, é apresentada a seguir uma pesquisa de campo envolvendo os assuntos pertinentes à utilização dos conhecimentos baseados na aplicação prática de técnicos renomados do basquetebol brasileiro, bem como a análise do processo de ensino-aprendizagem de professores universitários Mestres e Doutores.

## CAPÍTULO III

# PROCESSO E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

### 1. O contexto da pesquisa

Esta pesquisa tem como principal objetivo. Explorar o conhecimento acumulado de técnicos brasileiros e professores do ensino superior em relação ao processo ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol do Brasil. Esse processo de formação desportiva foi organizado em duas etapas, uma de iniciação e outra de especialização, considerando as teorias do processo de ensino-aprendizagem do desporto coletivo - basquetebol.

Entende-se que, com a aproximação das ciências aplicadas ao desporto no ensino superior, por meio dos professores universitários, com a cultura prática dos técnicos renomados de diversos clubes e das seleções nacionais, potencializam-se as discussões, melhora-se a qualidade do material teórico produzido sobre o ensino do basquetebol e apresenta-se uma contribuição teórica para o desporto brasileiro, além de promover uma repercussão positiva para a área do basquetebol no Brasil.

A etapa de iniciação desportiva é caracterizada pelo início da pré-adolescência por volta de 11 anos até o final da puberdade por volta dos 14/16 anos e a etapa de especialização, que percorre a partir dessas idades até aproximadamente 18/19 anos, Weineck (1999) e Bompa (2002). Ressaltando as diferenças entre meninos e meninas busca-se as formas mais modernas de preparação, proporcionando aos atletas as competências técnico-táticas atuais para atuarem na fase adulta em busca do sucesso desportivo. Essas etapas compreendem a aprendizagem de conteúdos diferenciados em diversas fases de desenvolvimento (OLIVEIRA e PAES, 2002 e 2004).

#### ***1.1. Procedimentos e o percurso escolhido para a realização da pesquisa de campo***

Esta pesquisa caracteriza-se como sendo descritiva e exploratória e, de acordo

com Thomas e Nelson (2002), tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis, utilizando técnicas padronizadas de coleta de dados que serão analisadas de forma quantitativa e principalmente de forma qualitativa. A pesquisa qualitativa para Thomas e Nelson (2002) tem como foco a essência do fenômeno, no qual a visão do mundo varia com a percepção de cada um e é altamente subjetiva e os objetivos primeiramente buscam a descrição, a compreensão e depois a busca dos significados. O pesquisador não manipula as variáveis por meio de tratamentos experimentais, interessando-se mais pelo processo do que pelo produto. O pesquisador observa e coleta os dados no campo, isto é, no ambiente natural. Já a pesquisa quantitativa usa medidas para testar hipóteses, ou busca padrões numéricos relacionados a conceitos cotidianos e entende-se que a pesquisa quali-quantitativa pode usufruir de dados qualitativos a partir da análise dos dados e pela interpretação e experiência do pesquisador inferindo ou não em dados quantitativos (THOMAS e NELSON, 2002).

Neste estudo, os dados quantitativos objetivam evidenciar melhor alguns padrões de respostas, contribuindo para o processo de análise qualitativa. Nessa perspectiva, analisar e quantificar os elementos caracterizados pela relação entre dois ambientes é o propósito.

## ***1.2. Desenho do estudo***

Esta pesquisa tem seu desenho de investigação dividido em dois ambientes. O ambiente (A) trata dos técnicos renomados que atuaram e/ou atuam na prática com iniciação e especialização de atletas do basquetebol brasileiro. O ambiente (B) trata de professores Mestres e Doutores que atuam com o ensino do basquetebol nas universidades brasileiras. Procedeu-se, por conseguinte, a uma investigação sobre o processo de ensino-treinamento de atletas de basquetebol no Brasil.

### **Quadro 7 – Ambiente A: Técnicos de basquetebol do Brasil**

Ambiente (A)	Técnicos de seleções estaduais e nacionais que representaram e representam o Estado e o País entre 1980 e 2005
--------------	--

### **Quadro 8 – Ambiente B: Professores universitários**

Ambiente (B)	Professores Mestres e Doutores que atuam com o ensino do basquetebol em universidades brasileiras
--------------	---

Assim sendo, o objetivo é explorar o conhecimento de técnicos renomados do basquetebol brasileiro, bem como de professores universitários Mestres e Doutores, visando contextualizar o processo de ensino do basquetebol tanto no ambiente universitário quanto por equipes nacionais.

#### **1.3. Instrumento de medida**

O instrumento de medida utilizado foi a entrevista semi-estruturada (Anexo III). Foram utilizadas fichas com dados pessoais atuais e um questionário com perguntas semi-estruturadas pré-elaborado. Para gravar os depoimentos, foi utilizado um minigravador e fitas cassete de 60 minutos, uma para cada técnico e professor entrevistado. As entrevistas foram gravadas em sua maioria na residência dos professores e técnicos e outras restantes nos locais de treinamento e de aulas. Posteriormente as explicações técnicas sobre o método, procedeu-se à coleta. A duração das entrevistas variou entre uma hora e meia a duas horas.

#### **1.4. Estudo piloto**

O estudo piloto caracterizou-se como sendo muito importante para corrigir possíveis erros e para a validação e objetividade e também para melhorar as questões temáticas e adequá-las aos objetivos do estudo. Foram realizados vários estudos preliminares (OLIVEIRA e PAES, 2002; OLIVEIRA e PAES, 2003) com a tentativa da

entrevista semi-estruturada e ambos os estudos foram publicados. Com base nesses estudos, estruturou-se o estudo piloto e foi utilizado com um técnico de renome internacional e um Professor Doutor universitário, para, enfim, adaptá-lo às exigências do presente estudo que faziam parte da população pretendida para responder às questões temáticas. As respostas foram examinadas para determinar se as questões eram claras, apropriadas e se estavam adequadamente formuladas. Após essa análise, o questionário foi corrigido e também o roteiro para as entrevistas do projeto final (Anexo III).

### ***1.5. Definição dos participantes e os aspectos éticos da pesquisa***

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Campinas, comprovado pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido fornecido (Anexo VI)

Como procedimento da coleta de dados, as entrevistas foram gravadas e as perguntas apresentadas com antecedência ao entrevistado, não contendo caráter de invasão de privacidade, dizendo respeito somente a conceitos gerais e específicos do ensino e da preparação dos jovens atletas de basquetebol para as competições nacionais e internacionais.

As entrevistas, depois de gravadas, foram transcritas na íntegra para posterior análise. Então, foi possível contar com o conhecimento acumulado de parte dos técnicos profissionais que atuam e/ou já atuaram com o desporto, basquetebol nas mais diversas categorias de ensino, em nível nacional e internacional, bem como dos professores universitários que atuam com o ensino do basquetebol atualmente nas universidades brasileiras. Triviños (1987) assevera que as informações são destaques, sendo permitido o aperfeiçoamento das idéias por eles expostas, com suas próprias palavras gravadas. As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade dos sujeitos, em locais e datas sugeridas pelos mesmos, nos meses de março a julho de 2006.

### **1.6. Sujeitos do estudo**

Os sujeitos do estudo foram onze professores com titulação de Mestres e Doutores que atuam com o ensino da disciplina que envolve a modalidade basquetebol em universidades brasileiras e 11 técnicos de basquetebol; sendo eles sete técnicos que já passaram ou estão nas seleções nacionais; e quatro técnicos pertencentes a equipes de relevância nacional na atualidade. Para melhor compreensão, é apresentado no Quadro 9 e 10 o contexto e o perfil dos entrevistados com seus nomes, profissão, formação acadêmica, universidades onde atuam, deixando claro que os sujeitos foram muito receptivos ao estudo assim que receberam o convite.

### **1.7. Contato com os entrevistados e os procedimentos da coleta de dados**

Foi utilizado para contactar os informantes os meios virtuais, como e-mail, e o telefone e fax. O primeiro contato foi por e-mail (Anexo VII) no qual era explicado para os responsáveis da confederação brasileira, técnico, assessor de imprensa, bem como para os cientistas do desporto os motivos da pesquisa e justificando sua importância para o basquetebol nacional. Posteriormente, foram marcados horários e locais previamente determinados nos quais foi explicitado o roteiro da entrevista e procedida à coleta dos dados. As coletas foram realizadas no período de março a julho de 2006 nas cidades dos técnicos e dos professores universitários em local designado antecipadamente. Foram percorridos de avião, ônibus e carro aproximadamente 14 mil quilômetros até o final da coleta de dados.

**Quadro 9 – Perfil dos sujeitos do ambiente A - Professores universitários envolvidos na pesquisa.**

<b>Professores Ms e Drs</b>	<b>Profissão</b>	<b>Formação Acadêmica</b>
P1	Professor Universitário	Doutorado
P2	Professor Universitário	Doutorado
P3	Professor Universitário	Doutorado
P4	Professor Universitário	Doutorado
P5	Professor Universitário	Mestrado
P6	Professor Universitário	Doutorado
P7	Professor Universitário	Mestrado
P8	Professor Universitário	Mestrado
P9	Professor Universitário	Mestrado
P10	Professor Universitário	Doutorado
P11	Professor Universitário	Mestrado

Fonte: O estudo.

**Quadro 10 – Perfil dos sujeitos do ambiente B - Técnicos renomados envolvidos na pesquisa.**

<b>Técnico</b>	<b>Profissão</b>	<b>Formação Acadêmica</b>
T1	Técnico de basquetebol	Professor EF
T2	Técnico de basquetebol	Professor EF
T3	Técnico de basquetebol	Professor EF
T4	Técnico de basquetebol	Professor EF
T5	Técnico de basquetebol	Professor EF
T6	Técnico de basquetebol	Professor EF
T7	Técnico de basquetebol	Professor EF
T8	Técnico de basquetebol	Professor EF
T9	Técnico de basquetebol	Professor EF
T10	Técnico de basquetebol	Professor EF
T11	Técnico de basquetebol	Professor EF

Fonte: O estudo.

## **2. Procedimentos para analisar os dados da pesquisa**

### **2.1. Análise qualitativa dos conteúdos: Análise de conteúdo**

Para analisar os dados, utilizou-se a análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977), esta pode ser definida como um conjunto de técnicas de análise de

comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

A análise de conteúdo das entrevistas tem como objetivo descobrir o que está distante dos conhecimentos científicos “lá na cultura popular”, através dos conteúdos explicitamente manifestos, significando os conteúdos latentes, que interessam para a pesquisa e para o pesquisador. As latências podem ser entendidas como os aspectos que permanecem escondidos nas falas, que não se manifestam, estão ocultos, subentendidos, ou ainda, dissimulados nas respostas. Busca-se, assim, selecionar e inferir os aspectos e indicadores que interessa para melhor compreender o tema problematizado a ser pesquisado (BALBINO, 2005).

A técnica utilizada foi a análise diferencial de categorias, na qual serão definidos três tipos de categorias para analisar os conteúdos extraídos das entrevistas e, de acordo com Bardin (1977), devem proceder da seguinte forma: a) pré-análise; b) exploração do material; c) interpretação e inferência. Foram elaboradas as **categorias**, na qual a análise procedeu-se de forma individualizada e coletiva entre os técnicos e entre os professores universitários da seguinte forma: *“conteúdo de ensino-treinamento e metodologia de ensino-treinamento da técnica e da tática”* - **A exploração do material e a pré-análise:** tiveram seu início juntamente com a pré-análise, com destaque para a descrição analítica que baseia-se nos estudos aprofundados dos documentos que constituíram as partes essenciais e relevantes da investigação, nesse caso dos conteúdos das entrevistas e também orientados pelos objetivos gerais e específicos, bem como nos referenciais teóricos. Bardin (1977) reafirma que a descrição analítica funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

**Pré-análise e inferência individual:** constituiu-se na organização do material, com o objetivo de determinar com quais estratégias seriam coletados e recolhidos os dados e como as informações seriam compostas para a posterior análise e inferência individual, com vistas a analisar os conteúdos extraídos das falas e quantificar parte deles, qualificá-los e encaminhá-los para a discussão coletiva e elaboração das teses



do estudo.

**A inferência e a interpretação individual e coletiva:** aqui as reflexões foram elaboradas com o apoio das fases anteriores e dos materiais que construíram as fontes teóricas de informação. O objetivo final do estudo foi focar sua análise nos conteúdos latentes apresentados pelos documentos, no caso, dos conteúdos dos questionários e das entrevistas de onde se produziu as considerações individuais e coletivas e as sinalizações futuras. Essa análise comporta um feixe de relações e foi também graficamente apresentada através de uma palavra ou frase. “As comunicações são unidades de significações que se libera naturalmente de um texto analisado, segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (BARDIN, 1977, p. 195).

Ainda sobre esse assunto, Triviños (1987) afirmou ser possível aplicar essa técnica principalmente na pesquisa qualitativa, comprimindo e otimizando as relações sobre a ótica de um determinado fenômeno entre pesquisador e pesquisados. Segundo o autor, esse método tem uma história que remonta às primeiras tentativas que os homens realizaram para interpretar os textos sagrados, passando por sistematizações mais refinadas nos séculos XVII e XIX, na Suécia e na França, respectivamente. O método atinge sua maturidade quando, em 1948, Berelson e Lazarsfeldt publicam uma obra sobre a análise de conteúdo, estabelecendo regras e os princípios da análise (TRIVIÑOS, 1987). A configuração em detalhes do método ocorreu em 1977, por meio da publicação de Bardin, *L'analyse de contenu*, no qual se fundamenta o processo de investigação deste estudo, a fim de validar sua investigação, como se vê a seguir.

## **2.2. Análise quantitativa dos conteúdos: Frequência e percentual**

Para a compreensão dos resultados quantitativos, foi utilizado a frequência e percentual dos dados, no que se refere às informações de natureza qualitativa. Foi extraído das falas dos entrevistados determinada quantidade de idéias que são convergentes e divergentes entre eles que, nesse caso, são os técnicos e professores universitários, amparadas pela literatura vigente e pela experiência do pesquisador. Thomas e Nelson (2002) pontuaram que, analisar quantitativamente dados qualitativos não significa apenas uma técnica de pesquisa, mas a sistematização científica de

princípios e conceitos, e que “qualquer comunicação, isto é, qualquer transporte de significados de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos neste caso) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção (variáveis inferidas) destas mensagens, (BARDIN, 1977).

### ***2.3. Estudos realizados na área da Educação Física utilizando o método de análise de conteúdo***

Com o intuito de respaldar melhor a aplicação do método de análise de conteúdo na tese, buscou-se verificar outros estudos em nível de Mestrado e Doutorado os quais utilizaram esse método. Esses procedimentos foram aplicados no campo da pesquisa qualitativa em Ciências Sociais e, mais recentemente, em Educação Física por Paes (1989), Montagner (1999), Vieira (1999a), (Vieira1999b), Oliveira (2002) e Scaglia (1999; 2003) e Balbino (2005).

Paes (1989) entrevistou atletas, ex-atletas, técnicos de relevância nacional do basquetebol, com vistas à aprendizagem e à especialização precoce, identificando que alguns atletas que chegaram na seleção nacional se especializaram em basquetebol após 12 anos de idade. Um estudo em nível de Doutorado que investigou a pedagogia e a aprendizagem esportiva para a formação do atleta no qual foi utilizado tal método foi o de Montagner (1999), considerado como referência para esse processo de investigação a utilização e a adequação do método para a pesquisa qualitativa em Educação Física para Tese de Doutorado. Vieira (1999a) entrevistou técnicos, atletas e dirigentes, buscando identificar o processo de abandono e Vieira (1999b) entrevistou técnicos, atletas e dirigentes, buscando identificar o desenvolvimento dos talentos paranaenses do atletismo.

Oliveira (2002) entrevistou atletas da seleção brasileira, antes da disputa do mundial nos Estados Unidos em 2002, com o objetivo de verificar como se deu a aprendizagem dos conteúdos técnicos e táticos na etapa de iniciação e na etapa de especialização em basquetebol. Scaglia (1999; 2003), na elaboração de Dissertação de

Mestrado e Tese de Doutorado, respectivamente, originariamente utilizou o Método da Análise de Conteúdo, a qual se destina às pesquisas em Ciências Sociais, para entender a relação da aprendizagem desportiva e a pedagogia. Balbino (2004) entrevistou técnicos do desporto coletivo com sucesso em nível nacional e mostrou a relevância desse método, postulando ser o mais adequado para esse tipo de pesquisa, pois o Método da Análise de Conteúdo nessa ocasião possibilitou o contato e a extração de informações relevantes pelo pesquisador para o treinamento nos desportos coletivos por técnicos renomados desses desportos no Brasil. As informações foram utilizadas para a construção de uma pedagogia do treinamento em desportos coletivos orientadas diretamente da ação pedagógica prática dos pesquisados.

#### ***2.4. Elaboração do roteiro de perguntas***

Em referência ao desenvolvimento teórico dos conceitos que envolvem o ensino e treinamento do basquetebol e da possibilidade e necessidade de tratamento pedagógico ao fenômeno dentro das características brasileiras, esta pesquisa foi pautada de acordo com a elaboração de métodos aplicáveis na experiência do pesquisador e dos técnicos que atuam na prática, bem como de profissionais que atuam com o ensino do basquetebol nas universidades no Brasil. Essas intervenções podem, por consequência, superar a questão metodológica da iniciação e do treinamento em basquetebol nos quais a problemática situa-se na maneira de condução e de instruções pertencentes ao processo de iniciação e preparação dos atletas para as competições nacionais e internacionais. Segundo Balbino (2004), nessa fase da pesquisa o objetivo é trazer a discussão-problema em forma de pergunta, permitindo ao pesquisador objetivar e racionalizar a problemática, formulando perguntas claras e significativas, fazendo com que a pesquisa seja exeqüível (LAVILLE; DIONNE, 1999). As questões (Anexo III) formuladas inicialmente para a entrevista, em forma de perguntas avaliativas, seguem a organização apresentada na seqüência.

## **2.5. Transcrição e análise das entrevistas em grupo e coletiva**

A transcrição das entrevistas foi na íntegra das informações obtidas num total de aproximadamente 88 horas de gravações, sendo que cada transcrição durou aproximadamente 4 horas num total de 352 horas de trabalho. Depois de manuscritas, foram digitadas e no final das digitações foram impressas totalizando aproximadamente 150 laudas. O material na íntegra não foi autorizado por todos os entrevistados para a elaboração de um livro texto, mas parte das informações foi utilizada para as discussões dos resultados orientadas pelas questões problemas do estudo no anonimato.

A organização do texto para as discussões dos dados teve uma seqüência definida pelas perguntas do roteiro básico (Anexo III) com destaque para os conteúdos dos manifestos que respondem às perguntas. Para a análise inicial das entrevistas, foi feito um estudo aprofundado dos dados coletados, em que há reconstrução dos conteúdos ainda em forma de perguntas e respostas. Isto originou a organização de um texto básico que é resultado do processo das análises e inferências, norteadas pelas teorias que compõem o corpo teórico, bem como ao objetivo de retratar na forma de síntese os conteúdos das falas individuais para apresentar e discutir os resultados. As normas selecionadas para a utilização das falas no corpo do trabalho foram baseadas em Oliveira (1998) (Anexo I). E para manter em sigilo as informações dos entrevistados e para não direcionar mais uma fala do que outra, utilizou-se a codificação de forma aleatória. Dessa forma, utilizou-ser o T para os Técnicos e o P para os Professores universitários na seguinte ordem: T1, T2 até T11 ou P1, P2 até P 11.

As inferências nas entrevistas foram feitas a partir do corpo teórico, desenvolvido nos capítulos propostos, experiência do pesquisador e do orientador. A possibilidade concreta de transformar em linguagem científica as falas individuais de cada sujeito e posteriormente coletivas em interpretar as informações e apresentá-las, passou a ser a principal missão. Foram realizadas inferências mediante as informações analisadas do grupo e posteriormente da coletividade da amostra, resultado das perguntas específicas. Em seguida, uma primeira fase de discussão diante das interpretações das informações coletadas, em grupo e coletivamente, trabalhou-se com as conclusões

demarcadas pelas categorias analisadas, que têm o objetivo de compor a conclusão final, ou seja, a base para discorrer sobre as proposições, baseado nas discussões dos resultados das análises no qual são afirmadas conclusivamente as idéias iniciais.

## ***2.6. Exposição visual da discussão dos dados***

A descrição analítica e a inferência individual foram disponibilizadas em quadros com letra 10 e espaço simples, e os resultados coletivos estão visualizados em figuras gráficas. Algumas falas dos entrevistados foram utilizadas em forma de recortes no decorrer da discussão e se disponibilizam em letra 12, espaço simples, enquanto que as citações dos autores estão com letra 10 em espaço simples. Já as discussões dos dados foram disponibilizadas em letra 12, espaço 1,5.

## CAPÍTULO IV

# DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Com o intuito de organizar a descrição, análise e a discussão dos resultados da pesquisa, os dados foram descritos e analisados de forma qualitativa e, posteriormente, indicados os resultados de forma quantitativa, seguidos da discussão visando a uma melhor compreensão. Na primeira parte, apresentam-se os resultados referentes ao ensino-treinamento dos conteúdos na etapa de iniciação desportiva - basquetebol e, na segunda, apresentam-se os resultados da etapa de especialização desportiva – basquetebol, segundo Oliveira e Paes (2004). Os dados coletados foram apresentados em forma de sentenças na íntegra das falas dos pesquisados e em alguns casos tabulados em quadros e gráficos, promovendo uma melhor visualização e, a partir desses, em um segundo momento, analisou-se os dados coletivos.

### **1. Etapa de iniciação: a ótica de técnicos e professores universitários em relação ao ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol**

Para a apresentação e discussão dos dados, foram apresentadas as questões temáticas em forma de categorias, a saber: a) ***Conteúdos - fundamentos técnicos - técnica;*** b) ***Metodologia de ensino-treinamento dos fundamentos técnicos - técnica;*** c) ***Conteúdos - sistemas defensivos - Tática;*** d) ***Metodologia de ensino-treinamento dos sistemas defensivos - tática;*** e) ***Conteúdos - sistemas ofensivos - tática;*** f) ***Metodologia de ensino-treinamento dos sistemas ofensivos - tática.***

#### **1.1. Conteúdos - fundamentos técnicos (técnica)**

Nessa categoria, técnicos brasileiros e professores universitários postularam sobre quais **fundamentos técnicos** devem ser ensinados e treinados nas fases iniciais do ensino do basquetebol, que abrangem as faixas etárias de 9-14 anos e passam

pelas categorias pré-mini até aproximadamente a infantil. Seguem os dados, conforme transcrição.

Perfil dos conteúdos de ensino-treinamento dos fundamentos técnicos que os técnicos do basquetebol brasileiro destacam na etapa de iniciação.

T1... Controle do corpo, manuseio da bola, dribles, passes, arremessos de bandeja, rebotes, fundamentos individuais de defesa e ataque.

T2... Que devem ser todos os fundamentos básicos do basquetebol.

T3... Que tem que ser os fundamentos básicos do basquetebol.

T4... Que tem que ser os fundamentos individuais de defesa e ataque.

T5... A importância dos dribles e das fintas.

T6... A importância dos dribles, domínio corporal.

T7... Que são: domínio corporal, passes, dribles, todos os fundamentos de ataque e defesa.

T8... O drible, passe e arremessos, enfim todos os fundamentos.

T9... O giro, mudança de direção, parada brusca, que são domínios do corpo e ainda os dribles, passes e arremessos.

T10... Devem saber dominar o corpo, ter qualidade de saber parar, deslocar, ter equilíbrio, posicionamento e trabalho de perna.... depois domínio de bola que é o manejo da bola, depois passes e dribles, depois arremesso parado e em progressão, de bandeja.

T11... Que devem ser ensinados todos os fundamentos.

Perfil dos conteúdos que os professores mestres e doutores destacam no ensino dos fundamentos técnicos do basquetebol na etapa de iniciação

P1... Todos os fundamentos técnicos, mas o *jump* deve ser posterior.

P2... O domínio do corpo, o drible, os passes, os arremessos, o rebote e assim por diante, menos o arremesso em suspensão que deverá ser nas categorias posteriores.

P3... Todos os fundamentos do basquetebol, depois de uma análise maturacional de cada criança.

P4... Deve trabalhar todos os fundamentos e preocupar-se bastante com a coordenação motora.

P5... Todos os fundamentos, mas primeiro ensinar a correr.

P6... Manipulação da bola, controle da bola, drible, passes, depois tipos diversos de passes, receber e arremessar.

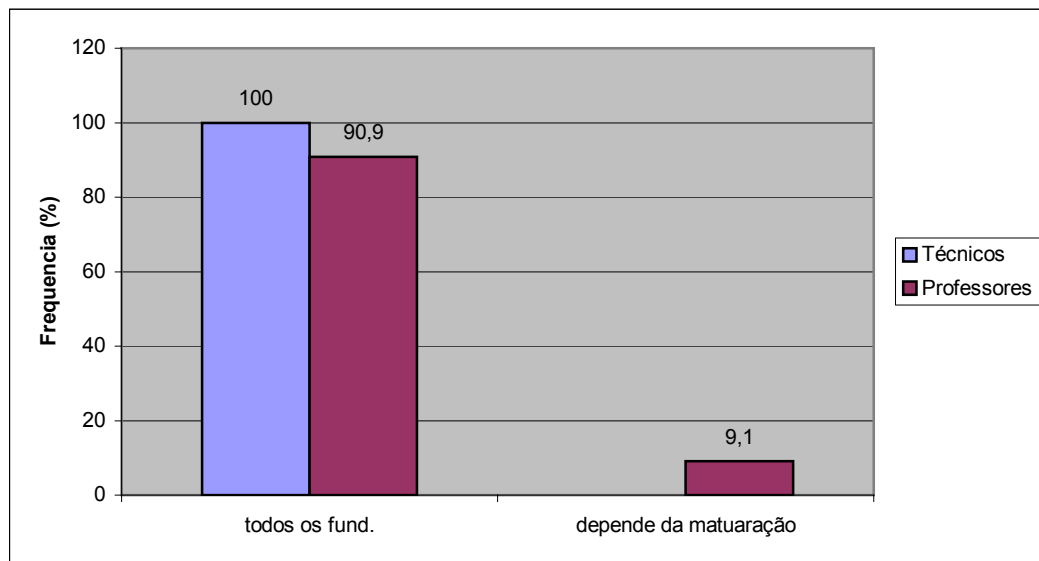
P7... Domínio de corpo, manipulação da bola, passes, drible, arremesso e rebote.

P8... Todos os fundamentos devem ser ensinados, porque são muito importantes.

P9... Início com controle da bola, domínio do corpo, baseado na metodologia do esporte coletivo, depois drible, passes e arremessos.

P10... Todos os fundamentos, principalmente passes e dribles.

P11... Devem ser ensinados todos os fundamentos.



**Gráfico 1 – Distribuição das respostas coletivas em relação ao ensino-treinamento dos conteúdos – fundamentos técnicos.**

Pode-se perceber, de acordo com os depoimentos dos técnicos, que são unânimes em afirmar que os fundamentos básicos do basquetebol devem ser ensinados na etapa de iniciação. Já entre os professores mestres e doutores



universitários, 90,9% entendem que devam ser ensinados todos os fundamentos e 9,1% ainda acrescenta a idéia de que os fatores maturacionais podem influenciar na escolha dos fundamentos no momento do ensino. Parece que a prática dos fundamentos do basquetebol não há uma organização seqüencial no ensino, mas a maioria das opiniões reforça que todos os fundamentos devem ser ensinados na etapa de iniciação com exceção do arremesso em suspensão.

Como se pode ver, os fundamentos individuais de ataque têm sua importância durante todo o processo de iniciação da técnica e da tática dos jovens, mas nas fases iniciais da aprendizagem (10-12 anos) o jogo, as situações de jogo e os exercícios sincronizados parecem ser priorizados nas aulas e treinamentos porque são constituídos coletivamente, tais quais o jogo de basquetebol, e podem ser realizados no tempo e no espaço, adequando-os às ótimas capacidades de jogo e inteligência espacial, o que só se consegue em atividade de grupo e de forma coletiva, principalmente até aproximadamente 14 anos de idade.

Com base na maioria dos depoimentos dos entrevistados desta pesquisa e na literatura corrente sobre a preparação desportiva basquetebol, defende-se que nessa etapa a aprendizagem dos fundamentos do basquetebol aconteça de forma diversificada, quando se tratar de conteúdos e métodos, para evitar a prática fragmentada, no sentido de não ter seqüência nos conteúdos, estereotipada (repetição maçante) e desmotivante, causando estresse nos aprendizes e caracterizando a especialização precoce, principalmente em uma determinada função, como o pivô no basquetebol nunca ter jogado em uma outra função e evitando, principalmente, o abandono precoce.

Os conteúdos fundamentais podem ser desenvolvidos nessa etapa da aprendizagem, em conformidade com a literatura específica do basquetebol, devem ser: o domínio do corpo, a manipulação da bola, o drible, a recepção e os passes, os rebotes, as finalizações, os exercícios sincronizados, as situações de jogo, a transição, as brincadeiras, os jogos pré-desportivos e o jogo de 5x5 (DAIUTO, 1974; BOSC & GROSSEORG, 1981; FERREIRA e DE ROSE, 1987; ALMEIDA, 1998; VILAS BOAS 2004 e OLIVEIRA e PAES, 2004). É unânime entre os autores a disposição desses conteúdos e uma descrição sobre eles será dada.

Primeiramente, o controle do corpo, que significa verificar as orientações corporais no espaço de jogo do basquetebol bem como os deslocamentos, as fintas, entre outros movimentos corporais. Já a manipulação da bola ou manejo da bola, que para Ferreira e De Rose (1987) é a capacidade de manusear a bola nas diversas situações de jogo, deve ser oferecida aos praticantes com a oportunidade de conhecer as diversas possibilidades de movimentos com a bola como rolar, tocar, quicar, segurar, lançar, trocar de mãos e movimentá-la em relação aos planos do corpo. O modo adequado de segurar a bola deve ser ensinado: com ambas as mãos com o objetivo de passar, driblar ou arremessar à cesta. A manipulação da bola, nessa fase, deve ocorrer com exercícios e jogos; os exercícios são individuais, de grupo ou com jogos de forma coletiva, nos quais os alunos ficam espalhados por locais previamente determinados nos campos de jogos. Ressalta-se que a variedade de jogos é muito importante para o desenvolvimento infantil.

Os passes e recepções - passe, no basquetebol, em conformidade com Oliveira e Paes (2004), constituem-se de lançamentos e recepções da bola entre os elementos que compõem o jogo, com a intenção de alcançar melhores condições da passagem da defesa para o ataque e o arremesso à cesta do adversário. Os passes podem ser executados com uma ou com ambas as mãos. Com uma das mãos: picado, à altura do ombro, por baixo, gancho e baixo; com ambas as mãos: altura do tórax, picado, acima da cabeça e baixo; passes especiais: por baixo das pernas e por trás do corpo.

O drible, citando Almeida (1998), é um movimento com a bola no qual os jogadores deslocam-se pela quadra com sua posse, quicando-a no chão sem cometer violações, ou seja, sem infringir as regras do jogo, como dribles ilegais ou dois dribles ou ainda andar com a bola. O drible é executado com a mão apoiada sobre a bola, os dedos apontando para frente, o tronco ligeiramente inclinado para frente, pernas e afastamento antero-posterior e, quando estiverem correndo, motivá-los a não olhar para a bola. Há diversas maneiras de efetuar o drible: com a bola conduzida com o uso da mão direita ou esquerda, alto ou baixo; com troca de mão - drible com a direita e com a esquerda, alto ou baixo; driblando por trás do corpo; driblando por entre as pernas; driblando lateralmente, à direita e à esquerda; driblando com giros, direita e esquerda.

As finalizações são os diversos tipos de arremessos e, segundo Oliveira e Paes (2002), é o ato principal do ataque, efetuado com a finalidade de conseguir a cesta e marcar os pontos. Para Daiuto (1974), há múltiplas formas de arremessar: de *bandeja* – executado quando o atacante encontra-se em deslocamento nas proximidades da cesta adversária. É um tipo de arremesso que se caracteriza pela execução de dois tempos rítmicos, com impulsão em uma só perna, direita ou esquerda; arremesso com ambas as mãos no início, em função da cesta no basquetebol estar numa posição muito alta e não serem todos os locais de prática que possuem cestas adaptadas; depois, com uma das mãos - realizado quando o atacante estiver em deslocamento próximo da cesta, primeiramente, e depois, nas médias distâncias e, posteriormente, quando os alunos forem aumentando a força e a habilidade para arremessar, iniciar o *jump* e poder arremessar de distâncias maiores, por exemplo da linha de três pontos; *arremesso de jump* - realizado partindo de uma posição estática e também em deslocamento próximo à cesta no início e depois mais distante; há ainda o arremesso de gancho, muito utilizado pelos pivôs, que é um tipo de arremesso de curta que visa principalmente evitar o bloqueio (toco) dos adversários em função da distância que o mesmo proporciona ao atacante do adversário no momento do arremesso.

O rebote é o ato de recuperar a bola após um arremesso, não convertido tanto na defensiva quanto na ofensiva, segundo Ferreira e De Rose (1987). Por rebote defensivo, entende-se a recuperação da bola por um defensor após o arremesso não convertido do adversário. O rebote ofensivo é a recuperação da bola após o arremesso não convertido de um companheiro de equipe. Os jovens praticantes desde pequenos devem ser estimulados a se posicionar, utilizar a motivação para as disputas de espaços, a visão para acompanhar o deslocamento da bola, o corpo para proteger o rebote defensivo e a participarem do rebote ofensivo, mesmo que não tenham sucesso, porque se entende que esse é um fundamento muito importante para futuras especializações e até para otimizar os resultados desportivos (BARRETO, 2001).

Os fundamentos sincronizados, de acordo com Oliveira e Paes (2004), têm como finalidade principal a execução dos conceitos apreendidos individualmente, de defesa e de ataque, de uma forma aproximada da situação real de jogo, ou seja, em grupo e coletivamente. A exigência, para o executante, deve ser maior do que nas fases de

aprendizagem e automatização do que na primeira fase da iniciação, em função do domínio bilateral, da visão periférica, por ter que correr de frente e passar a bola de lado e, às vezes, para trás, uma vez que nos exercícios sincronizados são necessárias ações encadeadas que deverão ser executadas no tempo e no espaço adequados. Assim sendo, os profissionais devem entender a estrutura temporal da aprendizagem para aos poucos ir corrigindo os movimentos, haja vista que no início haverá muitos erros. Bosc e Grosgeorg (1981) observaram que pode levar de 2 a 5 anos para essas ações se desencadearem de forma sincronizada perfeita no tempo e no espaço, com a presença dos defensores, e essas ações envolvem o domínio do corpo, manipulação da bola, passes e recepção, drible de modo sincronizado entre os jogadores, exigindo funções dinâmicas com a posse ou não da bola, desenvolvendo o raciocínio, a tensão e a tomada de decisão, importantíssima principalmente para quem tem nas suas filosofias de jogo o contra-ataque.

As situações de jogo, para uma excelente obtenção do desempenho coletivo, são imprescindíveis para que os praticantes vivenciem situações próximas ao jogo. Essas situações devem ser experimentadas de forma progressiva de execução: um contra um (1x1), dois contra dois (2x2), três contra três (3x3), quatro contra quatro (4x4), cinco contra cinco (5x5), igualdade numérica, e dois contra um (2x1), três contra dois (3x2), quatro contra três (4x3), cinco contra quatro (5x4), com desigualdade numérica, em meia quadra e quadra inteira.

A transição, no basquetebol, caracteriza-se pela passagem do sistema defensivo para o ofensivo e vice-versa, exigindo dos jogadores raciocínio mais rápido e maior velocidade nas tomadas de decisões. Isto em função das mudanças nas regras, na qual o atacante passou a ter menos tempo de passagem da defesa para o ataque, de 10 para 8 segundos, e de 30 para 24 segundos para realizar todo o ataque, tornando o jogo de basquete mais dinâmico. Essas modificações elevaram a transição a uma ótima possibilidade ofensiva no processo de ensino do jogo coletivo de basquetebol, pois a mesma pode surpreender os adversários após sua ação ofensiva. A transição pode ser utilizada pelos técnicos com a intenção de definir, o mais rápido possível, um lance após a requisição da bola. Nas fases iniciais da aprendizagem do basquetebol, devem-se aplicar exercícios sincronizados com vantagem e desvantagem numérica. Exemplo:

2x1, 3x2 e vice-versa. Busca-se construir hábitos motores de forma simplificada, sem posicionamentos predefinidos, muito complexos de execução nessa fase para serem executados pelos jovens iniciantes, deixando a complexidade total para as fases de especialização.

As brincadeiras e jogos pré-desportivos, as atividades diversificadas praticadas em forma de brincadeiras e os jogos pré-desportivos servem como suporte para o interesse em iniciar a aprendizagem do basquetebol. Pode-se asseverar que a diversificação de modalidades desportivas, no processo de desenvolvimento, equivale à etapa de iniciação na qual as experiências de movimento podem ser transferidas para a especialização dos gestos específicos do basquetebol no futuro.

O jogo de 5x5 é recomendado nessa fase para ensinar o posicionamento básico aos pré-adolescentes; estes devem ocupar os espaços livres na saída para o ataque, preparando-se, assim, para contra-ataques futuros com posições determinadas. A pretensão é ensiná-los a ler a defesa e a compreenderem como os adversários elaboram o equilíbrio defensivo. Os passes devem ser rápidos e os dribles velozes; deve-se estimular a ocupação dos espaços nos corredores central, esquerdo e direito da quadra de jogo, visando a finalizar por arremessos de bandeja de curta distância, primeiramente e, depois, por ataques armados. Torna-se relevante o ensino do jogo de 5x5 utilizando toda a quadra, inicialmente e, depois, meia quadra – uma questão de inteligência espacial.

Vejam os depoimentos de alguns técnicos e professores e as similaridades com a literatura do basquetebol:

“... eu acho que todos os fundamentos devem ser ensinados... o problema é como eles devem ser ensinados... é claro que alguns são mais complexos e aí a gente não consegue ensinar de forma adequada... por exemplo, eu acho o *jump* um movimento muito complexo a ser ensinado na iniciação porque ele depende de uma coordenação motora de membros inferiores... e que é muito difícil uma criança na iniciação executar... é mais fácil ela executar um movimento mais simples que o *jump*... agora, os outros fundamentos todos podem ser ensinados...” (P1)

Autores do basquetebol, como Paes (2001), e Oliveira e Paes (2004), apregoam que a aprendizagem dos fundamentos específicos do basquetebol deve acontecer aos 11 e 12 anos na idade cronológica, aproximadamente, correspondendo às 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup>

séries, e nessa primeira fase, os iniciantes devem ter uma vivência rica em movimentos passando por todos os fundamentos básicos e a aquisição básica dos fundamentos deve acontecer juntamente com o desenvolvimento psicomotor integral, para possibilitar a execução de tarefas mais complexas no futuro, principalmente nos aspectos da coordenação motora. No entanto, deve-se evitar a especialização precoce, ampliando a preparação multilateral. Já no período de desenvolvimento chamado fase de aprendizagem inicial e de refinamento da aprendizagem, que tem como alvo os alunos da 7ª e 8ª séries do ensino fundamental, com idade aproximada de 13 a 14 anos, deve-se reiterar os conteúdos assimilados anteriormente, automatizando-os e refinando-os, obtendo novos conceitos, os quais contemplam as situações de jogo, transição e sistemas ofensivos e defensivos.

Esta tese é confirmada pelo depoimento a seguir:

“... bom, na iniciação é muito importante fazer todo um trabalho em cima da coordenação, principalmente para o basquetebol e principalmente de 7 a 10 anos de idade, onde os garotos começam a dominar alguns fundamentos e também a saltar, pular... então, essa parte da coordenação é muito importante com e sem bola... nas categorias de mini-mirim, devem ser priorizados os fundamentos básicos como o passe, drible e todos os outros, e os movimentos básicos... temos que trabalhar os fundamentos nas categorias de base deixando o lado lúdico e o lado criativo das crianças se desenvolver...” (T7)

A partir da literatura disponível e dos recortes das entrevistas, os conteúdos para o ensino-treinamento dos fundamentos técnicos, na etapa que envolve as categorias pré-mini, mini, mirim e até infantil, podem ser trabalhados o domínio do corpo e/ou o controle corporal definido, segundo Daiuto (1974), como a capacidade de realizar movimentos e gestos específicos do basquetebol, controlando o corpo no tempo e espaço exigidos pela dinâmica do jogo. Nessa fase, o desenvolvimento das capacidades motoras técnicas e táticas que visam a melhorar o controle corporal deve ser trabalhado com e sem materiais, mas é indicada a presença de diversos tipos de bolas e materiais alternativos com vistas a motivar os praticantes. Os movimentos devem ser direcionados da seguinte forma: corridas para frente, trás e lado, em diagonal, acarretando mudanças de direção, fintas, giros, paradas bruscas, saídas rápidas e diversos tipos de saltos através de jogos, brincadeiras e exercícios. Percebam

uma entrevista que aponta convergências com a produção científica de Moacir Daiuto (1974):

“... eu ensinaria da seguinte forma... controle do corpo, porque ele precisa controlar o corpo dele... depois... o controle da bola ou o manuseio da bola de basquete, tamanho, peso, etc... depois o drible / então ensinaria o drible para ele... depois os passes porque ele tem companheiros no jogo... depois ele vai se aproximar da cesta... então ele precisa aprender os arremessos e nessa idade devem aprender a bandeja e os arremessos de média distância e dependendo da fase de desenvolvimento pode ser o *jump* / e se ele não conseguir saltar é importante o gesto técnico do arremesso... depois o rebote... paralelo a isso os fundamentos individuais da defesa principalmente o controle do corpo / porque na defesa você vai se deslocar sem a bola e precisa ter um bom domínio corporal...”(T2)

Nas fases iniciais do ensino, em idades aproximadas entre 9 e 14 anos, a literatura do ensino dos desportos coletivos, presente em autores como Greco (1998), Garganta (1998) e Oliveira e Paes (2002), argumenta que devem ser ensinados todos os fundamentos básicos das modalidades coletivas, relacionadas aos padrões motores do domínio do corpo, como saltar, girar, lançar, passar, driblar e arremessar. Por volta dos 11-12 anos é que devem ser incorporados os fundamentos mais complexos, como o corta luz parado, as fintas, o rebote parado com salto sem marcação e depois, nas situações de 1x1, a bandeja pelo lado esquerdo para os destros e para o lado direito para os sinistros ou canhotos e o arremesso em suspensão em curtas e médias distâncias, e esses fundamentos começam a acontecer de forma sincronizada, em que a interligação de um com o outro é denominada jogo (FERREIRA, 1997). Por volta dos 13-14 anos, fase que Daiuto (1974) já destacava como fase de automatização, na qual a maioria dos adolescentes, principalmente as meninas, já estão próximas de uma especialização mais estreita no basquetebol, e os fundamentos chegaram a sua complexidade na escala de aprendizagem, pode-se treinar o corta luz em movimento em situações de 1x1, 2x2 e 3x3, o gancho em 1x0 e 1x1 e o arremesso em suspensão com a mão dominante e não dominante, primeiro sem marcação e depois em situações de 1x1 e assim sucessivamente.

## **1.2. Metodologias de ensino-treinamento dos fundamentos técnicos (técnica)**

É apresentado agora o perfil dos métodos que os técnicos do basquetebol brasileiro destacam no ensino-treinamento dos fundamentos técnicos do basquetebol na etapa de iniciação.

T1... Deve ser através de exercícios individuais para os de grupo e por fim coletivos ou o jogo de 5x5. O jogo pode ser um recurso lúdico, mas acha que deve ser uma estratégia pedagógica e não um instrumento principal no ensino.

T2... Deve ser através de exercícios individuais para os de grupo e por fim coletivos ou o jogo de 5x5. Para que elas tenham ótimas condições táticas na fase adulta.

T3...Do jogo para os exercícios individuais. Utiliza os jogos desportivos - para aprenderem melhor e com liberdade nas ações.

T4... Dos exercícios individuais para os de grupo e por fim coletivos ou o jogo de 5x5. Para que eles tenham boas condições de jogar na defesa e no ataque.

T5... dos exercícios individuais para os de grupo e por fim coletivos ou o jogo de 5x5. Você tem que treinar fundamento sempre.

T6... Dos exercícios individuais para os de grupo e por fim coletivos ou o jogo de 5x5. Se ele tiver os fundamentos bem treinados ele não terá muita dificuldade com a tática.

T7... Dos exercícios individuais para os de grupo e por fim coletivos ou o jogo de 5x5. Para ela já ir entendendo a importância dos fundamentos.

T8... Dos exercícios individuais para os de grupo e por fim coletivos ou o jogo de 5x5. Para que eles tenham um bom domínio das habilidades.

T9... Dos exercícios individuais para os de grupo e por fim coletivos ou o jogo de 5x5. Para ter um bom domínio das habilidades.

T10...Dos exercícios individuais para os de grupo e por fim coletivos ou o jogo de 5x5. Para que os fundamentos sejam bem aprendidos.

T11... Deve se utilizar principalmente do jogo de forma motivante. Em função da desistência que tem ocorrido ultimamente.

Perfil dos métodos que os professores mestres e doutores destacam no ensino dos fundamentos técnicos do basquetebol na etapa de iniciação.



P1... Os fundamentos devem ser aprendidos no jogo como principal instrumento. Colocar duas crianças uma de frente para outra passando a bola, isso é uma coisa que eu diria trivial, agora como é o comportamento desse fundamento em jogo.

P2... Todos os métodos devem ser utilizados. Julgo que deveríamos ter critérios específicos para a metodologia da fundamentação básica do basquetebol para essas categorias.

P3... Todos os métodos devem ser utilizados. Antes de pensar em fundamentos técnicos no ensino, devemos pensar qual é o grau de maturidade esportiva das crianças nessas fases para o ensino dos fundamentos.

P4... Através de exercícios individuais. Para que ela tenha um bom desenvolvimento das habilidades.

P5... Ensinar bem os fundamentos individuais e ensinar a jogar em trabalhos de grupo. Se você deixar a criança sozinha, ela não faz fundamentos de drible ou passe, ela vai direto para cesta, e quando ela está com mais um companheiro, ela quer jogar.

P6... Através de jogos com algumas regras básicas. Até por volta de 14 deve ser lúdico para não perder a oportunidade de valorizar todos e não desmotivar um ou outro.

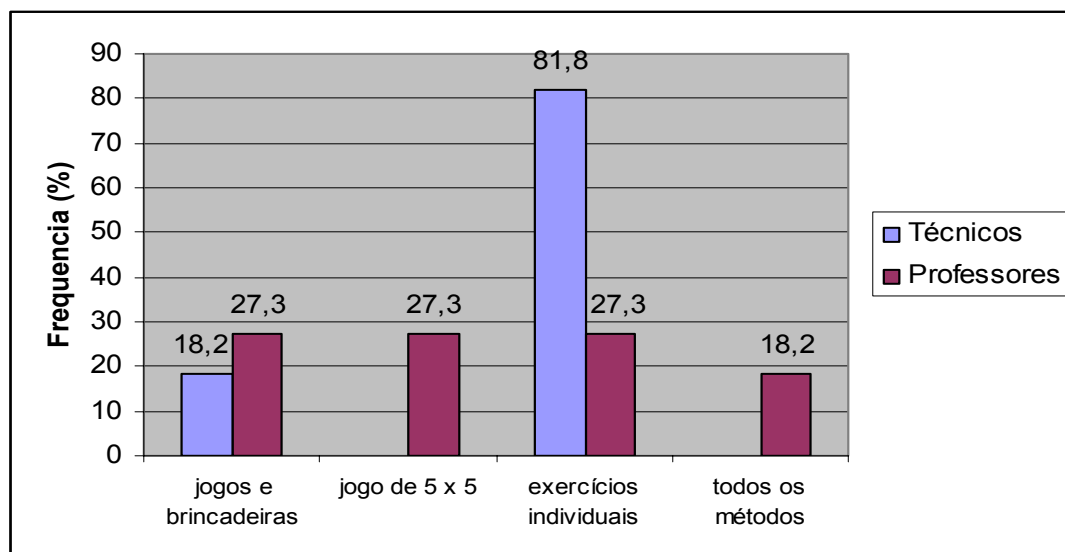
P7... Os métodos que eu utilizo são jogos, brincadeiras onde estão inseridos os fundamentos. Defendo o jogo porque ele é muito importante para motivar os praticantes.

P8... Do jogo para os fundamentos. A criança quer jogar, então ensinamos os fundamentos enquanto elas jogam.

P9... Do jogo para os exercícios individuais, mas todos os métodos devem ser utilizados. Partindo do jogo, porque elas jogam para aprender e não aprendem para jogar.

P10... Dos exercícios para o jogo. Para que elas tenham uma ótima fundamentação.

P11... Do jogo para os exercícios. Em função dos interesses das crianças.



**Gráfico 2 – Distribuição das respostas coletivas em relação aos métodos de treinamento dos fundamentos técnicos**

Em relação aos métodos de ensino na etapa de iniciação, 18,2% dos técnicos defendem a importância dos jogos e brincadeiras, e 81,8% defendem a importância dos exercícios como principal método de ensino, porque assinalam que devem partir da técnica individual através dos exercícios analíticos para as técnicas de grupo e coletivas através dos métodos situacionais e de jogo. Os professores destacaram-se em 27,3% defendendo os exercícios como principal método e 27,3% defendendo a importância dos jogos e brincadeiras. Já 27% dos professores preconizaram que a aprendizagem dos fundamentos técnicos do basquetebol deve ocorrer principalmente por meio do jogo de 5x5 e 18,25% entendem que todos os métodos devem ser utilizados, apresentando diferenças e similaridades nas opiniões e nas justificativas da utilização das estratégias.

Segundo Ferreira (2000), são diversas as situações positivas que o jogo proporciona aos iniciantes e que podem levar o professor ou técnico a criar com maior realismo as diversas soluções existentes, para dar respostas aos problemas que são ocasionados pela imprevisibilidade do jogo de basquetebol. E, dessa forma, através do jogo, acredita-se que é possível oferecer o ensino aprendizagem da técnica e da tática de forma mais motivante e equilibrada para os aprendizes. Para o autor, a essência da cooperação-oposição que é o jogo, só ele próprio consegue recriar o ambiente

ecológico, no qual essa dinâmica se desenrola e também no contributo que oferece ao desenvolvimento dos valores de socialização dos jovens aprendizes e pelas riquezas que acontecem nas relações interpessoais e, ainda, se couberem críticas ao jogo, com apenas uma bola e um campo de jogo são resolvidos muitos problemas de estrutura física, realidade da maioria dos locais de prática, principalmente no cenário público. Pode-se, nesse período, utilizar os jogos como principal recurso pedagógico para o aprimoramento das capacidades físicas (domínio corporal), bem como para reiterar os gestos técnicos simples utilizados nos jogos: drible, lançamento, recepção e passe, sem exigir dos alunos/atletas a execução perfeita. A finalidade principal é estimular as crianças à prática, à iniciação ao esporte, nesse caso específico ao basquetebol. Confirma-se então que:

O jogo é uma fonte de prazer e não parece existir nenhum outro tipo de proposta de prática que, em si mesma, estimule um grau de satisfação tão elevado como aquele que as diversas situações de jogo despertam, sendo o prazer um argumento de peso que pode justificar a prática desportiva infantil (FERREIRA, 2000, p. 96).

A crítica principal está no descompromisso ao ensinar o jogo, no que tange ao elo dos conteúdos e das respostas de aprendizagem que vão ocorrendo. Sendo assim, cabe anotar algumas responsabilidades básicas, conforme apregoa Ferreira (2000). Deve-se ter uma gestão equilibrada dos tipos de *timing* das intervenções sobre o jogo: Quando parar o jogo? Que situações típicas do jogo merecem ser alvo de observação/intervenção? Que tipos de soluções devem ser introduzidas? Quais as soluções mais adequadas para cada um dos diferentes níveis de grupos que jogam? São questões que só podem ser resolvidas *a priori* com um cuidadoso planejamento e periodização dos conteúdos e métodos durante o processo de iniciação. Ensinar o jogo no próprio jogo requer uma sistematização e alternativas que auxiliem na resolução dos problemas concretos apresentados, de acordo com a estratégia de ensino selecionada e os “como e quando” apropriados (FERREIRA, 2000).

Seguindo esse raciocínio, apresentam-se outros estudos que defendem essa tese, como os de Thies (1986), Shallenberger (1990), citados por Tavares e Faria (1996), e os de Barreto, (1993), citados por Ferreira (2000), os quais sugerem que os iniciantes de basquetebol devem aprender os fundamentos do basquetebol *jogando*.

Estes autores asseveram que é no jogo e através dele que se encontra a motivação dos iniciantes para participarem de todo o processo de aprendizagem do basquetebol. Para os autores, o *jogo* é o fim à medida que ele é o próprio objeto de ensino e também a principal estratégia por se constituir no meio privilegiado através do qual há motivação do praticante. O entendimento de *jogo* nessa perspectiva vai ao encontro da necessidade de assumir essa capacidade como elemento nuclear de toda a aprendizagem do basquetebol, a qual se orienta pela qualidade da tomada de decisão, que é a base para se *saber jogar*.

Nesse contexto, o método de jogo e das situações de jogo parece ser predominante em relação aos exercícios analíticos nas fases iniciais da aprendizagem, principalmente para valorizar os aspectos motivacionais. Ainda nessa temática, Greco (1998-1999) corrobora esse pensamento pontuando que na etapa de iniciação esportiva os fundamentos devem ser aprendidos principalmente através do método situacional, no qual a resolução das tarefas se dá no contexto de jogo grupal 1x1, 2x2, 3x2 e 2x1. As opiniões dos professores universitários e dos técnicos nacionais, porém, diferem-se nos métodos de sua aplicação. Pode-se observar esse quadro metodológico para a etapa de iniciação nas divergências das opiniões extraídas das falas de técnicos e professores.

A seguir, alguns depoimentos que mostraram divergências nas opiniões:

“... o jogo pode ser um recurso lúdico... mas eu acho que deve ser uma estratégia pedagógica... não o instrumento principal no ensino...” (T1)

“... eu vejo assim que a questão de ensinar os fundamentos deve ser o como... eu acredito que eles têm que ser ensinados com relação direta com o que acontece no jogo... ensinar o fundamento puro e simplesmente como gesto técnico eu não vejo muita vantagem porque o gesto em si não é muito complicado... o complicado é você estabelecer relação desse fundamento com a maneira que ele deve ser executado durante o jogo... então / colocar duas crianças uma de frente para outra passando a bola... isso é uma coisa que eu diria trivial... agora... como é o comportamento desse fundamento em jogo?” (P1)

Autores do desenvolvimento motor, como Gallahue e Osmun (1995), defendem o desenvolvimento de movimentos fundamentais por intermédio das atividades motoras

variadas objetivando o prazer, a alegria, a interação, sempre aprendendo novos movimentos básicos. Krebs (1992) caracteriza a primeira fase do processo de especialização motora como fase de estimulação motora, a segunda fase chama de fase de aprendizagem motora e a terceira fase de prática motora a qual, segundo o autor, devem ser diferenciadas em seus objetivos quando se trata de conteúdos.

Autores do treinamento desportivo, como Zakharov e Gomes (1992), entendem e apontam a relevância da variedade de movimentos com atividades diferenciadas, considerando esse momento do processo como etapa de preparação preliminar na qual a especialização inicial ocorre em seguida, salientando não existir idade ideal para tal especialização. Outro autor do treinamento desportivo que trata desse enfoque é Weineck (1991), o qual postula que as crianças, nessas faixas etárias, demonstram alto ímpeto para movimentos através de brincadeiras, ocupando-se de um grande número de jogos constituídos de maneira variada e múltipla. Sendo assim, parece que os fundamentos do basquetebol devem ser aprendidos através de uma variedade enorme de atividades em diferentes métodos e ainda respeitando as fases de desenvolvimento motor e cognitivo dos praticantes.

Seguem alguns depoimentos que apresentaram convergências nas respostas:

“... deve-se ensinar os fundamentos de forma recreativa naturalmente, através do jogo, dos joguinhos...” (T7)

“... em relação à **metodologia** utilizada para ensinar está baseada em P, G, F, que são pessoas que trabalham com basquete a partir de uma metodologia do ensino esporte coletivo... então discuto com os alunos e faço comparações entre os métodos tradicionais, analíticos e os globais, que partindo do jogo, eu jogo para aprender ou aprendo para jogar... então os fundamentos são distribuídos dentro do curso quando abordo aspectos técnicos, eu ensino para eles, conceitos da técnica e da tática e na prática do ponto de vista teórico eles vivenciam os métodos analíticos e globais, temos ainda o método parcial... início com controle da bola, domínio do corpo, baseado na metodologia do esporte coletivo, depois do drible, passe e arremessos, daí oferto para eles através do jogo os fundamentos analíticos e parciais... não defendo nenhum nem outro método... defendo que o que existe são vantagens e desvantagens em cada método... eu gosto do método situacional que o G cita em sua obra “**Iniciação Esportiva Universal**”, porque quando trabalhamos com fundamentos isolados eles aprendem como fazer e tem maior dificuldade para e porque fazer... então, mostro também que através do jogo podemos aprender o para que fazer e o que fazer... que é uma proposta de P e que você também aborda no seu livro...”(P9)

Nos depoimentos, fica evidente que os fundamentos são importantes, mas que o problema principal do ensino está nas metodologias de ensino. Os sujeitos (T7) e (P9), por exemplo, defendem as estratégias de ensino pautadas pelas metodologias dos jogos, todavia alertam que não se deve prender-se somente a um método. Já o sujeito (T9) esclarece que os fundamentos devem ser aprendidos principalmente através dos exercícios analíticos individuais, deixando o jogo como um recurso pedagógico e não como a estratégia principal.

Apesar das diferenças encontradas nos resultados, entendem-se que deve haver um planejamento e uma organização/periodização dos conteúdos e métodos de ensino dos fundamentos, considerando sempre a proporção da quantidade de tempo em cada sessão ou período, para os diferentes métodos, que são os jogos pré-desportivos, o jogo formal de 5x5, as situações de jogo, e, por fim, os exercícios analíticos, individuais, em duplas, em trios e ainda os circuitos que são utilizados, levando-se em conta as diferentes faixas etárias.

Neste sentido, parece que as experiências motoras técnica e táticas na etapa de iniciação podem ser generalizadas, devendo, no ensino-aprendizagem do basquetebol, prevalecer os conteúdos dos movimentos básicos, cujos métodos variam entre jogos, brincadeiras e exercícios, sendo que a porcentagem maior deve ser dos jogos e das brincadeiras, situações de jogo com igualdade, superioridade e com inferioridade numérica, até aproximadamente a categoria infantil, visando a manter o interesse dos praticantes que, nessa fase, têm o jogo como principal foco (ZAKHAROV e GOMES, 1992; MATVEEV, 1997).

### ***1.3. Conteúdos – sistemas defensivos (tática)***

Em relação ao ensino dos sistemas defensivos, e como se procedeu anteriormente com os fundamentos técnicos do basquetebol, os técnicos brasileiros e os professores universitários foram questionados sobre quais sistemas defensivos devem ser ensinados nas fases iniciais do ensino do basquetebol, que abrange da categoria pré-mini até por volta da infantil, e quais os métodos que devem ser utilizados, bem como as estratégias pedagógicas.

Seguem as descrições dos resultados individuais e, posteriormente, as análises e inferências coletivas.

Perfil dos conteúdos que os técnicos destacam no ensino-treinamento dos sistemas defensivos do basquetebol na etapa de iniciação.

T1... Primeiro a defesa individual. Nas categorias de base, você na verdade não está ensinando defesa por zona, você está ensinando uma chavinha para ganhar o jogo.

T2... Eu acho que tem que ser dada as duas: defesas individual e por zona.

T3... A defesa individual. Nós temos é que preparar os jogadores fisicamente e tecnicamente para fazer qualquer tipo de defesa desde criança... na marcação individual, você vê apenas um lado do jogo.

T4... Primeiro a defesa individual. Porque entendo que a defesa individual amplia o repertório motor dos praticantes.

T5... Primeiro a defesa individual. Porque eu acho que a zona arruma o jogo para quem está assistindo e é bonitinho... mas tira a possibilidade dos atletas aprenderem a jogar a base do jogo que é o jogo de 1x1. Em função da defesa individual, desde garoto você obriga o atacante a se virar para sair da defesa.

T6... Primeiro a defesa individual, mas ele tem que aprender todas durante toda a iniciação. Porque se você precisar no jogo, ele terá que saber se é com ajuda ou com flutuação ou zona 2x3.

T7... Primeiro a defesa individual. Porque a zona só serve para ganhar o campeonato, mas eles não aprendem a defender.

T8... Primeiro a defesa individual. Porque nós entendemos que a menina vai aprender o passe, o drible e os arremessos de uma maneira mais difícil e se ela tiver uma defesa mais próxima acompanhando, ela... O que na zona não vai acontecer.

T9... Primeiro a defesa individual. Porque depois da individual facilita o trabalho das outras defesas.

T10... Primeiro a defesa individual. Porque nessas categorias a individual é fundamental.

T11... Definitivamente a defesa individual. Para não saturar os garotos.

Perfil dos conteúdos que os professores mestres e doutores destacam no ensino-treinamento dos sistemas defensivos do basquetebol na etapa de iniciação.

P1... A base é a individual, depois você teria as defesas por zona.

P2... Primeiro individual. Para melhorar o condicionamento individual.

P3... Individual depois zona. Primeiro a individual porque facilita a aprendizagem da zona.

P4... Individual primeiro, depois por setor. Porque a defesa individual é mais dinâmica.

P5... Individual. Porque a zona facilita os arremessos, mas não garante a aprendizagem.

P6... Primeiro a individual. Porque ela dá aos garotos a possibilidade de ampliar suas condições de movimentos.

P7... Primeiro a individual. A zona é concreta e a individual obriga a responsabilidade de marcar o seu de forma abstrata.

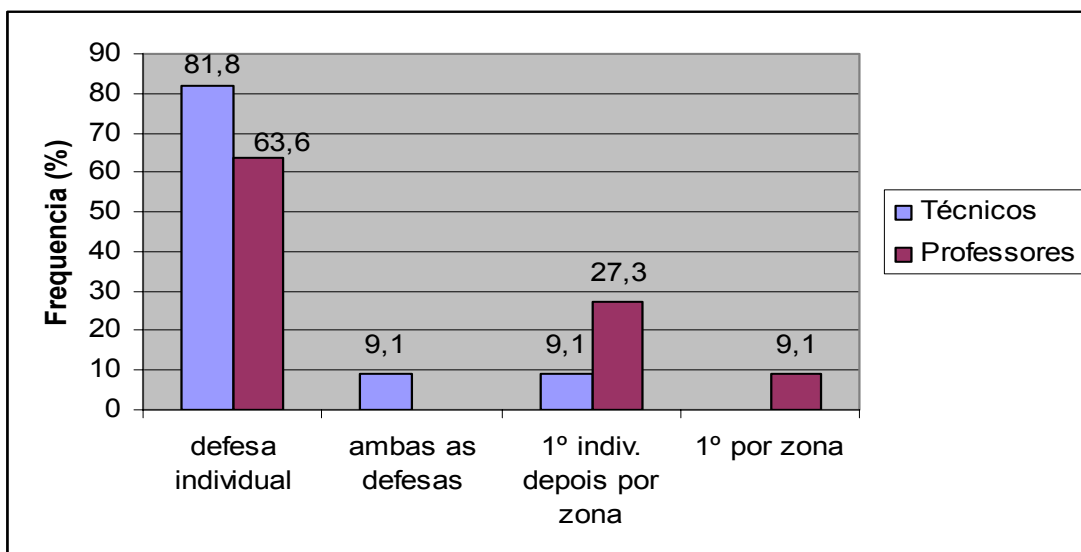
P8... Primeiro a individual. Porque melhora o condicionamento físico.

P9... Início pela individual. Porque entendo que depois facilita o ensino da zona.

P10... Começo pela defesa individual. A zona só é utilizada para fechar o garrafão e ganhar o jogo.

P11... Começo pela defesa por zona. Porque acho que ela dificulta mais o acesso do ataque adversário.





**Gráfico 3 – Distribuição das respostas coletivas em relação ao ensino-treinamento dos conteúdos – sistemas defensivos**

Neste estudo, percebe-se que 81,8% dos técnicos defendem que a defesa individual é o conteúdo principal do ensino nos sistemas defensivos para a etapa de iniciação. Já entre os professores, 63,6% a defendem. Quanto aos técnicos, 9,1% assinalaram que devem ser ensinadas ambas as defesas, tanto individual quanto por setor ou por zona, enquanto que nenhum professor defendeu ambas as defesas. No que diz respeito a ensinar primeiramente a individual e depois por zona, 9,1% dos técnicos concordam e 27,3% dos professores também entendem ser possível. Ambas as defesas devem ser ensinadas na etapa de iniciação, mas cabe ressaltar que inicialmente deve-se ensinar a defesa individual e depois por zona. E ainda 9,1% dos professores defenderam que por zona, primeiro, é mais interessante para o processo de aprendizagem.

Segundo Daiuto (1974), Ferreira e De Rose (1987), Hercher (1982), Araújo (1992) e Carvalho (2001), são vários os sistemas defensivos do basquetebol: defesas individuais, por zona, combinadas, mistas, pressionadas, destacando-se que todas apresentam vantagens e desvantagens. A maior preocupação neste estudo não são as vantagens e desvantagens dos sistemas defensivos, mas quando um ou outro sistema deve ser ensinado no processo de preparação em muitos anos. Para isso, entende-se que se deve buscar uma sistematização dos conteúdos de ensino dos sistemas

defensivos em muitos anos de preparação, com vistas a preparar os jovens jogadores nos aspectos defensivos com muita competência para atuar prioritariamente na fase juvenil e adulta, bem fundamentados nos quesitos defensivos.

O que se tem percebido, segundo Oliveira e Paes (2002), ao pesquisar atletas de seleção nacional sobre como foi o seu processo de aprendizagem dos sistemas defensivos, é que os atletas quando chegam à fase adulta têm dificuldades básicas defensivas para atuarem no basquetebol, que é jogado com velocidade, aliado ao fato de que muitas alterações operacionais ocorrem durante o jogo, em função da sua má iniciação defensiva. Preocupa-se, então, nas fases iniciais, em saber qual é o melhor momento do processo em que os sistemas defensivos devem ser ofertados e quais as estratégias de ensino que devem ser utilizadas para potencializar o ensino.

Neste sentido, explicitou-se a opinião de técnicos e professores do basquetebol nacional sobre qual defesa deve ser priorizada nas fases iniciais do ensino e percebeu-se muita similaridade nas respostas.

“... nessas categorias a individual é fundamental... o básico é você estabelecer o ensino dos fundamentos individuais e principalmente 1x1... o que nós estabelecemos como noções básicas de domínio de corpo... em cima disso ele vai aprender deslocamentos de defesa, aprender a ler qual a perna que está na frente do homem com a bola, e aí você vai progredindo de pequenos grupos de 1x1... até 5x5” (T10)

“... depois das noções gerais dos fundamentos - alguns sistemas... eu sempre ensinei a individual primeiro, depois você ensina que parte da quadra tem uma área e que cada um vai ter um espaço, com objetivo de proteger a cesta... deve-se tomar cuidado com a forma de cobrança e em relação ao vocabulário técnico...”(P6)

Oliveira e Graça (1998) afirmam que a defesa individual é um dos conteúdos dos sistemas defensivos no basquetebol que possibilita ampliar o desenvolvimento motor dos praticantes pela quantidade de movimentos que são executados, pela responsabilidade de marcar um determinado oponente, além de outros benefícios, como preparação futura para competições mais especializadas. Calatayud (2003), corrobora com a idéia e confirma a tese de que a defesa individual com ajuda já pode ser trabalhada nas fases iniciais. De acordo com Mesquita (1997), já não faz mais sentido, na iniciação da defesa nas fases iniciais, discutir a forma pela qual a defesa

deve ser ensinada. É aceito, segundo a autora, por todos que atualmente estudam e respeitam o jogo e a evolução da sua aprendizagem que a defesa individual é aquela que melhor serve para as melhorias motoras e os interesses dos praticantes. Podem ser discutidos os objetivos, os meios, assim como as estratégias utilizadas para ensinar as competências defensivas ao longo da evolução do jogo.

No basquetebol, muitos trabalhos têm defendido essa tese, como nos estudos de Barreto e Gomes (1989), Diniz (1997), Barreto (2003), entre outros que apontam que uma ótima defesa individual potencializa o futuro ataque em função da (roubada) recuperação da bola, o que possibilita na seqüência uma transição ofensiva mais rápida e eficiente. Parece que nos dias atuais, as propostas de defesa forte, seguida de transições rápidas, evitam o ataque de 5x5 posicionado, pois no basquetebol da atualidade não é mais uma boa estratégia, apesar de ser uma realidade, tendo em vista as mudanças nas regras, bem como o aumento na intensidade e velocidade do jogo. Isso implica que desde as fases iniciais do ensino, a defesa individual deve ser tratada como uma forte aliada da filosofia de ensino do basquetebol, conforme preconiza Barreto (2003). Para que isso ocorra nas fases posteriores de especialização, é relevante, na fase de conhecer o jogo de basquetebol brincando, promover-se a estimulação ao gosto pelo jogo e, na fase de aprendizagem inicial, a automatização dos conceitos básicos de defesa, devendo-se utilizar principalmente a defesa individual, como afirmaram alguns técnicos e professores confirmando a similaridade.

“... justifica-se a defesa individual em função da aglomeração, pela falta de compreensão do tempo e do espaço das crianças nessas fases iniciais... a defesa individual faz ele se perceber melhor no contexto do jogo... eu não acho que é a melhor defesa... eu penso que ela facilita o entendimento da criança porque ela tem a responsabilidade de marcar 1 jogador... ela, a criança, pensa em jogar, mas não domina muito bem os movimentos... ela vive um problema social que é o individualismo... e para você fazer uma defesa que utiliza-se de mais recursos e inteligência, como a defesa por zona..., ela teria mais dificuldade para aprender... tem que marcar individual sim, mas com delimitação do espaço porque ela quando é feita com uma equipe que é superior, ela terá desvantagens no aspecto físico e psicológico... penso que o mais importante em qualquer defesa é a visão que temos que ter, do adversário com a bola, sem bola, o pé de apoio, o equilíbrio, a postura, a forma de marcar... então, temos que bater nos conceitos de defesa... postura e a mecânica talvez não seja o principal fator nessas idades, mas sim... a compreensão da antecipação, cobertura, ajuda, ou seja, o sentido de equipe... pensar em respostas e soluções que a criança consiga construir e deixar ela livre para entender o que está

fazendo... com o avançar nas categorias e na idade, a defesa deve priorizar a inteligência na marcação, com atenção nos pontos fracos e fortes, observar o que o atacante faz de melhor e isso está mais no sentido da tática e da observação do espaço... eu acho que na categoria infantil deve começar com essa filosofia com as devidas proporções...” (P4)

Moreno (1989) e Bayer (1994) esclarecem que não há dúvidas de que a essência do jogo coletivo assenta-se funcionalmente em uma relação de cooperação-oposição, com vistas à obtenção dos objetivos que só uma das partes consegue obter: enquanto uns defendem e procuram não sofrer o cesto, os outros, ao mesmo tempo, procuram executar o cesto. Quando se trata de um jogo inicial, os autores consideram que a defesa não deve ser o principal objetivo do jogo, mas sim a cesta, para motivar os praticantes.

Um estudo que contribui com esse enfoque foi realizado por Diniz (2000), no qual mostrou que algumas equipes do campeonato paulista de mini-basquete feminino de 1999, sagraram-se vencedoras por 104 a 12, 100 a 04, entre outros resultados absurdos. Esse estudo desencadeou o seguinte questionamento para que se possa refletir sobre a importância dos sistemas defensivos na etapa de iniciação: Qual é a motivação das praticantes derrotadas para continuar na prática do basquetebol? Saliencia-se que se devem priorizar nas fases iniciais as competições para a tomada do gosto pelo jogo e valorizar mais as ações ofensivas e não somente as defensivas, e ainda durante o processo de iniciação poderão ser invertidos tais conceitos, ou seja, o êxito ofensivo no início da prática pode significar a continuidade da criança no processo de treinamento.

Ainda outra similaridade em relação à defesa:

“... até o mini só trabalhamos com a defesa individual... porque nós entendemos que a menina vai aprender o passe, o drible e os arremessos de uma maneira mais difícil e se ela tiver uma defesa mais próxima acompanhando, ela... isso vai acontecer e daí ela vai aprender a tomar atitude... agora se a gente ensinar esses fundamentos com bastante espaço, porque a defesa por zona só libera espaço para arremessos e dificilmente ela vai treinar as assistências e as infiltrações e ela não estará preparada para fazer isso na defesa por zona... nós durante o mini algumas vezes mais principalmente no final do ano nos torneios do mirim, nós ensinamos atacar contra zona porque essa é a nossa maior dificuldade... ela aprende individual o tempo todo e depois tem que jogar contra zona porque as equipes que jogamos nos marcam por zona... por isso, trabalhamos de vez em quando.... em minha opinião, todos os técnicos deveriam trabalhar até o mirim

só a defesa individual... e só a partir do mirim deveria ser qualquer tipo de defesa. A gente vê que no mirim a menina já tem mais condições técnicas e confia mais nela mesma. Já é melhor na mão direita e na mão esquerda já faz uma bandeja diferente, com a esquerda por exemplo, já faz um jumpinho... então poderia, a partir daí, ver outros tipos de defesa... porque ela já se sente mais confiante para isso aí... eu acho importante as defesas pressionadas e já começamos no mini porque já tem competições e quando entra competições temos que ir na realidade do negócio de como é uma competição... e eu acho que deverá ser a pressão individual quadra inteira meia quadra... eu acho importante porque trabalha bastante com o psicológico da menina, ela já começa a viver situações adversas... se a gente ficar segurando muito essas situações, ficará mais difícil para ela aprender... até 12 anos nós trabalhamos meia quadra só... depois 13-14 já entramos com pressão quadra toda individual e não por zona..." (T8)

As respostas apontam uma preocupação de irremediando os conteúdos defensivos à estrutura temporal da aprendizagem. Ao encontro desse pensamento, os estudos de Ferreira (2000) indicam que o papel do técnico, ao ensinar sistemas defensivos, deve considerar a forma como se opõe o ensino do ataque, e a construção das ações ofensivas deve ser o de ajustar ao conjunto de objetivos traçados para o processo em longo prazo. Assim, Mesquita (1997) postula:

... transporta-se o exemplo para o ensino do basquetebol do jogo de oponentes, onde julga-se que a idéia de condições facilitadas deve estar ligada às condições que favoreçam a realização de determinado tipo de comportamento. Julgamos que é uma orientação que a defesa deve ter no ensino das primeiras etapas do jogo. Não se aceita na defesa um papel facilitador sem contrapartidas, mas com base em compromissos defensivos objetivos e comportamentais. O que se pretende é favorecer o ataque na resposta às exigências que o nível de jogo vai tendo, e em simultâneo, criar as sólidas bases para, mais tarde, o ensino e treino da defesa se dirijam para solicitações competitivas que ela requer... (MESQUITA, 1997, p.99).

Nesse contexto, Oliveira e Graça (1998) corroboram essa idéia, entendendo que a defesa nas fases iniciais do ensino por si só já exercem uma grande influência no contexto ofensivo, pois atingem um nível de agressividade que às vezes chega até ser violento, prejudicando o ensino em função do não domínio das técnicas do jogo de quem ataca. Naturalmente que essa ofensa é tão ingênua quanto à precariedade dos argumentos motores do ataque, porém cabe ressaltar que o objetivo do jogo para o iniciante é a realização do cesto.

As intervenções pedagógicas do ensino das defesas, quando o jogo ainda é anárquico, ou seja, pouca coisa acontece em relação ao bom nível de jogo, pode-se ensinar os fundamentos defensivos, mas que estes sejam sistematizados em longo prazo, com a compreensão de que não basta grande estratégia defensiva, como a marcação-pressão quadra toda somente para vencer as competições, haja vista também ser necessário que os jovens aprendizes tenham o entendimento dos conceitos defensivos, porque em fases mais avançadas, como no infante e no juvenil, o que poderá predominar são as leituras táticas que se fazem dos adversários aliadas a uma ótima fundamentação dos conceitos defensivos. Deve-se, então, estimular as interceptações de passes, a capacidade periférica de observação, a ajuda mútua, a cooperação, entre outras técnicas.

Com base nos estudos teóricos e nas experiências de técnicos e professores, parece que o posicionamento básico no ensino dos sistemas defensivos na etapa de iniciação tem predomínio na defesa individual e é a mais indicada. De acordo com a maioria dos entrevistados o sistema simples de defesa individual acarreta, nos alunos, condições generalizadas básicas, as quais, em futuros jogos, contribuirão para o rendimento das funções específicas no jogo de basquetebol. A defesa individual faz com que o defensor desenvolva o domínio corporal, a antecipação, o ritmo e a leitura das características ofensivas dos oponentes defensores, bem como o domínio espacial e os movimentos básicos de defesa.

Alguns procedimentos podem ser adotados pelos alunos, como posição básica (pés ligeiramente mais abertos que os ombros, corpo flexionado, movimentação para frente, para trás e para o lado), recuperação da bola (antecipar os passes), vibração com a defesa e vencer o atacante. Nos sistemas individuais, não se deve ter preocupação com sistemas complexos; ao contrário, devem ser ensinados aos alunos os sistemas básicos, como a defesa individual simples (cada um marcando o seu oponente), encontrando, de preferência, um adversário com as mesmas características individuais dos alunos e, em seguida, levar o aluno a marcar oponentes com características diferentes das suas.

Ao defender o atacante com bola no início da aprendizagem, por volta de 10-11-12 anos, a defesa individual deve ser caracterizada pela limitação imposta a distância a

dar ao atacante como, por exemplo, ensinar-lhe um posicionamento para que não seja facilmente fintado. Sendo o nível de jogo caracterizado pela leitura da possibilidade ofensiva e não pela roubada da bola, recomenda-se então eliminar a fobia dos alunos em retirar a bola do adversário; dar condições de leituras ofensivas por parte do jogador com bola, para a utilização precária que o drible, o passe e o lançamento ainda possuem por parte dos atacantes. Ao defender o atacante com bola na segunda fase da iniciação, deve-se proceder a um controle mais efetivo da ação do atacante com bola. Estando ultrapassada a dificuldade inicial do jogo no enquadramento ofensivo, da utilização primária do drible e do passe, o defensor procura distinguir a distância da bola ao cesto; as situações diferentes em que o atacante se encontra e ainda não driblou, se está em drible ou interrompeu o drible. Objetivamente, busca-se condicionar o posicionamento do atacante com bola. Nessa fase da aprendizagem, o defensor não só discrimina a distância da bola ao cesto, as diferentes situações do atacante com bola, mas também procura limitar os espaços por onde a bola deve transitar: fecha o corredor central e encaminha o atacante a driblar para as linhas laterais (MESQUITA, 1997).

Ao defender o atacante sem bola, cada jogador deverá marcar seu jogador responsável, e o jogador sem bola pode ser marcado da forma como o técnico optar, com maior proximidade ou afastamento do seu par direto ou oponente. No caso do atacante, caso a proximidade do defensor dificulte a recepção dos passes, existem argumentos para a introdução de aspectos ofensivos que o ensino da desmarcação supõe, com o objetivo da abertura de linhas de passes para os atacantes. Caso o defensor esteja afastado, a comunicação através do passe é mais óbvia pelos atacantes, facilitando a primária relação de cooperação que o jogo pode começar a ter. Ao defender o atacante sem bola na segunda fase da iniciação, sendo o jogo de segundo nível de iniciação, caracterizado pela profundidade que o espaço em ataque já possui, começa a fazer sentido a introdução da colocação defensiva sobre a primeira linha de passe e diferenciá-la da segunda linha de passe. Trata-se das bases fundamentais para saber reconhecer marcação fechada e aberta. Na terceira fase da aprendizagem, a defesa do jogador sem bola orienta-se melhor porque já está definida a prioridade da ação sobre as diferentes linhas de passe, e também os conceitos de lado da bola e lado contrário da bola. Aparecem as primeiras preocupações do que

mais tarde será a grande força coletiva da defesa individual: a ajuda defensiva. A utilização do termo orientado surge dado o fato de se pretender começar nessa fase a introdução às bases da ajuda defensiva: a bola que entra no cesto, que é fundamental, não a noção de onde ela está (MESQUITA, 1997; FERREIRA, 2000; FERREIRA, 2002).

#### **1.4. Metodologias de treinamento dos sistemas defensivos (tática)**

Perfil dos métodos que os técnicos destacam no ensino-treinamento dos sistemas defensivos do basquetebol na etapa de iniciação.

T1... Dos exercícios individuais para os de grupo e coletivo.

T2... A metodologia é das partes para o todo e do todo para as partes... “analítico-sintético-analítico”... Ou seja: do individual para o grupo e depois para o coletivo.

T3... Nessa fase nos preocupamos muito com os fundamentos individuais, em grupo e coletivos. Nós temos é que preparar os jogadores fisicamente e tecnicamente para fazer qualquer tipo de defesa desde criança.

T4... Através dos exercícios individuais... de grupo e coletivo. Porque entendo que os fundamentos individuais ampliam o repertório motor dos praticantes

T5... Através dos fundamentos individuais.

T6... De todas as formas. Porque se você precisar no jogo ele terá que saber se é com ajuda ou com flutuação ou zona 2x3.

T7... Independe. O que importa é que seja bem feito.

T8... Do exercício individual para grupos e coletivos. Porque nós entendemos que a menina vai aprender o passe, o drible e os arremessos de uma maneira mais difícil e que através de exercícios em situações de jogo isso melhora muito.

T9... Exercícios individuais de posicionamento e depois de grupo até o coletivo.

T10... Exercícios individuais de posicionamento, postura e depois através das situações de 1x1 até 5x5.

T11... Principalmente através de jogos. Para não saturar os garotos.



Perfil dos métodos que os professores mestres e doutores destacam no ensino dos sistemas defensivos do basquetebol na etapa de iniciação.

P1... Porque a aprendizagem da defesa no jogo é mais motivante, é claro que você não precisa trabalhar utilizando jogo de basquetebol com todas as regras, mas você precisa criar situações que leve ao jogo.

P2... Exercícios individuais e na seqüência os coletivos. Eu vejo que além de trabalhar melhor principalmente nessas faixas já se deve criar essa cultura de defesa no basquetebol.

P3... Depois de desenvolvida essa noção de defesa individual, posso incorporar a cooperação e os processos de cobertura definida nas defesas por zona.

P4... Os exercícios individuais, mas o jogo é muito importante. Em função da aglomeração, pela falta de compreensão do tempo e do espaço das crianças nessas fases iniciais.

P5... Sempre dos exercícios individuais para os de grupo e coletivo. Tenho certeza que qualquer outro tipo de defesa é defensiva coletiva... Primeiro elas devem aprender o que fazer individualmente.

P6... Brincadeiras – situações de jogo começando pelo 1x1, o jogo e os exercícios também. Porque cada um precisa saber das partes da quadra e que tem uma área e que cada um vai ter um espaço, com o objetivo de proteger a cesta.

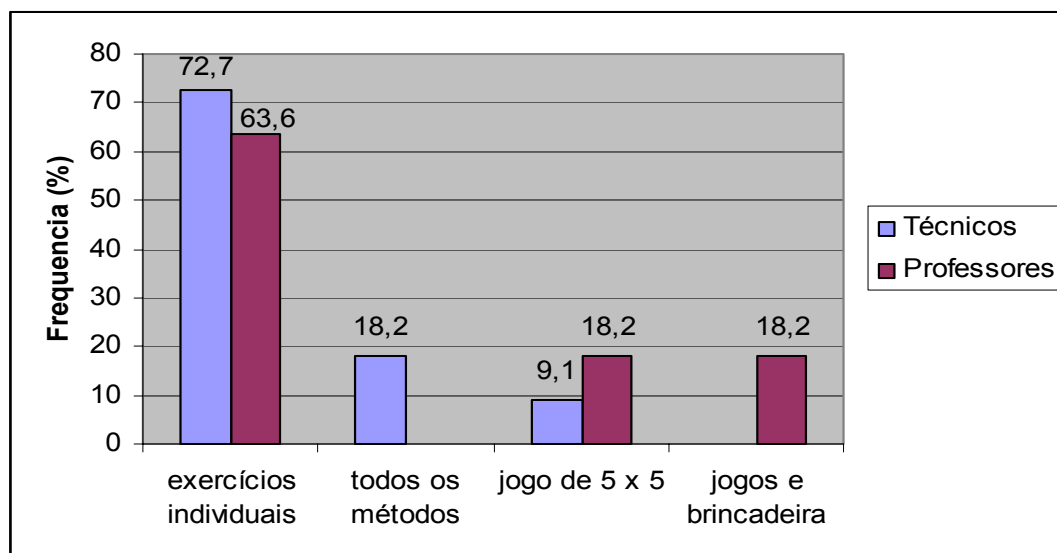
P7... O jogo para a criança é preciso para fluir a aprendizagem.

P8... Exercícios individuais depois através dos jogos. Precisamos melhorar bem a técnica dos movimentos.

P9... Exercícios individuais depois coletivos. Porque a criança aprende mais rápido com o concreto do que com o abstrato, sendo assim na defesa individual ela estará trabalhando no concreto.

P10... Através de exercícios e depois jogos. Porque através de exercícios individuais elas melhoram muito a condição tática.

P11... Primeiro através de jogos. Para motivar a prática das crianças.



**Gráfico 4 – Distribuição das respostas coletivas em relação à metodologia de treinamento dos conteúdos – sistemas defensivos.**

Os resultados encontrados neste estudo sobre os métodos que devem ser utilizados no ensino dos sistemas defensivos mostraram similaridades nas opiniões entre técnicos e professores, evidenciando os exercícios como principal estratégia pedagógica na qual 72,7% dos técnicos entendem que estes são o principal método para o ensino dos sistemas defensivos na etapa de iniciação e 18,2% deles destacaram a importância da utilização de todos os métodos durante o processo de iniciação. Já entre os professores, 63,6% também convergem para estas ideias e afirmam que o exercício é o principal método, enquanto 22,22% defendem o jogo de 5x5 e 11,11% as situações de jogo. Depois da explanação em números, alguns depoimentos sobre os métodos de ensino:

... 1x1+1 que é o desenvolvimento de marcar um homem com a bola e sem a bola, depois a mesma coisa no 2x2 e 2x2+1, e aí você vai progredindo nas noções de triângulo defensivo, ensinar a marcar o homem com bola e sem bola, observar o lado fraco da defesa, trabalhar na linha da bola, ajuda e recuperação, e todas as noções básicas de ensino da defesa, e ir progredindo até chegar 5x5, tanto  $\frac{1}{2}$  quadra, como  $\frac{1}{4}$  de quadra e quadra toda e também as situações de jogo 4x4, de 3x3, e a partir do infanto-juvenil nós incorporamos todos os tipos de defesa... defendendo que o mais

importante é aprender a defender individualmente primeiramente...” (T10)

Em relação aos métodos, Mesquita (1997) afirmou que a preocupação metodológica no ensino das defesas está centrada nas fases da aprendizagem, ou seja, a aquisição de argumentos ofensivos deve-se contrabalancear com argumentos defensivos. Deve-se equilibrar o nível das exigências do jogo, o que no campo prático significa possibilitar aos mais experientes defesas mais complexas e aos menos experientes defesas menos complexas, independente da idade cronológica, o que evidencia que o ambiente onde acontece a iniciação ao basquetebol pode levar a uma especialização precoce da aprendizagem em função das oportunidades.

São reproduzidas a seguir as opiniões de técnicos e de professores universitários e nelas observam-se as divergências de idéias na escolha das metodologias de ensino.

“... eu utilizo como método muitas brincadeiras, tipo pega-pega, um contra um com e sem bola, objetiva-se situar-se no espaço, locomoção... o ponto básico da defesa é que ele deve ficar entre a cesta e o adversário... é importante que os alunos compreendam o porquê fazer e não o fazer por fazer... utilizo o jogo também como método em todos os treinamentos... utilizo também exercícios em dois terços do treino, quando aplico o jogo de 5x5 pelo fato de ter mais jogadores, eu divido o tempo igual para todos, para que todos possam ficar satisfeitos com a prática e não fiquem injustiçados... sempre ensinei para eles que mesmo que não fossem bons atacantes, seriam bons defensores... o sistema defensivo 2x1x2 por zona é mais fácil na compreensão dos iniciantes do que os outros sistemas e já podemos aplicá-los... não existe sistema defensivo sem falha e também não existe jogadores que não possam ser marcados, porque todos jogadores tem suas limitações, falava isso porque queria motivar os menores e os mais fracos fisicamente...” (P6)

“... Eu parto dos exercícios individuais de 1x1 até 5x5...” (T8)

“... os jogos são importantes nessas fases... e principalmente ensiná-los a marcar quem está sem a bola... o método é o da busca de soluções de problema e não só o exercício em si... a defesa é físico, mas é muito mais inteligência do que físico... devemos estimular as inteligências múltiplas nessas fases... então primeiro uma base de movimentos e depois de forma mais específica para o basquetebol...” (P4)

Pode-se perceber que há convergências, porém há também divergências nas formas de trabalho, tanto entre técnicos quanto entre professores. Alguns professores universitários no Brasil dão maior ênfase aos métodos de exercícios, o que contradiz

alguns referenciais como de Garganta (1995), porém alguns professores também entendem a importância de se ensinar os sistemas defensivos através de jogos, brincadeiras e situações de jogo. Ao analisar os depoimentos dos técnicos, constatou-se que eles não negam esses métodos, os de jogos, mas não os têm como prioridades e partem dos exercícios analíticos para as situações de jogo e posteriormente o jogo de 5x5. Entretanto, em sua maioria, postulam que a fundamentação através de exercícios individuais para defender é fundamental.

De acordo com Calatayud (2003), os métodos variam em suas prioridades durante todo o processo com vistas a facilitar o ensino e a motivação dos praticantes. Parte-se do jogo como principal instrumento de ensino dos sistemas ofensivos, transitando pelas situações de jogo e pelos exercícios analíticos. Acredita-se que não há métodos isolados, mas durante as sessões de ensino do basquetebol quanto mais inexperiente for o aprendiz mais tempo de jogo ele deverá ter em suas aulas.

### **1.5. Conteúdos – sistemas ofensivos (tática)**

Em relação ao ensino dos sistemas ofensivos, e como se procedeu anteriormente com os fundamentos técnicos do basquetebol e com os sistemas defensivos, os técnicos brasileiros e os professores universitários foram questionados acerca de quais sistemas ofensivos devem ser ensinados nas fases iniciais do ensino do basquetebol, que abrangem da categoria pré-mini até por volta da infantil, e quais os métodos que devem ser utilizados como estratégias pedagógicas de ensino.

Perfil dos conteúdos que os técnicos destacam no ensino-treinamento dos sistemas ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação.

T1... As jogadas complexas não levam a nada, na iniciação nem mesmo no alto nível. Porque tática em si não ganha jogo... Tática não faz cesta, a tática não passa a bola, a tática não marca... Tática do jogo no meu conceito é uma organização que o técnico dá a uma equipe... para que a equipe tenha uma ferramenta adequada e coletiva para trabalhar no jogo e que o jogador tem o direito e o dever de no momento que ele sentir que tem algo melhor que os movimentos da jogada ele pode fazer porque senão você engessa o time.

T2... Eu aqui vou confessar que prendia o jogador no sistema de ataque. Porque devemos evitar perder principalmente nessas idades a criatividade... Eu prefiro que as jogadoras sejam fominhas nessas idades do que elas ter um jogo omisso... Só que você tem que ir administrando.

T3... Penso que os sistemas táticos devem ser ensinados com bastante liberdade... Por exemplo, a equipe deve atacar com pelo menos 4 jogadores de frente para a cesta... E buscando apenas o servir e ir ou passe e siga... Aliados aos fundamentos simples de ataque como as fintas sem bola e com bola. Porque eu acho que damos uma noção muito grande, e isso vai ser melhor mais para frente, quando eles forem incluídos em sistemas de jogo mais fechados, mais rígidos... Eles vão conseguir permanecer nesses sistemas.

T4... Eu não acho que o sistema não é importante no basquetebol nessas fases... O importante é você saber jogar... eu posso jogar sem sistema e ter uma equipe jogando bem... Eu não gosto de táticas complexas, eu acho que elas precisam saber da técnica. Porque a terminologia não importa, mas o que elas precisam saber é que, quando estão de posse da bola precisam ter determinadas atitudes para ler o jogo; ou arremessa ou penetra, ou passa... E esse raciocínio é muito rápido de preferência antes dos 3 segundos... A partir daí, elas precisam saber que se elas penetrarem o que pode acontecer e o que elas devem fazer...

T5... O ataque tem que ser meio simples, ensinar fazer bloqueios para os arremessos, ensinar bloquear aqui, chutar lá, correr para cá, fazer 4-5 movimentos de forma simples tipo passa e vai... acho que precisa mudar um pouco o que estamos fazendo. No basquete temos casos que o garoto desde o mirim sempre foi pivô, o R é um desses casos, e depois quando chegou no adulto ele não era tão alto e teve dificuldade para jogar porque só sabia jogar de costas para o cesto, então, tá errado pô.

T6... Ensino a todos na iniciação a atacar de forma livre, mas após o quinto ou sexto passe... Na iniciação, ou categorias menores tem que ter movimentações simples ofensivas e poucas movimentações estruturadas. Porque se você definir a bola depois do 5º ou 6º passe, todos jogadores vão pôr a mão na bola, aí você faz a defesa se desgastar e você cria um bom ambiente entre os atletas.

T7... É a rotação, onde todos jogam de frente para a cesta, e não priorizar o menino com 12, 13, 14 anos que já vai ser o pivô, o outro já vai ser armador e o outro já vai ser lateral. Então, naturalmente eles vão passando por todas as posições, primeiro jogando de frente para o cesto depois de costa para o cesto e a partir de 15 anos você começa a ir direcionando os jogadores para cada posição...

T8... Em relação ao ataque, não vamos falar em jogadas no ataque ou organizações ofensivas... Vamos falar em jogo livre... O que é jogo livre? ...o jogo livre tem algumas regras de ocupação do espaço, mas ele dá para a menina a liberdade para jogar. Porque a gente acredita que primeiro ela precisa se virar sozinha, saber jogar sozinha sem atrapalhar a outra é claro... E depois ela começa a jogar em dupla, em trios, e assim por diante mas, na cabeça dela nós entendemos que ela deva jogar livre.

T9... Devemos nos preocupar principalmente com os fundamentos individuais de ataque. Deve-se melhorar a qualidade de execução no treinamento, ao invés de se preocupar com o sistema a ser utilizado ou a jogada que ele vai fazer, o ideal é cobrar os fundamentos que ele vai fazer principalmente na etapa de iniciação da aprendizagem.

T10... Fundamentos individuais de ataque principalmente sem bola. Porque é muito importante, a situação de saber jogar sem a bola... Dentro da periodização do nosso clube, ensinamos primeiro que eles saibam jogar.

T11... O ataque deve ser através de conceitos ofensivos. Porque eles têm muitas dificuldades de transferência dos educativos.

Perfil dos conteúdos que os professores mestres e doutores destacam no ensino dos sistemas ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação.

P1... Eu acho que deve ser baseado em movimentos simples... eu sou contra jogadas, aquelas coisas ensaiadas, estilo coreografia, daí se você sai um pouco não sabe mais o que fazer, a criança tem que ser trabalhada para saber pensar e não repetir algo em seqüência, porque senão ela só vai aprender uma parte, por isso tem que haver trabalho relacionando com jogo, de novo aí o ataque em dupla, trio. Quando você estabelece uma coisa muito rígida, você treina aquela criança para fazer coisas rígidas, e se mudar ela não consegue fazer, eu não acho legal essa coisa de ensinar jogadas preestabelecidas, você tem que estabelecer conceitos, de passes e deslocamentos, e uma outra coisa importante nessa fase é a não especialização em termos de posicionamento.

P2... Em relação aos sistemas ofensivos, eu diria não só ensinados, mas desenvolvidos nos jovens... os aspectos da inteligência de jogo, a tática... obviamente para não dizer dos fundamentos técnicos que interferem. Porque nós temos que desenvolver nos jovens essa idéia do conjunto para o melhor jogo.

P3... Quanto mais aproximarmos o treinamento das situações que eles vão enfrentar durante o jogo, é lógico que ele vai entender melhor o jogo e resolver os problemas dessas situações, para fiscalizar ou assistir um outro jogador em diferentes locais, melhor será o ataque... terá uma melhor visão de jogo e não será só o armador. Porque creio eu que nessas fases os alunos precisam descobrir seus potenciais ofensivos...

P4... Primeiro no ataque é trabalhar quem está sem bola... Segundo eu tenho que ensinar o ataque facilitando as ações dos meus companheiros e, ao invés de eu ir ao encontro do meu parceiro, tenho que ir para o lado contrário..., ou seja, eu preciso facilitar o jogo de quem está com a bola, preciso saber desmarcar com fintas e evitar ficar parado porque senão facilita o trabalho defensivo. Porque na individual predomina a ação individual e na zona o coletivo.

P5... Primeiro temos que ensinar a atacar contra individual. Porque tudo isso eu aprendi fazendo cursos nos EUA e principalmente, lendo, e com base nisso sempre verifiquei o seguinte... você precisa fazer uma tática para eles jogarem, mas sem fundamentos e deslocamentos eles não conseguem realizar nenhum tipo de tática.

P6... Eu não trabalho com jogadas até 7ª e 8ª séries, todo dia tem jogo... e no jogo eu passava conceitos de ataque, tipo olhar se tem alguém livre e em melhores condições que você, então passe ao invés de perder tempo, se não der para passar, drible com a bola. Porque defendo a importância de motivar todos nessas faixas etárias.

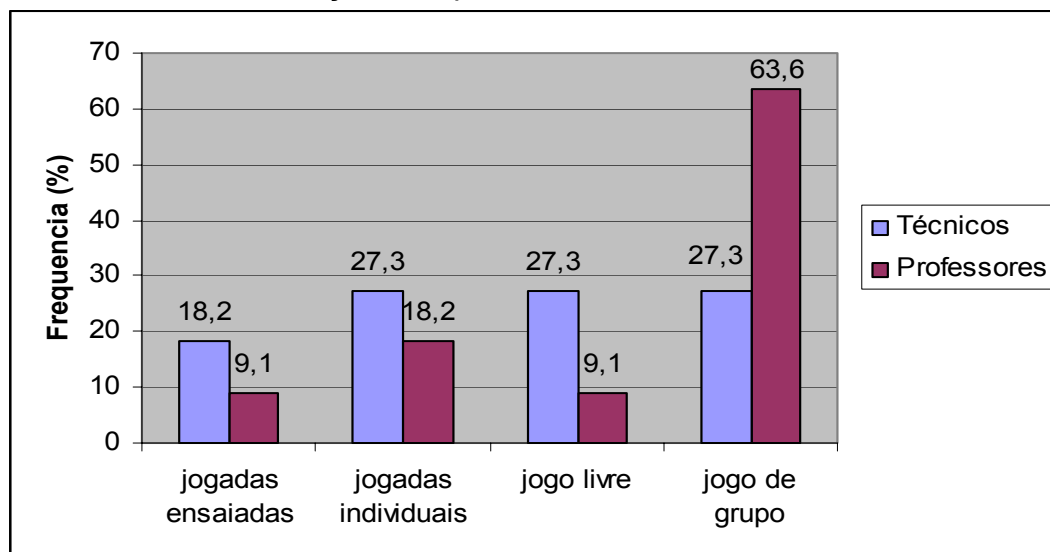
P7... Nessas categorias eu não falo de posição, ensino a jogar 1x1, depois 2x2, depois 3x3 e sempre dou jogo de 5x5, porque é motivante para os praticantes. Porque entendo que é mais motivante para quem aprende.

P8... Deveria ensinar os garotos a fazer cesta, porque este é o grande barato do jogo... no segundo momento, ensiná-los como jogar sem bola, e posicionamentos para receber a bola em melhores condições, porque é aí que desenrola o jogo. porque gosto muito de jogo livre, e penso que nesta categoria deveria ser o mais utilizado.

P9... O importante é ensiná-los a fazer a leitura do jogo e essa é importante para que ele viva as diferentes posições.

P10... Ensino eles a jogar se movimentando e passando para os companheiros. Porque primeiro tem que se respeitar as condições físicas e técnicas de quem vai executar, então armadores laterais e pivôs deverão ter características próprias para executar tais funções no jogo.

P11... Através de movimentações simples com todos abertos.



**Gráfico 5 – Distribuição das respostas coletivas em relação ao ensino-treinamento dos conteúdos – sistemas ofensivos**

Antes de discutir os dados, salienta-se que as jogadas ensaiadas são estratégias que os técnicos utilizam para conseguir a demarcação. (As jogadas individuais são jogadas de um jogador contra um adversário, como 1x1 na posição de pivô). O jogo livre dá oportunidade à movimentação da bola entre todos os atacantes na qual todos podem atacar quando estiverem em condições favoráveis no ataque. E o jogo de grupo são situações isoladas de 2x2 ou 3x3, na qual os outros jogadores não participam das ações ofensivas durante parte do jogo e depende de cada técnico. No que diz respeito aos conteúdos de ensino dos sistemas ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação, pode-se verificar que os técnicos e os professores citam vários conteúdos. Entre os técnicos, por exemplo, 18,2% sugerem que as jogadas devem ser preestabelecidas, 27,3% que as jogadas devem ser individuais, 27,3% que deve haver jogo livre e 27,3% pontuam que deve ser mediante jogos de grupo. Já os professores assinalam que apenas 9,1% dos conteúdos devam acontecer através de jogadas preestabelecidas, 18,2% defendem os conteúdos através de jogadas individuais, e a maioria (63,6%) assevera que devem ser os jogos de grupo. Pode-se afirmar que os conteúdos de ensino dos aspectos ofensivos do basquetebol não se limitam ao jogo de 5x5 nem tampouco aos fundamentos individuais, e que o trabalho de dupla e de trios é muito valioso nessa etapa.

De acordo com os resultados deste estudo e das proposições literárias para o ensino do desporto em geral, e ao transportarem-se tais conhecimentos para o ensino dos sistemas ofensivos do basquetebol, pode-se preconizar que são vários os sistemas de ataque (ofensiva). Nas fases de iniciação, todavia, nas quais se destacam a aprendizagem e a automatização dos gestos motores, o ensino das estruturas de ataque deve partir das premissas de sistemas simples, como ataque contra defesa individual simples, e o ataque contra apenas alguns sistemas por zona, tais como 2:1:2, 3:2 de forma simplificada, valorizando o ataque individual.

Jogar contra sistemas, seja individual ou por zona, deve ser simples e objetivo, sendo que o quesito individual é elaborado em função da equipe, adequando as potencialidades e possibilidades individuais na resolução dos problemas ocasionados pela ação dos adversários. Não são recomendadas jogadas complexas, mas sim jogadas simples, utilizando movimentações nos espaços vulneráveis da zona, o que



pressupõe que os técnicos e os professores de basquetebol podem ensinar os iniciantes a “jogar e não a fazerem jogadas complexas de execução, por exemplo jogar em grupos de 2x2 ou 3x3 e até mesmo o jogo de 1x1 se for o caso”.

Na seqüência, alguns depoimentos mostrando esses aspectos e as diferenças e similaridades nas idéias:

“... eu acho que o sistema não é tão importante no basquetebol... **o dá e segue...** isso deve ser aprendido desde o mini... a criança ou o pré-adolescente aprende isso... ou ele passa ou executa outro movimento;- qual? ele precisa saber!! ou ele penetra... ou ele passa e vai fazer um corta-luz..., ou passa e faz uma finta de corpo para entrar e receber a bola outra vez... ou ele faz a finta e volta para receber... defendo isso como tese e em meu trabalho prático também é assim, e eu uso nas idades de formação e até no adulto, que eu chamo de **jogo livre**, que é em cima de movimentos... que são os princípios que norteiam o ataque...” (T4)

Parece que ao invés de jogadas complexas de execução, o mais importante é ensinar os princípios básicos de ataque e devem ser assimilados pelos alunos, entre o quais: as formas de receber a bola e posicionar-se olhando a cesta; utilizar o corpo e as técnicas básicas do passe, drible e lançamentos (arremessos); explorar os espaços de curta, média e longa distância em relação ao alvo; passar a bola entre todos os jogadores antes da finalização; utilizar a comunicação verbal para a resolução de problemas; aceitar a disputa e os erros; aprender a formar 1x1 e 2x2, formando em seguida o conceito coletivo; motivar todos a participar no controle ofensivo, que é o jogo sem bola, freqüentemente.

“... o mais importante da aprendizagem nessa fase é a mudança de ritmo, saída rápida, parada brusca, os cortes, as fintas... primeiro temos que ensinar a atacar contra individual... na minha estratégia de ensino, eu começo o ataque quando elas estão na defesa e esse ensino é baseado em princípios, buscando desenvolver a criatividade do jogador, e quando você está ensinando a defesa, você já está dizendo o que a ofensiva faz, aí precisa de muito trabalho técnico individual...” (P5)

No que diz respeito a esse assunto, Daiuto (1974) advertiu que os conteúdos ofensivos que devem ser ensinados são o que ele chamou de “sistemas de ofensiva em conjunto”, citando ainda o contra-ataque, o ataque contra zona e o ataque contra

individual. No que tange ao contra-ataque, o autor apregoa que o mesmo deve partir das seguintes situações de jogo: rebote defensivo, interceptação dos passes, depois de cesta obtida ou sofrida, no caso de bolas de fora da quadra, depois de bola ao alto e após lances livres. Isso significa que o contra-ataque é um dos conteúdos dos sistemas ofensivos do basquetebol. Posteriormente, o autor cita que o corta luz é um importante conteúdo ofensivo cujo principal objetivo é impedir ou dificultar a livre movimentação dos defensores adversários durante o jogo. Em seguida, o autor destaca os sistemas ofensivos contra defesas homem a homem e por zona, ressaltando ser possível tentar o contra-ataque em todas as situações, e alertando, todavia, que nem sempre isso será possível, tornando-se então necessário o ataque armado em meia quadra, o qual teria a missão de vencer as defesas já organizadas em situações, nesse caso individualmente. O autor discorre acerca de várias formas de ataque contra sistemas armados de defesa homem a homem e por zona: 2-3, 3-2, 4-1, 1-3-1, 1-2-2. Ainda para o autor, cada sistema poderá ser utilizado contra individual e por zona e dependerá das características das equipes adversárias.

Continuando, Ferreira e De Rose (1987) postulam que a tática ofensiva aparece como uma forma de facilitar o objetivo do jogo e seus conteúdos são: a) de acordo com números de pivôs – pivô simples, pivô duplo, pivô triplo, rotatividade; b) segundo o posicionamento inicial dos atacantes 1-3-1, 1-4, 2-3; c) conforme as formas de defesa do adversário - individual, zona, pressão, mista, combinada; d) em conformidade com o contra-ataque.

Ainda sobre esse assunto, Bunker & Thorpe (1982) apresentam um modelo de ensino do basquetebol para a etapa de iniciação considerando **a ação pedagógica em quem joga**. Kirk & Macphail (2002), com base no modelo da **ação pedagógica em quem joga**, apontam os conteúdos de ensino do basquetebol, destacando os valores que transcendem os conteúdos da técnica e da tática como conceito de jogo, pensamento estratégico, tomada de decisão, técnica motora adaptativa, percepção dos objetivos de cada sessão, tipos de jogadas e participação indireta quando não estiver com a posse da bola, ou seja, *jogar sem a bola*. Pode-se perceber que não se deve, ao ensinar basquetebol, centrar o ensino apenas nos conteúdos técnicos do jogo, mas principalmente em quem joga e esses são os conceitos imprescindíveis para a iniciação

ao jogo de basquetebol.

Doolittle & Girard (1991) e Godoy (2002), corroboram estes estudos e sugerem que as jogadas que fazem parte da planificação das sessões de ensino devem ser constituídas como uma fonte de problemas a serem resolvidos pelos aprendizes e compreendidas durante um processo de ensino. E com o decorrer do tempo esses problemas serão minimizados, mediante a utilização correta e enquadrada das ações técnicas, envolvendo os aprendizes nas tomadas de decisão que são mais importantes para o basquetebol.

Torna-se valioso perceber quais conteúdos outros técnicos e professores entendem que devem ser apreciados nessa etapa do processo de iniciação para a ofensiva.

“... em relação ao ataque não vamos falar em jogadas no ataque ou organizações ofensivas... vamos falar em jogo livre... o que é jogo livre? ... o jogo livre tem algumas regras de ocupação do espaço, mas ele dá para a menina a liberdade para jogar... ela não tem a situação de fazer jogadas... a gente aqui até o mini não ensina nem corta-luz – já no mirim, começamos a ensinar o corta-luz... porque a gente acredita que primeiro ela precisa se virar sozinha, saber jogar sozinha sem atrapalhar a outra é claro...” **(T8)**

“... a criatividade é muito importante, acompanhada de deslocamentos, o motivo é que no basquete só tem uma bola e os outros 4 jogam sem bola e por isso é preciso se deslocar, então temos que montar um sistema ofensivo... primeiro ele vai jogar muito tempo para desenvolver a criatividade dele, aqui o corta luz é importante para facilitar o trabalho dele e aí você deve observar como se movimentam para receber a bola, e quando ele receber a bola, ele deve criar alguma coisa apesar de você não ter ensinado nada ainda...” **(P5)**

Fica evidente nos depoimentos que os conteúdos de ensino dos sistemas do basquetebol são muitos, porém ainda não estão claros na literatura quando se trata de organização em longo prazo nas competições clubísticas, nem tampouco para o ensino do basquetebol no contexto escolar, local onde está a maioria das crianças que aprendem os primeiros movimentos do basquetebol. Os conteúdos aqui apresentados pelos técnicos e professores dão uma idéia melhor do que se deve ensinar, quando se trata de formação de equipes de basquetebol e do que se pode utilizar na escola através do ensino educacional do basquetebol. Não obstante, torna-se imperativo rever alguns conceitos da literatura em relação aos conteúdos de ensino dos sistemas

ofensivos do basquetebol durante a etapa de iniciação porque na prática percebe-se que a busca incessante pelos resultados precoces, em função das muitas mudanças que o mundo sofreu nas últimas décadas, exigindo dos técnicos resultados rápidos até por uma questão de sobrevivência, obriga a repensar o que é ideal e o que é real.

No que diz respeito aos conteúdos e às estratégias pedagógicas de ensino na etapa de iniciação, pode-se extrair da literatura e das discussões dos resultados da pesquisa algumas informações importantes e realizar algumas sínteses, por exemplo, os objetivos para o ensino-treinamento dos sistemas ofensivos na etapa de iniciação contra sistemas individuais devem contemplar a compreensão do ataque em todas as posições na quadra, independentemente de sua função no jogo.

### ***1.6. Metodologias de ensino-treinamento dos sistemas ofensivos (tática)***

Perfil dos métodos que os técnicos destacam no ensino dos sistemas ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação.

T1... Através de exercícios, o jogador de basquete precisa ser submetido a muitos exercícios, que o obrigue a prestar atenção em vários pontos ao mesmo tempo... aí não num ponto só... principalmente nas fases de iniciação... é claro que você tem que dosar o grau de dificuldade compatível com o nível de habilidade dos jogadores, se você colocar em um nível muito alto poderá desmotivar os jogadores.

T2... Dos exercícios para o jogo.

T3... Através dos fundamentos individuais de grupo e coletivo.

T4... Dos fundamentos individuais para os exercícios de grupo até os coletivos.

T5... Deve ter exercício todo dia, mas principalmente o jogo, porque o garoto vai lá para jogar.

T6... Ensinar bem os fundamentos individuais depois de grupo e coletivo.

T7... Dos fundamentos individuais para os grupos e coletivo.

T8... Exercícios individuais de grupo e coletivo.

T9... Através de todo tipo de recurso áudio-visual, partindo dos exercícios individuais para os de grupo e coletivo.

T10... No aspecto metodológico, existem exercícios que daremos ênfase à defesa, e outros que daremos ênfase ao ataque, depende do objetivo da seção.

T11... Através de muito coletivo.

Perfil dos métodos que os professores mestres e doutores utilizam no ensino dos sistemas ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação.

P1... O jogo é o principal método.

P2... Do jogo para os exercícios.

P3... Eu iniciaria, ou melhor, ensinei de forma global... interrompendo a prática e evidenciando as situações que são criadas e trabalhando a tona, os alunos/atletas as possíveis soluções.

P4... Nas situações de jogo de 1x1, 2x2, 3x3, que é para os americanos o jogo dentro do jogo.

P5... Exercícios sincronizados, buscando desenvolver a criatividade do jogador, e quando você está ensinando a defesa, você já está dizendo o que a ofensiva faz, aí precisa de muito trabalho técnico individual.

P6... Eu sempre trabalhei com exercícios buscando o conjunto, eles aprendiam os fundamentos e em seguida eu começava a combinar o passe com drible, depois com arremesso, através de exercícios 2x2 sem defesa, que eu chamo de combinação de fundamentos... porque entendo que o jogo é a combinação de vários conhecimentos... depois o 2x1, e ia progredindo até chegar o 5x5.

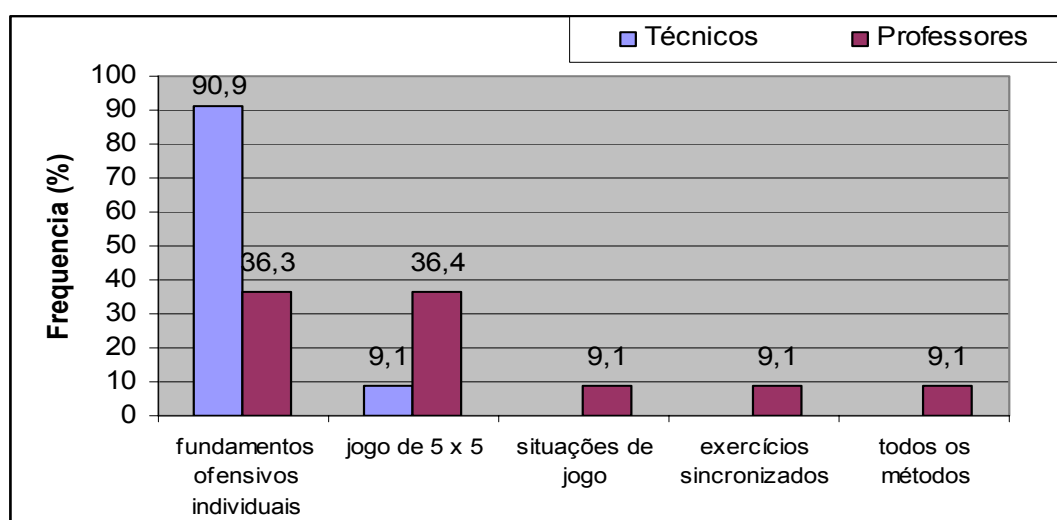
P7... Há uma discussão em pauta que é ensinar pela tática ou ensinar pela técnica, por um autor chamado Cloud Bayer, e é uma disciplina que dou na faculdade... eu faço os dois: através do jogo eu explico como abrir os espaços, explicando que o jogo acontece com 80% sem a bola na mão, e eles precisam aprender a jogar sem a bola, aprender a passar e se movimentar para recebê-la... outra coisa muito importante são os fundamentos, tanto para mão esquerda, quanto para mão direita: saber driblar, controlar a bola, a tática é importante para ele *saber o que fazer*, mas ele precisa dos fundamentos para *saber como fazer*.

P8... Devemos ensinar os deslocamentos sem posse de bola e mostrar através de diferentes exercícios, e situações de jogo, como eles deveriam jogar sem a bola e não só se preocupar com a bola.

P9... Defendo os exercícios de passar e ir, os sincronizados, utilizando figuras geométricas de triângulos, quadrados, círculo, estrela, para que aí sim ele desenvolva o raciocínio tático.

P10... Através de exercícios e depois jogos. Através dos exercícios eles melhoram os fundamentos e depois melhoram na tática.

P11... Principalmente através do jogo. Através dos jogos eles se motivam para jogar.



**Gráfico 6 – Distribuição das respostas coletivas em relação à metodologia de treinamento dos conteúdos – sistemas ofensivos**

Com relação aos métodos de ensino dos conteúdos dos sistemas ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação, observa-se que 90,9% dos técnicos têm nos exercícios analíticos individuais suas principais ferramentas de trabalho. Já os professores apresentam outros números: 36,4% defendem os exercícios analíticos individuais, 36,4% defendem o jogo de 5x5, 9,1% as situações de jogo, 9,1% os exercícios sincronizados e 9,1% acreditam que todos os métodos devem ser explorados na iniciação. Com esses resultados, pode-se assinalar que há diferenças e

similaridades no âmbito das percentagens, porque parece que os técnicos vêem nos exercícios, o principal método de ensino e os professores, apresentam muitas possibilidades, deixando claro que todos os métodos são válidos para essa etapa. Objetiva-se nesse momento observar os depoimentos dos técnicos e professores sobre essa temática.

“... o principal é trabalhar com **exercícios sincronizados**, os exercícios sincronizados são os mais importantes, aquela tática de correr para cá e para lá, pode ser parada na primeira bola que o atleta receber... às vezes, o técnico fica fora gritando “vamos armar”, mas o que ele deve dizer é “vamos acalmar” para retornar a posição inicial e tentar os deslocamentos visando deixar alguém em condição de arremesso...” (T5)

“... bom, é muito importante você ensinar o ataque como se faz na Europa, principalmente na Iugoslávia que é a **rotação**, onde todos jogam de frente para a cesta, e não priorizar o menino com 12, 13, 14 anos que já vai ser o pivô, o outro já vai ser armador e outro já vai ser lateral... então, naturalmente eles vão passando por todas as posições, primeiro jogando de frente para o cesto depois de costa para o cesto e a partir de 15 anos você começa a ir direcionando os jogadores para cada posição... através de exercícios individuais depois de grupo e por fim através do jogo coletivo...” (T7)

Depois de estudar algumas literaturas que tratam do ensino do basquetebol em diferentes possibilidades pedagógicas Hercher (1982), Greco e Benda (1998), Garganta (1998), percebeu-se que os métodos de ensino para o basquetebol na etapa de iniciação ou categorias menores devem ser oferecidos nas experiências práticas em situações de jogo, também em 1x1–2x2–3x3, e, ainda, os jogos não-formais e as brincadeiras para estimular o gosto pela prática do basquetebol devem ser concebidas como uma possibilidade a mais de ensino, pois esses métodos podem propiciar aos alunos o conhecimento e a aprendizagem dos fundamentos básicos do basquetebol jogando, considerando seus valores relativos e absolutos, e também aprenderem de acordo com suas possibilidades materiais (locais de aprendizagem), e aos 13-14 anos automatizarem o aprendizado pela motivação adquirida anteriormente, e experimentar novos métodos de forma mais detalhada e complexa em busca da especialização, caso seja de interesse dos praticantes do “basquetebol”. Em seguida, alguns depoimentos que vão ao encontro dessas idéias.

“... há uma discussão em pauta que é ensinar pela tática ou ensinar pela técnica, por um autor chamado Cloud Bayer... eu faço os dois: através do jogo eu explico como abrir os espaços, explicando que o jogo acontece com 80% sem a bola na mão, e eles precisam aprender a jogar sem a bola, aprender a passar e a se movimentar para recebê-la... outra coisa muito importante são os fundamentos, tanto para mão esquerda, quanto para mão direita: saber driblar, controlar a bola, a tática é importante para ele saber o que fazer, mas ele precisa dos fundamentos para saber como fazer... como eu trabalho dessa forma, não falo em jogadas, o que eu ensino para eles são as movimentações e o corta-luz... dependendo do nível do campeonato, e se eu acho que tenho condição de ganhar, apesar de não ser minha primeira intenção nessas categorias, aí faço jogadinhas de ataque, mas eles têm toda autonomia de ataque... nessas categorias eu não falo de posição, ensino a jogar 1x1, depois 2x2, depois 3x3 e sempre dou jogo de 5x5, porque é motivante para os praticantes...” (P7)

Coutinho (2001), com base nos estudos de Wissel (1998), afirmou existir dois métodos de ensino que são procedimentos adotados para ensinar determinadas tarefas. No basquetebol, geralmente adotam-se dois métodos distintos, dependendo do grau de dificuldade exigido pelo conteúdo. São eles: a) método global, que consiste em aprender o conteúdo do basquetebol em seu contexto integral, no qual os conteúdos são compreendidos realizando-os como uma integração das partes; b) método por partes, “*Método do todo-parte-todo*”, no qual a aprendizagem acontece primeiramente de forma global, depois parcial e, posteriormente, global novamente. Apesar de existirem o método de jogo e o método de exercícios, pode-se pontuar que na etapa de iniciação ambos os métodos devem ser utilizados, porém o que ainda está confuso na literatura é quando e para quem. O jogo é o melhor método porque motiva os praticantes. Outros asseveram que os exercícios é que dão um suporte técnico que posteriormente será utilizado nas ações táticas.

Griffin *et al.* (1996), ao pensarem nos métodos de ensino dos sistemas ofensivos do basquetebol, remetem ao binômio decisão/execução, com prioridade para o “que fazer” (aferência tática) ou para o “como fazer” (destreza técnica). Ainda sobre esse assunto, Mitchel *et al.* (1994) e Cusshion (2002) assinalam que se devem dotar os aprendizes de várias oportunidades para melhorarem a sua prestação desportiva através de interações mais apropriadas entre a técnica e a tática. Neste sentido, os conteúdos de aprendizagem na etapa de iniciação devem ser encorajados por destrezas específicas do basquetebol no momento em que se reconhecer o valor da técnica no contexto do jogo. Isso significa que o método de jogo, na visão destes



autores, quando se trata de etapa de iniciação são mais prestativos para a formação técnica e tática em basquetebol. Supõe-se, então, que, posteriormente em uma fase mais especializada, os exercícios individuais poderiam ser mais apropriados devido à mecanização provocada pela repetição, que seria importante para o componente técnico e tático para as competições superiores.

Busca-se a seguir discutir e inferir os resultados individuais e coletivos sobre o ensino-treinamento dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos na etapa de especialização em basquetebol considerando a argumentação científica e as experiências de técnicos e professores de basquetebol.

## **2. Etapa de especialização: análise das entrevistas sob a ótica de técnicos e professores universitários em relação ao ensino-treinamento da técnica e da tática**

A etapa de especialização em basquetebol compreende o ensino do basquetebol em duas fases de desenvolvimento: *fase de aperfeiçoamento inicial* e *fase de aperfeiçoamento profundo*, às quais caracterizam o treinamento na adolescência que compõe as categorias disputadas nos campeonatos estaduais, nacionais e internacionais e são infante, cadete, juvenil e sub-21. A etapa de especialização desportiva pode ser definida pela passagem das experiências da etapa de iniciação desportiva, generalizada e diversificada, para o treinamento especializado, específico e próprio, nesse caso do basquetebol.

Foi analisada a ótica dos técnicos e professores sobre o treinamento dos fundamentos do basquetebol na etapa de especialização com base nas categorias **conteúdos e fundamentos técnicos**.

### **2.1. Conteúdos – fundamentos técnicos (técnica)**

Perfil dos conteúdos que os técnicos destacam no treinamento dos fundamentos na etapa de especialização.

T1... Muda a forma e a intensidade do treino, por exemplo, o drible deverá ser ensinado

de acordo com as situações de jogo... ele deverá bater a bola em alta velocidade, mudar de direção rapidamente, mudar de mão e desenvolver o drible nas situações de jogo. Porque ele precisa saber olhar as suas ações e as dos outros e ter uma vivência em todas as funções para ele também lidar com as diferenças.

T2... Os fundamentos não podem ser abandonados. Tem jogadoras que chegam à seleção e não sabem fazer um trabalho de perna para se livrar do marcador.

T3... Temos que detectar e treinar os elementos (fundamentos) técnicos nas situações do plano tático. Porque eu acho que nas categorias infante, cadete, juvenil e sub-21, os atletas já devem estar voltados para as competições.

T4... Agora o ensino dos fundamentos irá depender da periodização. Porque a hora que eu colocar 5x5 elas sabem fazer as partes das jogadas... esse é o método por partes – então eu quebro as jogadas em pedaços e dou os exercícios especiais durante a fase pré-competitiva para depois chegar ao ataque de 5x5 que é o todo.

T5... Agora os fundamentos são treinados mais fortes e devem entrar na parte tática. Porque o cara já passou pelo mais difícil, que é o aprendizado chato dos fundamentos.

T6... Os fundamentos não mudam, desde a iniciação até a NBA, porque são os mesmos fundamentos, só que a forma de execução deve ser analisada para cada categoria... a execução dos fundamentos nessa etapa devem ser mais rápidos, mais ágeis... você tem que mostrar e fazer seus atletas entenderem, e se eles não entenderem não vão executar... porque você é o técnico e você pressiona e grita... o mais importante é que eles entendam o porquê de estarem fazendo aquilo.

T7... Agora os fundamentos nessa etapa devem ser bem mais específico né... porque por mais que você seja competitivo, você ainda não sabe ser jogador desde o infantil.

T8... A partir das estatísticas, feitas através das filmagens e das atletas estudando, é que trabalhamos os fundamentos. Se nós pensarmos nessas fases de cadete e infante-juvenil em só ser campeã e passar por cima dos fundamentos técnicos, a menina terá carreira curta... e no adulto, caso chegar, terá dificuldades para jogar.

T9... Nessa etapa, não posso pensar só na parte tática, preciso continuar os movimentos com qualidade, mas é claro que agora eles serão trabalhados de forma mais específica. Não adianta treinar os fundamentos paradinho porque no jogo não vou utilizá-los dessa forma, no entanto a parte técnica deve acontecer dentro da parte tática.

T10... O que muda agora no ensino dos fundamentos é a forma de cobrança, que é a exigência em relação à execução..., agora você precisa evoluir em relação à complexidade, e também aumentar a cobrança em relação aos erros e/ou violações que acontecem no jogo... Devemos treinar assim porque as(os) atletas estão chegando nas categorias de cima muito mal fundamentadas.

T11... Agora os fundamentos devem ser muito mais fortes e intensos. Porque eles no

jogo se motivam e você vai parando o jogo e ensinando os educativos.

Perfil dos conteúdos que os professores mestres e doutores destacam no treinamento dos fundamentos técnicos na etapa de especialização.

P1... Agora os fundamentos devem ser cobrados, tem que ser dado uma atenção maior nos detalhes, mas sempre no foco do jogo... e aumentar a intensidade do trabalho, senão não tem jeito porque quando o atleta chega no juvenil, aí ele realmente deve estar numa condição diferente, ou vira atleta ou pratica como lazer.

P2... Agora eu vejo que a ênfase maior está nos fundamentos técnicos individuais de defesa... entendo que os atletas já possuem a concepção do jogo de basquetebol.

P3... O que mudar é a intensidade, mais vezes, mais rápido, mais número de repetições.

P4... Os fundamentos técnicos agora devem ser mais apurados para ele fazer uma bandeja de costas, e a intensidade é bem maior na prática dos exercícios.

P5... Começam a aparecer as diferenças e você precisa saber fisiologicamente o que ele precisa, então você tem que fazer todos seus fundamentos nos treinamentos em cima da preparação física específica do basquetebol.

P6... O que muda agora é a intensidade do treinamento, mas os conteúdos são os mesmos, muda também a quantidade de vezes que você treina por semana, e a forma de cobrança que você deve realizar.

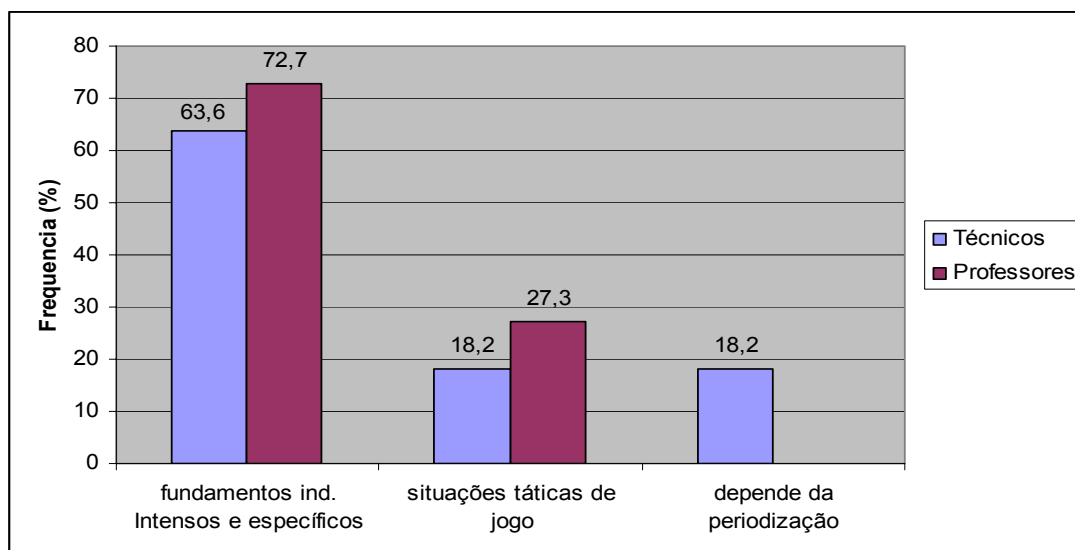
P7... Agora é treinamento, outra conversa, aperfeiçoar o fundamento, agora o cara tem que executar o fundamento de forma eficaz e eficiente, para que ele possa desenvolver o fundamento da forma como é executado no jogo.

P8... O que muda é que já são especializados os movimentos.

P9... Agora é treinamento para se atingir o alto nível.

P10... Agora é mais velocidade e depende de cada garoto.

P11... Acho que agora deve ser mais intenso.



**Gráfico 7 – Distribuição das respostas coletivas em relação ao treinamento dos conteúdos – fundamentos técnicos.**

Os resultados obtidos no estudo apontam que 63,6% dos técnicos citam como principais conteúdos de treinamento os fundamentos individuais específicos, que podem ser de defesa e ou de ataque. Um total de 72,7% dos professores também sugere esses conteúdos para a etapa de treinamento e 18,2% dos técnicos destacam as situações de jogo como principais conteúdos a serem treinados, enquanto que 27,3% dos professores entendem que as situações de jogo devem ser priorizadas no treinamento e 18,2% dos técnicos entendem que isso dependerá da periodização do treinamento.

Os resultados indicam que os conteúdos dos fundamentos técnicos que os entrevistados utilizam nos treinamentos são em sua maioria exercícios de desenvolvimento das habilidades individuais de forma analítica. De acordo com os depoimentos, devem ser treinados todos os fundamentos diferenciados para cada jogador, oscilando entre exercícios individuais, de grupo e coletivos, durante o processo de treinamento, sendo que o que muda é principalmente o aumento da intensidade e o número de repetições em relação à etapa de iniciação. Alguns depoimentos sugerem isso.

“... você tem que ensinar todos os fundamentos, por exemplo, em relação aos passes,

eles precisam ser treinados em todos os tipos, em movimento, por exemplo... o drible deve ser em velocidade intensa, sempre com a esquerda e a direita, para que os jogadores desenvolvam os dois lados; você tem que trabalhar o jogador sem bola para que ele aprenda corretamente, por exemplo, fazer o corta-luz ou o bloqueio, por exemplo... se seu companheiro de ataque for sair para o lado direito ou esquerdo, o jogador sem bola deve saber realizar o corta-luz, porque são detalhes técnicos decisivos nessa fase..." (T6)

Neste sentido, encontrou-se na literatura especializada do treinamento desportivo, descrita por Zakharov (1992), Matveev (1997) e Gomes (2002), a existência de três sistemas de preparação desportiva que devem ser levados em consideração na fase especializada e vão ao encontro dos resultados: a) sistema de competições; b) sistema de treinamento; c) sistema de fatores complementares. O sistema de fatores complementares dependerá de cada cenário de atuação do técnico. Saliencia-se que não é o objetivo principal deste estudo, mas cabe ressaltar que o Brasil é muito grande e que as diferenças sociais existentes nos diferentes Estados devem ser respeitadas, sempre oferecendo o basquetebol de competição, compreendendo as limitações financeiras de cada região. Em relação ao sistema de competições, toda a preparação desportiva juvenil deve ser periodizada e planejada nos seus conteúdos, meios e métodos de treinamento, a fim de diminuir os erros que por virtude possam acontecer na preparação, de acordo com Filin (1996). O sistema de treinamento, que envolve a preparação desportiva mais restrita, porém mais importante, segundo Matveev (1997), deve valorizar os seguintes aspectos: preparação técnica, tática, psicológica, social e moral dos atletas durante o processo de preparação. Abaixo, outro depoimento sugere essa importância.

Apresentam-se agora algumas pesquisas realizadas por estudiosos referentes a quais conteúdos são utilizados no treinamento dos fundamentos técnicos que devem fazer parte da etapa de especialização, os quais são tidos como sendo as fases de aperfeiçoamento inicial e profundo no basquetebol.

Em relação aos conteúdos no treinamento dos fundamentos técnico do basquetebol nas fases de especialização, Oliveira e Graça (1998), Paes (1998-1999) e Greco (1998) assinalam que esses fundamentos devem ter caráter específico para cada função exercida na quadra e devem ser utilizados vários métodos de trabalho para aperfeiçoá-los, como as situações de jogo, o drible, o manejo de bola e do corpo, os exercícios sincronizados, os fundamentos em superioridade e inferioridade numérica

3x2, 2x1, 4x3 específicos para ala, armador e pivô, os passes, os arremessos e o rebote. Deve haver para os autores uma periodização e uma organização metodológica durante o treinamento dos conteúdos objetivando as competições (OLIVEIRA e PAES, 2004). A seguir, depoimentos que confirmam essa tese:

“... agora o treinamento dos **fundamentos** vai depender da periodização... aí eu pergunto como é que eu vou preparar minha equipe para jogar daqui a um mês que é minha realidade hoje... então você sempre no Brasil terá dificuldades para estruturar os conteúdos de forma ideal, porque as equipes são montadas rapidamente e temos pouco tempo para elaborar uma periodização correta... agora se você tem tempo para fazer o trabalho é diferente... (...) mas, mesmo assim, eu acho que essa periodização tem que ser dividida em 3 etapas... no que diz respeito ao ataque.” (T4)

Com base nos depoimentos dos técnicos e professores e da literatura nacional e internacional pesquisada, foi possível estabelecer para a etapa de especialização em basquetebol os seguintes conteúdos para as fases de aperfeiçoamento e aprofundamento dos fundamentos do jogo de basquetebol: a) os conteúdos devem acontecer através da “técnica com bola de forma complexa”, que é o domínio corporal, a recepção de bola, receber, segurar, parar e manipular, com diferentes variações, por exemplo, altura, peso, força, direção, distância, efeito, uma ou duas mãos; b) dribles com ambas as mãos, por trás do corpo, por entre as pernas, de gancho, longo, com efeito, ombro, peito, por cima da cabeça, picado, após drible e após finta; c) passe alto, baixo, lado, costas, trocando de mãos, só direita, só esquerda, especiais, entre as pernas, por trás do corpo e com giros; d) Arremessos com a mão esquerda e direita, gancho, curta, média e longa distância, parado, saltando, após drible, após receber passes, bandeja esquerda e direita; e) rebote ofensivo, defensivo, sem marcação, com marcação, após marcação, após conta-ataque e com ou sem a posse de bola; f) a “técnica sem bola” que é o corta-luz com braços cruzados à frente do peito, de frente e de costas; g) fintas sem bola em L,V, giros pela frente e por trás, e as corridas em diferentes ritmos e direções (HERCHER, 1982).

“... para elaborar melhor o nosso planejamento de ensino dos fundamentos técnicos e táticos, nós trabalhamos com estatísticas onde mapeamos o que as jogadoras fazem nos treinos e nos jogos e aí a gente bate muito em cima dos fundamentos nos treinamentos... a correção é maior... deve-se buscar ter poucos erros... busca-se atingir

metas...” (T8)

Neste estudo, percebe-se a preocupação dos entrevistados com o processo de treinamento em muitos anos nos aspectos fundamentais da preparação técnica no basquetebol em aperfeiçoar todos os fundamentos em um alto grau de dificuldade e de acordo com as competições. Em relação à preparação técnica no basquetebol, são poucos os estudos que tratam dessa questão, principalmente considerando a preparação em muitos anos, conforme preconiza Oliveira (1987). Quando se trata de periodizar o treinamento técnico, é fundamental entender que existe a técnica geral e a especial, e no processo de treinamento especializado dos jogadores de basquetebol, implica em aperfeiçoar e aprofundar os conhecimentos adquiridos sobre os fundamentos do jogo, respeitando o princípio da unidade de preparação geral e especial no processo de treinamento, seja em uma sessão ou em um ciclo de 4-8 anos de preparação (MATVEEV, 1997).

No Brasil, as competições em basquetebol não estão sendo, nem em âmbito nacional nem em estadual, organizadas com a participação de diferentes orientações científicas, talvez por falta de organização, talvez por falta de condições financeiras, ou ainda devido à falta de políticas de promoção da modalidade, como postula Diniz (2000). Mas, de qualquer forma, onde elas existirem o treinamento deve ser planejado e periodizado, a fim de potencializar o desempenho dos atletas porque nessa fase o treinamento é intenso e os atletas passam por uma periodização sistemática durante toda a temporada competitiva. Pode-se perceber essa preocupação nas falas de um dos entrevistados.

“... aí sim, agora eles estão na especialização, mas o pensamento é o mesmo, tudo deve ser relacionado à competição, agora os fundamentos devem ser cobrados, tem que ser dado uma atenção maior aos detalhes, mas sempre no foco do jogo... e aumentar a intensidade do trabalho, senão não tem jeito porque quando o atleta chega no juvenil, aí ele realmente deve estar numa condição diferente, ou vira atleta ou pratica como lazer...” (P1)

Observa-se que a periodização é fundamental nessa fase da vida atlética, na qual os conteúdos são treinados de forma geral e especial, dependendo do calendário

desportivo. No entanto, sabe-se que não basta apenas planejar e periodizar, deve-se saber também o que ou quais conteúdos devem ser aplicados e por quê. Para Ibanez (2001), os fundamentos que devem ser cobrados e treinados com mais intensidades são drible, passes, arremessos, rebotes, situações de jogo, exercícios sincronizados e sistemas de ataque e defesa, na função específica de cada jogador da equipe exercida no sistema de jogo, em função das funções dos jogadores no basquetebol atual.

Para Lima (2001) e Lopes (2003) a partir da fase de identificação com o basquetebol, acontece uma mudança no estilo de vida dos atletas em função da dedicação exaustiva aos treinamentos e competições, haja vista que o treinamento especializado requer requisitos psicológicos, como determinação e persistência, mas é sabido que a pedagogia do profissional é um dos principais fatores para a continuidade dos jovens no processo de treinamento, tese esta embasada nos estudos de Balbino (2005), o qual defendeu que a ação pedagógica transcende o método. De qualquer forma, fica exposto aqui que não basta a experiência prática, esta deve ser aliada aos conhecimentos científicos, sempre buscando atualizações constantes.

## ***2.2. Metodologia de treinamento dos fundamentos técnicos (técnica)***

Perfil dos métodos que os técnicos destacam no treinamento dos fundamentos técnicos na etapa de especialização.

T1... Agora os fundamentos técnicos devem ser aplicados nas situações de jogo.

T2... Exercícios individuais em situações competitivas.

T3... Nas situações de jogo.

T4... Exercícios individuais de grupo e coletivo.

T5... Deve acontecer no jogo.

T6... Exercícios em situações de jogo, individuais.

T7... Bom, são os mesmos fundamentos, mas de uma forma mais competitiva, mais intensa, seria a carga de treinamento onde você já aumentaria o número de repetições.



T8... Iniciamos as sessões de treinamento pelo método analítico... Exemplo no arremesso... Primeiro, ela aprende ou treina sozinha acertando posição de braços e pernas;... depois, vamos para as situações de jogo onde ela aprende a preparar para a outra arremessar... Situações de 3x2, etc.... Agora os fundamentos para nós no jogo é a estatística.

T9... Dentro das situações de jogo ou da parte tática.

T10... Exercícios individuais.

T11... Através do jogo principalmente.

Perfil dos métodos que os professores mestres e doutores destacam no treinamento dos fundamentos técnicos na etapa de especialização.

P1... Primeiro, individualmente, depois, em dupla, trio e coletivamente, ou seja, dos exercícios analíticos para as situações de jogo. Porque arremessar 500 bolas de forma parada não leva a nada, porque no jogo isto não acontece, dificilmente você arremessará livre no jogo.

P2... Devemos ir migrando do aspecto do jogo para a metodologia dos exercícios tomando maior parte nos treinamentos. Porque estamos da metade para frente de um funil... esse funil tem como fim a fase adulta... ele já tem estrutura física, psicológica, social... ele já possui meta... foco... e claramente já está definido na modalidade... e onde ele quer chegar.

P3... Deve ser através de muito exercício. Porque o jogo precisa ser mais intenso.

P4... Deve-se mesclar entre exercício e jogo. Porque a parte técnica é dependente desses fatores dos aspectos físicos e é nessa intensidade que ela deverá ser apurada.

P5... Exercícios individuais específicos para pivô, armador lateral. Porque eles devem aprender este tipo de coisa, porque é a etapa de especialidade dele, se ele é armador, vamos trabalhar os exercícios que melhorem sua condição de armador.

P6... São as situações de jogo, porque os resultados desportivos são muito importantes, sendo assim todo trabalho deve ser feito nas atividades que se aproximem do jogo.

P7... Devemos treinar nas situações de jogo. Porque para que ele seja bom jogador ele deve ser bem fundamentado e cada dia fazer um pouquinho mais, e é muito importante que ele entenda o jogo.

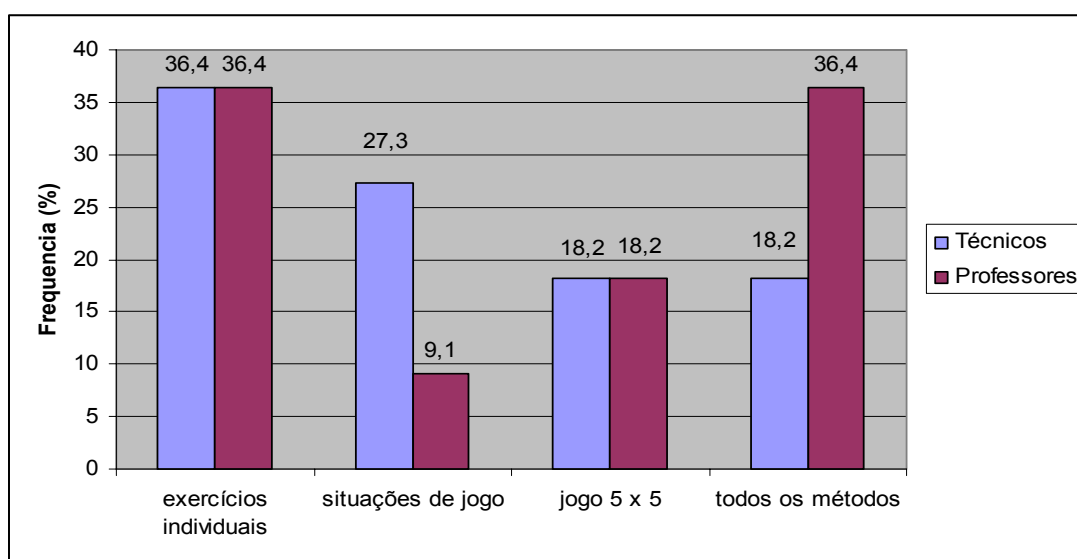
P8... Faço muito trabalho de situações de 3x3. Porque não dá mais para fazer o

treinamento em um ritmo que não seja de jogo... eu acredito muito na especificidade do treinamento. Porque agora é jogar para vencer as competições.

P9... Devem ser exercícios que se aproximem do jogo. Porque se aproximam das competições principais.

P10... Através de exercícios e jogos. Porque só com bons fundamentos e exercícios é que isso acontece.

P11... Através do jogo. Porque no jogo eu consigo melhorar os fundamentos, mas precisamos agora de exercícios também.



**Gráfico 8 – Distribuição das respostas coletivas em relação à metodologia de treinamento dos conteúdos – fundamentos técnicos.**

Verifica-se nos resultados que 36,4% dos técnicos defendem, como principal método de treinamento, os exercícios individuais, 27,3% defendem as situações de jogo como prioritárias e 18,2% acreditam no método de jogo de 5x5 como principal estratégia, assim como 18,2% relataram que preferem utilizar todos os métodos durante o processo de treinamento. No caso dos professores, 36,4% defendem os exercícios individuais como prioridade metodológica nos treinamentos, 9,1% entendem que devem ser as situações de jogo, 18,2% defendem o método de jogo 5x5 e 36,4% acreditam que se deve trabalhar com todos os métodos.

Fica evidente que não existe um só método de treinamento para a aplicação dos

conteúdos do basquetebol na etapa de treinamento especializado. Os resultados são claros e demonstram que técnicos e professores convergem em suas idéias e se preocupam com as metodologias de treinamento. Talvez o que poderia ser discutido é quando e o porquê da escolha de algum ou outro método, em que a periodização do treinamento seria o segredo. Vislumbra-se, a seguir, o que a literatura traz sobre esses conceitos metodológicos e suas formas de aplicação.

Greco (1998) e Paes (1999) pontuam que os métodos de treinamento para desportos coletivos podem ser desenvolvidos através de exercícios analíticos, exercícios de transição e exercícios sincronizados, além das situações especiais, tais como as leituras dos valores individuais, por meio do *método situacional* 1x1, 2x2, 3x3, ou das situações de jogo 2x1, 3x2, 4x3 ou do *método de jogo* (5x5), considerado o mais próximo da competição principal, como amistosos e/ou competições preparatórias. Esse método poderia ser denominado método pré-competitivo e, quando for competições principais, o método é o competitivo e pós-competitivo. Além desses métodos, Gomes (2002) sugere os métodos de influência verbal, que são a explicação, a conversa, o comando, as indicações corretivas, a análise verbal, a inter-relação e co-educação e também método de influência demonstrativa, que é subdividido em visuais, que são os materiais didáticos, os filmes sobre exemplos motores, cartazes, desenhos e esquemas, em auditivos, que são o estímulo musical, as palmas, os apitos, os sinais de agora, foi e já, e em sinestésicos, que são os exemplos dos parceiros, do técnico para a execução correta dos movimentos, ajuda para o arremesso, drible, passe, fintas, entre outros.

Assim, os métodos de treinamento, no basquetebol, podem ser utilizados para aperfeiçoar a técnica dos movimentos repetindo-os muitas vezes. Todavia, a cada dia o técnico deve ser criativo e elaborar novas formas de treino por intermédio de diversos meios, pois técnicas complicadas são mais fáceis de serem apreendidas se forem executadas em sua complexidade, como acontecem nas competições, e para isso torna-se necessária uma multivariada de movimentos. Deve-se criar, explicar, demonstrar e orientar, que são tarefas importantes para os agentes do processo, além dos *feed-backs* constantes (GALLATI, 2002).

Ao analisar algumas falas sobre a aplicação dos métodos de treinamento pelos entrevistados, pode-se perceber diferenças no pensamento de como se deve treinar os conteúdos técnicos fundamentais do basquetebol:

“... depende da periodização... por exemplo... na... **Pré-temporada**... onde você prioriza a preparação física – e a técnica individual... **Temporada a**... onde os atletas entram em exercícios mais específicos sem abandonar totalmente a primeira etapa onde trabalharam os exercícios físicos específicos, e o aprimoramento técnico individual...**Temporada b**... onde você entra no treinamento de técnicas coletivas que são os exercícios tipo a) específicos e b) especiais... os específicos são exercícios do pivô, armador, lateral individualmente de 3x2 de trio, de dupla... os especiais são uma parte dos princípios da defesa e ataque... exemplo, os exercícios de 3x3 ou 4x4 são direcionados para os movimentos preestabelecidos que serão parte das jogadas... então, eu não faço 3x3 sem objetivos, elas recebem orientações de o que fazer e para que fazer tais movimentos já mais padronizados... pedaços da jogada... e aí a hora que eu colocar 5x5 elas sabem fazer as partes das jogadas... esse é o método por partes – então eu quebro as jogadas em pedaços e dou os exercícios especiais durante a fase pré-competitiva para depois chegar ao ataque de 5x5 que é o todo...”(T4)

As respostas vão ao encontro das preocupações teóricas do treinamento desportivo na qual a literatura especializada mostra que, no treinamento dos sistemas defensivos de qualquer desporto coletivo em fase de treinamento especializado, devem ser considerados os períodos de preparação geral, especial, competitivo e pós-competição, quando se trata de uma ou mais temporadas (ZAKHAROV e GOMES, 1992; FILIN, 1996). Abaixo, um outro depoimento com raciocínio diferente, porém convergente no pensamento:

“... os principais **métodos** são as situações de jogo, porque os resultados desportivos são muito importantes, sendo assim todo trabalho deve ser feito nas atividades que se aproximem do jogo, principalmente nos trabalhos coletivos... no início do treino já aliamos trabalho físico e técnico... defendo esse método porque o jogador deve ser preparado para reagir de acordo com a situação que vai acontecer no jogo...” (P6)

De acordo com os depoimentos, parece que se deve buscar nos treinamentos um aperfeiçoamento da aprendizagem adquirida até esse momento do processo, aperfeiçoando e aprofundando os conhecimentos com vistas às competições, direcionando os jogadores e aproximando-os dos melhores resultados no basquetebol, nos quais a técnica dos fundamentos deve ser realizada com e sem bola, com e sem

marcação, individual, em grupos e coletivamente, ou seja, aliada à tática. Os métodos de trabalho devem estar racionalmente ligados aos períodos de diferentes momentos das competições, sinalizando a importância da periodização dos conteúdos-fundamentos técnicos durante esses períodos.

### **2.3. Conteúdos – sistemas defensivos (tática)**

Perfil dos conteúdos que os técnicos destacam no treinamento dos sistemas defensivos na etapa de especialização.

T1... As defesas deverão ser em conjunto porque mesmo as individuais no basquete são em conjunto em função dos conceitos de ajuda, cobertura... as defesas por zona devem ser opções táticas.

T2... Nós trabalhamos com 2, às vezes 3 tipos de defesa... um sistema, base e alguns sistemas alternativos... você tem que definir um sistema base... O nosso sistema base é a individual...

T3... Devem ser treinados de forma individual muito agressiva... a forma é com ajuda, com troca pressionado nos cantos da quadra, enfim, com formas diferentes para mudar a forma normal de jogo...

T4... É a mesma coisa e na verdade no meu treinamento dou mais ênfase à defesa... a minha filosofia de jogo é que o basquete começa da defesa para o ataque... eu tenho que ter boa defesa e a partir da defesa eu vou jogar em contra-ataque... uma equipe ideal para mim é aquela que faz 60% das cestas em contra-ataque, 20% de transição e 20% de jogo armado...

T5... Defesa individual é prioridade.

T6... É a mesma coisa, mas você não deve passar todas as defesas de uma vez para os garotos, eu cometi muito esse erro... se os garotos não aprenderem na etapa de 13 a 15 anos eu vou ter que retomar isso... daí muitos treinadores optam por marcar zona porque lhes dá o resultado mais rápido.

T7... Bom, eu acho que tem que ser passado todos os tipos de defesa, mas a gente tem que dar prioridade, principalmente para a parte individual, para as defesas por zona.

T8... Agora é assim... Continuamos a defesa individual como base até a juvenil... Só que já trabalhamos outros tipos de defesa... eu gosto muito da 2:1:2 e também da pressão zona 1:2:1:1, onde trabalhamos muito com box...

T9... A opção da defesa que você vai ter vai depender da característica da equipe adversária e da sua equipe.

T10... Agora na defesa é a forma do ensino dos fundamentos defensivos... e a forma de cobrança, que é a exigência em relação à execução.

T11... Todos os tipos de defesa.

Perfil dos conteúdos que os professores mestres e doutores destacam no treinamento dos sistemas defensivos na etapa de especialização.

P1... Agora que estão na categoria cadete e infanto-juvenil, o atleta tem que saber defender em todas situações, aí todas variações de defesa individual, defesa por zona em todas variações.

P2... A defesa hoje é individual, mas sua concepção é coletiva... o coletivo prevalece através de trocas e de coberturas.

P3... Deve ser treinado em todas as defesas e possibilidades na quadra.

P4... Agora ele deverá saber todos os sistemas tanto individual quanto por zona.

P5... Você deve continuar os princípios defensivos, só que agora mais específicos, é o aperfeiçoamento da ação individual com e sem bola, se o jogador estiver com bola, o defensor precisa saber tudo que ele possa fazer.

P6... Nessa fase deve ser trabalhado todos os sistemas, o mais importante é saber o potencial de sua equipe, ou seja, se sua equipe é rápida, você pode defender individual se é muito grande por zona... Mas a defesa mais completa é a individual... utilizo muito trabalho de defesa em  $\frac{1}{2}$  quadra, nos exercícios de 1x1, 2x2, até chegar em 5x5.

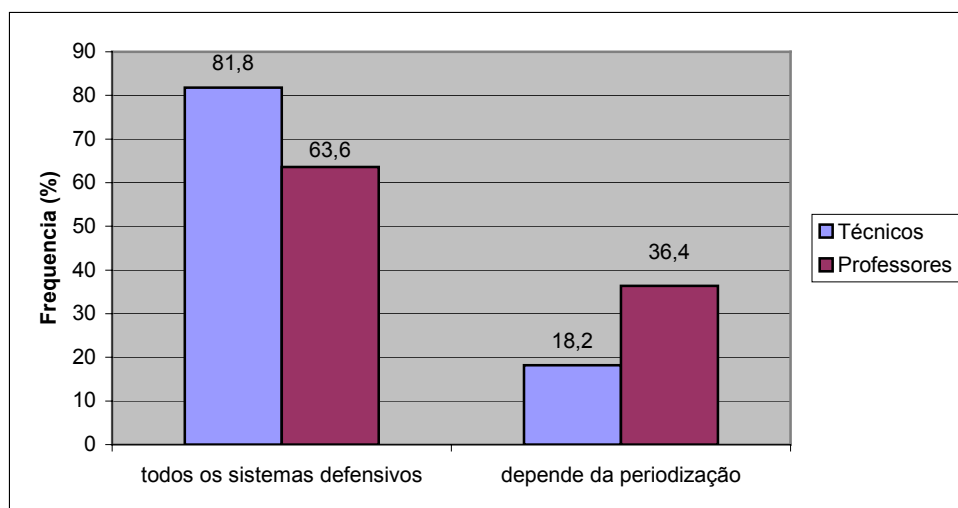
P7... Devem ser treinados todos os sistemas defensivos.

P8... Todos os sistemas de defesa.

P9... Deve-se utilizar mais aquele que se adapte a sua equipe.

P10... Agora vai depender da sua equipe.

P11... Eu acho que são defesas que você vai necessitar no jogo.



**Gráfico 9 – Distribuição das respostas coletivas em relação ao treinamento dos conteúdos – sistemas defensivos**

Em relação aos conteúdos de treinamento dos sistemas defensivos do basquetebol, pode-se perceber nos resultados que 81,8% dos técnicos defendem que todas as defesas devam ser treinadas e 18,2% entendem que o treinamento das defesas vai depender da periodização do treinamento. Entre os professores, 63,6% defendem que devam ser treinados todos os tipos de defesa individual e 36,4%, que devem ser treinadas todos os tipos de defesa, seja ela individual ou por zona e que vai depender da fase de treinamento implicando rever os conceitos da periodização do treinamento.

Nos depoimentos de alguns técnicos e professores abaixo, há as diferenças de pensamento em relação ao treinamento das defesas na etapa de especialização:

“... agora é assim... continuamos a defesa individual como base até a juvenil... só que já trabalhamos outros tipos de defesa... eu gosto muito da 2:1:2 e também da pressão zona 1:2:1:1, trabalhamos muito com box... em função das estatísticas... aí elas já estão com boas noções para marcar e a individual é que dá a base para tudo... são anos de prática na individual e aí fazemos a defesa zona de acordo com os adversários, mas pode ser qualquer uma... na semana, de 5 treinos, 2 dias eu dedico ao trabalho individual de defesa por função no jogo... pivô de um lado lateral e armador do outro... e outros 3 dias aos trabalhos mais específicos, que pode ser o contra-ataque, pode ser o ataque de 5x5, pode ser a defesa...” (T8)

Nota-se, de acordo com os depoimentos, que nas fases de treinamento especializado devem ser ensinados, praticados e aperfeiçoados, nos mínimos detalhes, todos os sistemas e estratégias táticas. Não é diferente para o basquetebol nas fases de aperfeiçoamento inicial, na qual os atletas necessitam vivenciar todas as defesas durante o processo de treinamento, porém abrem-se exceções, quando as competições se aproximam. Há também, em função talvez do fator mercadológico, a necessidade do resultado desportivo de curto prazo nessas categorias que compõem a etapa de especialização como infante e cadete, juvenil e sub-21, fase esta que é anterior à fase final do processo de especialização denominada nesse estudo como fase de aperfeiçoamento inicial e aperfeiçoamento profundo.

Alguns entrevistados referem que os jogadores já têm suas funções definidas no jogo e não há necessidade de treinar todas as defesas, o técnico opta por um sistema ou outro em função das características de suas equipes e também em função do calendário dos campeonatos. Comprovam-se essas idéias nos depoimentos, porém mostram-se as diferenças de pensamentos estratégicos:

“... nessa fase deve ser trabalhado todos sistemas, o mais importante é saber o potencial de sua equipe, ou seja, se sua equipe é rápida, você pode defender individual, se é muito grande por zona... porque não importa o técnico trabalhar todos os tipos de defesa, o importante é saber o que ele tem na mão para escolher o tipo de defesa..., mas a defesa mais completa é a individual... utilizo muito trabalho de defesa em  $\frac{1}{2}$  quadra, nos exercícios de 1x1, 2x2, até chegar em 5x5... no trabalho individual, trabalho a postura de defesa, resistência muscular, localizada de membros inferiores, deslocamentos e entendo que o técnico tem que ser uma pessoa presente para motivar os atletas, para que eles entendam a importância da defesa...” **(T6)**

Carvalho (2001) e Barreto (2003) afirmam que, na defensiva por zona ou setor, os jogadores detêm a responsabilidade de marcar uma determinada área conforme a posição da bola, isto é, os ajustes defensivos são realizados em conformidade com a movimentação da bola e apresenta sete sistemas de defesa por zona, segundo o posicionamento na quadra de jogo: (2:1:2); (1:3:1); (1:2:2); (2:2:1); (1:1:3); (2:3); (3:2).

Ibáñez, (2000) destaca que a defesa por zona é uma das opções táticas que os técnicos podem utilizar com o objetivo de dificultar e neutralizar certas ações das equipes adversárias. Quando se trata do treinamento das defesas por zona, a leitura do



posicionamento tático deve ser feita da linha do meio da quadra para o fundo. Torna-se importante, nas fases de especialização em cada tipo de defesa por zona, treinar os movimentos dos jogadores para as ajudas em profundidade e amplitude. A inter-relação de espaços defensivos e a orientação dos jogadores são ajustes que devem acontecer no interior dos conceitos de jogo dos atletas. Esse procedimento é feito pelos métodos dos técnicos e deve ser treinado incessantemente (PRIMO, 1986; SMITTH, 1988).

“... é a mesma coisa... e na verdade no meu treinamento dou mais ênfase à defesa... a minha filosofia de jogo é que o basquete começa da defesa para o ataque... eu tenho que ter boa defesa e a partir da defesa eu vou jogar em contra-ataque... uma equipe ideal para mim é aquela que faz 60% das cestas em contra-ataque, 20% de transição e 20% de jogo armado... então, se eu tenho como meta filosófica trabalhar somente 20% de jogo armado, então não posso perder tanto tempo em táticas... então, me preocupo com defesa e contra-ataque na maior parte do tempo e jogo de transição caso eu não consiga resolver no contra-ataque... agora, o sistema de ataque armado é rápido 5, 7, 10 segundos, no máximo 12... devemos preparar as jogadoras, sempre é claro, tentar o rebote ofensivo, mas pelo menos duas já pensando na defesa no balanço defensivo pós ação ofensiva... sempre da preparação individual dos fundamentos individuais de defesa até a formação de 5x5.”(T4)

Segundo Ferreira e De Rose (1987), cada defesa por zona possui pontos de vantagens e desvantagens, detalhados a seguir: vantagens – dificulta o adversário se aproximar da cesta, facilita a organização defensiva, facilita a organização defensiva quanto ao posicionamento de acordo com as características dos jogadores, facilita a organização para as transições ofensivas; desvantagens – em função do prévio posicionamento, facilita a organização do ataque; quando pouco treinada pode confundir os posicionamentos entre dois ou mais jogadores, oportuniza arremessos de média e longa distância e facilita a troca de passes.

Quando optar pelos sistemas de defesa individual nas fases de treinamento especializado, estes podem ser classificados para o treinamento de várias formas, porém com os detalhes técnicos e suporte físico de qualidade. Apresentam-se cinco das diferentes formas de defesa individual: 1) defesa individual simples; 2) defesa individual com ajuda; 3) defesa individual com flutuação; 4) defesa individual com troca de marcação; 5) defesa individual com antecipação (DAIUTO, 1974; SMITH, 1988).

Cada uma delas será explicitada.

Ferreira e De Rose (1987) apontam que na defesa individual simples o defensor fica de costas para a cesta e de frente para o atacante no posicionamento básico. Com a movimentação dos adversários, cada defensor deve acompanhar seus atacantes, evitando perder a visão da cesta e dos demais jogadores. Na defesa individual com ajuda, o defensor deve manter o posicionamento básico, mas se houver infiltração de um ou outro atacante, ele deve posicionar-se rapidamente e tentar impedir a ação do adversário, caracterizando a ajuda. Em seguida, deve retornar o mais rápido possível a sua marcação de origem, assim que seu companheiro de equipe se recuperar. Na defesa individual com flutuação, o defensor, quando não estiver marcando o atacante com a posse de bola, deve aproximar-se da cesta, mantendo a visão no jogador com a posse da bola, no seu marcador e na cesta.

“... você deve continuar os princípios defensivos, só que agora mais específicos, é o aperfeiçoamento da ação individual com e sem bola, se o jogador estiver com bola o defensor precisa saber tudo que ele possa fazer... então, a primeira coisa é impedir que ele faça o arremesso, aí precisa tomar uma posição favorável... se ele pode me driblar ou fintar e cortar para o cesto, então preciso de outra atitude e não posso ir afoito para cima dele porque aí ele me corta... mas tem os que não driblam e não cortam, então isso são fatores específicos que você vai fazer e treinar de acordo com quem vai jogar... em síntese, deve-se evitar arremessos, corte e passe ou o bom passe... devemos ensinar muito bem esses 3 princípios...” (P5)

Torna-se necessário, então, ajustar seu posicionamento com a movimentação dos atacantes. Na defesa individual com troca de marcação, os defensores procedem à troca de marcação, principalmente quando acontece o corta-luz. Deve-se fazer essa troca sempre que os jogadores tiverem as mesmas características físicas. A troca de marcação é uma opção tática, todavia apresenta dúvidas entre os defensores; deve ser, portanto, muito bem orientada. Na defesa com antecipação, o defensor deve antecipar a linha do passe buscando impedir que os atacantes recebam a bola. Esse tipo de defesa facilita o passe *back-door*, ou seja, a finta e a corrida por trás do jogador que facilita o passe em profundidade; deve-se, por conseguinte, além de tudo, utilizar a visão periférica para antecipar e interceptar os passes (CÁRDENAS, 2003).

Parece que as características que devem ser desenvolvidas nos jogadores de basquetebol em relação à defesa individual nos treinamentos e nos jogos de basquetebol, no que tange à defesa individual, é ensinar os defensores a estar entre o atacante e a cesta. Quando o atacante estiver com a bola, manter a distância de um braço, mas quando o atacante estiver sem a posse de bola, poderá criar a linha de passe para, quando possível, antecipar e interceptar os passes e não perder de vista a ajuda aos companheiros. Deve-se também evitar faltas desnecessárias, levando o atacante para a lateral e fundo da quadra ou para o lado de menor habilidade. Também deve-se estimular os atletas a vencerem as disputas com os adversários, motivando os mesmos a vibrarem com a defesa, aceitando as disputas por meio de treinamento sob regime de inferioridade numérica e com dificuldades que não acontecem nas competições, utilizando-se ainda das comunicações verbal e gestual (FERREIRA e DE ROSE, 1987).

Ferreira e De Rose (1987) acentuam ainda que, como nos sistemas por zona, cada sistema individual tem suas vantagens e desvantagens, das quais podem ser citadas algumas: vantagens – estimula o desenvolvimento das habilidades individuais, permite colocar frente a frente jogadores em condições similares, define responsabilidades, é adequada para qualquer tipo de adversário, dificulta os passes e arremessos de média e longa distância, agride psicologicamente o adversário e exige maior desgaste físico do adversário; desvantagens – exige um condicionamento físico adequado ao sistema de defesa, permite o jogo de um contra um e de grupos 2x2, 3x3, facilita as infiltrações, permitindo arremessos de curta distância, dificulta a organização do contra-ataque, requer fundamentação básica defensiva aprimorada, facilita os bloqueios dos adversários e provoca maior número de faltas.

Para Ferreira e De Rose (1987), as defesas mistas nada mais são do que a combinação das defesas por zona com as defesas individuais. Nessa ocasião, um ou dois jogadores marcam individualmente e os outros marcam por zona. Deve-se, no entanto, usá-las para anular um ou mais jogadores adversários que possuem grande porcentagem de acerto na maioria das competições. O objetivo de quem marca individualmente é impedir que o passe chegue ao atacante. Caso isso ocorra, os que estão posicionados na zona devem fazer a cobertura (FERREIRA e DE ROSE, 1987).

Pode, por exemplo, criar situações surpresas, como posicionar a equipe por zona e a partir do momento em que acontecer o primeiro passe para as laterais, por exemplo, o sistema passa a ser individual no jogador que receber a bola e os outros jogadores, sem a posse de bola, são marcados sem serem pressionados, pressionando-se somente o jogador com a posse de bola. É claro o técnico pode ser criativo e utilizar várias formas de sistemas com surpresa, principalmente com jovens atletas.

A defesa por pressão é utilizada por muitos técnicos em todo o mundo. Ela pode surpreender os adversários em boa parte do jogo. Deve ser utilizada, principalmente quando a equipe estiver com desvantagem numérica no placar, para cansar os principais jogadores adversários, induzir a equipe adversária a cometer violações, atrasar a organização ofensiva dos adversários, recuperar rapidamente a posse de bola, abalar as estruturas psicológicas dos adversários e evitar que os atacantes joguem nos locais de maior aproveitamento (CARVALHO, 2001).

Na defesa individual pressionada, cada defensor é responsável por um jogador adversário. Ela pode ser realizada em quadra inteira, três quartos de quadra, meia quadra e um terço de quadra. O objetivo principal é a recuperação rápida da bola e o atraso da organização ofensiva dos adversários. Para realizar esse tipo de marcação, os jogadores devem estar muito bem preparados física e psicologicamente, além de possuírem um trabalho coletivo intensivo. Deve-se utilizá-la principalmente quando converter uma cesta ou quando for bola morta. Deve-se também evitar o uso dessa defesa após arremessos não convertidos, em função da não organização, acarretada pela ação ofensiva (DAIUTO, 1974).

A defesa pressionada por zona é utilizada para forçar os adversários a cometerem passes errados, permanecerem mais que cinco segundos com a bola, pressionados nos cantos da quadra. Existem vários tipos de defesa por zona e serão exemplificadas algumas: (2:2:1); (1:2:2); (1:3:1); e (1:2:1:1). As defesas são definidas por regiões, às quais podem ser na quadra inteira, em três quartos de quadra, em meia quadra e/ou um terço de quadra, em que cada jogador possui um local ou região preestabelecida para iniciar a ação defensiva. Em seguida, de acordo com as movimentações do ataque, devem acontecer as coberturas, com o intuito de recuperar a bola e/ou provocar o erro do adversário (OLIVEIRA e PAES, 2004).

Devem-se utilizar as defesas por pressão, tanto por zona como individual, após intensa preparação psíquica para evitar surpresas, visto que as marcações por pressão exigem alto desempenho e determinação por parte dos jogadores, além de um grande desgaste físico. Deve-se lembrar que os adversários de alto nível de preparação também treinam esses sistemas e podem utilizar as deficiências para tornar os sistemas vulneráveis e é por isso que se recomenda desde o início do treinamento especializado a preparação psicofisiológica para defender (CARVALHO, 2001).

Na defensiva por zona ou setor, os jogadores detêm a responsabilidade de marcar uma determinada área conforme a posição da bola, isto é, os ajustes defensivos são realizados em conformidade com a movimentação da bola e apresenta sete sistemas de defesa por zona, segundo o posicionamento na quadra de jogo (2:1:2); (1:3:1); (1:2:2); (2:2:1); (1:1:3); (2:3); (3:2). Segundo Daiuto (1974) e Ferreira e DeRose (1987) a defesa por zona possui pontos de vantagens e desvantagens, detalhados a seguir: vantagens – dificulta o adversário de se aproximar da cesta, facilita a organização defensiva, facilita a organização defensiva quanto ao posicionamento de acordo com as características dos jogadores, facilita a organização para as transições ofensivas; desvantagens – em função do prévio posicionamento, facilita a organização do ataque, quando pouco treinada, pode confundir os posicionamentos entre dois ou mais jogadores, oportuniza arremessos de média e longa distância e facilita a troca de passes.

#### **2.4. Metodologia de treinamento dos sistemas defensivos (tática)**

Perfil dos métodos que os técnicos destacam no treinamento dos sistemas defensivos na etapa de especialização.

T1... O Método é o jogo... Porque os técnicos e os jogadores precisam entender que todos os sistemas têm vantagens e desvantagens e quando o técnico pede para marcar linha do passe, por exemplo, e se o jogador for cortado, vai acontecer por causa dessa estratégia e aí o técnico precisa ter coerência do que ele está cobrando... se ele está pedindo alguma tarefa, ele precisa saber das dificuldades... essa compreensão entre técnicos e jogador é a segurança do bom trabalho... estamos marcando a zona 2x3 fechado, porque nós não queremos a cesta dentro do garrafão e se sair uma cesta de 3 pontos não dá para reclamar do jogador.

T2... Principalmente as situações de jogo em 1x1 para depois as coletivas. Dependendo do adversário, você vai ver se você faz com ajuda, meia quadra com agressividade, pela linha de passe... mas você tem que ter um sistema verdadeiro... Se for zona pode ser 3:2, 1:2:2 ou a *mach-up*, aquela zona que você vai igualando.

T3... Individual e depois em grupo e coletivo. Porque hoje é importante desenvolver nos atletas a confiança e a vontade de ganhar... Eu falo para os meus atletas que 50% é com o técnico, mas os outros 50% é com eles mesmos.

T4... Sempre da preparação individual dos fundamentos individuais de defesa até a formação de 5x5. Porque se eu tenho como meta filosófica trabalhar somente 20% de jogo armado, então não posso perder tanto tempo em táticas ofensivas.

T5... Através de sistemas. Depois de 15-16 anos você deve colocar táticas defensivas mais sofisticadas, aí o garoto já pensa diferente, tem outro pique, já tá condicionado para defender ao jogar.

T6... Através de sistemas. Eu falo que você não deve pular etapas porque tem um garoto que entra na sua equipe e não sabe tudo isso, e você como técnico tem que trabalhar tudo isso para que quando precisar de uma ou outra que adapte a sua equipe você possa utilizá-la.

T7... Através de sistemas. Porque acho que deveria ser obrigatória a defesa individual e a proibição da zona estática em categorias abaixo de 15 anos.

T8... Na semana, de 5 treinos, 2 dias eu dedico ao trabalho individual de defesa por função no jogo... Pivô de um lado, lateral e armador do outro... Os outros 3 dias aos trabalhos mais específicos, que pode ser o contra-ataque, pode ser o ataque de 5x5, pode ser a defesa. Porque trabalhamos em função das estatísticas.

T9... O importante é conseguir fazer a leitura do jogo, não basta ter um bom componente físico apenas, para executar um bom deslocamento e ter um bom posicionamento vou precisar fazer a leitura do jogo. Porque não vai conseguir fazer isso... se ele não souber isso desde as categorias de base, dificilmente vai conseguir na categoria adulta, ou vai levar mais tempo.

T10... Mais intenso na forma de cobrar. Porque quando vamos jogar fora do Brasil, o que a gente vê hoje em certas categorias é que os jogadores brasileiros, principalmente das categorias juvenil e adulto acham que não precisam mais treinar fundamentos defensivos.

T11... Através de exercícios educativos e jogo. Porque agora ele precisa se exercitar muito nos exercícios para melhorar as condições físicas.

Perfil dos métodos que os professores mestres e doutores utilizam no treinamento dos sistemas defensivos na etapa de especialização.

P1... Os métodos de treinamento são a mesma coisa, tem que criar situações de trabalho individual de 1x1, 2x2, 3x3, até chegar no 5x5. Porque quando eu era técnico, uma coisa que eu gostava de fazer e dava certo era treinar defesa com inferioridade numérica, por exemplo, um ataque de 5x4 defensores, porque assim você aumenta a velocidade da defesa, nesse caso, é claro, defesa por zona, pode até ser feito também contra individual.

P2... Devemos treinar as defesas de forma coletiva. Porque eles devem ter consciência que a defesa premia o ataque e se temos um bom ataque, antes teremos que ter uma boa defesa.

P3... Principalmente nas situações de jogo. Porque se eles estiverem motivados, se submeteriam a treinamentos mais fortes. ... devemos dizer a eles: vocês conseguem sempre.

P4... Através dos sistemas. Porque eu acho que os atletas agora precisam muito da parte teórica... eles precisam estudar o basquetebol... entender para quê e por quê marcar, saber quais são os tipos de defesa... saber as características dos adversários.

P5... Dos exercícios individuais aos conceitos coletivos. Porque precisamos ensinar aos jogadores todos os conceitos de defesa e o que pode acontecer no jogo.

P6... Muito trabalho individual e depois nos sistemas. Porque não importa o técnico trabalhar todos os tipos de defesa, o importante é saber o que ele tem na mão para escolher o tipo de defesa.

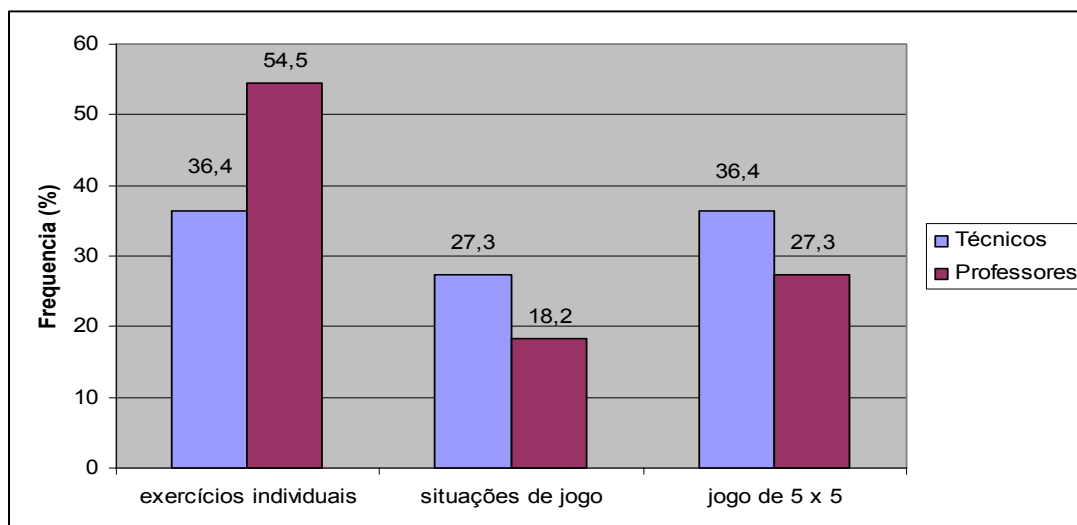
P7... Através dos sistemas. Porque nessa fase o sistema que você vai escolher para o jogo deve ser um ponto forte, e o meu é uma defesa individual pressionada..., mas de repente pego um time que sai desse tipo de defesa, aí eu preciso saber quais pontos fracos dessa equipe: se ela joga com um pontuador só, joga com pivô, quer dizer, precisamos conhecer todos os sistemas, não significa que você tem que treinar todos os sistemas, mas os seus atletas devem conhecer os conceitos de todos os sistemas, porque no jogo você pode adaptar.

P8... Devem-se dar muitos exercícios de defesa. Porque a defesa só é aprimorada com exercícios.

P9... Busco aqueles que se aproximam do jogo. Porque é no jogo que conseguimos melhorar as defesas.

P10... Através de exercícios e de jogos. Porque os exercícios dão base para a boa defesa.

P11... Através de exercícios e das situações de jogo. Porque eu vi muitas jogadoras que são muito mal fundamentadas.



**Gráfico 10 – Distribuição das respostas coletivas em relação à metodologia de treinamento dos conteúdos – sistemas defensivos**

No que diz respeito aos métodos de treinamento dos sistemas defensivos na etapa de especialização, 36,4% dos técnicos defendem a predominância dos exercícios individuais, 27% defendem a predominância das situações de jogo e 36,4% dos técnicos entendem que o principal método é o jogo de 5x5. Entre os professores, 54,5% defendem que o principal método são os exercícios individuais, 18,2% que são as situações de jogo e 27,3% que é o próprio jogo de 5x5.

Pode-se postular que há convergências e divergências em função dos números obtidos entre o que técnicos e professores pensam acerca das metodologias para o treinamento dos sistemas defensivos para o basquetebol na especialização dos atletas. No campo prático, a busca pelos resultados precoces tem afastado muitos atletas no período da especialização, conforme apregoam Oliveira e Paes (2001, 2002 e 2003). Essa preocupação já vem de muito longe com os estudos de Paes (1986 e 1989). Devem-se oferecer para os jovens os conteúdos dos sistemas defensivos de forma planejada e organizada em longo prazo. Desde a categoria infante até a juvenil deve haver uma subdivisão rigorosa e metodológica dos métodos gerais e especiais até a sub-21 para aplicação dos conteúdos de treinamento. São mais de cinco anos de



trabalho e eles precisam ter todos os conteúdos, independentemente dos campeonatos que estão disputando, para que possam na fase adulta enfrentar o cenário internacional e nacional com conhecimento adquirido e aprendido, e não decorado. No entanto, todos os métodos de treinamento devem ser utilizados, com prioridades nas diferentes fases (IBÁNÊS, 2000).

Essas divergências e convergências aparecem em alguns casos nas respostas dos entrevistados:

“... é a mesma coisa... sempre da preparação individual dos fundamentos individuais de defesa até a formação de 5x5.” (T4)

“... realizar treinamento com outras equipes e de preferência mais fortes... simulação em relação às situações reais de jogo... o grau de exigência deve ser maior, mas de acordo com as possibilidades dos jovens...” (P3)

“... os métodos de treinamento são a mesma coisa, tem que criar situações de trabalho individual de 1x1, 2x2, 3x3, até chegar no 5x5... porque quando eu era técnico, uma coisa que eu gostava de fazer era treinar defesa com inferioridade numérica, por exemplo, um taque de 5x4 defensores, porque assim você aumenta a velocidade da defesa, nesse caso, é claro, defesa por zona, pode até ser feito também contra individual e você cria mecanismos de cobertura para que eles aprendam agir rápido, daí você cobra daquele ou de outro que não pode ficar livre, ou do lado da bola ninguém pode ficar livre. Eu pedia para que eles deixassem alguém sobrar lá, são estratégias que você vai criando para dar à defesa noção de cobertura...” (P1)

Percebe-se que não há uma uniformização para o processo em longo prazo e sim que é sempre para vencer as competições de forma imediata. Percebe-se ainda que nos métodos de treinamento propostos por Oliveira e Paes (2004), que são exercícios analíticos, sincronizados, em situações de jogo, e o jogo, além do método competitivo fundamentado em Zakharov e Gomes (1992), é utilizado por professores e técnicos, mas não foi percebido nas respostas uma preocupação com a formação técnica e tática em longo prazo, nesse caso com os métodos que estão relacionados aos sistemas defensivos.

## 2.5. Conteúdos – sistemas ofensivos (tática)

Perfil dos conteúdos que os técnicos destacam no treinamento dos sistemas ofensivos na etapa de especialização.

T1... Eu digo para os jogadores que o jogador que estiver no ataque sem a bola tem mais importância do que quem estiver com a bola, porque o jogador que estiver com a bola precisa ter muitas opções, por exemplo, ele tem 4 jogadores para passar e a cesta como alvo... então, se ele tiver sempre 5 opções ele estará privilegiado... agora se 1 jogador não se movimenta e não se coloca para receber a bola, ele passa a ter só 4 e se ele tiver apenas 2 jogadores lhe dando condições de passe, ele terá apenas 3 opções... e se você tiver um time que não se movimenta, o seu time poderá cometer muitos erros, pois ele só terá o alvo com boas ou más condições de atacar.

T2... Agora as funções das jogadoras têm que estar definidas e deve-se jogar em cima de sistemas... Dentro do sistema tem que ter liberdade...

T3... Eu defendo que não devemos copiar táticas ou estratégias.

T4... Não há jogadas, era só jogo livre... o que tinha era princípios que quando elas chegavam no adulto, elas já sabiam.

T5... O basquete brasileiro tem que ser jogado em velocidade – contra-ataque, deve chegar agredindo... Quando jogar com equipes européias, ele não pode ficar armando o jogo. O argentino copiou o europeu e deu certo, porque a cultura é muito parecida com os europeus.

T6... Eu defendo o princípio que a bola tem que passar por todos, mas dentro de um sistema, e quando você receber a bola em condição ofensiva de ataque, e quando surgir a oportunidade de você finalizar depois da bola ter sido passada por todos eles, todos ficam mais seguros na decisão e criam um ambiente mais positivo no grupo ou na equipe.

T7... Ah! Eu acho que você já pode ir incorporando as coisas táticas, movimentação, sistemas, *passing game*, triângulo, algumas jogadinhas, mas o que a gente vê muito é os treinadores ficarem muito tempo do treinamento nessa parte tática.

T8... Trabalhamos o jogo com três abertas e 4 abertas, porque elas já tem a noção de espaço e daí a gente coloca as situações de um corta-luz, por exemplo, do pivô ou no armador... a partir daí vai depender de quem está com a bola e quem está agindo... Tem que agir junto com o outro que está fazendo... eu ensino para elas um princípio da movimentação, o restante é o jogo livre.

T9... Na minha equipe tenho a jogada 1, e esta é para meu armador, e não

necessariamente ele precisa definir e aí vai depender da habilidade que ele tem e da leitura do jogo.

T10... O que muda agora no ensino dos fundamentos ofensivos é a forma de cobrança, que é a exigência em relação à execução... porque se você já está consolidado em relação à aprendizagem, aos fundamentos, agora você precisa evoluir em relação à complexidade do jogo.

T11... O que muda agora é a velocidade de passes e leituras que se devem fazer da defesa do adversário.

Perfil dos conteúdos que os professores mestres e doutores destacam no treinamento dos sistemas ofensivos na etapa de especialização.

P1... Agora os fundamentos ofensivos devem ser cobrados, têm que ser dada uma atenção maior aos detalhes, mas sempre no foco do jogo.

P2... O ataque precisará ter coletividade, o que muitas equipes ainda não têm.

P3... No treinamento dessas fases, temos que fazer com que os atletas treinem 3 horas por dia jogando 1 ou 2 vezes por semana e que eles ainda fiquem com vontade de chegar logo o próximo jogo ou treino.

P4... Ele deve trabalhar em todas as posições... com isso, o armador terá a experiência de jogar de pivô e o pivô de jogar de lateral e o lateral de armador, para que eles valorizem as outras funções e ajudem-se, movimentando para receber a bola.

P5... Os detalhes ofensivos nessa etapa são decisivos, mas não pode ser na hora do jogo.

P6... Mesmo agora nos 15/17 anos não faço muitas jogadas para não impedir a liberdade deles de criar.

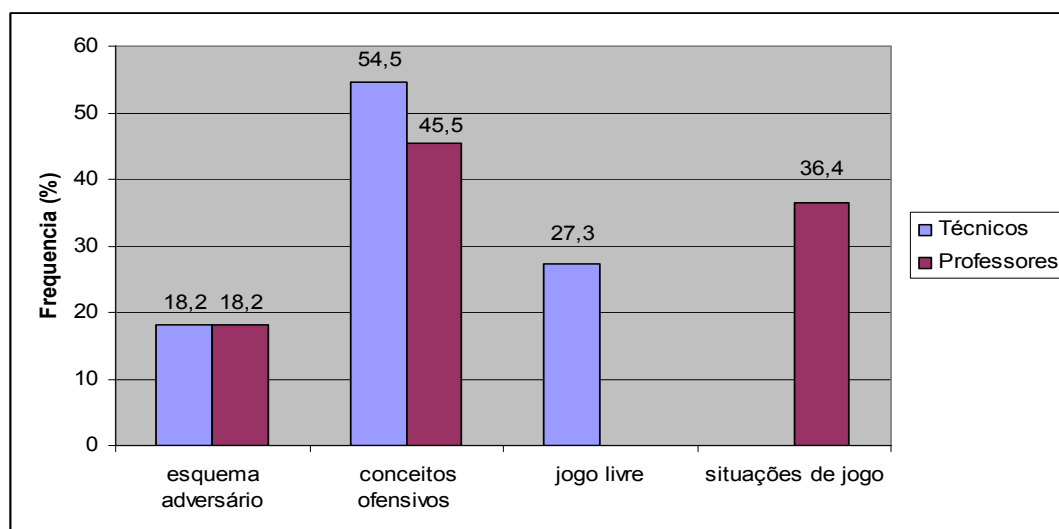
P7... Tem que potencializar e saber seus pontos fortes, se teu time é extremamente competente para arremesso de 3, você vai montar um sistema que permita o arremesso de 3, se você tem bons pivôs, você vai tentar criar espaços para que os pivôs recebam a bola e joguem 1x1.

P8... Gosto de começar pelo 1x1 e vou progredindo até o 5x5.

P9... Agora o ataque precisa de movimentos organizados.

P10... Agora tem que trabalhar em conjunto com muito mais intensidade.

P11... O que muda eu acho que é a forma como acontece na competição.



**Gráfico 11 – Distribuição das respostas coletivas em relação ao treinamento dos conteúdos – sistemas ofensivos**

De acordo com os resultados, pode-se perceber que 18,2% dos técnicos preparam suas equipes para competirem nos aspectos ofensivos. Dependendo de como se comportam as equipes adversárias, 54,5% dos técnicos entendem que a prioridade nos sistemas ofensivos deve ser dada aos conceitos do ataque. Já 27,3% dos técnicos defendem o jogo livre para as fases de formação ofensiva. Os técnicos não opinaram em relação às situações de jogo. Os professores mostraram-se diferentes em relação aos técnicos no caso da ofensiva, na qual 18,2% falaram sobre a preparação em cima do esquema das outras equipes. No entanto, 46,6% defendem que os conceitos ofensivos são prioridades na preparação. Os professores não opinaram sobre o jogo livre. Por outro lado, 36,4% destacaram as situações de jogo como ótimas possibilidades de preparação para as competições juvenis. Ainda outros professores

entendem que devem ser utilizadas todas as possibilidades de trabalho, porém nos diferentes momentos da preparação. Esse fato se dá na medida em que se entende melhor o conceito de ataque. Mas, a opinião de alguns técnicos e professores a respeito dos conteúdos ofensivos pode conferir se há muitas diferenças nas respostas:

“... eu defendo que não devemos copiar táticas ou estratégias... devemos ensinar os fundamentos individuais em grupo e coletivamente... porque devemos treinar o sistema na capacidade de cada jogador que temos em mãos... e isso significa que devemos iniciar no início da especialização dos atletas no basquetebol, senão não há sistema que dê certo...” **(T3)**

Parece que nas fases juvenis os técnicos e professores ainda não estão satisfeitos na atualidade com as competências técnicas dos atletas, e advertem para uma boa preparação multilateral dos conceitos ofensivos, mas preocupam-se também com procedimentos estereotipados, valorizando apenas a preparação individual. Isso fica claro quando a maioria defende a importância de se trabalhar os conceitos que estabelecem as relações interpessoais no jogo de basquetebol.

“... tem que potencializar e saber seus pontos fortes, se teu time é extremamente competente para arremesso de 3, você vai montar um sistema que permita o arremesso de 3, se você tem bons pivôs, você vai tentar criar espaços para que os pivôs recebam a bola e joguem 1x1...” **(P7)**

Pode-se perceber que há diferenças e similaridades nas respostas, mas, de acordo com Jackson (1997), a leitura que os jogadores conseguem fazer a partir de uma situação-problema que acontece durante o jogo só é possível se eles atuarem num ‘uníssonos’, ou seja, compreenderem que “um precisa do outro” para realizar suas ações ofensivas.

Esses conceitos de ataque, é claro, quando se trata de jovens atletas, devem ser pensados na medida em que muitos erros acontecem até mesmo porque muitos estão em fase de aperfeiçoamento e ainda não conseguem compreender a totalidade do jogo, mas seria interessante que, desde a categoria infante-juvenil, devesse se desenvolver nos jovens atletas a capacidade de resolução de problemas, ocasionados pelo jogo a partir da leitura das situações-problema. O que isso significa é que não se trata de

mecanizar movimentos tipo “passa a bola para um lado e corre para o outro, recebe um corta-luz de outro, gira para o fundo e recebe a bola outra vez”. Trata-se de que, quando iniciar alguma movimentação, observar se será possível realizar os movimentos ou não e caso não der, criar uma outra situação que resolva o problema sem ferir os laços movimentais que são produzidos num determinado sistema de ataque, seja ele quatro aberto, três aberto, cinco aberto ou contra defesa por zona.

Vejam outros depoimentos que retratam esse assunto:

“... ele deve trabalhar em todas as posições... com isso, o armador terá a experiência de jogar de pivô e o pivô de jogar de lateral e o lateral de armador, para que eles valorizem as outras funções e ajudem-se, movimentando para receber a bola...” **(P4)**

No basquetebol dos dias atuais, antes de se pensar em conteúdos de treinamento, torna-se importante saber quem está treinando. Os jogadores na atualidade jogam por funções no jogo e são numerados tais como: número 1- que é o armador fixo; 2- é ala, armador ou escolta; o 3- é o ala pivô; o 4- é o pivô móvel; e o 5- é pivô fixo. As funções atuais dos jogadores de basquetebol são definidas e enumeradas de um a cinco. Entende-se que no Brasil é muito difícil jogar com jogadores com essas características, mas quando se tratar de seleções nacionais infante e juvenil, essas formas podem ser possibilidades úteis de preparar os jogadores para a fase adulta em competições internacionais. Dessa forma, os conteúdos de treinamento dos sistemas ofensivos deverão seguir o raciocínio de quem joga e não do jogador ideal.

Vidal (1991) afirmou que tais funções, no basquetebol, foram estabelecidas há muito tempo; entretanto, ainda há técnicos que não observaram os avanços na questão da organização das equipes para as disputas, especificamente as que envolvem os campeonatos nacionais, pois estas configuram-se em bases para as seleções nacionais. Para o autor, muitas equipes de maior destaque mundial sempre trabalharam com doze jogadores, sendo três jogadores número cinco, dois número quatro, quatro número três e três número três. Vidal (1991) acreditou nessa formação em 1987 e conseguiu um feito inédito ao vencer os Estados Unidos em Indianápolis. Isso significa que a presença de jogadores altos no basquetebol está carente para tais funções e é preciso um modelo de seleção de talentos para o basquetebol, apesar de que as

competições podem ser os melhor locais para a recruta inicial.

Em relação a esse assunto, porém pensando nos sistemas ofensivos contra defesas por zona, Ibánês (2000), baseado em autores espanhóis, defende que os objetivos do ataque devem centrar-se nas rápidas movimentações da bola, fazendo com que os defensores desequilibrem o bloco defensivo, criando oportunidades para os arremessos, para as penetrações e para o jogo com os pivôs. O drible contra zona deve, também, ser utilizado para chamar a atenção da cobertura, seguido de um passe para um companheiro livre, porém não deve ser repetitivo porque depende das qualidades dos atletas que compõem as equipes. O autor destaca quatro princípios básicos para as fases iniciais de especialização: ter paciência para concluir as finalizações; provocar o desequilíbrio defensivo; após realizar um passe cruzado, realizar outro passe cruzado, quebrando a organização defensiva; colocar a bola nos pontos vulneráveis que cada defesa por zona possui, através das movimentações e posicionamentos nos espaços livres.

Graça, Tavares, Oliveira e Janeira, (1991) destacaram a importância de valorizar as situações especiais de jogo. Pode-se afirmar que no basquetebol, apesar de ainda ignoradas por muitos técnicos, elas fazem a diferença no início e até em final de partida e precisam ser treinadas constantemente para evitar surpresas. Dessa forma, são exemplificadas algumas dessas situações porque também há a preocupação aqui com esses problemas..

Alguns técnicos e professores destacam a importância de situações especiais para essa fase e essas situações na literatura são:- *Situação de bola ao alto*: no início de cada partida, o árbitro levanta a bola para que dois jogadores a disputem-na e iniciem o jogo. Nessa situação, podem ser criadas opções para levar vantagem sobre os adversários, proporcionando uma situação de cesta mais rápida através de uma aproximação e um contra-ataque que desde o início demonstrará uma tentativa de controlar o jogo. Caso a percepção for de perder a bola ao alto, deve-se posicionar de tal forma que os jogadores evitem as situações inversas, levando uma cesta imediata que pode elevar o moral do adversário. *Situação de reposição de bola na lateral e no fundo, triângulo defensivo*: essa situação tem feito várias equipes perderem a posse de bola por erros de passes e estourar o tempo de posse de cinco segundos para repor a

bola em jogo. Deve-se, contudo, preparar movimentações especiais utilizando-se de jogadas ensaiadas com bloqueios e movimentações rápidas para então repor a bola em jogo. *Saída de marcação sob pressão*: nessas situações, que ocorrem sobre defesas por pressão, seja individual ou por zona, deve-se preparar os jogadores nos aspectos físicos e técnico-táticos, evitando o drible excessivo, a não utilização de passes balão, a leitura do posicionamento defensivo dos adversários, a utilização de passes picados, a movimentação nos espaços livres, a utilização do corta-luz e a utilização verbal e gestual.

“... ah! Eu acho que você já pode ir incorporando as coisas táticas, movimentação, sistemas, *passing game*, triângulo, algumas jogadinhas, mas o que a gente vê muito é os treinadores ficarem muito tempo do treinamento nessa parte tática... ficam dando movimento de várias jogadas, exigindo isso, onde deveria ser mais livre...” (T7)

De acordo com os estudos de Carvalho (2001), e do programa de educação esportiva da América “Ensinando basquetebol para jovens”, para se treinar os sistemas ofensivos primeiramente deve-se considerar os números que tem sido destacado sobre as posições dos jogadores nas quadras. O número um representa o armador fixo e o dois representa o armador de ajuda e ou/escolta. O armador é o jogador responsável por organizar os sistemas ofensivos da equipe, devendo possuir características físicas velozes nos fundamentos, particularmente no drible e passe. O armador, quando possuir características ofensivas, pode ser benéfico para a coletividade do time, porém deve também ser bom em dar assistência, ser paciente, manter bom relacionamento com os companheiros de equipe e com os técnicos, possuir boa visão de jogo, domínio espacial, arremessos de longa distância, infiltrações nos espaços vulneráveis dos sistemas adversários, consciência no equilíbrio defensivo, inteligência de antecipação e tomada de decisão frente aos adversários.

O número três representa os alas ou laterais e podem-se distinguir as funções da seguinte maneira: alas ou laterais de velocidade e força altos e medianos. Nessa função, pode-se jogar explorando o contra-ataque, como o jogo próximo à cesta. O número três pode ser utilizado para efetuar bons passes para os pivôs, realizar arremessos de média e longa distância, pode ser também estimulado a ser bom



infiltrador, e ainda ter a capacidade de rebotear, fazer corta-luz, visto ainda que é o maior responsável pelos contra-ataques e pelo equilíbrio defensivo. Deve, portanto, deter o domínio dos fundamentos para o ótimo jogo com e sem a bola.

Os números quatro e cinco representam os pivôs fixos e móveis. Estes normalmente são altos e fortes. O número cinco joga na maior parte do tempo de costas para a cesta; já o número quatro normalmente tem a liberdade para jogar fora do garrafão, explorando os arremessos de média e longa distância, quando necessário. Ambos devem possuir percepção visual e tátil, elaboração rápida nas respostas motoras para as tomadas de decisão, excelente capacidade de saltos, extrema habilidade para recepção dos passes, ótima capacidade para realizar fintas e giros com ambas as mãos, bons arremessos de curta e média distância, e, sobretudo, serem exímios reboteadores (OLIVEIRA e PAES, 2004).

Embasados nos estudos de Oliveira e Paes (2004) sobre o ataque contra sistemas por zona, parece que o aperfeiçoamento e o aprofundamento dos conhecimentos teóricos dos atletas para realizarem a leitura do jogo, ou seja, ler e entender o posicionamento defensivo dos adversários com vistas a uma melhor tomada de decisão é evidente, por exemplo, quando os adversários defendem nos sistemas 1:2:2 e 2:1:2, tornando-se possível montar o ataque de acordo com a defesa e explorar os pontos vulneráveis que cada sistema possui. Outro exemplo: a defesa 1:2:2 tem característica ímpar, pois o primeiro número é ímpar e normalmente o jogador que marca na parte superior do garrafão é o que define; já o sistema 2:1:2 caracteriza-se por um sistema par, pois o primeiro número é par e normalmente esses dois jogadores marcam paralelamente na parte superior do garrafão.

O objetivo, nessa maneira de ataque, é desigualar o posicionamento ofensivo diante das movimentações defensivas para facilitar as infiltrações, os arremessos e o jogo com os pivôs. Pode-se utilizar, ainda, o corta-luz na zona para facilitar os arremessos. Na movimentação da bola, os passes devem penetrar a zona com firmeza. Pode-se utilizar também os passes picados, escolher o melhor momento para os arremessos, buscar incessantemente a segunda chance após arremessos não convertidos através do rebote ofensivo e, caso não recuperar a bola, equilibrar rapidamente o sistema defensivo (transição ataque/defesa) (CARDOSO, s/d).

## **2.6. Metodologia de treinamento dos sistemas ofensivos (tática)**

Perfil dos métodos que os técnicos destacam no treinamento dos sistemas ofensivos na etapa de especialização.

T1... Eu divido o jogo ofensivo dos jogadores assim... a primeira parte é tentar o contra-ataque... a segunda é tentar a transição final – trailer;... depois o jogo de 5x5 meia quadra... sistema de jogadas... só que deixo para o jogador o poder de decisão, e tem jogador que tem bom poder de decisão tática e outros não... no jogo só de 5x5 para o estilo brasileiro não é vantagem ao contrário do europeu... aí eles dizem que na Europa eles marcam muito... é que eles gostam das táticas corretas e jogar 5x5... o basquete brasileiro é um jogo de velocidade, mas não podemos ficar só na velocidade para não ficar um jogo de malucos... tem hora que temos e devemos ensinar os jogadores a lidar com as situações táticas na hora certa... Porque os movimentos sem bola darão ao homem da bola muitas opções e aí ele poderá fazer o que for melhor...“ou vai para a cesta ou passar para os melhores posicionados para fazerem os arremessos.

T2... Exercícios ofensivos individuais para depois em situações de grupo e completar o coletivo... Porque todo mundo quer copiar o que fazem os americanos, os espanhóis... essas equipes criam seus sistemas porque tem jogadores para realizá-los... então... Não existe sistema para jogadores, o que existe é jogador para o sistema. Então, as movimentações que passamos nas seleções são baseadas no aproveitamento estatístico e nas características de cada jogador.

T3... Devemos ensinar os fundamentos individuais em grupo e coletivamente... Porque devemos treinar o sistema na capacidade de cada jogador que temos em mãos... e isso significa que devemos começar no início da especialização dos atletas no basquetebol senão não há sistema que dê certo.

T4... Método de conceitos ofensivos individuais e de grupos para atuarem no jogo livre. Porque nós formamos um grupo de trabalho e trabalhamos muito tempo juntos... e foi uma filosofia que deu certo, um projeto que cientificamente deu certo, ou seja, é uma tese que tenho hoje... agora o País inteiro teria que trabalhar nesse sentido... o País precisa de uma filosofia de jogo, ou seja, o cara que trabalha no Amazonas tem que ter a mesma filosofia porque a hora que uma atleta de lá vier para cá ou para as seleções brasileiras, os técnicos não teriam dificuldades para trabalhar.

T5... Principalmente as situações de jogo de 1x1... Porque para vencer internacionalmente temos que ter um volume de jogo maior porque se nós pararmos para armar o jogo, vamos perder, porque temos poucos jogadores internacionais bons que vão atuar na seleção.

T6... Hoje o meu trabalho na equipe adulta é o jogo 5x5 em meia quadra... Porque o Brasil jogou 50 anos na transição, assim era a melhor maneira de jogar, só que hoje em

dia todos são super-atletas... os nossos jogadores devem ser trabalhados em situações rápidas, mas, e eu falo para minha equipe, que se tiver em uma situação rápida e você fizer a cesta, e na outra continua fazendo, agora se você teve uma situação rápida e não teve sucesso, na próxima não pode fazer a mesma coisa.

T7... Através dos fundamentos individuais e de grupo. Porque o que deve ser feito é desenvolver os conceitos de ataque e não jogadas. Se eu trabalhar com conceitos para desenvolver no atleta o entendimento da leitura do jogo, ele vai aprender qualquer tipo de ataque e como deve ser feito.

T8... Através das situações de jogo. Porque a tomada de decisão é muito mais da menina do que da situação que colocamos para ela... *“você vai passar ali e depois vai lá e depois volta aqui”*. Aí fica um monte de robôs na quadra.

T9... Devo criar movimentos para propiciar condição onde eu quero que o melhor arremessador consiga arremessar... Vou criar um movimento para dar condições a ele de receber a bola livre e utilizar melhor a habilidade que ele tem. Porque você deve evitar os movimentos que sejam previsíveis, porque senão todos saberão como você vai jogar.

T10... Principalmente os fundamentos ofensivos individuais para ter melhor compreensão da sua utilização na hora do jogo.... Porque eles só vão executar bem os fundamentos, treinando todos os dias, e infelizmente no Brasil, quando chegam nessas categorias, os jogadores acham que não precisam mais treinar estas habilidades, e é aí que os jogadores erram durante o jogo... é justamente na fase de aperfeiçoamento que se tem que consolidar os hábitos de treinar as habilidades que são fundamentais para o jogo.

T11... Através de educativos e das situações de jogo... No jogo moderno está difícil fazer cesta porque a ordem agora é não deixar fazer cesta.

Perfil dos métodos que os professores mestres e doutores destacam no treinamento dos sistemas ofensivos na etapa de especialização.

P1... Principalmente o método de jogo... Particularmente não gosto de nada analítico, defendo muito o aspecto global... Em alguns momentos o analítico é importante para aperfeiçoar o treinamento. Mas no geral as coisas devem ser feitas no global, porque não adianta repetir por repetir... por exemplo, dar 500 arremessos por treino, é legal, mas não adianta nada repetir se estiver fazendo errado, o importante são as correções para fazer o certo, aí sim o analítico é importante... então eu penso que mesmo 500 arremessos deverão ser feitos em posições variadas, com dificuldades, porque arremessar 500 de forma parada não leva a nada, porque no jogo isto não acontece, dificilmente você arremessará livre no jogo... você deve arremessar em desequilíbrio com 2 pessoas marcando... daí o treinamento tem que ser mais metódico.

P2... Devemos aprimorar as técnicas individuais... na seqüência estender para a coletividade em função dos sistemas defensivos que estão cada vez mais exigentes... Porque penso que precisamos mudar a nossa cultura de jogo... precisamos quebrar certos paradigmas de jogo individual.

P3... Independente da forma, valorizar os aspectos motivacionais... Porque devemos dizer a eles “você conseguem sempre” e eles conseguirão.

P4... Independente da forma, deverá ser muito mais intenso... Porque o meu conceito de formação de jogadores é com 18/19 anos porque é aqui que eles estão formando fisicamente e não existe mais a maturação precoce que supre os outros aspectos principalmente o aspecto técnico e tático.

P5... Competitivo nos detalhes individuais... Penso assim porque fiquei nos EUA com John Wooden, e aí ficava sempre do lado dele ouvindo o que ele falava e só perguntava quando tinha dúvida, aí fui no treino dele antes do jogo final e eu vi ele dizer para os jogadores “tudo que vocês aprenderam aqui, será utilizado no jogo”, ou seja, não ensinava nada naquele momento, a não ser como jogava a outra equipe.

P6... No ataque eu trabalho 1x1, 2x2, 3x3, baseado nas situações de jogo, o corta-luz eu trabalho o tempo inteiro, muitas fintas, *back-door*, e em ½ quadra. Porque acredito que o jogador tem que ter autonomia de movimento.

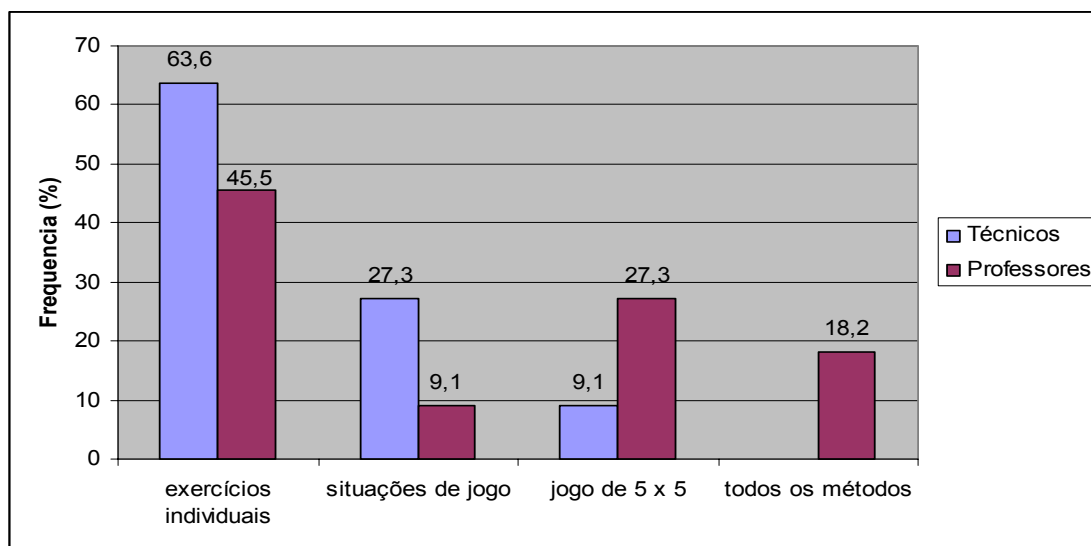
P7... Eu defendo nessa etapa o jogo semilivre, semi-rígido, Ele tem início com a movimentação dos atletas, eles já sabem mais ou menos os possíveis movimentos e eles vão utilizar os movimentos decorrentes das situações de jogo... Porque qual é o melhor sistema ofensivo?... O que melhor couber na sua equipe, essa é a melhor resposta.

P8... Através de muitos exercícios individuais e depois vai progredindo até o jogo... Porque sem exercícios não dá para aperfeiçoar o ataque.

P9... No próprio jogo vamos treinando os conceitos de ataque... Porque no jogo a motivação é muito maior.

P10... Através de exercícios e de jogos. Porque precisamos de uma ótima fundamentação a exemplo do arremesso da Hortência.

P11... Através de exercícios... Sem a fundamentação correta fica muito difícil jogar bem taticamente. Eu me lembro que fui muito bem fundamentada.



**Gráfico 12 – Distribuição das respostas coletivas em relação à metodologia de treinamento dos conteúdos – sistemas ofensivos**

De acordo com os resultados do estudo, pode-se perceber que 63,6% dos técnicos defendem os exercícios individuais como principal método de ensino dos sistemas ofensivos, enquanto 27,3% acreditam ser melhor utilizar as situações de jogo e 9,1% preferem o jogo de 5x5. Já entre os professores, 45,5% defendem que é prioridade utilizar exercícios analíticos individuais, enquanto 9,1% defendem as situações de jogo. Por outro lado, 27,3% defendem a própria competição de 5x5 como prioridade para o aperfeiçoamento das ações ofensivas. E ainda, 18,2% afirmaram que todos os métodos devem ser utilizados durante o processo de trabalho.

No que diz respeito aos métodos de treinamento dos sistemas ofensivos na etapa de especialização, os técnicos e professores também não são homogêneos quanto ao que se pudesse chamar de ideal. O que se viu é que muitos acreditam no jogo, outros nos exercícios, já outros nas situações de jogo. Como se mostrou anteriormente, os métodos de jogo nas fases iniciais do ensino do basquetebol, por volta dos 11-12 anos, parecem ser os principais métodos, porém, no treinamento especializado, vai realmente depender das competições e do planejamento e da periodização do treinamento, segundo Paes (2001), Greco (1998), Zakharov e Gomes (1992). Esse assunto será discutido utilizando-se das falas de alguns técnicos e

professores:

“... os métodos são conceitos ofensivos individuais e de grupos para atuarem no jogo livre e quando você traz isso desde o infante... tudo melhora para a fase adulta...” (T4)

“... particularmente não gosto de nada analítico, defendo muito o aspecto global... em alguns momentos o analítico é importante para aperfeiçoar o treinamento, mas no geral as coisas devem ser feitas no global, porque não adianta repetir por repetir... por exemplo, dar 500 arremessos por treino, é legal, mas não adianta nada repetir se estiver fazendo errado, o importante são as correções para fazer o certo, aí sim o analítico é importante... então eu penso que mesmo 500 arremessos deverão ser feitos em posições variadas, com dificuldades, porque arremessar 500 de forma parada não leva a nada, porque no jogo isto não acontece, dificilmente você arremessará livre no jogo...” (P1)

Parece que há diferenças nas falas dos entrevistados indicando mais prioridade para métodos analíticos e outros para métodos de jogo. Sendo assim, recorreu-se à literatura que trata desse assunto para maiores esclarecimentos. De acordo com Graça *et al.* (1991), treinar jovens atletas para a compreensão dos sistemas ofensivos no basquetebol envolve um planejamento e uma periodização dos meios e métodos por muitos anos de trabalho. O ataque deve ser realizado fazendo uso, de forma adequada e racional, dos fundamentos básicos individuais em grupo e de forma coletiva, apreendidos pelos atletas nas fases anteriores, em uma ação conjunta da equipe, por intermédio de movimentações em busca dos espaços livres para as penetrações e arremessos.

Objetiva-se, então, desenvolver nos atletas um maior controle da ansiedade, que pode ser através de diferentes estratégias teóricas e práticas e/ou até com apoio de especialistas da área de psicologia do esporte, na busca de melhor compreensão dos movimentos para efetuar a finalização, busca incessante de espaço vulnerável no sistema defensivo dos adversários, provocar o desequilíbrio para efetuar penetrações nos espaços, movimentar a bola de um lado para o outro com o objetivo da participação de todos e também para achar espaços no sistema defensivo do adversário, jogar com passes no coração da zona, ou seja, com os pivôs e insistir na busca do rebote, antecipando a ação dos defensores. E todos esses aspectos devem acontecer de forma geral, especial e competitiva. Alguns depoimentos vão nessa direção:

“... eu, a H, o P, a M e o H de preparador físico... sentávamos juntos e até o infantil era jogo livre... não há jogadas, era só jogo livre... o que tinha eram princípios que quando elas chegavam no adulto, elas já sabiam... a gente acabou fazendo uma escola de basquete no Brasil... hoje as jogadoras que jogam comigo e que começaram conosco não têm problema para trabalhar, apesar de que eu, a H, o P e a M termos personalidades diferentes, tínhamos a mesma filosofia de jogo... porque nós formamos um grupo de trabalho e trabalhamos muito tempo juntos... e foi uma filosofia que deu certo, um projeto que cientificamente deu certo, ou seja, é uma tese que tenho hoje... agora o País inteiro teria que trabalhar nesse sentido... o País precisa de uma filosofia de jogo, ou seja, o cara que trabalha no Amazonas tem que ter a mesma filosofia porque a hora que uma atleta de lá vier para cá ou para as seleções brasileiras, os técnicos não teriam dificuldades para trabalhar...” (T4)

Parece que uma filosofia de trabalho é um caminho longo a percorrer para cada técnico, mas torna-se necessário quando se pensa em trabalho em longo prazo. Segundo Jackson (1997), atacar contra qualquer sistema defensivo envolve muito mais do que uma estratégia, envolve a visão de jogo que cada técnico possui, além das experiências já vividas e do potencial que suas equipes possuem indo ao encontro às falas de Balbino (2005), nas quais o autor afirmou que a pedagogia do técnico professor transcende o método. Em função disso, parece que o treinamento tático baseado no não egoísmo entre os atletas pode ser um caminho importante para incutir nos jovens a responsabilidade de jogar em conjunto, aspecto fundamental de acordo com os depoimentos dos entrevistados.

Assim sendo, entende-se que se deve atacar contra a marcação individual, seja qual for: simples, com ajuda, com antecipação, com flutuação ou com pressão. É necessário que os jogadores dominem muito bem os fundamentos ofensivos com e sem bola, porém acreditem uns nos outros. As jogadas ensaiadas são possibilidades adotadas por muitos técnicos, todavia, uma filosofia de ataque pode estar atrelada ao bom funcionamento do trabalho coletivo, buscando a movimentação constante da bola — *Flow-Ball* (que é a movimentação constante da bola em busca de espaços para arremessos e infiltrações dos jogadores) —, fazendo com que o jogo flua naturalmente, trazendo melhores resultados, principalmente quando os jogadores são orientados por conceitos defensivos detalhados tecnicamente, fortalecendo suas estruturas táticas (CARVALHO, 2001).

Segundo Hercher (1983), a movimentação da bola e dos jogadores depende dos fundamentos básicos aprendidos nas fases iniciais para atingir ótimas performances no basquetebol especializado. Na posse da bola, os atletas precisam dominar as fintas de várias formas, para recepcionar a bola, correr de diferentes maneiras, posicionarem-se nos espaços livres, possuir boa técnica de bloqueio ou corta-luz, ter velocidade ótima de reação, parada brusca, e saídas rápidas em diferentes direções, frente, costas, de lado, com mudança de ritmo associadas às rotações e giros. Com o domínio desses fundamentos básicos, com ou sem a posse da bola, pode ser que as movimentações ocorram com maior facilidade.

Ainda sobre esse assunto, Oliveira e Graça (2001) afirmaram que jogar com a bola não significa jogar individualmente 1x1. No ataque contra a defesa individual, é necessário jogar individualmente, mas também em grupo 2x2, 3x3 e coletivamente 5x5, além do controle do corpo nos espaços de jogo, da técnica dos passes e dribles. Outras condições podem ser observadas na ofensiva individual, entre estas, manter posição básica ao recepcionar a bola, olhando para a cesta, sendo uma constante ameaça ao defensor; apreender a explorar os pontos fracos dos defensores; apreender a antecipar as ações rapidamente nas soluções motrizes; ampliar sempre o repertório ofensivo de longa, média e curta distância; não jogar parado ou demasiadamente desinteressado pelas ações coletivas; jogar de forma a movimentar-se continuamente, tanto com quanto sem a posse de bola. Almeja-se, então, a movimentação rápida e não organizada dos jogadores, criando ou procurando sempre espaços para os arremessos e infiltrações, com ou sem o corta-luz, utilizando sempre os pivôs com passes e bloqueios.

Depois das experiências das fases anteriores com o treinamento dos conteúdos e com os métodos de jogos e exercícios de transição, os atletas devem compreender a importância do contra-ataque para o jogo de basquetebol contemporâneo. Após acontecer a finalização do ataque adversário, independentemente da cesta convertida ou não, ou de uma bola recuperada, deve-se adotar uma filosofia para o contra-ataque (CARVALHO, 2001). Abaixo, o depoimento de um técnico sobre esse pensamento:

“... o basquete brasileiro tem que jogar em velocidade – contra-ataque, deve chegar agredindo... quando jogar com equipes européias, ele não pode ficar armando o jogo. O



argentino copiou o europeu e deu certo, porque a cultura é muito parecida com os europeus... os muitos jogadores argentinos jogam na Europa, e quando se juntam para a seleção, eles têm patriotismo muito forte, eles ganharam medalha olímpica e não quiseram ser recepcionados pelo presidente porque era uma pessoa não eleita pelo povo...” (T5)

De acordo com o técnico e para melhor dialogar sobre esse assunto, que sem dúvidas pode ser o segredo do sucesso de muitas equipes, recorre-se aos estudos de Carvalho (2001). Ele defendeu uma filosofia para o contra-ataque que mostrou muitos avanços em seus conceitos, pois busca-se partir com a posse de bola para a cesta adversária, com a maior rapidez possível e com segurança, buscando a vantagem numérica e o êxito ofensivo, antes que a equipe adversária recomponha-se.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar as idéias propostas inicialmente neste estudo, no qual se objetivou de forma geral explorar o conhecimento acumulado de técnicos da elite do basquetebol brasileiro e professores do ensino superior em relação ao processo ensino-treinamento da técnica e tática no basquetebol do Brasil e, de forma específica, contextualizar os conteúdos e as estratégias metodológicas utilizadas por eles no ensino-treinamento dos fundamentos técnicos (técnica) e dos sistemas defensivos e ofensivos (tática), nas diferentes categorias do basquetebol no Brasil, como pré-mini, mini, mirim, infantil, infante, cadete, juvenil e sub-21, foi possível apresentar alguns resultados e tecer algumas considerações e posteriormente apresentar indicativos pedagógicos para o ensino da técnica e da tática para as diferentes categorias, considerando os conteúdos e os métodos propostos pelos técnicos e professores, com respaldo da literatura especializada.

Sendo assim, primeiramente busca-se responder às questões levantadas inicialmente para o estudo: Qual a ótica de técnicos e professores universitários (Mestres e Doutores) em relação ao processo ensino-treinamento da técnica e tática no basquetebol do Brasil? Quais são os conteúdos e as estratégias pedagógicas que poderiam ser utilizadas no ensino-treinamento dos aspectos técnicos e táticos para as diferentes categorias do basquetebol no Brasil, ou seja, pré-mini, mini, mirim, infantil, infante, cadete, juvenil e sub-21?

No que diz respeito ao ensino-treinamento dos fundamentos técnicos (técnica), na etapa de iniciação, ficou evidente nas entrevistas que todos os fundamentos básicos do basquetebol devem ser ensinados, tais como: o domínio do corpo, manipulação de bola, passes-recepção, dribles, arremessos, o rebote e, principalmente, as capacidades coordenativas. No entanto, foi detectada também, principalmente na ótica de professores, a importância de se realizar avaliações da maturação biológica, para aplicação das cargas de treinamento mais compatíveis com as capacidades dos praticantes. Os fundamentos, segundo os pesquisados, devem ser ensinados e treinados em diferentes métodos, tendo na ótica dos técnicos os exercícios como o principal método, ficando evidenciada a importância da ótima fundamentação individual

para futuras práticas de grupo e coletivas e, na ótica dos professores universitários, percebeu-se o jogo como o principal instrumento pedagógico para o início do processo de aprendizagem, tendo em vista seu valor motivacional.

Com relação aos sistemas defensivos (tática) na etapa de iniciação, percebeu-se que foi mais evidenciada a defesa individual, tanto pelos técnicos quanto pelos professores. As principais justificativas estiveram em torno do domínio do espaço, da responsabilidade pessoal, da quantidade diferenciada de movimento que esta defesa promove nos defensores e dos pré-requisitos básicos defensivos que esta defesa proporciona para qualquer outro tipo de defesa que, por opção dos técnicos e professores, possam ser incorporadas no decorrer do processo de ensino-treinamento das defesas. Tanto nas entrevistas como nos estudos teóricos pode-se perceber sugestões para estimular os jovens atletas a interceptação dos passes adversários, a preparação da visão periférica, a ajuda aos companheiros, enfim a solidariedade. No que diz respeito aos métodos de ensino-treinamento na etapa de iniciação para as defesas, parece que as evidências encontradas indicam para exercícios individuais, de grupo e, posteriormente, coletivos, na opinião dos técnicos, e jogo, situações de jogo e, posteriormente, exercícios, na ótica dos professores universitários. Muitos técnicos apontaram que os exercícios devem ter prioridade para melhorar as condições individuais dos atletas preparando-os para defesas mais complexas de forma coletiva. Já entre os professores, muitos afirmaram que os jogos e as situações de jogo promovem uma interação e uma motivação melhor na prática dos sistemas defensivos que para os aprendizes é muito importante nessa etapa.

No que tange ao ensino-treinamento dos sistemas ofensivos (tática) na etapa de iniciação, verificou-se em muitas entrevistas, tanto dos técnicos como dos professores, que os conteúdos são diversos, mas, preferencialmente, devem ser ensinados os deslocamentos no espaço de ataque, os fundamentos básicos de passes, dribles, fintas, cortes, arremessos, quando estiverem com a bola e muitos movimentos de desmarcação quando estiverem sem a bola, principalmente para a recepção e ajuda aos companheiros de equipe (jogo sem bola). Ficou evidente em vários depoimentos que devem ser evitadas as jogadas muito complexas de execução, tendo em vista que os fundamentos de ataque são mais valiosos do que jogadas estereotipadas para essa

etapa do processo. Com relação aos métodos de ensino-treinamento, parece que as opiniões se repetem quando relacionadas aos fundamentos técnicos e aos sistemas defensivos. Isto se deu porque muitos técnicos continuaram a defender os exercícios como principal método de ensino, enquanto os professores insistiram nos métodos de jogos. De acordo com muitos técnicos, a fundamentação ofensiva deve partir de fundamentos individuais que só se consegue a partir de muitos treinamentos em forma de exercícios analíticos. Já os professores continuaram a defender os jogos principalmente em situações de jogo 1x1, 2x2, afirmando facilitar o aprendizado e a motivação dos praticantes.

Em síntese, defende-se o ensino dos conteúdos e a utilização dos métodos de treinamento do basquetebol na etapa de iniciação com base na **resolução dos problemas** a partir da compreensão tática do jogo. Sendo assim, não significa que são descartados os métodos analíticos, mas pode-se organizar a quantidade e a estruturação dos métodos para a etapa de iniciação, em que o ensino dos conteúdos do basquetebol baseia-se na compreensão do jogo como um todo e nas experiências anteriores com base na cultura dos aprendizes no jogo. Dessa forma, torna-se importante iniciar a aprendizagem jogando e experimentando diversos métodos com conteúdos diversificados em suas exigências motoras e psicológicas. No quadro 11 - a seguir mostra-se a distribuição dos conteúdos e métodos de ensino-treinamento para as diferentes fases de aprendizagem na etapa de iniciação em basquetebol orientados pelas etapas de preparação geral e especial (MATVEEV, 1997).

**Quadro 11 – Distribuição dos conteúdos e métodos de ensino-treinamento para as diferentes fases de aprendizagem na etapa de iniciação em basquetebol, segundo a preparação geral e especial**

<b>Etapa de iniciação em basquetebol</b>	Fase de conhecer brincando o jogo de basquetebol: a importância do aspecto lúdico	Fase de aprendizagem inicial dos sistemas e fundamentos do jogo de basquetebol	Fase de automatização e refinamento da aprendizagem inicial ao jogo de basquetebol e aprendizagem de novos conteúdos
<b>Conteúdos</b>	Conhecimento de todos os fundamentos básicos do basquetebol. Defesa individual e ataque com predomínio nas movimentações livres nos espaços	Aprendizagem de todos os fundamentos básicos do basquetebol. A defesa é principalmente a individual já com aprendizagem dos sistemas por zona . O ataque é orientado pelos conceitos de ataque	Automatização de todos os fundamentos básicos do basquetebol. A defesa tem prioridade na individual mas, podem-se ensinar todos os tipos de defesa por zona. O ataque é orientado por movimentação ofensiva mais complexas
<b>Metodologia de Ensino-Treinamento</b>	Principalmente os jogos pré-desportivos e jogos	Principalmente o jogo de 5x5 e as situações de jogo em vantagem numérica	Principalmente as situações de jogo em vantagem e desvantagem numérica seguidas do jogo de 5x5 e dos exercícios individuais
<b>Tipo de preparação</b>	Atividades motoras generalizadas – 90% Atividades motoras especializadas – 10%	Atividades motoras generalizadas – 80% Atividades motoras especializadas – 20%	Atividades motoras generalizadas – 70% Atividades motoras especializadas – 30%

Quando se tratou da etapa de especialização, que envolve uma prática mais sistematizada, tanto nos treinos como nas competições, pode-se dizer que, com base nas entrevistas, não há limites etários que confirmem uma determinada tese, ou seja, afirmar que a idade ideal seria, por exemplo, 12 anos para uma especialização mais estreita no basquetebol. O que se pôde confirmar é que dependerá de muitos fatores

que não foram objetivos diretos deste estudo, tais como: o ambiente de prática, a genética, a competência profissional, o interesse pela modalidade do praticante, entre outros. No entanto, quando se trata de conteúdos e métodos, há indícios de idades ou categorias que possam se estabelecer critérios e atividades sistematizadas e periodizadas em muitos anos de trabalho. Sendo assim, buscou-se nesse momento concluir, na ótica dos técnicos e professores, quais conteúdos e estratégias pedagógicas devem ser priorizadas para o ensino-treinamento do basquetebol na etapa de especialização.

Em relação aos fundamentos técnicos (técnica), tanto técnicos como professores, em sua maioria, confirmaram que devem ser treinados todos os tipos de fundamentos existentes no basquetebol da maneira mais intensa e complexa possível, tendo nos exercícios individuais e de grupos a principal estratégia de trabalho. Nesta etapa, os fundamentos individuais são decisivos para a compreensão da tática de grupo e coletiva, segundo a opinião da maioria dos técnicos. Os professores também, em sua maioria, advertem sobre a importância do treinamento intenso e veloz, além da complexidade de movimentos e ainda defendem a importância do jogo para potencializar os fundamentos em situações competitivas.

Os sistemas defensivos na etapa de especialização, segundo a ótica dos entrevistados, devem ser treinados de acordo com as capacidades individuais elencadas em cada equipe. No entanto, em sua maioria entendem que todos os sistemas devem ser aperfeiçoados nesta etapa. A opção por um ou outro sistema vai depender dos adversários e do potencial técnico e físico de cada equipe, além de outros fatores complementares. A maioria dos entrevistados defendeu as defesas individuais como principal conteúdo, porém observam que as outras possibilidades defensivas (zona, combinadas, pressão) podem ser utilizadas de acordo com a necessidade do jogo. Os métodos de ensino-treinamento das defesas, para a maioria dos técnicos, devem ser os exercícios individuais e de grupos tendo o jogo coletivo uma possibilidade, mas não a principal estratégia de trabalho. Entre os professores, as opiniões se dividiram, tendo os exercícios individuais e de grupos se assemelhando em nível de importância ao jogo coletivo de 5x5, no processo de preparação defensiva.

Quando se tratou de sistemas ofensivos, pôde-se verificar que houve muitas diferenças nas filosofias dos técnicos e no pensamento dos professores universitários. Os técnicos, em sua maioria, defenderam que o ataque deve ser dependente da tipologia dos jogadores que eles tiverem durante a temporada. Em relação aos conteúdos, muitos defenderam jogadas preestabelecidas, outros o jogo livre com base nos fundamentos ofensivos, outros as situações de jogo em 1x1, 2x2, também conhecido como jogo de grupo. Entre os professores, parece que a filosofia de jogo deve estar atrelada também aos jogadores que os técnicos dispõem, porém são mais concisos em defender as situações de 1x1, 2x2, 3x3 como principal conteúdo para se ensinar o ataque. Os métodos de ensino-treinamento variaram, porém a maioria dos técnicos continuou a enfatizar que os exercícios individuais e de grupos dão a base para futuras organizações táticas mais complexas que provavelmente acontecerão, caso necessário, na fase adulta. Neste sentido, pôde-se perceber que a maioria dos professores defendeu principalmente os exercícios de grupo seguidos dos exercícios individuais, como principais métodos de trabalho para a preparação ofensiva, não ignorando as jogadas de 5x5 em alguns momentos do processo, porém defenderam que não deve ser a principal estratégia de trabalho.

Em síntese, defende-se para a etapa de especialização, o treinamento dos conteúdos do basquetebol através do equilíbrio dos métodos que percorre duas fases: a de aperfeiçoamento e a de aprofundamento desportivo no basquetebol, com base na **inteligência tática – leitura do jogo**. Para isso, desde a etapa de iniciação, pode-se estimular os praticantes a resolução dos problemas “porque fazer e não somente a tarefa motora do como fazer”. Sendo assim, não significa que se descarta os métodos que buscam a “repetição” dos exercícios analíticos, mas recomenda-se a compreensão da estruturação dos métodos para a etapa de especialização, no qual treinamento dos conteúdos do basquetebol baseia-se na racionalidade da divisão dos conteúdos e métodos respeitando-se os princípios científicos da preparação desportiva e da periodização do treinamento. Entende-se que, nessa etapa, a proporção dos exercícios, que visam à repetição dos gestos técnicos do basquetebol, podem tomar a maior parte do treinamento, porém recomenda-se utilizá-los, prioritariamente, nas situações de jogo, em função da leitura que estas promovem, ou seja, dificuldades encontradas em função

da atitude dos adversários e que, posteriormente, poderão ser utilizadas nas situações de 5x5 das competições.

No quadro 12 - mostra-se a distribuição dos conteúdos e métodos de ensino-treinamento para as diferentes fases de aprendizagem na etapa de especialização em basquetebol orientados pelas etapas de preparação geral e especial (MATVEEV, 1997).

**Quadro 12 - Distribuição dos conteúdos e métodos de ensino-treinamento para as diferentes fases de aprendizagem na etapa de especialização em basquetebol, segundo a preparação geral e especial**

<b>Etapa de especialização em basquetebol</b>	<b>Fase de aperfeiçoamento inicial</b>	<b>Fase de aperfeiçoamento profundo</b>	<b>Fase de resultados superiores</b>
<b>Conteúdos</b>	Treinamento intenso de todos os fundamentos do basquetebol. A defesa individual tem prioridade mas, dependerá da equipe atual e dos adversários. O ataque poderá ser provido por jogadas mais elaboradas, sem perder a criatividade individual	Pratica sistemática de todos os fundamentos do basquetebol. A defesa individual tem prioridade, mas dependerá do potencial da equipe atual e dos adversários. O ataque poderá ser provido por jogadas mais complexas	Prontidão para resultados superiores
<b>Metodologia de Ensino-Treinamento</b>	Exercícios em grupos individuais e por fim coletivos	Exercícios individuais em grupos e por fim coletivos	Prontidão para resultados superiores
<b>Tipo de preparação</b>	Atividades motoras generalizadas – 60% Atividades motoras especializadas – 40%	Atividades motoras generalizadas – 40% Atividades motoras especializadas – 60%	Atividades motoras generalizadas – 20% Atividades motoras especializadas – 80%

Pode-se dizer que os objetivos gerais e específicos deste estudo foram atingidos quando, inicialmente, pretendeu-se explorar o conhecimento acumulado de técnicos brasileiros e professores do ensino superior em relação ao processo ensino-treinamento da técnica e tática no basquetebol do Brasil e contextualizar os conteúdos a as



estratégias metodológicas utilizadas por eles no ensino-treinamento dos fundamentos técnicos (técnica) e dos sistemas defensivos e ofensivos (tática), nas diferentes categorias do basquetebol no Brasil, tais como:- pré-mini, mini, mirim, infantil, infante, cadete, juvenil e sub-21.

Este estudo foi delimitado a técnicos que possuem reconhecimento nacional e/ou internacional e professores universitários com titulação de Mestre/Doutor, caracterizados como valores reconhecidos pela cultura de onde vivem e atuam. No entanto, sugere-se que outros estudos sejam realizados com outras amostras no sentido de contribuir para o ensino da técnica e da tática para o basquetebol do Brasil.

O sistema de treinamento desportivo envolve a preparação física – técnica – tática - psicológica e social dos atletas de uma determinada cultura. Porém, este estudo limitou-se à produção científica da técnica e da tática e buscou orientar, embasado nas entrevistas de técnicos e professores, o processo ensino-treinamento dos fundamentos técnicos, dos sistemas defensivos e ofensivos e também as estratégias pedagógicas em um período que abrange o início da prática na modalidade basquetebol até o início da fase adulta que visam aos resultados superiores.

Após as considerações finais deste estudo, entende-se que não se trata de um material que se encerra por si só e, sendo assim, sugere-se ainda que outros estudos sejam realizados sobre o processo ensino-treinamento em basquetebol tanto nas questões técnicas e táticas, assim como em outros fatores, a saber: a preparação física, psicológica e social dos atletas de basquetebol no Brasil.

Embasados na literatura e nas entrevistas com os técnicos e professores universitários, foram geradas indicações pedagógicas de um conjunto de fatores que envolvem o ensino-treinamento dos fundamentos técnicos e táticos do basquetebol, bem como os métodos de trabalho para as diferentes fases do processo de ensino-treinamento. Seguem os indicativos para a etapa de iniciação e especialização em basquetebol e suas fases de desenvolvimento

# INDICATIVOS PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO-TREINAMENTO TÉCNICO E TÁTICO DO BASQUETEBOL

## 1. Etapa de iniciação em basquetebol e suas fases de desenvolvimento

A **etapa de iniciação** em basquetebol passa por três fases de desenvolvimento neste estudo: a) fase de conhecer o jogo de basquetebol; b) fase de aprendizagem inicial dos fundamentos e sistemas; c) fase de automatização e refinamento da aprendizagem inicial da técnica e da tática e aprendizagem de novos conteúdos do basquetebol. Cada Estado do País em suas federações possuem seus torneios e campeonatos em diferentes categorias. Aqui são indicativos pedagógicos de métodos e conteúdos com base nas disputas considerando as categorias do Estado de São Paulo, porém podendo ser adaptados para outros Estados.

Primeiramente os técnicos podem tecer seus objetivos avaliando inicialmente a cultura geral dos seus aprendizes, ou seja, nome, escolaridade, equipes que já jogou, localização da moradia, entre outros parâmetros. Pode-se utilizar o jogo para motivar os alunos e diagnosticar as necessidades de cada um deles nas questões técnica e tática e, a partir daí, estabelecer os objetivos gerais e específicos para cada fase do processo.

### ***1.1. O ensino-treinamento dos conteúdos – fundamentos técnicos e as estratégias pedagógicas***

Para a categoria **pré-mini**, pode ser ensinado, principalmente, o domínio corporal, a manipulação de bola, os passes, a recepção, os dribles os rebotes e as finalizações. Os principais métodos devem ser as brincadeiras e os jogos pré-desportivos, seguido do jogo formal e das situações de jogo e alguns exercícios analíticos. As competições devem ser utilizadas como método secundário em forma de eventos e/ou festivais, agregando-se aos valores educacionais fundamentais.

Para as categorias **pré-mini e mini**; pode ser ensinado, principalmente, o domínio corporal, a manipulação de bola, os passes, a recepção, o drible, a finalização, o rebote, os fundamentos sincronizados e as situações de jogo. Os principais métodos

devem ser o jogo de 5x5, depois as situações, seguido dos exercícios sincronizados, e depois ainda os exercícios analíticos já em forma de circuitos. As competições devem ser utilizadas como facilitadoras do ensino e, principalmente, como motivadoras da prática das crianças, agregando-se aos valores educacionais fundamentais.

Para as categorias **mirim e infantil**, pode ser ensinado, predominantemente, o domínio corporal, a manipulação de bola, os passes, a recepção, o drible, a finalização, o rebote, o arremesso em suspensão e os fundamentos sincronizados, as situações de jogo e a transição entre os sistemas defensivos e ofensivos. Os principais métodos devem ser as situações de jogo, os exercícios sincronizados e depois o jogo de 5x5, e, por fim, os exercícios analíticos podendo utilizar-se de circuitos. As competições devem ser utilizadas como facilitadoras do ensino e como fator motivacional à continuidade e não como fim único no resultado desportivo, com valorização dos aspectos educacionais fundamentais.

### ***1.2. O ensino dos conteúdos – sistemas defensivos e as estratégias pedagógicas***

Para a categoria **pré-mini**, recomenda-se ensinar, principalmente, a defesa individual simples em meia quadra. Como métodos, principalmente as brincadeiras e os jogos pré-desportivos e, depois, o jogo de 5x5.

Para as categorias **mini e mirim**, recomenda-se o ensino, principalmente, da defesa individual simples em meia quadra e quadra inteira e as defesas por zona simples. Em relação aos métodos, principalmente o jogo de 5x5, seguido das situações de jogo e dos exercícios sincronizados e analíticos.

Para as categorias **mirim e infantil**, recomenda-se principalmente a defesa individual simples, com ajuda, cobertura em meia quadra e quadra inteira e as diferentes formas de defesas por zona. No que diz respeito aos métodos, principalmente as situações de jogo, seguidas do jogo de 5x5 e dos exercícios sincronizados e analíticos.

### **1.3. O ensino dos conteúdos – sistemas ofensivos e as estratégias pedagógicas**

Para as categorias **pré-mini**, recomenda-se principalmente os fundamentos coletivos globais, depois os fundamentos em grupo, e por fim individuais contra defesas individual e por zona. (Visa aos jogos e ao jogo de 5x5). Os principais métodos são as brincadeiras, os jogos pré-desportivos e, depois, o jogo de 5x5 e as situações de jogo e, por último, os exercícios analíticos e sincronizados.

Para as categorias **mini e mirim**, recomenda-se principalmente os fundamentos em grupo, depois de forma global, por fim, individual contra defesas individual e por zona (Visa ao jogo e às situações de jogo e aos exercícios individuais). O principal método é o jogo de 5x5, seguido das situações de jogo e dos exercícios sincronizados e analíticos.

Para as categorias **mirim e infantil**, recomenda-se principalmente os fundamentos individuais, depois em grupo e, por fim, de forma coletiva contra defesas individual e por zona (Visa ao jogo, às situações de jogo e aos exercícios individuais). O principal método é a situação de jogo, seguido do jogo de 5x5 e dos exercícios sincronizados e analíticos.

Indicações pedagógicas para o ensino dos conteúdos e para a utilização dos métodos para a fase de conhecer o jogo de basquetebol e aprendizagem dos conteúdos básicos do jogo;- categorias pré-mini e mini. Seguem as seguintes recomendações:

- ▶ Verificar as características culturais do basquetebol e dos aprendizes, ou seja, a apresentação do jogo
- ▶ Verificar as condições básicas para jogar 5x5
- ▶ No jogo de 5x5 evitar a aglomeração à volta da bola e comportamentos que visam a contrariar a aglomeração
- ▶ Ensinar o primeiro nível de construção do jogo em meia quadra individual simples e zona 2x1x2 e 1x2x2
- ▶ Ensinar o reconhecimento dos espaços ofensivos e defensivos em meia quadra e

quadra inteira

- ▶ Ensinar os primeiros conceitos com a técnica defensiva e ofensiva
- ▶ Ensinar a transição do jogo da defesa para o ataque e do ataque para a defesa
- ▶ Ensinar as bases das situações de jogo em igualdade numérica de 3x3, 2x2, 1x1

teórica e prática

- ▶ Desenvolver nos alunos o domínio do corpo no espaço de jogo sem bola: deslocar o corpo nos espaços de jogo; saídas rápidas; paradas bruscas; mudança de direção; giros e fintas; pequenos saltos: as fintas corporais sem bola;
- ▶ Ensinar a manipulação da bola com ambas as mãos; formas de segurar; formas de receber
- ▶ Ensinar os passes e recepção; passar com as duas mãos; passar com a mão direita; passar com a mão esquerda 1+ 1, 1+2, parado e com deslocamentos; por cima da cabeça; na altura do peito; na altura do ombro; picado; estilo boliche ou por baixo
- ▶ Ensinar dribles; com a mão direita em diferentes movimentos corporais: - frente; com a mão esquerda - lateral; com troca de mãos e de costas; básicos para driblar no jogo
- ▶ Ensinar a finalizar parado e com uma perna à frente; direita; esquerda; bandeja direita e esquerda (meia quadra)
- ▶ Ensinar os rebotes ofensivo e defensivo com salto sem oponente (1 x 0) e depois com oponente 1x1 com ambas as mãos; direta; esquerda
- ▶ Trabalhar os conteúdos técnico e tático em circuito: todos os fundamentos são praticados de forma simultânea na quadra buscando aperfeiçoá-los nos quais os exercícios e jogos são controlados pelo tempo de execução predeterminado
- ▶ Trabalhar as situações de jogo (igualdade numérica) 1x1; 2x2; 3x3; corta-luz parado; no armador; no lateral; no pivô
- ▶ Ensinar as fintas defensivas e ofensivas; individual em grupo e coletivamente
- ▶ Ensinar os fundamentos sincronizados (de técnica ofensiva e técnica defensiva); 1mais1; 1mais 2; 1 mais 3
- ▶ Priorizar o ensino do jogo de 5x5 defesa e ataque; meia quadra individual e zona 2x1x2; 1x2x2 - quadra inteira individual e zona 2x3; 3x2

A proporção em percentagem do tempo de treinamento em relação aos métodos varia em cada categoria. Por exemplo, no jogo 5x5 recomenda-se utilizar 30% do tempo total das aulas nesta fase. Já no jogo pré-desportivo, 10%, e no jogo situacional 1x1 ao 5x4, 25%, e nos exercícios, circuito técnico-tático - analíticos 1x0 - sincronizados 1+4, 1+1, 1+2, 1+3, 20%, e nas avaliações e preparação teórica, 10%, deixando ainda para as situações especiais de jogo 5% do tempo total. Em relação às competições escolares e nos clubes, indica-se 4 competições no ano, sempre com objetivos de aprendizagem e valores educacionais fundamentais.

Indicações pedagógicas para o ensino dos conteúdos e para a utilização dos métodos, na fase de automatização e refinamento da aprendizagem inicial e aprendizagem de novos conteúdos do basquetebol mirim e infantil. Seguem as recomendações:

- ▶ Ensinar as funções dos jogadores na quadra 1, 2, 3, 4, 5 (apenas para se situarem)
- ▶ Ensinar as situações de jogo de 2x1 e 3x2 com o corta-luz parado e depois em movimento
- ▶ Ensinar o sistema ofensivo; individual em grupo e coletivo; o ataque contra sistemas individuais; o ataque contra sistemas por zona; as situações especiais de jogo ofensivo
- ▶ Ensinar o sistema defensivo individual em grupo e coletivo;- a defesa por zona;- a defesa individual;- a defesa combinada;- a defesa individual pressionada;- a defesa pressionada por zona, em situações especiais de jogo defensivo
- ▶ Ensinar o contra-ataque;- numerado (por posição preestabelecida);- de acordo com as situações defensivas
- ▶ Ensinar o domínio corporal sem bola; saídas rápidas;- paradas bruscas: com um dos pés à frente; com o pés paralelos;- mudança de direção;- giros;- fintas;- corridas em diferentes direções: costas, lado e frente;- saltos sobre um pé;- saltos sobre dois pés
- ▶ Ensinar a manipulação de bola (formas de segurá-la);- com ambas as mãos em cima da cabeça;- na altura do peito, ambas as mãos;- na altura do joelho, tronco flexionado ambas as mãos;- ao lado do corpo esquerdo mão esquerda;- ao lado do corpo direito mão direita;- com a mão direita em baixo da bola (altura do peito);- com a mão esquerda em baixo da bola (altura do peito);- por entre as pernas;- por trás do corpo;- ao redor do pescoço;- girar no dedo;- tapas fortalecer os dedos firmeza na manipulação da bola;- lançar e segurar;- driblar e segurar;- diversas formas; todos esses exercícios utilizando a bola a medicinibol de borracha, de tênis

- ▶ Ensinar os dribles na altura da cintura e tronco flexionado; com a mão direita ir e vir; com a mão esquerda ir e vir; com troca de mãos; de lado esquerda e direita; de costas esquerda e direita; dribles alto, baixo, de lado, de costas, de frente; por entre as pernas; por trás do corpo; por entre as pernas seguido de giro pela frente e por trás; por trás do corpo seguido de giro pela frente e por trás do corpo
- ▶ Ensinar os passes e recepção; na trança 1+2 1+3 1+4; em 1+1 em velocidade máxima (laterais e centro da quadra); em 1+2 velocidade máxima (laterais e centro da quadra); na trança de 5; 1+2 e chegada de +2; 1+3 e chegada de +1
- ▶ Ensinar as finalizações; parado, com uma perna à frente do corpo;- com a mão direita; com a mão esquerda; bandeja esquerda e direita (meia quadra); lances livres; em movimento constante; gancho esquerda e direita; curta, média e longa distância; após passe, disputa passes; após drible; após fintar adversário; com ambos os pés à frente
- ▶ Ensinar o rebote defensivos e ofensivos; com ambas as mãos; direita somente; esquerda somente; após ataque organizado; após contra-ataque; no jogo de 1x1, 2x2, 3x3, 4x4, 5x5
- ▶ Ensinar o corta-luz ofensivo e a defesa do corta-luz; parado; no armador; no lateral; nos pivôs; no jogo de 2x2, 3x3 5x5 em movimento; no contra-ataque
- ▶ Ensinar as situações de fundamentos sincronizados; idem aos passes 1mais 1, 1 mais 2, 1 mais 3; na trança em 3, 4, 5 pessoas
- ▶ Ensinar as situações de jogo; igualdade, quadra inteira, inferioridade numérica; 1x1, 1x2, 2x1, 2x2, 3x2, 3x3, 4x3, 5x4, 6x5, 7x6
- ▶ Ensinar o jogo 5x5 defesa e ataque mais complexos; meia quadra e quadra inteira; defesa individual: - com transição defesa e ataque; com flutuação; com antecipação; com troca de marcador; com combinada *box*, *mach-up*, *diamante*; defesa zona 1x3x1, 2x2x1, 1x1x3, 1x2x1x1, 1:2:2; defesa pressionada quadra toda 1/3 quadra
- ▶ Ensinar as situações especiais de jogo; bola ao alto, lateral e no fundo bola; saída das defesas pressão; zonas individuais
- ▶ Ensinar a defesa do contra-ataque; na transição; com superioridade numérica, igualdade e inferioridade; na elaboração do ataque no contra-ataque; sem território específico; com território específico; com número inferior; com número superior; com igualdade numérica
- ▶ Ensinar a fundamentação específica para cada função e treinamento técnico-tático em circuito; todos os fundamentos podem ser praticados de forma simultânea na quadra buscando aperfeiçoá-los na qual os exercícios e jogos são controlados pelo tempo de execução predeterminado

A proporção em percentagem do tempo de treinamento para a fase de automatização em relação aos métodos varia em cada categoria, conforme a fase de conhecer o jogo e aprendizagem dos fundamentos básicos e sistemas defensivos e ofensivos. Por exemplo, para a fase do jogo 5x5, recomenda-se utilizar 35% do tempo total das aulas nesta fase. Já os jogos pré-desportivos, apenas 5%, e os jogos situacionais 1x1 ao 5x4, mantêm-se 25%, e os exercícios circuito técnico-tático - analíticos em 1x0 - sincronizados 1+4, 1+1, 1+2, 1+3 agora é de 15%, e as avaliações e preparação teórica, mantêm-se em 10%, deixando ainda para as situações especiais de jogo 10% do tempo total. Em relação às competições escolares e nos clubes, indica-se 6 competições no ano, sempre com objetivos de automatizar a aprendizagem e dar continuidade aos valores educacionais fundamentais.

A seguir, apresentam-se os indicativos e recomendações pedagógicas para o treinamento dos conteúdos e a utilização dos diferentes métodos para a etapa de especialização em basquetebol e suas fases de desenvolvimento com respaldo da literatura e das entrevistas com técnicos e professores universitários.

## **2. Etapa de especialização em basquetebol e suas fases de desenvolvimento**

A **etapa de especialização** em basquetebol neste estudo passa por duas fases de desenvolvimento que antecede a fase adulta: a) fase de aperfeiçoamento inicial; b) fase de aperfeiçoamento profundo da técnica e da tática. Cada fase desta deve possuir seus conteúdos e métodos que são indicados a seguir. Como visto na etapa de iniciação, cada Estado do País em suas federações possuem seus torneios e campeonatos em diferentes categorias. Aqui são indicativos pedagógicos de métodos e conteúdos com base nas disputas no Estado de São Paulo.

Primeiramente, os técnicos podem tecer seus objetivos para essa etapa, embasados no calendário das competições e, além do calendário do sistema de competições de cada Estado ou País, a aproximação da vida do atleta ao treinamento profissional. Para elaborar a periodização dos aspectos fundamentos do sistema de treinamento, que são a preparação física, técnica, tática e psicológica da vida dos atletas, recomenda-se que se elaborem as etapas de preparação, que são: **preparação**



**geral, especial e competitiva e utilize-se de diferentes meios e métodos.** A organização das cargas de treinamento em basquetebol para as fases de aperfeiçoamento inicial e profundo dependerá da etapa de preparação e deve-se ter em mente que as competições determinam a forma desportiva na qual o treinamento deve ser programado com base nessas. A organização dos conteúdos e dos métodos de treinamento para a fase de aperfeiçoamento e aprofundamento tem como principal enfoque o aspecto técnico-tático dos adolescentes podendo considerar uma ou mais funções que o jogo permite.

### **2.1. O treinamento dos conteúdos – fundamentos técnicos e as estratégias pedagógicas**

Para as categorias **infanto e cadete**;- recomenda-se predominantemente o domínio corporal, a manipulação de bola, os passes, a recepção, os dribles, as finalizações, as fintas, o corta-luz em movimento, os rebotes, os fundamentos sincronizados, as situações de jogo, a transição, os sistemas defensivos e ofensivos em fase de aperfeiçoamento. Os principais métodos são as situações de jogo, seguidos de exercícios analíticos e sincronizados e por fim o jogo de 5x5. As competições devem ser utilizadas em nível municipal até a internacional como resultado desportivo em fase de aperfeiçoamento desportivo.

Para as categorias **juvenis e sub-21**;- recomenda-se predominantemente o domínio corporal, manipulação de bola, passes, recepção, drible, finalização, fintas, corta-luz em movimento, rebote, fundamentos sincronizados, situações de jogo, transição, sistemas defensivos e ofensivos, em fase de aprofundamento. Os principais métodos são os exercícios analíticos e sincronizados, seguidos das situações de jogo e por fim o jogo de 5x5. As competições devem ser utilizadas em nível municipal até o internacional como resultado desportivo em fase de aprofundamento desportivo.

## ***2.2. Treinamento dos sistemas defensivos – Fase de aperfeiçoamento inicial e profundo***

Para as categorias **infante e cadete**;- recomenda-se todos os tipos de defesa individual em meia quadra e quadra inteira, todos os tipos de defesa por zona em meia quadra e quadra inteira, e todos os tipos de defesa pressão e combinadas e em situações especiais em forma de conhecimento e aperfeiçoamento. Os principais métodos são as situações de jogo, seguidos de exercícios analíticos e sincronizados e por fim o jogo de 5x5. As competições devem ser utilizadas em nível municipal até o internacional como resultado desportivo em fase de aperfeiçoamento desportivo.

Para as categorias **juvenis e sub-21**;- recomenda-se todos os tipos de defesa individual em meia quadra e quadra inteira, todos os tipos de defesa por zona em meia quadra e quadra inteira, e todos os tipos de defesa pressão e combinadas em forma de aperfeiçoamento e aprofundamento. Os principais métodos são os exercícios analíticos e sincronizados, seguidos das situações de jogo e por fim o jogo de 5x5. As competições devem ser utilizadas em nível municipal até o internacional como resultado desportivo em fase de aprofundamento desportivo.

## ***2.3. Treinamento dos sistemas ofensivos – Fase de aperfeiçoamento inicial e profundo***

Para as categorias **infante e cadete**;- recomenda-se todos os fundamentos de ataque em grupo, individuais e de forma coletiva em meia quadra e quadra inteira. Quando for a meia quadra, evitar jogadas muito demoradas e valorizar todas as funções. Devem-se utilizar poucos movimentos e contra-ataques. Os principais métodos são as situações de jogo, seguidos de exercícios analíticos e sincronizados e por fim o jogo de 5x5. As competições devem ser utilizadas em nível municipal até o internacional como resultado desportivo em fase de aperfeiçoamento desportivo.

Para as categorias **juvenis e sub-21**;- recomenda-se todos os fundamentos de ataque individuais em grupo e coletivamente em meia quadra e quadra inteira. Quando for a meia quadra, valorizar as potenciais individuais no contexto da tática e,

principalmente, o contra-ataque. Os principais métodos são os exercícios analíticos e sincronizados, seguidos das situações de jogo e por fim o jogo de 5x5. As competições devem ser utilizadas em nível municipal até o internacional como resultado desportivo em fase de aprofundamento já visando aos resultados superiores.

Indicações pedagógicas para o ensino-treinamento dos conteúdos e da utilização dos métodos para a fase de aperfeiçoamento da técnica e da tática em basquetebol;- categorias infante e cadete. Seguem as seguintes recomendações:

- ▶ Discutir e ensinar aos atletas as características e cultura do basquetebol moderno: apresentação dos métodos de treinamento e as fases de aperfeiçoamento na periodização e sua relação com o calendário de competições
- ▶ Treinar o Jogo de 5x5, de forma geral, especial e competitivo em fase de aperfeiçoamento inicial
- ▶ Treinar e discutir com os atletas os detalhes das regras para jogar 5x5 na atualidade em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar e discutir com os atletas o nível elevado de construção do jogo de 5x5 em meia quadra e quadra inteira, individual e por zona: O jogo livre (*Passing Game*, jogo sem bola) em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar os detalhes máximos da técnica defensiva e ofensiva no jogo individual de grupo e coletivo em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar a transição do jogo de defesa para o ataque e do ataque para a defesa no mais alto nível de eficácia em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar jogo de 1x1, o jogo de 2x2, o jogo de 3x3 em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar o domínio do corpo no espaço de jogo (a inteligência espacial) em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar as fintas corporais com e sem bola em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar a manipulação da bola com ambas as mãos em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar os passes e recepções em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar as infiltrações com bola visando à cesta e as assistências em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar os dribles em fase de aperfeiçoamento

- ▶ Treinar as finalizações em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Deve-se treinar o rebote ofensivo e defensivo em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar os fundamentos realizados de forma sincronizada no mais alto nível de exigência em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar o corta-luz em sincronia com os movimentos do jogo ataque e contra-ataque em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar as situações de jogo de 2x1 e 3x2 com o corta-luz em movimento em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar o sistema ofensivo e defensivo; individual em grupo e coletivo em fase de aperfeiçoamento da seguinte forma: na ofensiva; ofensiva contra sistemas individuais;- ofensiva contra sistemas por zona; ofensiva contra defesas pressionadas; em situações especiais de jogo. E a defensiva por defesa por zona, pressionada na zona e a individual: combinada e pressionada em meia quadra e quadra toda
- ▶ Treinar o contra-ataque em fase de aperfeiçoamento;- numerado ou de acordo com as situações defensivas

A proporção em percentagem do tempo de treinamento para a fase de aperfeiçoamento em relação aos métodos varia em cada categoria, conforme a aprendizagem dos fundamentos básicos e sistemas defensivos e ofensivos. Por exemplo, para essa fase do jogo 5x5, recomenda-se utilizar 20% do tempo total dos treinamentos nesta fase. Já os jogos pré-desportivos, apenas 5%, e os jogos situacionais 1x1 ao 5x4, mantêm-se 20%, e os exercícios em circuito técnico-tático - analíticos em 1x0 - sincronizados 1+4, 1+1, 1+2, 1+3, agora é de 40%, e as avaliações e preparação teórica, mantêm-se em 5%, deixando ainda para as situações especiais de jogo 10% do tempo total. Em relação às competições escolares e nos clubes, indica-se 7-10 competições no ano, sempre com objetivos de aperfeiçoar os conteúdos aprendidos e dar continuidade aos valores educacionais em níveis médios.

Indicações pedagógicas para o ensino-treinamento dos conteúdos da utilização dos métodos para a fase de aprofundamento da técnica e da tática em basquetebol;- categorias juvenil e sub-21. Seguem as recomendações:

- ▶ Discutir e ensinar aos atletas as características e cultura do basquetebol moderno:

apresentação dos conteúdos, métodos de treinamento, calendário de competições aos atletas e a periodização do treinamento

- ▶ Treinar o Jogo de 5x5, de forma geral, especial e competitivo em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar as regras detalhadas para jogar 5x5 na atualidade em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar no mais alto nível de construção do jogo de 5x5 em meia quadra e quadra inteira, individual e por zona: o jogo livre (*Passing Game*, jogo sem bola) em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar os detalhes máximos com a técnica defensiva e ofensiva no jogo individual e de grupo em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar a transição do jogo da defesa para o ataque e do ataque para a defesa no mais alto nível de eficácia em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar o jogo de 1x1, o jogo de 2x2, o jogo de 3x3 em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar o domínio do corpo no espaço de jogo (a inteligência espacial) em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar as fintas corporais com e sem bola em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar a manipulação da bola com ambas as mãos em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar os passes e recepções em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar as infiltrações com bola visando à cesta e as assistências em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar os dribles em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar as finalizações em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar o rebote ofensivo e defensivo em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar os fundamentos realizados de forma sincronizada no mais alto nível de exigência em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar o corta-luz em sincronia com os movimentos do jogo ataque e contra-ataque em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar situações de jogo de 2x1 e 3x2 com o corta-luz em movimento em fase de aprofundamento

- ▶ Treinar o sistema ofensivo e defensivo, individual em grupo e coletivamente em fase de aprofundamento da seguinte forma;- a) ofensiva;- contra sistemas individuais; contra sistemas por zona; ofensiva contra defesas pressionadas; em situações especiais de jogo e b) defensiva: por zona; individual; combinada; individual pressionada; pressionada por zona
  
- ▶ Treinar o contra-ataque em fase de aprofundamento;- numerado e de acordo com as situações defensivas

A proporção em percentagem do tempo de treinamento para a fase de aperfeiçoamento em relação aos métodos varia em cada categoria conforme a aprendizagem dos fundamentos básicos e sistemas defensivos e ofensivos. Por exemplo, para essa fase do jogo 5x5, recomenda-se utilizar 25% do tempo total dos treinamentos nesta fase. Já os jogos pré-desportivos, apenas 5% e os jogos situacionais 1x1 ao 5x4, mantêm-se entre 15%/20%, e os exercícios em circuito técnico-tático - analíticos em 1x0 - sincronizados 1+4, 1+1, 1+2, 1+3, agora é de 30%, e as avaliações e preparação teórica, mantêm-se em 5%/10%, deixando ainda para as situações especiais de jogo 10% do tempo total. Em relação às competições escolares e nos clubes, indica-se 10-12 competições no ano, sempre com objetivos de aprofundar os conhecimentos adquiridos anteriormente e dar continuidade aos valores educacionais em níveis superiores.

Ao finalizar as conclusões e as recomendações, afirma-se que só foi possível chegar a esses indicativos apoiado na extração das falas dos entrevistados e da literatura estudada nos diferentes meios de comunicação.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. B. **Basquetebol**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

ARAÚJO, J. M. **Basquetebol: Preparação técnica e tática**. Porto: Editora Feirense da Federação Portuguesa, 1992.

ASTRAND, P. O. **Crianças e adolescentes: desempenho, mensurações, educação**. In: Revista Brasileira de Ciência do Movimento. Vol. 6, n.º 2, São Caetano do Sul, FEC do ABC, 1997.

BALBINO, H. F. **Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas: Bases para uma proposta em Pedagogia do Esporte**. Dissertação de Mestrado, Campinas, 2001.

\_\_\_\_\_. H. F. **Pedagogia do treinamento: Método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos**. Tese de Doutorado, Campinas, 2005.

BARBANTI, V. **Treinamento físico: bases científicas**. São Paulo: CLR Baliero, 2001.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO H. **Ensino do basquetebol no ambiente de jogo; Tendências atuais da investigação em basquetebol** Faculdade de ciências do desporto Universidade do Porto, 2001.

\_\_\_\_\_. H. **Orientações para a aprendizagem situação crítica: defensor do atacante com bola: novos horizontes para o treino do basquetebol**. Portugal, Lisboa: FMH, 2000.

\_\_\_\_\_. H. GOMES, M. **A concretização de uma unidade didática em basquetebol**. Lisboa: IDAF, 1989.

BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos**. Paris: Vigot, 1994.

GRAÇA; TAVARES; OLIVEIRA; JANEIRA In.. **Ciências integradas na prática do desporto**. v. 2. FCDEF, p. 35-46. In: Graça; Tavares; Oliveira; Janeira. Perspectiva integrada e progressiva de formação de jogadores de basquetebol, 1991.

BERGAMO, V. R. **O perfil físico e técnico de atletas de basquetebol: contribuições para identificação e promoção do talento múltiplo em basquetebol feminino**- Tese de Doutorado, Unicamp- Campinas, 2003.

BOAS. M. S. V. **Basquetebol. Brincando e aprendendo: da iniciação ao aperfeiçoamento**. Maringá: Editora da Dental Press, 2004.

BÖHME, M. T. S. **O treinamento a longo prazo e o processo de detecção, seleção e promoção de talento.** Revista Brasileira de Ciência do Esporte. v. 21, n.2/3. p. 4-10, 2000.

BOMPA, Tudor O. **Treinamento total para jovens campeões.** 1.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Manole, 2002.

\_\_\_\_\_. **Periodização: teoria e metodologia do treinamento.** 4.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Phorte, 2002.

BORIN, J. P. **Explorando a intensidade de esforço em atletas de basquetebol, segundo tipos de fundamentos e posições:** estudo a partir de equipe infanto-juvenil do campeonato paulista de 1996. Dissertação de Mestrado, Unicamp- Campinas, 1997.

BOSC & GROSSEORG. **El treinador de Baloncesto conocimientos teóricos, tácticos y pedagógicos.** Himano Européia S/A, Barcelona España, 1981.

BOTA, I.; COLIBABA -EVULET, D. **Jogos desportivos coletivos: teoria e metodologia.** Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

BRANDÃO. E , JANEIRA. A. M. **Guia do basquetebol em Portugal** Editora da FCDE \_ UP, 2000.

BRONFENBRENNER, V. **Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development** (In: moen et al. eds) Washington American Psychological Association, 1995. 675 p. Cap. 18, p. 599-618.

BUNKER, D.; THORPE, R. **A model for the teaching of games in the secondary schools.** The Bulletin of Physical Education, 18:5-8, 1982.

CAMPBELL L. *et al.* **Ensino e aprendizagem por meio das inteligências múltiplas.** 2.<sup>a</sup> ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CARDENÁS, D. **O processo de ensino da tática coletiva numa perspectiva construtivista.** Madri: Madri INEF, 2003.

CARDOSO, M. H. **II Basquetebol: da iniciação ao alto nível:** Jornada paranaense de Educação Física. Cetepar, Curitiba, 1987, Apostila xerocopiada.

CARDOSO. J, Antonio Maria M. **Basquetebol na escola.** Recife: Secretaria da Educação de Pernambuco, s.d.

CALATAUYD. F. **La defensa de ayuda em la iniciacion.** La formacion y el rendimiento em baloncesto; II congresso Ibérico de baloncesto, Ed Godoy-copegraf, ISBN 846884222-2 Cáceres–Espanha, 2003, Anais.



CARMO, H. e FERREIRA, M. M.(1998) **Metodologia de Investigação – Guia para a Auto Aprendizagem. Lisboa:** Universidade Aberta, 1998.

CARVALHO, W. **Basquetebol: Sistemas de ataque e defesa.** Sprint: Rio de Janeiro, 2001.

CBB: **Confederação Brasileira de Basquetebol. Basquetebol de base .** www.cbb.br, 2006.

CONGRESSO . M. **O melhor basquetebol do mundo:** 18 artigos dos melhores técnicos da década de 70/80 edições ISEF, 1978.

COSTA. M. P. **O fenômeno de abandono do contexto esportivo pelos atletas de basquetebol depois dos jogos da juventude de 1999.** Monografia de Graduação. Maringá, 2004.

COUTINHO. N. F. **Basquetebol na escola: da iniciação ao treinamento-** Editora Sprint- Rio de Janeiro, 2001.

CUSHION, C. **Re-thinking, teaching and coaching games.** The new P.E. & Sports Dimension. Department of Sport Sciences, Brunel University United Kingdom, 2002.

DAIUTO, M. **Basquetebol: Metodologia do Ensino.** São Paulo: Ed. Esporte e Educação, 1974.

DANTAS, E.H.M. **A prática da preparação física.** 4.<sup>a</sup> edição, Rio de Janeiro: Editora Shape, 1995.

DARIDO, S. C., CHRISTOFOLETTI, J. **Análise do desempenho da jogadora Hortência:** Aspectos desenvolvimentistas. *In:* XIX Simpósio Internacional de Ciências do Esporte: Saúde e Desempenho. Anais... São Caetano do Sul-SP`, 1994, p. 197.

DELGADO. M.A. **Analisis de las concepciones o teorias implícitas del deport em três âmbitos diferenciados de practica del baloncesto.** La formacion y el rendimiento em baloncesto; II congresso Ibérico de baloncesto, Ed Godoy-copegraf, ISBN 846884222-2 Cáceres–Espanha, 2003, Anais.

DINIZ, J. A; **Estudo integrado das condições de aprendizagem e da intensidade das atividades do basquetebol nas aulas de educação física.** Dissertação de Mestrado . Universidade Técnica de Lisboa, 1997.

DINIZ, A. **O basquetebol paulista: análise crítico-pedagógica sobre sua iniciação** Dissertação de Mestrado . Universidade Estadual de Campinas, 2000.

DOOLITTLE, S.; & GIRARD, K. A dynamic approach to teaching games in elementaru. P.E. Journal of Physical Education, Recreation and Dance, 62:57-62.

ELLIOTT, B, MESTER, J. **Treinamento no esporte**: aplicando ciência no esporte. Editora Phort, Guarulhos-São Paulo, 2000.

FERNANDEZ, M. Delgado, SAINZ, A. Gutierrez e GARZON, M. J. Castillo. **Treinamento físico-desportivo e alimentação: da infância á idade adulta**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, Paidotribo Editorial, 2002.

FERREIRA, A. P.; FERREIRA, V.; PEIXOTO, C. E.; VALOSSOVITCH, A. **Gostar de basquetebol: ensinar a jogar e aprender jogando**. Editora da FMH Cru Quebrada Lisboa, 2004.

\_\_\_\_\_. A. P. **Ensinar os jovens a jogar**. a melhor solução da aprendizagem da técnica e da tática. Rev. Treino Desportivo. 20. p. 35-41. 2000.

FERREIRA, A.; DE ROSE, D. **Basquetebol: técnicas e táticas: uma abordagem didático-pedagógica**. São Paulo: EPU Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

FILIN, V.P. **Desporto juvenil**: Teoria e metodologia / Adaptação científica Antonio Carlos Gomes – 1.ª edição, Londrina: Centro de informações esportivas, 1996.

FORQUET, J. **Como se hacer um jogador de baloncesto**. Editorial Sintes- Barcelona, 1972.

FRIGATO, R. P. D. **A importância da relação interpessoal entre professor-aluno, técnico atleta no processo de iniciação desportiva e treinamento universitário na modalidade desportiva Basquetebol**. Monografia de Graduação. F.E.F. Unicamp, Campinas, 2000.

GALATTI, R. L; **Pedagogia do esporte: discutindo o processo de ensino aprendizagem na modalidade basquetebol** Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, Unicamp, Campinas-São Paulo, 2002.

GALLAHUE, D. L., OSMUN, J. C. **Understanding Motor development: Infants, Children, Adolescents, Adults**, Dubuque: BROWM & BENCHMARK PUBLISHERS, 1995, p. 570.

GARDNER, H. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

\_\_\_\_\_. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

\_\_\_\_\_. **Inteligências: um conceito reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

GARGANTA, J. **Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos**. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds). O ensino dos jogos desportivos coletivos. 1 . ed. Porto:

Universidade do Porto, 1995.

GARGANTA, J. **Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos**. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds.). O ensino dos jogos desportivos coletivos. 3. ed. Lisboa: Universidade do Porto, 1998.

GODOY, S. J. I.; GARCIA, M. M: **Novos horizontes para o treino do basquetebol**. Editora da FMH, Lisboa, 2002.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

GOMES, A. C. **Treinamento Desportivo: Estruturação e periodização**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

\_\_\_\_\_. TEIXEIRA, M. **Esportes: projeto de treinamento**. Londrina-PR: CID, 1997.

\_\_\_\_\_. **Treinamento Desportivo: Princípios, meios e métodos**. 1 ed. Londrina-PR: Editora Treinamento Desportivo, 1999.

GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Orgs.) **O ensino dos jogos desportivos**. Segunda edição Porto: Universidade do Porto, 1995.

GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino do basquetebol**. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds.). O ensino dos jogos desportivos coletivos. Porto: Universidade do Porto, 1998.

GRANELL, J, CERVERA, V. R: **Teoria e planeamento do treinamento desportivo**- Editora Artmed – Porto Alegre, 2003.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. **Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

GRIFFIN, L. **Tactical approaches to teaching games: improving net/wall game performance**. Journal of Physical Education Recreation and Dance, 67:39-42.

GROSSER, M.; BRÜGGEMANN, P.; ZINTL, F. **Alto rendimento deportivo: Planificación e Dessarollo**. Barcelona: Martinez Roca, 1989.

GUEDES, D. P., GUEDES, J. E. R. P. **Crescimento, composição corporal e desempenho motor de crianças e adolescentes**. São Paulo: Balieiro, 1997.

HADICH, P. M. J. **O esporte no contexto escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso em Ed. Física - Faculdade de Educação Física da Unicamp, Campinas, 1997.

HAHN, E. **Entrenamiento com niños: teoria: práctica, problemas específicos**. Barcelona: Martinez Roca, 1989.

HERCHER, W. **Basquetebol**. Editora Estampa, Lisboa, 1982.

HTTP//[www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com) Revista digital – Buenos Aires, Argentina, 2005.

JACKSON, P. **Sacred hoops: spiritual lessons of a hardwood warrior**. New York, NY. Hyperion, 1995.

KIRK, D. & MACPHIL. **Teaching fames for understand and situated learning**. Journal of Physical Education, 2002.

KIRKOV, D. V. **Entrenamiento del basquetebolista**. Buenos Aires: Stadium, 1984.

KONZAG, I. **A formação técnico-táctica nos jogos Desportivos Colectivos**. Revista Kinesis, n.º 10, p.45-49, 1992.

KRAUSE, J. **Coaching basketball**. Indianapolis, Indiana: Master Press.S/d

KREBS, R. J. **Da estimulação à especialização motora**. Revista Kinesis, n.º 9, pág. 29-44, 1992.

LA ROSA. A. F. **Treinamento desportivo: carga, estrutura e planeamento** - Editora Phort São Paulo, 2001.

LAKATOS, E. M. & Marconi, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, Atlas, 1985.

LIMA. T. **Basquetebol : Saber treinar aprende-se**. Editora da CEFD, Lisboa, 2001.

\_\_\_\_\_T. **Como que então quer ser treinador**: Basquetebol da aprendizagem a competição: Editora da CEFD, Lisboa, 2001.

LOPES. J. F. L. **Análise dos motives que levam crianças de até quatorze anos á pratica do basquetebol**: Monografia de Graduação, Maringá, 2003.

LUZ, N. **Manual do basquetebol**. Araçatuba, 1984.

MALINA, R. M. **Physical growth and biological maturation of young athletes**. Exercise and sport science reviews. v. 22, p. 389-433, 1994.

\_\_\_\_\_R. M. BOUCHARD, C. **Growth, maturation, and physical activity**. Champaign: Human Kinetics, 1991.

MATVEEV, L. P. **Fundamentos del entrenemiento deportivo**. Madrid: Mir 1980

\_\_\_\_\_L.P. **Treino desportivo**: Metodologia e Planeamento, F.M.U. Phorte Editora, Guarulhos, 1997.

\_\_\_\_\_L.P. **Educação física escolar teoria e metodologia**. Grupo palestra sport. Rio de Janeiro, 1997.

MAHLO, F. **O acto táctico do jogo**. Lisboa, Compendiun, s/d.

MAHLO, F. **Los métodos generales de la formacion de la accion táctica**. Buenos Aires (1977).

MELHEM, A. **Brincando e aprendendo basquetebol**. Editora Sprint. Rio de Janeiro, 2004.

MESQUITA, J. **A pedagogia do treino a formação em jogos desportivos coletivos**. Lisboa: Livros Horizontes, 1997.

MICHEL, S. **tactical awareness as a developmentally appropriate fours for the teaching of games in elementary and secondary**. Physical Education, 51:21-28.

MONTAGNER, P. C. **Esporte de competição x Educação “O caso do Basquetebol”** Universidade Metodista de Piracicaba: Dissertação de Mestrado, 1993.

\_\_\_\_\_, P. C. **A formação do jovem atleta e a pedagogia da aprendizagem esportiva**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas , 1999

MOREIRA, A: **Basquetebol: sistema de treinamento em bloco – organização e controle**: Dissertação de Mestrado, Unicamp – Campinas, 2002.

MORENO, J. **Baloncesto y entrenamiento**. 2.ed. Barcelona: Paidotribo 1989

MUSCH, E. A.; MERTEND, B. **L’enseignement des sports collectifs: une conception élaborée à l’ISEP de 1.<sup>a</sup> Université de Gand**, Révue de l’Education Phisique, 31, 7-20, 1991.

NAHAS, M. V. *et al.* **Crescimento e aptidão física relacionada à saúde em escolares de 7 a 10 anos – um estudo longitudinal**. Revista Brasileira de Ciência do Esporte. v. 14, n. 1, p. 7-17, 1992.

NASCIMENTO R.J. **Uso das tecnologias da informação e comunicação na formação de professores de educação física e desporto: Estudo experimental num modulo de basquetebol**. Tese de doutorado. Universidade técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade humana. 2003

OLIVEIRA, M. **Desporto de base**. São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, P. R. **O efeito posterior duradouro de treinamento (EPDT) das cargas concentradas, investigação a partir de ensaio com equipe infanto-juvenil e juvenil de voleibol**: Tese de Doutorado, Campinas, 1997.

\_\_\_\_\_, P. R. ARRUDA, M. **Crescimento, desenvolvimento e aptidão física**. Campinas, São Paulo: CODESP, 2000.

OLIVEIRA, J. C. **O ensino do basquetebol: gerir o presente ganhar o futuro**: Editora Caminho, Lisboa, 2001.

OLIVEIRA, V. Paes. R. R **O processo do desenvolvimento do talento**: O caso do basquetebol. XII Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte, Caxambu, Anais... p. 198. 2001.

\_\_\_\_\_. V. **O processo de ensino dos jogos desportivos coletivos: um estudo acerca do basquetebol**. Dissertação (Mestrado) Mestrado em Educação Física, Unicamp, 2002.

\_\_\_\_\_. V. Paes. R. R **O processo do desenvolvimento do talento**: um estudo no basquetebol, Arquivo Ciências da Saúde Unipar 7 ( 1) Jan/abril, Umuarama-Paraná, 2003a.

\_\_\_\_\_. V. Paes. R. R [http// www.pedagogiadobasquete.com.br](http://www.pedagogiadobasquete.com.br) desenvolvido em Maringá-Paraná pela K2 comunicação, 2003b.

\_\_\_\_\_. V. Paes. R. R **Iniciação em basquetebol dos atletas brasileiros que disputaram o mundial nos Estados Unidos em 2002** La formacion y el rendimiento em baloncesto; II congresso Ibérico de baloncesto, Ed Godoy-copegraf, ISBN 846884222-2 Cáceres–Espanha, 2003c, Anais.

\_\_\_\_\_. V. Paes. R. R **Treinamento dos atletas brasileiros: reflexos no mundial dos Estados Unidos em 2002** La formacion y el rendimiento em baloncesto; II congresso Ibérico de baloncesto, Ed Godoy-copegraf, ISBN 846884222-2 Cáceres-Espanha, 2003d, Anais.

\_\_\_\_\_. V. Paes. R. R **Ciência do Basquetebol**: pedagogia da iniciação a especialização Editora Midiograf, Londrina-Paraná, 2004a.

\_\_\_\_\_. V. Paes. R. R **Preparação física no Basquetebol**: pedagogia da iniciação a especialização Editora Midiograf, Londrina-Paraná, 2004b.

\_\_\_\_\_. V. Paes. R. R **Pedagogia da iniciação esportiva: um estudo sobre os jogos desportivos coletivos**, revista digital [www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com) ano 10 n 71 abril, Argentina, 2004c.

\_\_\_\_\_. V. Paes. R. R **Treinamento dos atletas do Brasil; reflexos no mundial dos Estados Unidos de 2002** revista digital [www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com) ano 10 n 77 abril, Argentina, 2004d.

\_\_\_\_\_. V. Paes. R. R. **A pedagogia do esporte repensando o treinamento técnico e tático nos jogos desportivos coletivos**. Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas Editora Guanabara koogan, Rio de Janeiro, 2005.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce: “O caso do Basquetebol”**, Universidade Metodista de Piracicaba: Dissertação de Mestrado, 1989.

\_\_\_\_\_ R. R. MONTAGNER, P. C. **Apostila de Basquetebol**. Faculdade de Educação Física da Unicamp, 1998.

\_\_\_\_\_ R. R. **Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

\_\_\_\_\_ R. R. **Esporte competitivo e Espetáculo esportivo: Fenômeno esportivo e o III Milênio**. Piracicaba, Unimpep, p. 33-39. 2000.

\_\_\_\_\_ R. R. **A periodização no treinamento desportivo**. 1.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Manole, 2001.

\_\_\_\_\_ R. R. **Educação Física Escolar: o esporte como conteúdo pedagógico no ensino fundamental**. Canoas: Ed. ULBRA, 2001.

\_\_\_\_\_ R. R. **Esporte Educacional**. I, II Congresso Latino Americano de Educação Motora. Anais... p. 109-113, Foz do Iguaçu, 1998.

PRIMO, J. C. **Baloncesto la defensa**. Barcelona: Ediciones Martínez Rola, 1986.

RINALDI, I. P. B. **A ginástica como área de conhecimento na formação profissional em educação física: encaminhamentos para uma reestruturação curricular**- Tese de Doutorado, Unicamp- Campinas, 2005.

SCHIMIDT, R. A. **A aprendizagem motora**. São Paulo: Movimento, 1993.

\_\_\_\_\_. WRISBERG, C. A. **Aprendizagem e performance motora: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SMITH, D. **Baloncesto, ataques y defensas múltiples**. Madrid: Editora Pia Tereña, 2001.

SMITH, D. **Multiple offense and defense**. New Jersey, NJ. Prentice Hall. 2001.

TANI, G. **Aspectos básicos do esporte e a Educação Motora**. I, II Congresso Latino Americano de Educação Motora. Anais... 115-123, Foz do Iguaçu, 1998.

\_\_\_\_\_. *et al.* **Educação Física Escolar: Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU, 1998.

TANNER, J. M. **Crescimento físico**. In: CARMICHAEL, L.; MUSSEN, P.H. Manual de psicologia da criança. São Paulo: Edusp, v.1: Bases biológicas do desenvolvimento, 1975.

TAVARES, F.; FARIA, R. **A capacidade de jogo como pré-requisito do rendimento para o jogo**. De Thies 1986 e Shallenberger 1990. Portugal: Centro de estudos em jogos coletivos FCDEF, 1996.

TAVARES, F.; JANEIRA, M. A.; GRAÇA, A.; PINTO, D.; BRANDÃO, E. **Tendências actuais da investigação em basquetebol**, Editora da UP, Porto, 2001.

TEIXEIRA, E. R. K. S. **Estudo sobre o treinamento das capacidades físicas para o basquetebol feminino: Uma proposta teórica: Monografia de Graduação**, Londrina, 2003.

TEODORESCU, L. **Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos**. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

THOMAS, J. NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física: Trad. Ricardo Petersen. 3. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2002.**

TRIVINOS, A. N. D. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. 1987.

UGRINOWISTCH, C. **American Sport Education program: ensinando basquetebol para jovens. 2.ª ed.**, São Paulo, 2000.

VENDRAMINI, A. C. **Projeto pedagógico de iniciação esportiva do Centro de Excelência de Basquetebol do Paraná: Apostila do Curso de Mestrado; Disciplina de Pedagogia do Esporte**, Campinas, 2002.

VIDAL, Ary. **Basquetebol para vencedores**. Porto Alegre: Rigel, 1991.

VIEIRA, J. L. L. **O processo de abandono de talentos do atletismo do estado do Paraná: Um estudo orientado pela teoria dos sistemas ecológicos: Tese de Doutorado**, Santa Maria, 1999a.

VIEIRA, L. F. **O processo de desenvolvimento de talentos paranaenses do atletismo: Um estudo orientado pela teoria dos sistemas ecológicos: Tese de Doutorado**, Santa Maria, 1999b.

WEINECK, J. **Biologia do esporte**, Editora Manole, São Paulo, 1991.

\_\_\_\_\_ **Treinamento ideal**. São Paulo: Ed. Manole, 1999.

WISSEL, H. **Baloncesto – aprender y progresar**. Barcelona: Paidotribo, 1998.

WOODEN, J. **They call me coach**. John Wooden. Chicago, Illinois: Contemporary Books Inc., 1988.

ZAKHAROV, A. **A ciência do treinamento desportivo/ Adaptação técnica Antonio Carlos Gomes, 1.ª edição**, C.J. Grupo palestra sport, 1992.



## **ANEXOS**

## ANEXO I

### NORMAS GERAIS DE TRANSCRIÇÃO (OLIVEIRA, 1998)

- pausa (exceto a que recebe outra marcação): ...
- quebra do fluxo textual: /
- comentário paralelo: - -
- alongamento silábico: ``
- entonação enfática: **MAIÚSCULA**
- interrogação: ?
- fragmento incompreensível: ( )
- suposição de audição: (**palavra**)
- comentário do transcritor, com indicação de tosse, risos, voz, etc: (( ))
- turno assaltado ou interrompido: (.....)
- citação de fala de outro ou estrangeiro: “ ”
- sobreposição de fala: palavra
- entonação, admitindo-se combinações: ►
- siglas e iniciais de nomes próprios: **MAIÚSCULA**

#### Restam, ainda, as seguintes observações

- repetições em análise, encontram-se negritadas;
- números são transcritos por extenso;
- não se usa ponto final ou de exclamação, os dois pontos, o ponto e a vírgula são marcados genericamente pela pausa .....;
- não se marca o ritmo da frase;
- formas ouvidas como né e pra foram admitidas e mantidas;
- omite-se a identidade dos informantes como o uso da inicial de cada um deles: P distinguem-se os pontuadores discursivos: *eh* (fático), *e* (aditivo) e *é* (continuativo);
- os marcadores conversacionais transcrevem-se em posição central.

## ANEXO II

### MATRIZ ANALÍTICA DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

<b>Categoria</b>	<b>indicadores</b>	<b>elementos</b>	<b>informações</b>	<b>questões</b>
<b>Processo de iniciação no basquetebol</b>	1. Fase de conhecer o jogo de basquetebol	Pré-mini	Conteúdos e métodos pedagógicos	Onde? Qual? Quais? Por quê? O quê? Como?
	2. Fase aprender os sistemas e os fundamentos do basquetebol	Mini Mirim	Conteúdos e métodos pedagógicos	
	3. Fase de automatizar e refinar a aprendizagem e aprender novos conteúdos do basquetebol	Infantil	Conteúdos e métodos pedagógicos	
<b>Processo de especialização no basquetebol</b>	1. Fase de aperfeiçoamento inicial	Infante e cadete	Conteúdos, Métodos pedagógicos	Onde? Qual? Quais? Por quê? O quê? Como?
	2. Fase de Aprofundamento	Juvenil e Sub-21	Conteúdos e métodos pedagógicos	

Fonte: Adaptado de Vieira, (1999).

## **ANEXO III**

### **ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS TÉCNICOS E PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DO BASQUETEBOL BRASILEIRO**

**Rol de perguntas para os técnicos e professores universitários de basquetebol sobre a etapa de iniciação (aprendizagem do basquetebol)**

#### **1) Em relação ao ensino dos fundamentos técnicos do basquetebol.**

Em sua opinião, para a etapa de iniciação às categorias pré-mini, mini, mirim e infantil

##### **Roteiro**

Quais conteúdos devem ser ensinados?  
Por que devem ser ensinados esses conteúdos?  
Quais métodos devem ser utilizados?  
Por que a utilização desses métodos?

#### **2) Em relação ao ensino dos sistemas defensivos do basquetebol.**

Em sua opinião, para a etapa de iniciação às categorias pré-mini, mini, mirim e infantil

##### **Roteiro**

Quais conteúdos devem ser ensinados?  
Por que devem ser ensinados esses conteúdos?  
Quais métodos devem ser utilizados?  
Por que a utilização desses métodos?

#### **3) Em relação ao ensino dos sistemas ofensivos do basquetebol.**

Em sua opinião, para a etapa de iniciação às categorias pré mini, mini, mirim e infantil

##### **Roteiro**

Quais conteúdos devem ser ensinados?  
Por que devem ser ensinados esses conteúdos?  
Quais métodos devem ser utilizados?

Por que devem ser utilizados esses métodos?

<b>Rol de perguntas para os técnicos e professores universitários de basquetebol sobre a etapa de especialização ( preparação dos atletas)</b>
--

**1) Em relação ao treinamento dos fundamentos técnicos do basquetebol.**

Em sua opinião, para as categorias infante, cadete, juvenil, sub-21 e adulto.

**Roteiro**

Quais conteúdos devem ser treinados?

Por que devem ser treinados esses conteúdos?

Quais métodos devem ser utilizados para treinar esses conteúdos?

Por que devem ser utilizados esses métodos?

**2) Em relação ao treinamento dos sistemas defensivos do basquetebol.**

Em sua opinião, para as categorias infante, cadete, juvenil, sub-21 e adulto.

**Roteiro**

Quais conteúdos devem ser treinados?

Por que devem ser treinados esses conteúdos?

Quais métodos devem ser utilizados para treinar esses conteúdos?

Por que devem ser utilizados esses métodos?

**3) Em relação ao treinamento dos sistemas ofensivos do basquetebol.**

Em sua opinião, para as categorias infante, cadete, juvenil, sub-21 e adulto.

**Roteiro**

Quais conteúdos devem ser treinados?

Por que devem ser treinados esses conteúdos?

Quais métodos devem ser utilizados para treinar esses conteúdos?

Por que devem ser utilizados esses métodos?

**ANEXO IV**  
**MATRIZ ANALÍTICA DOS DADOS DOS PROFESSORES**  
**MESTRES E DOUTORES DAS UNIVERSIDADES**  
**BRASILEIRAS**

<b>Professores Mestres e Doutores</b>	<b>Nome</b>	<b>Fone</b>	<b>Profissão</b>	<b>Formação Acadêmica</b>	<b>Universidade atual</b>	<b>Publicação Nacional</b>	<b>Publicação Internacional</b>
P1							
P2							
P3							
P4							
P5							
P6							
P7							
P8							
P9							
P10							
P11							

**ANEXO V**  
**MATRIZ ANALÍTICA DOS DADOS DOS TÉCNICOS**  
**RENOMADOS DO BASQUETEBOL BRASILEIRO**

<b>Técnicos</b>	<b>Nome</b>	<b>Fone</b>	<b>Profissão</b>	<b>Formação Acadêmica</b>	<b>Título nacional</b>	<b>Título internacional mais relevante</b>
T1						
T2						
T3						
T4						
T5						
T6						
T7						
T8						
T9						
T10						
T11						

## ANEXO VI

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

*Normas de Pesquisa envolvendo Seres Humanos:  
Resolução 196/96 - Conselho Nacional de Saúde.  
In: Ministério da Saúde/Fundação Nacional da Saúde.  
Informe Epidemiológico do SUS. Suplemento 3, ano V, n. 2 abril a junho, 1996.*

**Projeto – “A pedagogia do esporte discutindo o processo de iniciação e preparação do atleta do desporto coletivo- basquetebol”**

Pesquisadores: Prof. Ms Valdomiro de Oliveira e Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes.

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_,  
residente na cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_ no  
endereço \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ Bairro \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

tenho pleno conhecimento que as informações colhidas a meu respeito poderão ser utilizadas para investigações referentes à preparação de atletas de basquetebol. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, para elaboração de Tese de Doutorado, feita através de entrevista semi-estruturada para que os pesquisadores possam discorrer sobre o assunto acima declarado. Os procedimentos para a aplicação da pesquisa envolvem:

- i) Participação do sujeito na entrevista, com respostas abertas a perguntas previamente elaboradas.

Considero-me suficientemente informado do tema que envolve a pesquisa. Declaro concordar em dar informações a meu respeito, sabendo que está garantido o esclarecimento do que quer que julgue necessário a respeito e que receberei cópia deste termo. Declaro permitir a divulgação de meu nome como sujeito da pesquisa, na condição de que estará assegurado o sigilo pessoal quanto aos dados obtidos, na omissão da autoria específica das respostas, não sendo associado meu nome de maneira direta às mesmas, bem como a liberdade de recusar a participar ou retirar o consentimento, em qualquer momento, sem penalização e prejuízo.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
Data

Em caso de dúvida, recusa ou reclamação recorrer a:  
Prof. Ms. Valdomiro de Oliveira ou Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes  
Faculdade de Educação Física – Unicamp  
Fone (19) 3788 6601  
Comitê de Ética em Pesquisa – FCM/Unicamp Fone (19) 3788-8936



**ANEXO VII**  
**CARTA EXPLICATIVA E SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO**  
**PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA ENCAMINHADA À**  
**CONFEDERAÇÃO DE BASQUETEBOL**

**Senhor Edio Alves, Supervisor Geral da CBB;**

Venho através dessa comunicação solicitar de Vossa Senhoria e da Presidência da CBB a autorização para entrevistar os técnicos das seleções brasileiras femininas e masculinas do Brasil, para conclusão de uma Tese de Doutorado na Unicamp. O objetivo da pesquisa é desenvolver um material didático pedagógico para o ensino e a preparação dos atletas de basquetebol no Brasil para as competições nacionais e internacionais no que diz respeito à preparação física, técnica, tática e psicológica em diferentes faixas etárias, bem como nos diferentes cenários de ensino do basquetebol por todo o Brasil. A minha tese é que: Se a academia ou a universidade elaborar um material didático pedagógico para ensinar e treinar o basquetebol com a ajuda dos treinadores de elite, com certeza as universidades e os treinadores de todo o Brasil serão beneficiados pela junção da teoria e da prática. Os meios de divulgação seriam, além da tese, o site [www.pedagogiadobasquete.com.br](http://www.pedagogiadobasquete.com.br) bem como o site da CBB, além de artigos e até um livro didático, no qual constará o nome de todos os técnicos participantes e do apoio da CBB. No anseio de iniciarmos o projeto o mais rápido possível, aguardamos a autorização dos senhores

**Professor Mestre Valdomiro de Oliveira e Professor Doutor Roberto Rodrigues Paes**

**ANEXO VIII**  
**CARTA EXPLICATIVA AUTORIZANDO A REALIZAÇÃO DA**  
**PESQUISA CONCEDIDA PELA CONFEDERAÇÃO DE**  
**BASQUETEBOL**

**Prezado Senhor Valdomiro**

Em resposta, informamos que a CBB não se opõe à pretensão de Vossa Senhoria. Contudo, há que se respeitem as disponibilidades dos membros da Comissão Técnica, os quais terão toda a liberdade para decidir como melhor atender aos interesses de seu trabalho de Tese de Doutorado.

Sem mais no momento,  
Saudações

**Edio José Alves**  
**Secretário Geral**  
**Confederação Brasileira de Basketball**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**VALDOMIRO DE OLIVEIRA**

**O PROCESSO ENSINO-TREINAMENTO DA  
TÉCNICA E DA TÁTICA NO BASQUETEBOL  
DO BRASIL: UM ESTUDO SOB A ÓTICA DE  
PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR  
TÉCNICOS DE ELITE**

**VOLUME II**

Campinas  
2007

## **O PROCESSO ENSINO-TREINAMENTO DA TÉCNICA E DA TÁTICA NO BASQUETEBOL DO BRASIL: A ÓTICA DE TÉCNICOS DE ELITE DO BASQUETEBOL BRASILEIRO**

### **Sujeito 1**

#### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação**

Em relação aos fundamentos eu ensinaria todos, porém, resguardando a condição da idade e da compleição física das crianças. É claro que eu não vou fazer um trabalho de salto e tal de forma específica. Eu acho que o garoto até por volta de 13 anos, até por uma questão psicológica ele não pode ser saturado, porque a cabeça dele não aceita a saturação de repetições com muita duração. Ele é baseado em estímulos fortes e rápidos, e ele vai muito na base da imitação dos adultos também. Então o professor precisa mostrar para ele, a coordenação de movimentos ideal de cada fundamento e pedir para que ele repita, quantidades não muito grandes, menores mas com boa intensidade de acordo com a capacidade do garoto e realizar isso, com mecanismos motivacionais no início da aprendizagem. Ex. tipo competições entre um e outro, tipo: vou marcar no relógio para ver quem faz mais rápido; somente 5 vezes, agora 10 vezes e dizer que legal, você está com o braço forte. Quer dizer, trabalhar com estímulos motivacionais rápidos e fortes, dentro dos conceitos dos fundamentos que você está ensinando. Isso é fundamental, porque, nós não podemos saturar a cabeça de uma criança porque nós corremos o risco dessa criança desistir de continuar muito cedo.

**Métodos de Treino** Primeiro eu não sou muito favorável para o garoto nessas idades ficar muito dramatizado no sentido de ganhar jogo, porque eu acho que isso poderá prejudicar o desenvolvimento dele principalmente no aspecto educativo-formativo. O esporte propicia a quem joga, que ele tenha mais discernimento do que é certo ou do que é errado; propicia a convivência em grupo, propicia o equilíbrio da personalidade, a formação do caráter, a humildade, o respeito, e isso é o mais importante na prática do esporte nessa idade.

Em relação a metodologia de treino, eu vejo nessas idades o sentido de ter um plano de jogo, plano tático para ganhar jogo. Tudo bem, isso é até considerável, mas eu acho que dentro desse aspecto a gente precisa saber que o basquete é um esporte que tem muitos fundamentos e que o atleta é claro que depende da estatura ele vai se especializar numa determinada posição das várias que o basquetebol tem. Então eu fico muito preocupado quando pegamos um garoto até 13 anos de idade que tem 1,85; 1,88 já vai ser pivô.

Em Franca por exemplo eu estou estimulando e quase que exigindo dos técnicos das categorias menores, que todos os jogadores tem que aprender todos os fundamentos de todas as posições e nada de uma forma maçante, porque nessa idade é mais na base do entretenimento, com satisfação de estar melhorando de estar crescendo até para ganhar jogo. Lamentavelmente o que eu vejo às vezes, é esse massacre psicológico nos garotos; até da família quando os pais querem agredir os árbitros. Quando os pais querem exigir dos técnicos que o seu garoto não entrou, porque não começou jogando. Isso é mau. O garoto nessa idade deve ser preparado para ser gente, para ser um ser humano bem estruturado em todos os aspectos. A partir daí, com aptidão na seqüência é que a gente vai dar oportunidade para ele ser jogador de verdade.

**Sistemas Defensivos** eu penso que nós temos que incutir na cabeça dos garotos a responsabilidade sem ser algo de exigência que possa massacrar a cabeça dos meninos, sempre pensando nesse aspecto. Então a gente prioriza a defesa individual porque é através dela que você começa a cultivar na cabeça do garoto aquele confronto dele com o adversário dele. Há técnicos que definem que o garoto deva inclusive marcar quem o marcar no jogo para estimular no garoto o “ele contra eu, nós vamos ver qual que não vai deixar o outro jogar, eu vou tentar jogar no ataque e na defesa eu não vou deixar ele jogar”. Em relação a defesa por zona o Canela que foi para mim o melhor técnico na seleção brasileira, ele dizia nós só vamos marcar por zona na hora que nós estivermos muito bem na defesa individual. Porque a defesa por zona por incrível que pareça, ela exige muito mais da solidariedade, a cobertura, o homem da bola mais pressionado e se você não aprendeu isso na individual como é que você vai fazer na zona, que você tá marcando um setor e de repente o garoto vai

para outro setor, então não é só aquele que ele marca, mais então ele tem outras responsabilidades. Na defesa individual, o negócio é estimular a responsabilidade do garoto a não deixar o outro jogar que é um conceito moderno. A partir daí, você pode ensinar as defesas combinadas box, mas só depois que aprender a responsabilidade da individual.

**Métodos de Ensino das Defesas** Através de exercícios educativos que são deslocamentos lateral, horizontal, vertical, de costas, de frente, com bola e sem bola. Mas, não se esquecer que os garotos tem dificuldades de transferir o que ele aprendeu nos educativos para o jogo coletivo. Então no adulto acontece isso. Por que no educativo isolado é plantado é em meia quadra, então deve-se fazer os educativos, mas também transferir para o coletivo. Nós tivemos aqui em Franca um técnico que diagnosticou isso. Ele dizia “nós não estamos usando no jogo o que estamos fazendo nos educativos isolados”. Fizemos então umas experiências com a garotada e trabalhamos só coletivo. Fazia coletivo de 100 pontos, mas parava o tempo todo para explicar a importância dos educativos. Porque o jogo de basquete é coletivo. E às vezes na dinâmica do jogo, eles não conseguem transferir os educativos porque a quadra é maior, o espaço é maior a defesa é outra. Então temos que estar muito atentos. Por isso que a gente não abre mão de fazer muito coletivo, porque no coletivo é que vemos a realidade do jogo.

**Sistemas Ofensivos** Primeiro temos que ensinar para os garotos quais são os conceitos da consistência ofensiva. Precisamos que eles olhem como está a defesa para não finalizar marcado e marcado cai o aproveitamento. Então você tem que ensinar os movimentos coletivos através de passos, bloqueios, deslocamentos para que eles percebam o momento em que a defesa vai desequilibrar, e ai fazer os arremessos. Se a defesa chegar atrasada, ele terá o drible e paralelamente a isso, nós estimularemos nos garotos a passar a bola um para o outro. Dizer assim: assuma a responsabilidade de ver o que a defesa está fazendo e progredir para a cesta, mais se vier a cobertura você deverá passar a bola. Ou seja, ensiná-los a desprender-se em benefício do outro e isso é a lei da vida. Quando eu era jogador eu queria passar, driblar, enfiar a bola e ai a bola voltava para mim para eu arremessar. Quer dizer, quanto mais você joga para o outro mais você recebe. Na vida também é assim. Então

independentemente da defesa adversária, precisamos ensiná-los a abrir as brechas na defesa e como vamos fazer isso: através de infiltrações, bloqueios, deslocamentos e buscar os arremessos o mais próximo possível. Por incrível que pareça, quando se fala em abrir brechas na defesa, parece que não é para arremessar de fora, mas eu digo quanto mais você busca as brechas mais sobrarão as situações de arremessos. Esses conceitos devem ser trabalhados nas categorias menores respeitando a idade as condições físicas, sem ser muito fortes, mas podem ser rápidos, curtos e fortes também, mas de acordo com a capacidade das crianças. Porque nesse momento não estamos formando só jogadores, mas sim homens e o homem vira jogador.

**Métodos de Ataque** Diferem do adulto, porque temos que utilizar muitos mecanismos motivacionais; competições entre eles, disputas para ver quem não pontua, quem não recebe a bola, quem dificulta mais para aqueles que são os cestinhas, então daí, premiar os defensores e os atacantes. Valorizar quem faz coberturas, quem ajudou o companheiro que estava em dificuldades, valorizar aquele que foi batido e depois se recuperou e fez a cobertura. O aspecto motivacional é sagrado e também na vida.

**Fundamentos técnicos na etapa de Especialização** - Eu acho que tem que ser da mesma forma que antes, porém, com mais velocidade com mais intensidade e sempre com um melhor condicionamento físico, porque o talento para mim é 10% de inspiração e 90% de transpiração, quer dizer, não adiante ter jogador talentoso se não agüenta correr com velocidade, com intensidade, quero dizer, a partir dessa idade o treino dos fundamentos está diretamente ligado ao condicionamento físico, fortalecimento muscular, a resistência aeróbia, anaeróbia, a força. Hoje nós estamos num mundo que muda numa velocidade tão grande, que hoje você já pode colocar jogadores de 15 anos no adulto. Nos Estados Unidos, já tem garotos que nem vão para a Universidade, vão direto para a NBA. Quer dizer o jovem de hoje é completamente diferente de 20 anos atrás.

**Defesas da Especialização** Os fundamentos do basquete são os mesmos desde sua invenção, mas os conceitos mudam periodicamente. Há um tempo atrás o basquete era definido como “joga e deixa jogar” os placares eram todos centenários. O que aconteceu, criaram a linha dos 3 pontos, diminuíram o tempo de posse de bola

para passar o meio da quadra, e para realizar o ataque. Hoje os placares são menores, por quê? Porque o conceito defensivo é “não deixar jogar” o que significa isso: tirar o atacante da posição habitual, retardar os movimentos ofensivos através do contato permitido que não é falta caracterizada; provocar o improviso, porque o improviso cai o aproveitamento; eu vejo jogos europeus e raramente os jogos passam de 80/90 pontos. Hoje no basquete ta duro fazer uma cesta porque o conceito é “não deixar jogar”. Ai você terá suas variações defensivas dobras no pivô, dois em um numa jogada de piq and rol (jogada de dupla) marcar pressão quadra toda, fazer uma defesa mista, dois individual e três na cobertura. Tudo isso para diminuir o volume de jogo dos adversários.

**Ofensiva na Especialização** Para evitar a consistência defensiva de hoje o ataque, tem se realizar o ataque com muito mais velocidade, com muito mais soltura de bola, com muita inversão de lado, porque na inversão de lado muitas vezes a defesa não tem intensidade para conseguir a recuperação porque a defesa procura sempre congestionar a área de decisão e a área de decisão congestionada os atacantes ficam se iniciativa, então a inversão de lado é muito importante. O 1x1 e a jogada de dupla com velocidade também. A velocidade e intensidade no ataque são fatores fundamentais para desequilibrar os sistemas defensivos dos adversários. Ai vem a consciência coletiva, porque eles devem assumir a individualidade e caso houver a cobertura devem enfiar a bola para um companheiro em melhores condições, mas, que deverá respeitar os espaços do homem que está com a bola. Isso define muito bem como deve ser o ataque hoje, ou seja, o uso do talento individual deverá estar acoplado a consciência coletiva. Existem as jogadas próprias onde você passa a bola e depois vai fazer um bloqueio ou recebe um bloqueio e faz um movimento rápido, observando onde a defesa vacilou e é nesse momento que se deve prestar atenção porque se eu tiver a bola e ele estiver bloqueado e demorar a chegar, eu vou procurar um arremesso livre, ou eu recebo a bola e ele está chegando eu não posso arremessar por estar desequilibrado, ai eu entro na área e alguém vai ter que vir me cobrir, ai eu passo a bola para um companheiro livre, tudo dentro de uma movimentação estipulada, entendeu, ou seja, de um sistema coletivo com todas as suas variações usando a individualidade, mas dentro do coletivo mesmo. Eu não vou forçar um arremesso,



porque eu não vou ter aproveitamento, quer dizer, se eu vou fazer uma bandeja e tem alguém me cobrindo, significa que tem um companheiro meu livre, e a bola deve ir para ele que está em melhores condições. Uma vez, eu assisti uma clínica do técnico Ivanoviti, um dos técnicos mais consagrados na Iugoslávia e no mundo inteiro, na qual ele confirmou que não treina arremesso marcado, e respondeu, porque no meu time ninguém arremessa marcado, quer dizer só arremessa em boas condições. Não criou boas condições, deixa estourar o tempo e de a posse de bola para o adversário, não tem problema, volta para a defesa e não sofre o contra-ataque, não tem problema estourar os 24 segundos, e hoje está sendo provado que 24 segundos é tempo de sobra para organizar o ataque, se preocupar se está estourando o tempo, você faz o arremesso precipitado. Quer dizer, são conceitos, e eu já proibi todo mundo que quando estiver pouco para estourar os 20 segundos, ninguém vai gritar “arremessa tá estourando”... deixa!! Não criou condições, volta. Quando executam um arremesso com 5 segundos de ataque, apesar dos jogadores estarem treinando, é uma responsabilidade muito grande, porque você não fez o adversário correr atrás, cansar fisicamente, cometer faltas, você dificilmente pega o rebote, dificulta seu equilíbrio defensivo. Olha a responsabilidade, dessa forma... e tudo que estou dizendo, quando você movimento a bola poderá acontecer de forma inversa, além de conseguir muitas faltas e arremessos de boas condições. Eu não vou impedir que os jogadores arremessem porque que eles treinam para isso, mas se ele errar, no segundo ele não vai fazer, vai esperar, vai transferir, sem contar que estaremos contando com o placar, relógio, e que tipo de trabalho deveremos fazer no momento. A beleza do basquete é isso, momentos diferentes e iguais a todo instante, momentos psicológicos negativos e positivos a todo instante... isso é normal na nossa vida, o segredo é como conviver com isso, como manter o estado psicológico positivo, como reverter uma situação negativa, esse é o grande desafio do jogo de basquete, quer dizer, essa é a beleza do jogo, estou falando com você aqui Valdomiro, muitos detalhes que a maioria dos telespectadores não tem noção. O confronto de personalidades entre os jogadores é a beleza do jogo, e é isso temos que estimular e lamentavelmente no Brasil isso não acontece, e se acontece muito pouco.

**Competição no Basquetebol** Conforme o caso, eu sou contra para garotos de 10 anos, a não ser que seja a base de entretenimento, só que quando você está na competição você quer ganhar, e quando você quer ganhar, de repente você faz determinadas coisas que para aquele momento e para aquela idade não são convenientes. Por exemplo, você pega uma garotada de 11 e 12 anos e coloca para marcar por zona, porque os adversários ainda não têm força para fazer o arremesso de longe, e na marcação de zona podemos ganhar o jogo, então porque não fazer a marcação individual mais fechada. Se eu tivesse o poder na mão, eu proibiria a marcação por zona, para garotos nessa idade, porque eles vão adquirir vícios, e no jogo de basquete que tem muitos fundamentos, é muito mais difícil tirar os vícios do que ensinar aquele quem não sabe nada, mas eu acho que a competição tem que existir, é o aspecto social e a confraternização que são mais importantes do que o resultado, e o mais importante é formar gente, é ver um garoto respeitar o outro, se confraternizar, tentar fazer o que precisa ser feito, numa boa, mas dentro de uma orientação compatível com a realidade dele e da vida dele. O árbitro deveria passar por todas as categorias de base, pois ele é um educador, eu vi isso na Espanha. O problema é que não temos associações de clubes, que tem no mundo inteiro, as ligas para organizar campeonatos, nós não temos associações de técnicos para trocar idéias, discutir metodologias de treinamento, trocar experiências. Eu não sei te dar informação de nenhum colega meu do Brasil, porque não temos clínicas, eles também não têm informação sobre meu trabalho, a não ser quando jogamos um contra o outro, nós não temos associação dos árbitros, nós não temos associação dos jogadores. Nós não temos um programa oficial definido para que cada um tenha seus direitos, deveres e suas obrigações. A minha luta é nesse sentido, eu tenho visto isso acontecer aqui no Uruguai, Argentina, Venezuela, sem falar da Europa e também nos EUA, todos eles têm tudo isso. A confederação deve coordenar, organizar, planejar, mas a base da pirâmide devem ser os clubes, porque estes pagam os salários dos atletas, fisioterapeutas, preparador físico, diária, viagens, tudo. E os clubes não têm nada. Na Argentina os clubes recebem 300.000 dólares por ano das emissoras que cobrem o jogo, como acontece isso no Brasil? Para fazer basquete no Brasil como agente formativo, educacional, para ter representação oficial do País, nós temos que nos organizar.

Muitos clubes brasileiros não vão disputar o campeonato nacional de 2007.

**Seleções Nacionais** Primeiro temos que massificar o basquete no Brasil, começando pela união das federações, clínicas anuais sobre o trabalho, quais são os planejamentos de cada federação?. Em relação as seleções nacionais nós temos que ter unidades de planejamento para todas as categorias de acordo com os conceitos modernos de jogo. Tem que jogar com os mesmos movimentos táticos. E o garoto conforme ele vai subindo de categoria ele não sofreria muito, e ele estaria familiarizado com isso. Seria a mesma metodologia. A transferência do juvenil para o adulto, por exemplo que é dura, ele não sofreria tanto por estar familiarizado com aquilo. Quando muitos chegam na seleção, não sabem isso ou aquilo e ai o técnico diz mas você não sabe, já deveria saber. Isso já está sendo feito na Argentina a mais de 15 anos em todos os países da Europa faz muito tempo e nós ainda estamos discutindo no Brasil se vamos marcar por zona. Quantos anos nós estamos atrás. Eu to falando isso, porque mesmo assim nosso potencial é fantástico é tão grande que estamos aí, como os melhores do mundo. Imagina se nós nos organizarmos. Os argentinos me dizem isso que a “hora que o basquete brasileiro se organizar não terá mais para eles”.O centro de treinamento é fundamental e Franca poderá ser uma delas com toda a estrutura. E ai, qualquer garoto do país com destaque poderá estar aqui além de clínicas. Tudo isso tem no mundo inteiro e o basquete precisa. O Brasil pretende iniciar com esse projeto. O basquete tem muitos títulos. Tamos juntos com os Estados Unidos os únicos que nunca deixaram de participar do mundial. Precisamos valorizar mais isso.

## **Sujeito 2**

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação**

Primeiro, eu acho que essa é uma etapa importantíssima. Todos os técnicos que trabalham nessas faixas etárias, deveriam ser os técnicos mais bem informados e formados para trabalhar nessas categorias, Por quê?. Porque na verdade, o jogador que aprender nessas faixas de idade a execução do movimento tecnicamente bem feito, estará carregando isso para o resto da vida... Veja bem, se ele aprender com defeito... o que vai acontecer ele vai carregar seu defeito sempre... e depois quando

este estiver formado fisicamente, estiver maduro... nas partes fisiológicas ou seja maturado, ele terá que tirar um defeito de uma coisa que ele já habituou. Para que isso possa ocorrer de uma maneira correta... o técnico deveria ter no seu planejamento... não a responsabilidade de ganhar campeonatos... porque isso acarretará uma modificação na abordagem pedagógica do trabalho dos técnicos... aonde o resultado passa a ser mais importante do que o desenvolvimento... eu vejo isso de forma contrária... acho que, as categorias de base como eu chamo... seria as fases de aprendizagem... na qual o que interessa é que os alunos aprendam os fundamentos individuais do jogo, de defesa e de ataque... e dominem todos os mecanismos de movimento que o jogo de basquete obriga o jogador a utilizar... o domínio do corpo, correr em diferentes orientações espaciais... e depois num outro momento ele possa compreender o jogo coletivo que seria a tática do jogo... a tática de defesa e a tática de ataque...

Agora, se o técnico submeter a um julgamento o trabalho dele por causa dos resultados das competições nessas fases... ele provavelmente vai abandonar a parte técnica e vai tentar juntar a qualidade dos jogadores da melhor maneira possível e aplicar táticas para ganhar os campeonatos... e isso não trará para os jogadores uma boa base de formação... Eu vi aos longos anos da minha vida militando na formação de atletas que muitos garotos na idade que eles estavam jogando... 12, 13, 14 anos até 15, onde eles enfrentavam atletas de mesma idade e os jogadores que eram privilegiados fisicamente levavam vantagem. Eles não precisavam de muitos recursos técnicos, porque fisicamente eles eram melhores que os outros... só que eles não se preocupavam em formar os jogadores com boas bases técnicas. E aí o que aconteceu... eles realmente se destacavam pelo físico, mas apenas até o chegar no juvenil por aí... porque depois quando eles chegavam no adulto onde o diferencial dele já não era mais os aspectos da estatura por exemplo, porque existem outros bem dotados fisicamente... eles tinham que ser bons tecnicamente para poder superar as dificuldades do jogo... Daí ele não tinha essa técnica... porque antes não precisava anteriormente e não conseguiam evoluir mais. Agente vê vários jogadores que foram excepcionais nas categorias de base e depois no adulto afundam... e muitos que tiveram dificuldades em função da baixa estatura entre outras do componente físico,

mas se desenvolveram bem tecnicamente se superaram e vão bem na categoria adulta... Eu vi muitos jogadores desse jeito... Então penso que até 15 anos... Se eu fosse dono de um clube eu iria dizer para os técnicos... Até 15 anos poderiam disputar campeonatos, porque é importante jogar, mas não é necessário ganhar. Eu ia querer saber se os jogadores estavam bem fundamentados, se eles sabem executar os movimentos dentro das condições técnicas que o jogo pede e depois dos 14 anos poderiam começar alguns princípios táticos 14, 15, 16... Para que depois de 17 os jogadores com dezoito, dezenove anos bem fundamentados poderiam dar seqüência ao aperfeiçoamento em busca do alto nível...

O jogo pode ser um recurso lúdico mas eu acho que deve ser uma estratégia pedagógica mas não como instrumento principal no ensino... Eu ensinaria da seguinte forma

- a) Controle do corpo, porque ele precisa controlar o corpo dele.
- b) Depois o controle da bola ou o manuseio da bola de basquete, tamanho, peso, etc.
- c) Depois o drible, então ensinaria o drible para ele.
- d) Depois os passes porque ele tem companheiros no jogo.
- e) Depois ele vai se aproximar da cesta, então ele precisa aprender os arremessos, e nessa idade devem aprender a bandeja e os arremessos de média distância e dependendo da fase de desenvolvimento pode ser o jump e se ele não conseguir saltar é importante o gesto técnico do arremesso...
- f) Depois o rebote.
- g) Paralelo a isso os fundamentos individuais da defesa, principalmente o controle do corpo, porque na defesa você vai se deslocar sem a bola e precisa ter um bom domínio corporal...Eu desenvolveria um programa com esses fundamentos e claro o jogo... Porque na nossa cultura nós temos que respeitar isso também. Se hoje você fizer um programa onde não estiver algum tipo de jogo principalmente os jogos adaptados porque tem vários jogos adaptados... Porque o jogo de 5x5 no basquete é um jogo muito difícil... Principalmente quando você coloca um objetivo muito alto principalmente no nível escolar onde você, necessariamente precisa da tabela, da quadra coberta entre outros que acaba dificultando a aprendizagem do jogo, os jogos

adaptados são de muita valia... Temos que dar alguma coisa que lembre a mecânica do basquete... tem vários jogos adaptados que leva o garoto iniciante a conhecer aos poucos como se joga o basquete de 5x5 quadra toda...

**Em relação as defesas** Eu acho que competitivamente você está na fase de formação... Eu acho que teria que ser a defesa individual em primeiro lugar... é .....basicamente a individual. As defesas por zona são muito importantes no jogo de basquetebol... mas elas são mais difíceis e quando elas são utilizadas com o objetivo de ganhar o jogo nas categorias de base, você na verdade não está ensinando defesa por zona você está ensinando uma chavinha para ganhar o jogo... Seria como um aluno de vestibular que antes de você ensinar ele a compreender a matéria para o resto da vida dele... Você só dá para ele algumas chaves para ele resolver problemas imediatos, mas se você perguntar a ele depois de 20 dias sobre o que ele aprendeu não sabe mais... Vai ser uma ferramenta imediatista e depois ele não lembra mais ou seja não houve aprendizagem...A defesa por zona nas categorias de base em minha opinião é assim que acontece...Os atletas ainda não estão com todos os fundamentos sacramentados e não possuem ainda arremessos de longa distância e é lógico que você utiliza uma zona bem fechada contra um time de 12, 13 anos 14, 15 anos e se essas equipes não tiverem arremessos de média e longa distância o que é até natural... você pode ganhar o jogo provavelmente, só que você não poderá estar treinando um tipo de defesa desses para atletas de alto nível onde a % de acertos de média e longa distância são altíssimos. Provavelmente os conceitos de defesa por zona nas fases iniciais deverão ser outros porque os jogadores poderão não estar preparados...Então a defesa individual tem conceitos de defesa que depois vão ser aplicados na zona... A zona é uma defesa em conjunto na verdade, ela é até mais difícil de ser entendida do que a defesa individual...

**Em relação a tática ofensiva** Eu acho que a gente no conceito brasileiro estamos confusos porque muitos dizem que basquete é a defesa outros dizem que basquete é o ataque, para mim basquete o basquetebol é a defesa e também o ataque... Porque quando você está com a bola o objetivo é fazer cesta e quando você está sem a bola o objetivo é não levar a cesta... Então eu acho que é isso que precisamos ensinar aos jogadores... Então competitivamente eu digo para os jogadores eu também adoro o

ataque mas para isso precisamos ter a bola em contra-partida então precisamos ter que defender bem... e para isso opto por fazer o adversário errar e não tomar-lhe a bola... Uma violação ou um passe errado, ou um chute desequilibrado são pontos fortes da defesa ou boa defesa... Você poderá atacar em cima dos erros dos adversários então por isso que a defesa precisa ser boa... Você tem que dizer para os jogadores o porque das coisas e nesse caso o porque que ele tem que defender daquele jeito e acostumar o jogador a defender então o jogo de basquete tem 2 objetivos e não apenas um ou outro... Ele tem o objetivo de fazer cesta quando ele tem a bola e de não tomar a cesta quando você não tem a bola. As jogadas complexas não levam a nada, mesmo no alto nível... A tática em si não ganha jogo... A tática não faz cesta a tática não passa a bola, a tática não marca... A tática do jogo no meu conceito ela é uma organização que o técnico dá a uma equipe... para que a equipe tenha uma ferramenta adequada e coletiva para trabalhar no jogo e que o jogador tem o direito e o dever de no momento que ele sentir que tem algo melhor que os movimentos da jogada ele pode fazer porque senão você engessa o time... Você tem um time burocrático... É muito mais importante no basquetebol você ter um jogador que compreenda o jogo porque aí ele terá uma atitude de acordo com o que os jogadores estão fazendo (os adversários) e é por isso que nas fases de aprendizagem a maneira com que você ensina basquete é fundamental. Se você ensinar esses conceitos para os jogadores “que o jogo de basquetebol é uma sucessão de ações do jogador e ele tem de executar uma ação atrás da outra” o jogador que consegue não colocar intervalo entre uma ação da outra é um bom jogador... É aquele que entende rapidamente que após uma ação de ataque na qual estava com a posse de bola já entra uma ação de defesa que terá que recuperar a bola sem perder tempo de forma rápida ele vai compreendendo que está acontecendo no jogo... “Eu estou numa posição porque bola está lá... Se ela mudar de posição eu automaticamente também devo mudar de posição porque a posição que era bola quando a bola estava al já não é mais e quando a bola estiver em outro lugar preciso saber o que fazer, mas, tem muitos jogadores que não aprendem isso na base e depois complica-se”. Agora como treinar isso.. é.. através de exercícios, o jogador de basquete precisa ser submetido a muitos exercícios , que obrigue ele a prestar atenção em vários pontos ao mesmo tempo... aí não num ponto só... principalmente nas fases

de iniciação... É claro que você tem que dosar o grau de dificuldade compatível com o nível de habilidade dos jogadores, se você colocar em um nível muito alto poderá desmotivar os jogadores...Seria a mesma coisa que colocar a cesta de basquete onde ninguém alcança então você terá que colocar objetivos a serem alcançados, mas que eles consigam, porque daí eles sentirão o prazer de lutar para alcançar os objetivos... Quando ele alcançar esse objetivo... daí você coloca objetivos mais complexos... Ele tem sempre que estar buscando coisas que para atingir ele terá que melhorar. Por outro lado, ele não poderá ser submetido a um treinamento que seja muito fácil ou que ele já atingiu e nem ser submetido a objetivos inalcançáveis... Porque aí desanima também... E é uma tarefa difícil para o técnico que terá que saber qual é o nível do seu grupo e quais são os objetivos a serem atingidos para aquele grupo...

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de iniciação**

Eu vejo que no basquetebol a estatura é importante, é claro que os jogadores de baixa estatura com técnicas refinadas compensará muitas coisas e poderá ter um bom desempenho nas competições, mais, a estatura a envergadura de braços e pernas é muito importante... ... Então os jogadores que possuem essas características poderão se sobressair em relação aos outros... O Leandrinho na minha opinião ele compensa muito a pouca estatura que ele tem com sua envergadura... E isso aí dá a ele uma ótima dinâmica de passe por exemplo e você poderá passar de forma diferente, arremessar de forma diferente, pegar rebote de maneira diferente...Eu prepararia nos aspectos técnicos e táticos esses garotos não com tanta variação de atividades, mas com muita profundidade...Não adianta ter uma variedade grande de sistemas de defesa e ataque, não adianta ter as jogadas... é melhor ele ter 2 e fazer bem feito... Com aquela idéia de formar o perfil da compreensão de que os atletas entendam e aprendam a observar as ações dos adversários para improvisar as jogadas... E aí você desenvolve o conceito do jogo e a responsabilidade dele para a equipe...Quando ele o jogador vai tomar uma decisão de improvisar dentro da jogada ele terá que ter consciência de que aquela decisão terá que ser melhor do que a seqüência da jogada pré estabelecida... senão ele deverá seguir no movimento pré-estabelecido... só que



isso não é fácil de ensinar... tem que conversar muito e demonstrar na prática para os jogadores...No entanto o técnico ou o professor ele tem a obrigação de não ficar apontando o erro do jogador, mas apontar a solução, porque o jogador sabe o que ele errou e porque ele errou talvez não...O que é difícil nas jogadas são os sincronismos de movimentos dos 5 jogadores ao mesmo tempo... E se não acontecer no tempo certo, porque o jogo de basquete é um jogo de tempo e espaço... e se você fizer o movimento certo mas no momento errado não dará certo...No que diz respeito ao ensino do basquetebol nos diferentes cenários na escolar pública... a estrutura física é o maior problema... porque a maioria das quadras existentes não são cobertas e são muito desgastadas pelo tempo... e se estragam rapidamente principalmente o aro... no entanto no Brasil tem um peso significativo para o ensino...No clube eu vejo que ele precisa dividir o espaço da aprendizagem do basquetebol com todas as outras modalidades...Nem todos os clubes tem condições de ter muitas categorias e muitas modalidades ao mesmo tempo...E a outra é que como na escola o programa educacional governamental esportivo não contempla as necessidades da prática esportiva... o clube acaba tendo que ofertar as chamadas escolinhas ainda... quando na verdade ele deveria estar formando os atletas. Se a escola fizesse a base e o clube fizesse a formação atlética seríamos um país muito forte na parte esportiva... aí o clube não precisaria investir para profissionais das fases iniciais de aprendizagem do basquetebol...O clube só é viável para algumas pessoas, e apenas alguns garotos terão acesso ao clube porque joga bem... mas na maioria das vezes é restrito aos sócios...a responsabilidade para mim é do governo e não é nem para esporte de competição mas para o esporte escola e dar oportunidade a todos. Não devemos especializar a prática esportiva de uma criança apenas em uma modalidade muito cedo...é bom que ele tenha uma amplitude de movimentos de outras modalidades antes da especialização...Quando eu trabalhava na base eu vi que quem teve atletismo, ginástica de base... natação... esses três esportes davam uma boa base para os outros esportes...eu acho que todos devem ter acesso a várias modalidades antes da opção por uma prática especializada...

**Em relação as competições** Eu acho que poderia ser diferente... Eu acho que o objetivo dessas competições é a vitória como a competição adulta e ela é tratada

nessas competições como se ela tivesse uma maturidade de um adulto entra dentro do trabalho ela não tem maturidade nem física nem técnico-tática para as cobranças dos dirigentes e dos técnicos...ela deveria ser submetida à competições com o objetivo do desenvolvimento total mas eles colocam cargas pesadas em cima de ser campeão e aí o técnico vai direcionar seu trabalho para ser campeão se não ele perderá o seu emprego então acaba sendo um círculo defeituoso e não virtuoso de preparação desportiva. “Com base numa premissa errada você chega numa conclusão errada”.

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos na etapa de especialização em basquetebol**

Agora os fundamentos técnicos devem ser aplicados nas situações de jogo... porque aí esses garotos vão começar a desenvolver o seguinte:“O drible deverá ser ensinado de acordo com as situações de jogo”. Ele deverá bater a bola em alta velocidade, mudar de direção rapidamente mudar de mão e desenvolver o drible nas situações de jogo...Uma coisa muito importante nessa idade é ensinar os jovens a entender o jogo, ele deverá saber porque ele está tendo aquelas atitudes no jogo, saber olhar as suas ações e as dos outros ter uma vivência em todas as funções para ele também lidar com as diferenças...As vezes você deve colocar ele num jogo e dizer você é ala mas joga de armador um pouquinho para ele ver como que é ser armador e botar o armador de pivô e depois por ele na lateral também... você desenvolverá nesses jogadores a empatia com as posições...porque todas as funções tem suas facilidades e dificuldade.

**Em relação as defesas nessa etapa,** eu acho que na defesa também ele deverá marcar os jogadores fora das posições que ele joga, para ele ver as dificuldades que existem quando por exemplo um armador precisa no jogo marcas um pivô. Isto dará a ele uma vivência muito importante. É claro que ele não fará isso constantemente no jogo, mas pode acontecer, e se ele não tiver vivência nenhuma será pior...As defesas deverão ser em conjunto porque mesmo as individuais no basquete são em conjunto em função dos conceitos de ajuda, cobertura... as defesas por zona devem ser opções táticas... Elas serão determinadas pelo treinador de acordo com as necessidades do jogo. Os atletas precisam conhecer as defesas por zona...Os técnicos

precisam respeitar as características das defesas... o técnico quando ele envolve uma defesa ele deve assumir a responsabilidade. Por exemplo: O técnico escolhe a defesa Box triângulo 2... 2 individuais e os outros 3 em forma de triângulo. O técnico estará assumindo que os jogadores A) e B) não pontuem. Caso A) e B) pontuassem a falha é dos atletas... Agora se um jogador C) começar a pontuar a responsabilidade passa a ser do técnico... Os técnicos e os jogadores precisam entender que todos os sistemas tem vantagens e desvantagens e quando o técnico pede para marcar linha do passe por exemplo e se o jogador for cortado, vai acontecer por causa dessa estratégia e aí o técnico precisa ter coerência do que eles está cobrando... se ele está pedindo alguma tarefa ele precisa saber das dificuldades... Essa compreensão entre técnicos e jogador é a segurança do bom trabalho. Estamos marcando a zona 2x3 fechado, porque nós não queremos a cesta dentro do garrafão e se sair uma cesta de 3 pontos não dá para reclamar do jogador... o técnico precisa peitar e se responsabilizar pelo sistema que ele optou...

**NA tática ofensiva nessa etapa** eu digo para os jogadores que o jogador que estiver no ataque sem a bola tem mais importância do que quem estiver com a bola, porque o jogador que estiver com a bola precisa ter muitas opções, por exemplo ele tem 4 jogadores para passar e a cesta como alvo... então se ele tiver sempre 5 opções ele estará privilegiado... Agora se 1 jogador não se movimenta e não se coloca para receber a bola ele passa a ter só 4 e se ele tiver apenas 2 jogadores lhe dando condições de passe ele terá apenas 3 opções... e se você tiver um time que não se movimenta o seu time poderá cometer muitos erros pois ele só terá o alvo com boas ou más condições de atacar... então os movimentos sem bola dará ao homem da bola muitas opções e aí ele poderá fazer o que for melhor... “Ou vai para a cesta ou passar para os melhores posicionados para fazer os arremessos”.

Eu divido o jogo ofensivo dos jogadores assim:

- a) A primeira parte é tentar o contra-ataque;
- b) A segunda é tentar a transição final – triller;
- c) Depois o jogo de 5x5 meia quadra... Sistema de jogadas.

Só que deixo para o jogador o poder de decisão, e tem jogador que tem bom poder de decisão tática e outros não... No jogo só de 5x5 para o estilo brasileiro não é

vantagem ao contrário do europeu... aí eles dizem que na Europa eles marcam muito... é que eles gostam das táticas corretas e jogar 5x5. O basquete brasileiro é um jogo de velocidade, mas não podemos ficar só na velocidade para não ficar um jogo de malucos...Tem hora que temos e devemos ensinar os jogadores a lidar com as situações táticas na hora certa.

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de Especialização**

Primeiro eu olho se o jogador tem o senso coletivo... Porque para mim é muito importante isso – Ele pode e deve ser talentoso, porque sem o talento também não vai, mas ele precisa entender que o jogo de basquete é coletivo... Então ele tem que ter o senso de coletividade... Ele tem que usar o talento dele só para fechar as jogadas... Porque se ele começar a utilizar o talento dele para tudo ele poderá se perder e não produzir o seu máximo potencial...Ex: Se eu tenho um ótimo finalizador... e ele quiser pegar a bola sozinho e bater para cá e para lá para tentar finalizar, eu já digo olha, tem coisa que o time poderá te ajudar o time não poderá finalizar como você, mas poderá ajudar você a ficar livre e aí a tática pode te ajudar...

“Eu tenho um conceito do jogo assim... A tática e a técnica deve ser e ter grau 10 é claro que essa perfeição nós dificilmente teremos, mas se eu tiver 10 na técnica ela poderá suprir as falhas da tática e vice-versa”...Mas se você... eu penso que é mais fácil evoluir na tática do que na técnica, por isso que a técnica deve ser muito bem treinada anteriormente...Você treina seus jogadores e consegue atingir por exemplo o nível 7 na tática... a tática aí será mais importante para os menos habilitados...Se você pegar pessoas inteligentes eles não precisam estudar muito porque eles entendem rapidamente... Eles não precisam de muito tempo para entender certo assunto. Agora quando você tem pessoas com mais dificuldades de entendimento das coisas eles vão demorar mais tempo para chegar no mesmo lugar. Então eu acho que deve ter uma composição entre tática e técnica... e você vai convivendo com isso...“Quanto mais o jogador for dotado tecnicamente menos tático ele precisa”

**Em relação as competições em todo país** aí eu acho que: O basquete é um jogo que... a forma com que o árbitro atua é muito importante porque... “você poderá

desenvolver coisas boas ou não”. Se o árbitro for muito rigoroso e não permitir o contato embora o contato em certas situações é permitido...O jogador precisa aprender a jogar com o contato... apesar de no Brasil o contato ser muito punido...Quando vamos a competições internacionais onde o contato é permitido nossos jogadores tem dificuldades para andar... e aí fica olhando para o juiz...O brasileiro é mal acostumado e o técnico protege os jogadores... ao invés de tirá-lo quando está cansado muda a defesa para que ele possa descansar...O Marcelinho recebia 8 a 10 faltas por jogo no Brasil... no jogo internacional não...Na minha opinião, até 15 anos a defesa individual deveria ser obrigatória...No basquete adulto as distâncias das competições não é tanto problema... Devemos regionalizar as competições nacionais e estaduais... São Paulo fez isso e deu muito certo através das ligas... A federação ao invés de ficar brigando com as ligas as oficializou. Competições básicas até 15 anos são realizadas nas regiões e aí aumentou muito o número de equipes participantes e aí evita o choque de técnicos iniciantes com equipes iniciantes com técnicos experientes com equipes mais experientes...“Porque se você jogar com uma equipe muito fraca você desmotiva-se e seus jogadores também por outro lado a equipe perdedora pode passar vergonha e abandonar as competições...”Não é igual ao futebol... no futebol o time ruinzinho perde de 1, 2 a zero 3 a 1 e não muda muito agora no basquete já vi acontecer 100 a 4, 100 a 2...Então tem que ter algumas regras porque não se deve marcar pressão contra equipes que não sabem jogar basquetebol ainda... Mas eu acho que falta também uma escola de técnicos... Uma filosofia ditada por diretrizes...As pessoas não tem culpa, faltam estudos científicos... faltam diretrizes para nortear essas pessoas que estão começando... O técnico que está começando ele não tem culpa...“Não há uma literatura brasileira onde ele possa se basear na realidade brasileira”.Ele pega livro de tática da NBA e vai aplicar na escola... Não tem nada a ver uma coisa com a outra...

**Em relação as seleções nacionais,** nós fizemos 2 projetos para tentar minimizar os problemas de treinamento das categorias de base...Principalmente pelo desconhecimento dos talentos que estão pelo Brasil inteiro. Se eu pegar 50 técnicos e pedir para eles montar uma seleção infanto-cadete poucos conseguirão e muitos só conhecerão 4 -5 nomes...O primeiro projeto chama-se descobrimento do talento ou seja você vai detectar o talento... e isso agora está saindo do papel...Como o Brasil é muito

grande e nós vamos estar falando de um número de atletas muito grande a confederação vai montar uma equipe que vai se deslocar para as regiões... e as federações locais serão responsáveis para juntar essas pessoas... e aí baseado em alguns critérios estabelecidos, por exemplo a idade, a envergadura, o biótipo, o aspecto técnico, esses serão possíveis talentos a serem trabalhados. Aí descobrirá o talento. Agora o outro projeto que temos é esse já estamos fazendo é assim “as seleções nacionais de base quando a competição é em julho dia 10, daí chamava-se 10 dias antes treinava e ia para as competições... agora não é mais assim. Agora estamos chamando um número maior de atletas 6 meses antes. “Por exemplo fizemos isso com a seleção juvenil que está indo se preparar nos Estados Unidos...”. Chamamos 30 atletas, convidamos a professora Regina Brandão para observar o perfil psicológico... E agora daqueles 30 vamos na etapa pré-competitiva chamar 18 que já não vem mais zerados... eles já vem com tática desenvolvida com conceitos de jogo desenvolvidos na outra etapa de treinamento e se tivéssemos feito uma segunda etapa que não conseguimos aí nós poderíamos ter convocado só 15 e daí escolher ter escolhido os 12 nomes. Então o descobrimento do talento e depois o desenvolvimento do talento aí a seleção cadete-infante, juvenil e a seleção sub-21 e daí depois a adulta é isso que estamos tentando... Nossa maior dificuldade hoje nas categorias de base no nível internacional é a técnica do passe... bolas perdidas... No jogo do Brasil, no campeonato cadete aconteceu de perder 38 bolas. O permitido é 12 no jogo 1 erro de passe para cada jogador... Aconteceu uma bola errada por minuto... O primeiro que temos que dar passo é as diretrizes para a qualificação profissional e a confederação está tentando muito isso... Eu acho que o professor não tem muita culpa... o livro que eu fiz foi pensando na escola. Agora o técnico de competição não tem literatura para se basear. Não tem nem intercâmbio. Não podemos mais pensar só na técnica e na tática mas na formação completa do atleta.

### **Sujeito 3**

#### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação**

Nos clubes que eu tenho trabalhado Unimep – Microcamp, e já faz muito tempo

mais de 30 anos que trabalho com basquetebol e também muitos anos a frente da seleção brasileira feminina. Posso te dizer que: quando eu recebo as jogadoras e por força da estruturação da confederação de basquete na qual eu sou responsável por todas as categorias de base, eu sou o técnico da equipe adulta e sou supervisor de todas as outras categorias menores quando se trata de seleções nacionais, parece em função das condições que chegam no que diz respeito a má fundamentação que buscam-se nos clubes onde elas atuam a performance muito precoce nas questões táticas. E essa performance que se busca precocemente é uma performance de resultado em curto prazo. Então não se busca na atleta realmente uma fundamentação para técnica individual para que ela possa ir realmente galgando as etapas e as subidas de categoria dela e ter um alicerce técnico individual. O que quero dizer com isso... se a menina é um pouquinho maior que os outras e naquela categoria ela resolve aquele problema, não há uma preocupação em prepará-la para uma categoria acima, prepara-se a atleta visualizando aquela categoria que vai resolver o problema para o técnico naquele exato momento. E então é por isso que eu acho que cada vez mais vai chegando menos jogadoras com condições técnicas boas e em condições de jogar na categoria adulta. Porque muitas vezes a preocupação com a jogadora não é com o período seguinte... Ela está sendo preparada para o momento... Então a equipe que é um pouquinho mais forte ensina marcar pressão... marca pressão individual quadra toda pega a equipe mais fraca e ganha na marcação pressão... Quando joga entre equipes iguais ai não se marca pressão... Ele só marca pressão, para deixar clara a superioridade de sua equipe. Com isso, as jogadoras dele não evoluem, porque ele está ganhando na fragilidade do outro. Daí quando essa jogadora pega um jogo de 5x5, falta para ela, mais atributo, mais recursos técnicos individuais, porque está acostumada a jogar na vantagem de roubar a bola e fazer contra ataque, interceptar a bola e fazer contra-ataque... Então com isso ai você o que, vê as jogadoras chegar na categoria maior totalmente com erros de fundamentos básicos de mecânica, trabalho de pés... então isso acontece com muitas jogadoras. Outro erro que eu vejo muito hoje é que se esquece de um aspecto físico muito importante que se chama coordenação motora... eu acho que os técnicos em função da busca rápida do resultado do trabalho, eles não se preocupam com a coordenação das jogadoras... Eu recebo jogadoras com

grandes dificuldades na categoria adulta de parar e se equilibrar após corrida, de parar equilibrar-se e passar a bola, com dificuldades de aliar o passe ao jeito técnico com a movimentação corporal e justamente por esses problema de parte física dificultam muito suas performances na seleção....Então é... eu acho assim, que se processa precocemente o jogo e não o trabalho de fundamentação individual né, o trabalho onde realmente você coloca o jogador na fase de iniciação:“Aliás sempre quando eu vou dar curso pela confederação eu falo isso”....Eu só colocava os jogadores para fazer coletivo quando eles possuíam os fundamentos básicos perfeitos e isso era o combinado... Porque no momento que você coloca uma criança para fazer 5x5, sem ter uma mecânica de arremesso razoável, sem saber driblar, sem saber passar, o que acontece ela não sabe jogar 5x5 e não consegue fazer cesta. Então ele perde até o interesse pelo jogo, pelo grau de dificuldade que ele está ao fazer 5x5...

E outro risco que você corre está naquele ou naquela que tem uma aptidão melhor ou que é mais atirado(a) esse(a) destaca-se mais... Daí você não está dando a eles(a) uma base técnica, uma consistência para você fazer o jogo de 5x5... Então eu vejo que nós estamos realmente atropelando essa parte de formação pela busca imediata de resultado e performance além de, essa busca de performance as vezes, ter um desconhecimento ou até um conhecimento que porém a busca do resultado supera o conhecimento ideal e você tá dando uma carga muito grande de treinamento as jovens atletas e essa carga excessiva vai gerando lesões muito precoce principalmente de joelho dessas jogadoras e talvez por excesso desse tipo de treinamento muitas abandonam... Então eu vejo que está na categoria infantil o grande problema....Nós temos que privilegiar mesmo a parte física (coordenação) dentro daquilo que se espera até 16 anos e trabalhar muito bem os fundamentos... Eu acho que com isso aí nós vamos sentir a melhora....Qualquer lugar que você for principalmente nos Estados Unidos e mais recentemente na Argentina, você vai perceber que os jogadores são extremamente fundamentados. Porque houve uma uniformização de treinamento. Houve uma uniformização de filosofia de trabalho... Só que essa uniformização de filosofia de trabalho, ela vem em decorrência de uma humildade de aceitação daquele que tem mais experiência e até um conhecimento maior pela própria experiência... porque a experiência do livro e uma coisa é a experiência da vida é outra... Então isso



ai faz com que nós aqui tenhamos distorções... Você pega as meninas e perde muito tempo trabalhando coisas que já eram para estar prontas e eu vejo muito isso quando nós fazemos um trabalho de desenvolvimento do talento, quando pegamos jogadoras em jogos da juventude e campeonato brasileiro. Aqui no Brasil nós não fazemos do atleta um jogador de basquete, nós fazemos do jogador de basquete um atleta... Porque elas tem aptidão para jogar o jogo, mas fisicamente estão distantes da atleta... Então porque nós temos uma base muito grande de escolha ou eu pego você ou eu pego ela, mas não temos muitos critérios e acabamos pegando quem tiver e temos que começar a trabalhar com ela fisicamente para transformá-la baseado naquela aptidão mínima que ela tem para transformá-la numa atleta....Então o que eu vejo... essa falta de conhecimento da base... E eu digo isso porque eu dou muito curso pela CBB e você não queira saber, quando você sai do eixo Rio-São Paulo-Minas. Vejo coisas absurdas e você vê talentos desperdiçados... jogadoras com bom potencial....O que nós não estamos tendo, são os talentos e nem os jogadores intermediários e esses intermediários deveriam ser jogadores bem preparados nessa base. Então eu acho que o que falta realmente é um regimento melhor dos nossos técnicos no trabalho dos fundamentos, valorizar a parte física principalmente no trabalho dos movimentos básicos do basquetebol, no início onde as brincadeiras desperte nas crianças o gosto pela modalidade... Eu acho que seria mais ou menos isso...

**Em relação a defesa** Olha eu não sou muito igual aos outros técnicos, os meus conceitos de defesa de basquete são muito meus... Eu sou um profissional um pouco diferenciado no seguinte aspecto: eu posso falar besteira mas são besteiras que eu acredito nelas, eu não falo as verdade para os outros gostarem e você não sabe se é uma verdade realmente que da resultados naquilo que se pretende em basquetebol....Então eu acho assim... **é aquela velha história que tem que dar a marcação individual...** Porque quem marca bem individual vai marcar bem zona, e você deve forçar a criança a marcar individual e deixar a marcação por zona, “não” eu acho que tem que ser dada as duas defesas... Eu acho que os conceitos de defesa deve ser dado desde criança... Só que nos esquecemos o seguinte... Nós temos que trabalhar também com os fundamentos de defesa... fundamentos defensivos com bola, sem bola, deslocamentos... Quer dizer então o jogador tem que ter postura defensiva...

Então não é a questão de você dar o individual primeiro depois a zona ou a zona depois a individual. Nós temos é que preparar os jogadores fisicamente e tecnicamente para fazer qualquer tipo de defesa desde criança...Na marcação individual você vê um lado do jogo... Porque você tem defesa e ataque...Se você trabalhar a individual porque ele vai marcar bem e a zona você só se preocupa com um aspecto da formação dele na defesa eu te pergunto ;- e quando você jogar contra zona?. Por isso eu acho que as duas tem que caminharem juntas na formação, senão você estimula só os mais habilidosos, porque esses vão se destacar muito cedo você já dá para ele o aspecto da individualidade...Eu acho que em cada treinamento você pode buscar um tipo de defesa e conseguir o que você quer dele... Hoje eu quero individual, mas amanhã eu quero treinar a zona...Na zona não é um só que vai decidir e ele vai precisar de um jogo mais coletivo... E aí vai surgir nas situações contra zona um arremesso para alguém é claro.Então uma coisa não pode anular a outra...**A metodologia** é das partes para o todo e do todo para as partes... “analítico-sintético-analítico”.... De que maneira: um exemplo na iniciação para o arremesso eu sempre ensinei sem a cesta para eles automatizarem o gesto...No momento que você faz o trabalho de arremesso sem a cesta ele se preocupa com o gesto...Na defesa você primeiro dá a postura defensiva: o jogador saber se deslocar saber se posicionar, aí se ele sabe isso aí eu vou falar para ele agora vamos marcar no 5x5....Eu acho que a metodologia sempre tem que ir do gesto do movimento, ou seja, das partes para o todo. Ou seja, do individual para o grupo e depois para o coletivo.

**Quanto ao ensino da ofensiva;-** eu aqui vou confessar que errei muito, porque eu desde cedo prendia o jogador no sistema de ataque. Com isso aí você anula a versatilidade, a iniciativa e a criatividade... Então eu acho que hoje você tem que dar algumas regras você tem que dar alguns sistemas porque você tem que achar um meio termo entre uma sistematização tática, mas sem perder principalmente nessas idades a criatividade... Eu prefiro que as jogadoras sejam fominhas nessas idades do que elas ter um jogo omissivo... Só que você tem que ir administrando.

## **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de iniciação**

Eu acho que hoje no Brasil, nós não conseguimos ter um perfil no ensino... Tanto no masculino quanto no feminino – determinar realmente quem faz o que... Existe uma caracterização do que é 1, 2, 3, 4, 5. No Brasil nós conseguimos contar nos dedos quem é armador puro ou o baixinho que queria ser dois, mas porque é muito baixinho...Então as vezes coloca-se o baixinho para armar porque ele dribla bem. Às vezes empurramos do 2 para 3 e o 3 para 4 porque necessitamos disso. É muito difícil detectar isso muito cedo sabe porque... Às vezes têm alguns que são grandes depois param de crescer e só sabe jogar de pivô. Ai você faz o que com ele? tem que ensinar ele arremessar de longe e ai ficou tarde...Você tem que ganhar o campeonato infanto e ele é o melhor naquela função... Ai você não pode deixar um título seu para pensar no amanhã das atletas... Você nem sabe se elas vai ter amanhã...Essa é uma situação muito problemática... “Esse é o nosso maior problema sabe!!! eu acho”.As vezes você pega um moleque que já está com 2 metros, então esse vai ser um 5 e ai você já vai por ele lá em baixo, mas e aquele de 1, 80, 1,85 que começa de 5 depois vai pra 4, 3, 2... ai ele está estourado o juvenil e não sabe mais se é 3 ou 2. Às vezes também o técnico não sabe detectar....Às vezes falamos que nem papagaio, mas não sabemos o que estamos falando. “Esse cara é 3 mais ele sabe jogar de costas para a cesta” ?. “Ele joga dentro do gafrafão?... então ele não é 3”.Ninguém joga com dois 3, joga-se com um 2, um 4 e um 5, onde a 4 é ala de força ou pivô leve... e 2 armadores é assim que os americanos jogam... Nós não jogamos assim no Brasil... Porque nós não temos esses jogadores com essas características táticas e nós queremos jogar assim sem ter esses jogadores....Então eu acho que o técnico tem que ter esse filin. Às vezes você vê um cara que você percebe que ele não vai avançar como jogador de basquete, porque arrebitou no juvenil, até vai bem no adulto mas no nível internacional não vai dar. Temos que notar qual jogador nas fases menores que são mais espertinhos que tem uma leitura maior do jogo. Aquele que não é muito alto é o amador, mas é rápido, é matador então colocamos na lateral. Devemos evitar jogadas, mas temos que dar alguma coisa, um posicionamento para eles se organizarem e você vai detectando onde cada um se arranja mais....Só dizer assim Oh... joga 5x5 não dá mais.. você tem que

ensinar!!!! olha você vai jogar aqui e vai ter que fazer isso e você vai jogar ali e terá que fazer aquilo, você vai ser um pivô mais aberto, você já vai ser mais fixo lá em baixo. Quando você pegar a bola você pode fazer isso, isso ou aquilo, dar conceitos de ataque para que eles possam se organizar e jogar o menos pesado possível, mas ao mesmo tempo ir sentindo onde cada um gosta mais...No Brasil é difícil ter perfil porque no momento que você não tem uma escola de formação de atletas de basquetebol, cada um joga de um jeito... Essa heterogeneidade no ensinamento também contribui para isso. No feminino nós temos um modelo já. Há muitos anos... no masculino parece ser mais difícil.... uns querem o jogo europeu, outros visam o jogo livre. O Lula na seleção está tentando o modelo mais brasileiro....Nós cometemos um erro que é imitar táticas européias... aquelas são táticas que eles montaram para eles jogarem e não servem para nós. As categorias menores não podem ter esse caminho... No adulto elas jogam em contra-ataque e esse é o caminho independente da qualidade e do perfil. Agora o masculino o que é? É um jogo livre, é um jogo europeu, é o jogo brasileiro, quer dizer, são coisas bem diferentes... Nós não temos uma filosofia de jogo conceito de como vamos jogar e é isso que precisamos diretrizes filosóficas de como jogar.

**Em relação ao ensino na escola ou no clube**, nós não temos uma política desportiva definida no país... A coisa começa por aí... Eu entendo assim, que o responsável pela massificação da oportunidade de todos terem acesso ao esporte é o poder público, as escolas e as prefeituras atrás dos centros desportivos....No momento que se detecta os bons e as boas jogadoras, aí esses devem ser encaminhados aos clubes, esse será o segundo responsável que é a segunda etapa do processo. Aqui não temos isso, o clube, por exemplo, fica fazendo **peneira**. A escola não dá e não há iniciação esportiva, porque o professor que não gosta de handebol, só dá basquetebol. Não existe a temporada. Não existe a mentalidade do professor que a criança precisa passar por 4-5 modalidades, detectar o talento, e encaminhar para os centros especializados....No entanto, não existe mais os clubes, esses estão morrendo, porque quem fazia esporte competitivo era clube social e clube social não quer mais fazer esporte competitivo. O associado quer o dinheiro para ter o clube bonito, limpo, com baile, com sauna, com natação e não para pagar atleta... E esse era o modelo que tínhamos tempos atrás... Você se lembra do clube Monte Líbano, em São Paulo. Hoje

temos o Paulistano, mas com patrocinadores tudo bem, mas mesmo assim é um grande problema, porque você vai ocupar horário dos sócios na quadra. O atleta está fazendo musculação junto com o sócio....Então nós temos um modelo de esporte no Brasil complicado. Nós temos resultado por que o brasileiro é talentoso. Você vê, o clube hoje faz uma peneira e tem que ser rápida, ele abre para o não associado... Ai tem um moleque que é um bom jogador mas tem outro que é mais ousado mais atrevido e aí ele perde a chance porque o clube quer selecionar aquele que vai resolver seu problema imediato já para o infantil, no infanto, no juvenil... e tchau e ele vai para onde...É uma realidade muito séria isso aí... não é só capacitação docente é estrutural. Bauru tem 3 ginásios de esporte para 350 mil habitantes... Aonde as crianças que são 200 mil vão fazer iniciação esportiva...Você acaba não tendo um número grande de jogadores para escolher. Você começa a pegar o que sobra.

**Em relação às competições;** a competição tem que ter. Eu acho que tem que ter campeonato... **E o nível de competição?**... Eu não tenho nada contra não, eu acho que o sistema é que tem que ser correto... porque o problema não é a competição é como ele chega para jogar... eu acho que nós teríamos que ter uma competição com muito mais equipes... Nossas competições tem poucas equipes e essas poucas equipes e mesmo com essas poucas equipes tem heterogeneidade grande, então eu acho que deveria separar as mais fortes e as demais jogarem entre si...No Estado de São Paulo foram criadas as ligas é uma forma boa, pois elas barateiam... e nós temos que conciliar a parte técnica com a parte econômica porque tudo vai refletir no econômico. Hoje, nós temos um sistema desportivo assim, você mistura universidade, COC, universo com clube como o paulistano, com empresa lá em Franca e com a prefeitura como é o nosso caso aqui em Bauru, você tem time de empresa, você tem time de prefeitura, você tem Caetano, Santo André, Franca, por exemplo que é uma empresa que foca, você tem outros que são as universidades que bancam, então como é? Como deveria ser?... Nos Estados Unidos é só a escola e depois a NBA e acabou... é. Difícil no Brasil.

## **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos na etapa de especialização em basquetebol**

Os fundamentos não podem ser abandonados. Eu na seleção brasileira feminina adulta trabalho praticamente em cima dos fundamentos... É claro que são fundamentos em nível de jogadoras de seleção... mas eu trabalho os passes, os dribles, os rebotes, os arremessos, os trabalhos de pés, isso aí não pode ser abandonado... temos que trabalhar isso constantemente... o nosso trabalho é parte física e fundamentos...O que acontece às vezes é que o pivô erra uma bandeja, porque não sabe fazer um gancho... não sabe fazer um trabalho de perna para se livrar do marcador. Eu tenho pivôs na seleção brasileira que às vezes temos que preparar uma jogada para ela porque ela não tem coordenação nenhuma para jogar no esquema com as outras...O tempo que nós temos com elas não nos permite dar ênfase a coordenação motora que como eu disse anteriormente deveria estar pronta. Agora se vem lá de baixo enxergando isso aí ficaria mais fácil e economizaríamos tempo... Então, um outro problema está na capacitação dos técnicos... Às vezes o cara chega correndo dá o treininho dele e não pensa nisso...

**Na defesa;-** nós trabalhamos com 2 as vezes 3 tipos de defesa. Um sistema, base e alguns sistemas alternativos... Você tem que definir um sistema base... O nosso sistema base é a individual... e aí dependendo do adversário, você vai ver se você faz com, ajuda, meia quadra com agressividade, pela linha de passe. Mas você tem que ter um sistema verdadeiro... Se for zona pode ser 3:2, 1:2:2, ou a Mach-Up, aquela zona que você vai igualando. Não devemos abandonar de maneira alguma o trabalho de pernas sem bola 1x1... Hoje o que eu mais valorizo no meu trabalho é o 1x1... Quando eu treino o ataque eu já treino a defesa. Claro que às vezes eu priorizo a defesa e outros que eu priorizo o ataque. Eu crio níveis de dificuldade grande para a defesa e noutros eu crio dificuldade grande para o ataque mas sempre no 1x1 e muito trabalho sem bola, muito deslocamento, buscando a perna forte com velocidade, uma reação a partir da inércia... rápido e explosivo porque senão você não consegue marcar em nível internacional... E, a melhor defesa que tem, é você não ser batido 1x1. Se você for batido 1x1, você terá que fazer uma rotação na defesa e não existe rotação de defesa

que resista uma movimentação rápida do ataque...

**O ataque;**- agora as funções das jogadoras têm que estar definidas e deve-se jogar em cima de sistemas... dentro do sistema tem que ter liberdade...“A vinda de TV a cabo e a transmissão da NBA complicou um pouco nosso trabalho, porque, todo mundo quer copiar o que faz os americano, os espanhóis...”.Essas equipes, criam seus sistemas porque tem jogadores para realizá-los. Então... não existe sistema para jogadores o que existe é jogador para o sistema então as movimentações que passamos nas seleções é baseada no aproveitamento estatístico e nas características de cada jogadora... em cada movimento... por exemplo: a jogada para é para a pivô... é prioritária para a pivô, mas tem variações se caso sobrar alguém livre aqui ou acolá...Mas ela é basicamente uma jogada para a pivô jogar dentro do garrafão quando for o caso. Então a definição de uma jogada ofensiva é derivada do material que você tem, e se você tem bons jogadores para arremessar de fora por exemplo... você tem que fazer um trabalho, para arremessar de fora... agora se o forte seu é a pivô ou se você tem tudo razoável. Você tem que estudar os pontos fracos dos adversários para você explorar o ataque seu e isso se dá por pontos fracos dos adversários. Quando eu jogo com as asiáticas meu jogo é diferente... porque elas são mais baixas e ai eu exploro mais as pivôs. O jogo sem bola é o nosso maior problema... Quando nós somos marcados agressivos na linha da bola, antecipando passes... nós temos muita dificuldade para jogar... Se nós somos apertados nós ficamos apreensivos... Então é isso aí... eu já detectei esses problemas há alguns anos atrás e nós estamos trabalhando nesse sentido nas seleções de base em todos os treinamentos e as jogadoras fazem movimentos sem bola antes de receber qualquer bola...Então dá o passe faz um movimento ali e volta para receber e chutar...Então nós estamos trabalhando igual o brasileiro não gosta de jogar. Pressionado, sem bola... Consequentemente nós temos dificuldades com os asiáticos porque eles jogam muito sem bola... no masculino não, mas no feminino sim. Nós já alertamos os técnicos das categorias menores e nós estamos fazendo muito trabalho sem bola...

**Em relação às seleções brasileiras;**- o problema sério que nós estamos enfrentando são os encontros... agora nós pegamos o mês de janeiro e selecionamos um número grande de atletas por todo país... Que tenha aptidão em condições de

seleção... fazemos o treinamento onde nós priorizamos a noção de jogo coletivo, os fundamentos e a parte física. E aí nós detectamos as deficiências e para que haja um tempo para que elas voltem aos seus clubes e fazer essas correções antes de sua volta, para retornarem melhor... Aí o próximo encontro já é com um número menor porque isso já é uma prévia... pois nós detectamos lá traz o que ele precisa. Depois damos a tarefa... “Olha você precisa melhorar nesse aspecto para quando você vier outra vez, você estar melhor nisso”... **O lugar estratégico** que nós tínhamos era, para o masculino, o COC, mas acabou, o feminino está se concentrando em Jundiaí... Nós conseguimos lá um hotel barato que a CBB possa pagar... com condições boas de hospedagens... Com o ginásio perto... Parece que o masculino buscou agora Rio Claro... É um lugar central... **Para selecionar as atletas** eu vou nos campeonatos brasileiros de base porque eu tenho o cadastro de todas... Nós não trabalhamos com nenhuma evidência científica porque a nossa estrutura de clube está muito ruim... isso é uma consequência do clube e nós não temos como intervir no clube. Quando nós fomos campeões mundiais e vice-olímpicos, foi um período de extremo profissionalismo do basquete brasileiro... Grandes patrocínios muitas atletas jogando no Brasil. Atletas estrangeiros de primeiro nível jogando no Brasil... Hoje mudou tudo de novo de uns tempos para cá mudou tudo. Na seleção agora, eu pedi para que se tivesse em julho para uma pré-temporada... Porque os Estados Unidos passou a ter essa supremacia, quando passou a ter a WNBA... Porque antes elas se formavam nas universidades americanas e saiam para o mundo. Agora não, elas se formam e se preparam para ficar nos Estados Unidos na WNBA... com isso.. Melhoraram a cultura de jogo. Melhoraram a cultura de preparação física. Aqui no Brasil cada uma chega de um jeito porque joga na Itália, nos Estados Unidos, etc. Outra na República Tcheca e quem jogaram muito ou pouco, outra que está na NBA só jogou 20 minutos. Para que pudéssemos trabalhar melhor com isso precisaríamos de uma pré-temporada... e mais, você tem que juntar tudo isso em 2 meses para fazer uma seleção brasileira para disputar o mundial no Brasil com muitas responsabilidades. Existe um projeto na CBB para que os treinamentos das seleções sejam em Macaé – ou Cabo Frio... caso isso se confirme talvez possamos ter mais encontros.



## **Sujeito 4**

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação**

Ao longo da minha vida esportiva tenho vivido muitas experiências praticas com o esporte principalmente o basquetebol....Então o que vou dizer aqui não é aquilo que eu penso que deve ser feito , mas aquilo que já fiz.....é o meu dia a dia, e modesta parte tem dado certo.... Na iniciação esportiva o primeiro cuidado que temos que ter é com a especialização precoce.... Nos projetos de iniciação que fazemos iniciamos já nas idades de 7-10 anos onde as atividades esportivas são voltadas para as atividades livres... Nós temos os professores orientados para esse fim....Quando a criança atinge a faixa de 11-12 anos, e passa a pratica do basquetebol ela tem que estar com os aspetos psicológicos voltados para os aspectos físicos, técnicos e táticos do basquetebol. Nessa primeira parte da iniciação as crianças devem aprender os fundamentos básicos do basquetebol de uma forma livre porém correta. A melhor forma que temos encontrado são os jogos pré desportivos e com formas de liberdade de ação e expressão e com correções sem exagero....A gente tem entendido que o que é preciso quando agente trabalha com a iniciação esportiva e é por isso que temos tido bons resultados é que apesar de querermos ganhar e descobrir talentos o mais importante é estimular a pratica. Por isso acreditamos que nessa etapa de 12/13/14 anos a gente não vai conseguir determinar com precisão quem vai ser jogador. A gente vai até dizer que esse ou aquele tem jeito, tem condições de ser atleta, mas ninguém vai conseguir dizer cientificamente se ele vai ser um atleta. Portanto temos que pensar primeiramente em formar através do basquetebol nessa fase o homem de maneira geral tanto do ponto de vista físico, psicológico, quanto técnico e tático...Então o nosso trabalho nessa fase não é vencer a qualquer preço....Nas categorias mini, mirim, nós disputamos apenas jogos na região. Nós temos hoje as categorias infantil e infanto que disputam os jogos da federação estadual..E mesmo nessas categorias não devemos cobrar a vitória a qualquer preço... Então é essa a filosofia do nosso trabalho no qual os fundamentos técnicos vão sendo introduzidos gradativamente até a categoria infanto e juvenil...Então não existe aquela pressa de encher a criança de técnica e tática de ter que ganhar e a gente comprometer a aprendizagem desse jeito. Sendo assim, devemos

ensinar os fundamentos básicos e as táticas de forma livre e de forma que eles possam jogar o basquetebol no qual todos os jogadores devem jogar em todas funções, onde os mais habilidosos devem ser os armadores e os mais altos e mais fortes devem ser os pivôs, aqueles que jogam mais próximos da cesta...Mais sem limita-los a uma só função e dar oportunidade para que eles vivenciem todas as funções nessa fase da aprendizagem.

**Em relação aos sistemas defensivos** nessa fase nos preocupamos muito com os fundamentos individuais, em grupo e coletivos, entendo que devemos ensina-los na defesa individual e evitar a defesa por zona... Porque entendo que os fundamentos da defesa individual amplia o repertório motor dos praticantes... Então para isso agente pensa que vamos conseguir desenvolver nos atletas as capacidades necessárias tanto no plano técnico como no plano físico.. A gente trabalhando com os fundamentos individuais como prioridade a gente pode ter resultados com mais vantagens.....Porque a partir do momento que cada um executa bem os fundamentos individuais nós vamos ter um conjunto muito forte.... Eu não tenho duvida nenhuma que com os fundamentos individuais, bem desenvolvidos e executados teremos mais vantagens..Não é que eu penso isso ...A gente ao longo das atividades... Tem percebido que com os fundamentos individuais bem desenvolvidos já provamos com as vitórias e títulos que é o melhor procedimento...Agente nota que principalmente para o basquetebol feminino que tanto para a parte física quanto para a parte técnica e tática que os fundamentos individuais passam a ser fundamentais para o sucesso defensivo da equipe...

**Em relação aos sistemas ofensivos**, penso que os sistemas táticos devem ser ensinados com bastante liberdade... Por exemplo, a equipe deve atacar com pelo menos 4 jogadores de frente para a cesta... e buscando apenas o **servir e ir ou passe e siga...** aliados aos fundamentos simples de ataque como as fintas sem bola e com bola... Então seria essa, a forma de trabalho que tenho feito aqui.....Sempre que você tem que dar liberdade, mais com formas organizadas. Desenvolvemos aqui, a criatividade nos atletas... Eu tenho defendido isso, porque, quando prendemos os atletas em determinados movimentos na quadra, a tendência é que eles não se soltem...Então, damos essa liberdade para eles criem espaços, formas de trabalho. Eu acho que damos uma noção muito grande, e é isso vai ser melhor mais para frente,

quando eles forem incluídos em sistemas de jogo mais fechados, mais rígidos..... Eles vão conseguir permanecer nesses sistemas?.....Eu acho que isso é fundamental, porque a equipe quando tem valores aplicados individualmente bem fundamentados e criativos, sempre serão fortes em qualquer sistema de jogo, por mais rígidos que sejam, através da criatividade que conseguem, em função da boa fundamentação, com alegria de jogar, desde as categorias inferiores...ou iniciais....

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de iniciação**

Primeiro, não existe uniformidade no ensino do basquetebol no Brasil. Se a gente tivesse diretrizes nacionais, acho que seria importante, sem querer prender os profissionais num só método, pois isso é particular de cada um, mas ter uma diretriz geral para todos, seria de muita importância para o nosso basquete.... Eu acompanho aqui em Ourinhos e existe muito a vontade de ter os resultados em muito curto prazo ..... Então, atropela-se o ensino e pula-se as etapas... Eu sou convicto de que os profissionais que trabalham com a iniciação, devem querer vencer sim, mas não a qualquer custo que comprometa o processo de ensino aprendizagem dos atletas.... A ansiedade e até a inexperiência buscam o resultado a curto prazo ... Isso é fator de dirigentes só em alguns casos.... na maioria das vezes são os próprios profissionais mesmos, porque poucos dirigentes acompanham o trabalho dos treinadores....No caso das escolas os dirigentes na maioria das vezes são leigos.....Sendo assim, os profissionais devem ser competentes para poder se impor perante os dirigentes e comprovar que o trabalho a longo prazo são mais duradouros mais se eles conseguirem irão comprometer-se com todos os procedimentos necessários do ensino...Infelizmente quando você vai trabalhar com o ensino do basquetebol normalmente pega-se estagiários... Isso acaba comprometendo o ensino das crianças que poderiam ser uma promessa do futuro...Sendo assim eu acho que deveria ser o contrario... os melhores profissionais teriam que estar na base....Nas categorias até mini-mirim, os sistemas de competições devem ser regionais e em um tempo mais prolongado, evitando os torneios que eliminam rapidamente os perdedores...Por exemplo duas ou três competições anuais com um festival de encerramento no final do ano. Porque daí haveria maior convivência entre os atletas e eles não ficariam tão ansiosos como ficam

naquela forma de competição eliminatória.... Esses torneios são muito desgastantes para essas faixas etárias, sendo que os torneios sediados não são tão desgastantes e promovem outras coisas além da competição como: viagem, conhecer melhor os locais onde jogam etc....já nas fases infante e juvenil, eles já percebem as viagens de outra forma e ai os eventos de turno e retorno seria melhor porque daí começa a preparação de jogar fora de casa com torcida contra... Depois tem o jogo de volta com torcida a favor na presença dos pais amigos entre outros...Esse procedimento já faz parte da formação do atleta em busca do profissionalismo. ..A gente já começa a perceber aqueles que tem condições psicológicas para a competição e não só os aspectos técnicos e táticos e aqueles que são mais soltos, rendem mais sobre pressão. E assim, vamos detectando os melhores...Nessas categorias as competições encarecem muito no nível nacional, então elas devem ser realizadas só no nível estadual entre os clubes..... Em relação ao nível estadual nós fizemos no Paraná no centro de excelência presidido pela Hortência e chegamos ter 15 centros ... Os estados no Brasil são muito grandes e com os centros regionaliza-se as competições e depois fazemos a fase final em um determinado local, mas, temos que tomar cuidado, com aquelas equipes não chagam nas fases finais. Portanto o importante é que as competições sejam regionalizadas porque eles vão competir bastante antes da ultima fase que é a final...È claro que os melhores preparados vão seguir em frente... Deve ser em forma de festivais com grandes festas e de preferência com patrocinadores já nessas fases de iniciação...Nós aqui em Ourinhos fazemos diversas clinicas para divulgar o basquetebol e qualificar os professores que atuam na parte técnica e tática, sobre especialização precoce, sobre a iniciação do jogo de basquete entre outros... Elas ( as técnicas) tem aprendido muito com esses profissionais que estão trabalhando na qualificação.... Não precisa era um experte em basquete para atuar na iniciação mais pelo menos alguém que consiga ensinar bem os fundamentos e o jogo de basquetebol...Porque são eles que vão formar os atletas de amanhã e a qualificação constante é fundamental...Primeiro os profissionais tem que ser interessados..

## **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos na etapa de especialização em basquetebol**

Eu acho que nas categorias infante cadete, juvenil e sub21, os atletas já devem estar voltados para as competições e os métodos de treinamento devem ser baseados nas ciências...Tem que ter técnicos experientes e preparados, porque tem que preparar os atletas com os movimentos de forma correta... É temos que detectar e treinar os elementos (fundamentos)técnicos nas situações do plano tático e temos que ver quais os atletas que são capazes de executar os fundamentos mais complexos nas situações de jogo e nas competições....Infelizmente não temos uma escola própria para treinar os atletas de elite de forma mais complexa e nas possibilidades de cada região.. E mesmo assim temos conseguido resultados bons, mas não tenho dúvida de afirmar que nós por causa da política do basquetebol perdemos muitos talentos...

**Em relação aos sistemas defensivos**, devem ser treinados de forma individual muito agressivo. A forma é com ajuda com troca pressionado nos cantos da quadra enfim, com formas diferentes para mudar a forma normal de jogo...Porque hoje é importante desenvolver nos atletas a confiança e a vontade de ganhar... Eu falo para os meus atletas que 50% é com o técnico, mais os outros 50% é com eles mesmos ...São eles que devem executar e para isso devem estar bem preparados psicologicamente e através desses exercícios e essa filosofia, acredito que consegue bons resultados...Uma coisa não funciona sem a outra o bom profissional e a vontade dos atletas.. “Orientação segura e vontade”

**Nos sistemas ofensivos** eu defendo que não devemos copiar táticas ou estratégias. Devemos ensinar os fundamentos individuais em grupo e coletivamente...Devemos treinar o sistema na capacidade de cada jogador que temos em mãos E isso significa que devemos iniciar no inicio da especialização dos atletas no basquetebol senão não há sistemas que dão certo... O corta luz é muito importante nessa fase e eles devem saber o que fazer em cada situação de jogo... Então se cada elemento tiver bem treinado nos fundamentos e o sistema for bem simples esse se sobrepõe a qualquer outro sistema....Os sistemas devem ser simples para que os atletas consigam mostrar suas capacidades complexas... Se o atleta é bem fundamentado ele vai se sobrepôr ao defensor... “Eu falo para os meus atletas o

contrário em relação a defesa”.... Crio assim ótimas condições de competitividade nos treinamentos....

Se você colocar sistemas complexos ele vai ter dificuldade para desenvolver os fundamentos individuais .. Já nos mais simples facilita o desenvolvimento dos fundamentos individuais, como por exemplo: o corta luz o drible a bandeja e o arremesso....

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de especialização**

Os Problemas não são iguais nos diferentes clubes, são bem individuais .. O ideal seria ter um local para preparar os atletas de elite para selecionar talentos..Temos que ter uma escola de talentos, justamente para detectar quem suporta cargas de treinamento seja ele físico, técnico, tático, psicológico e social, diante também das situações de competições, porque do ponto de vista técnico por exemplo, você percebe mais facilmente se é talento ou não só no olhometro....mas não existe afirmativa para outros aspectos para detectar os atletas durante o processo... Em relação a seleção dos talentos, tem muitos atletas que tem boas condições físicas, técnicas mas não tem boas condições psicológicas.... Acaba não dando certo.. agora teríamos que ter uma forma de selecionar mais científica, com profissionais da área do esporte que conheça a modalidade, e todas as expectativas que esses atletas vão sofrer durante treinos nos clubes e durante as competições... Para selecionar os talentos teríamos que ter um grande grupo de especialistas para acompanhar os campeonatos por todo o Brasil e identificar, selecionar e junto com os técnicos convocar e treinar ou preparar as seleções de base....Mas ninguém me liga para saber que são minhas atletas e quem tem condições de servir as seleções estaduais e nacionais e quando convocam nem sempre são as mais completas para seleção nacional do ponto de vista técnico, tático, físico, psicológico e social....Isso, porque somos campeões, paulista e brasileiro na ultima temporada... “Precisamos urgente de reuniões com representante estaduais e nacionais para organizarmos o processo de seleção dos talentos e montar as seleções estaduais e nacionais de base”...Em relação a promoção dos talentos... bom, a partir do momento que é talento eu acho que os problemas maiores começam nos aspectos

sociais...Os talentos que tem outro tipo de atividade eu diria que a dificuldade não é questão de ser rico ou pobre...O esporte é vantajoso para todas as classes sociais... agora , esse aspecto financeiro da família é importante, pois é difícil a família achar que seus filhos vão ganhar a vida com o esporte de competição e desviar o foco para outras coisas como: trabalho... Em relação ao ensino eu acho que quando as crianças atingem as categorias infanto juvenil ele já mostrou qualidades sejam físicas, técnicas aí eu não vejo muitos problemas Eu acho difícil é mais a família... As quadras para treinar; eu acho que os profissionais bons conseguem trabalhar com essas questões e realizar bem seu trabalho...Eu acho que muitos profissionais erram quando querem mandar embora do treinamento algum atleta por problemas no ensino ....Penso que é a forma mais fácil de resolver outros problemas de ordem social na qual estão vivendo os atletas...Os problemas sempre surgirão e os profissionais devem ser capazes de contornar e seguir em frente.. Porque a coisa mais fácil com um atleta problema é excluí-lo...Não há problema que não se resolva no ensino , mas há talentos que abandonam porque tem que trabalhar ou estudar e ai temos que conseguir ajuda-lo com bolsa e ajuda de custo...Temos que qualificar os profissionais para atuar na iniciação porque na etapa de especialização basta o técnico ter conhecimento técnico do basquetebol o resto ele tem ajuda...Para o atleta chegar na fase de começar a ganhar dinheiro e permanecer jogando ele precisa e passa por muitos técnicos que são os grandes responsáveis pela sua formação...Então esse profissional deve ser preparado suficiente para formar esse atleta..A qualificação é fundamental..

Em relação ao **sistema de competições** nessa fase é importante que se fortaleça o trabalho dos estados para ter uma competição nacional forte.. Então eu sei que são poucos estados que são fortes....Mas as competições devem ser em competições longas em forma de turno e retorno com ida e volta...Não podemos restringir essas competições onde os atletas ficam muito tempo sem jogar ou competir só treinando....porque eles podem perder a motivação para treinar e abandonar o esporte...Eu acho que os estados que tem poucas equipes devem criar os centros de excelência para a iniciação e para a especialização devem fazer torneios abertos em nível regional e torneios fechados em nível estadual... Deve ser feito com as seleções estaduais infanto cadete e juvenil igual é o campeonato adulto para que facilite e

processo de seleção dos talentos e de forma mais acompanhada pelos cientistas do esporte e mais justa...As federações devem buscar essas competições e dar espaços programando antecipadamente para o estado que vai finalizar a competição...Para que estes possam se preparar adequadamente...Em relação ao apoio complementar o maior problema que nós temos é o apoio financeiro para pagar os profissionais de outras áreas que complementam o treinamento como por exemplo um psicólogo..Então agente nota que são poucas as equipes que tem boa estrutura para treinar e competir...A culpa sempre é de quem comanda, pois é de lá que deve sair as diretrizes nacionais para organizar os sistemas de competições do basquetebol..Estou falando da confederação de basquetebol do Brasil.. O nosso campeonato por exemplo só é transmitido em canal fechado como a Sportv , e deveria ser transmitido em canais abertos como a globo a bandeirantes a Record entre outras.. O problema é que a CBB só libera para quem paga... Temos que investir no basquetebol primeiro para depois colhermos os frutos...A confederação tem que repensar as formas e criar diretrizes organizacionais para o basquetebol brasileiro...O basquetebol feminino sobrevive até hoje e é campeão Mundial, vice Olímpico por ações isoladas de alguns dirigentes, clubes e treinadores...Em Ourinhos temos umas seis pessoas que são fanáticas por basquetebol e por isso o basquete sobrevive por aqui...Numa determinada época em Sorocaba o basquete foi bom porque vendiam bem o produto e exploravam muito bem a mídia...Eu apresentei um projeto agora para a Nike e eles me disseram que patrocinaria se eu tivesse levado seis meses antes... (só que fiquei sabendo que iria participar do mundial Rússia há apenas dois meses) e que no ano que vem vai patrocinar .. (como vou esperar esse patrocínio se não sei o que vai acontecer o ano que vem)...Enfim nós não temos no Brasil a divisão de departamento em masculino e feminino que organize os calendários antecipadamente para que os patrocinadores consigam ver vantagens em vender suas marcas através do produto basquetebol..

## **Sujeito 5**

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação**

Eu penso que, ao trabalhar os **fundamentos técnicos** nessas categorias o que é



fundamental é que seja trabalhado os fundamentos de defesa individual com ajuda e com flutuações e ensinar a jogar no ataque e não a fazer jogadas. ...A defesa deve ser individual, eu não marco zona na iniciação e acho que deveria ser proibido nessas categorias até mini-mirim – porque eu acho que a zona arruma o jogo para quem está assistindo e é bonitinho... mas tira a possibilidade das atletas aprenderem a jogar a base do jogo que é o jogo de 1x1... Eu tenho que saber marcar 1x1 e os outros quatro. Então com a defesa individual as atletas vão aprender melhor e compreender como se marca...Eu acho que a defesa por zona é uma estratégia para alguns momentos do jogo mas nas categorias acima do infantil. Eu nas minhas equipes quando trabalhava com a base mini-mirim-infantil – a defesa era só individual porque eu acho que além da defesa o meu ataque aprende a jogar melhor quando a defesa é individual. Então eu treino só a defesa individual. Porque se minhas jogadoras souberem marcar bem individualmente, quando eu colocar qualquer sistema de defesa por zona elas vão saber marcar bem....Agora, se eu trabalhar muito por zona no princípio e não der a base para elas da defesa individual, vai ser muito difícil depois elas marcarem bem individualmente. Então o sistema básico para ensinar categorias menores é a individual. Primeiro eu ensino a marcar o jogador que tem a posse da bola, através de posicionamento, postura defensiva, ocupação do espaço, e trabalho em seguida ensinando a marcar do lado da bola e depois do lado sem bola. Então, quando eu quero marcar a jogadora da bola, começo o trabalho pelo 1x1. Muito trabalho de 1x1, é na defesa de 1x1 que ela começa a entender que não pode deixar que a jogadora arremesse, penetre e não veja o jogo para fazer bons passes. Então eu priorizo o 1x1....A partir dessa compreensão, eu ensino para elas que observem o jogador que está do lado da bola e do lado contrário da bola e como vamos marcar. Então o meu sistema é do lado da bola, é individual e agressiva e não pode ou deve evitar que a jogadora veja o jogo....Temos que evitar também, que a jogadora do lado da bola chegue no ataque e já tenha liberdade para realizar as finalizações. Temos que evitar os arremessos de forma agressiva, elas devem evitar que essas jogadoras do lado da bola consigam bons posicionamentos. As jogadoras que estiverem defendendo lado contrário da bola, devem auxiliar o lado da bola, porque quando defendemos com agressividade podemos ser batidas ou fintadas então o outro lado deverá estar

preparado para a ajuda...Então para essas categorias defendo o sistema individual com ajuda. Agora, individual pressão, pressão quadra toda, são estratégias para alguns momentos do jogo e não como sistemas principais. O principal é individual com ajuda em meia quadra...

**O ataque na iniciação;**- eu não acho que o sistema é importante no basquetebol. O importante é você saber jogar. Eu posso jogar sem sistema e ter uma equipe jogando bem. Eu não gosto de táticas complexas, eu acho que elas precisam saber da técnica. Elas tem que ter conceitos, princípios, por exemplo: elas precisam saber que vai ter jogadoras que vão jogar no perímetro, no garrafão, e fora do garrafão. Se as jogadoras jogam de 1, 2 ou 3 que são os que jogam fora do perímetro elas precisam saber de alguns princípios para jogar nessas posições que são dados nos exercícios, que são movimentos de ataque, por exemplo: **o dá e segue** alguns treinadores dizem **dá e passa....**A terminologia não importa, mas o que eles precisam saber é que, quando estão de posse da bola precisam ter determinadas atitudes para ler o jogo;- ou arremessa ou penetra, ou passa. E esse raciocínio é muito rápido de preferência antes dos 3 segundos. A partir daí, elas precisam saber que se elas penetrarem o que pode acontecer e o que elas devem fazer. Muitas vezes vai haver a cobertura e vai livrar a companheira e na hora que eu for passar eu precisarei executar diferentes movimentos que são fundamentais, tipo;- o passe. Isso deve ser aprendido desde o mini... A criança ou o pré-adolescente aprende isso, ou ele passa ou executa outro movimento;- qual? Ela precisa saber!! Ou ela penetra, ou ela passa e vai fazer um corta-luz, ou passa e faz uma finta de corpo para entrar e receber a bola outra vez... ou eu faço a finta e volto para receber....Defendo como tese e em meu trabalho pratico também é assim, e eu uso nas idades de formação e até no adulto, que eu chamo de **jogo livre**, que são em cima de movimentos que são os princípios que norteiam o ataque. A jogadora sabe que ela precisa fazer isso, isso, ou isso;- o ataque deve dar 4 a 5 passes antes de decidir, então elas tem os princípios;- se ela passar dentro do garrafão ela pode fazer um corta-luz para o pivô, mas não são jogadas são princípios. Aí ele aprende a jogar com movimentos ocupando bem os espaços. Se tiver 3 jogando no perímetro e 2 jogando no interior do garrafão. E daí quando uma delas sai do interior a outra no perímetro e pode ocupar o espaço da que saiu. Então eu trabalho com a ocupação dos espaços na

quadra partindo de uma posição pré-estabelecida que pode ser com 4 abertas e 1 no perímetro ou só 2 pivô e 3 abertas. Então essas posições devem ser observadas. Se eu for jogar com 2 pivôs ou com 3 pivôs e 2 fora. São princípios de posicionamento para essas categorias...Quando você for fazer sistemas pré-estabelecidos mais adiante, elas saberão tirar proveito desses princípios aprendidos. O que a gente vê é que muitos treinadores faz jogadas, jogadas, mas não ficam livres, porque em um corta-luz eu tenho quatro possibilidades de ficar livre, mas elas não sabem ler a defesa. Ela aprende na escolinha que ao receber o corta-luz ela tem que sair por cima, e ela olha para a bola, não deve! deve olhar para o marcador dela. Ela vai fintar e não sabe para onde fintar. Nós temos que ensinar para onde elas onde elas vão fintar e de acordo com a defesa. Isso tudo são fundamentos de ataque. São movimentos ou fundamentos de ataque que é jogar com fintas, jogar sem bola, fintar para receber, saber como fintar e para onde fintar porque essa finta, e vai depender do marcador... Aí você deverá ensiná-los a ler a defesa. Quando até o infantil ela souber tudo isso ela vai saber tirar proveito de qualquer tática, ;- senão a coreografia fica bonita, mas elas não sabem tirar proveito, porque não sabem ler a defesa. As vezes tem jogadoras que estão livres e não arremessa, bate para dentro onde estão as defesas, tem outras que está um buraco na defesa mas, elas insistem em chutar e muitas vezes chutam marcadas.....Eu penso e lamentavelmente o nosso país carece de técnicos formadores, técnicos de base é igual os da 1.<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup> série do primário. E eles precisam ser especialistas, para isso. Tem pessoas que tem o dom e eu acho que para essas categorias, tem que ter esse dom... e infelizmente não temos escola para formar esses profissionais para trabalhar na base, porque a base é a chave de tudo. A pessoa que não é alfabetizada, não será um bom aluno. A alfabetização no basquete é um trabalho muito importante.

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de iniciação**

**Perfil na iniciação;**- para mim, temos que observar os pré-requisitos... se já praticou natação e outros esportes, já brincou na rua... porque essas crianças tem as capacidades físicas básicas já pré-desenvolvidas bem como o biótipo por exemplo para você começar a trabalhar... .. Agora no aspecto técnico-tático, você precisa saber que

o basquete é um jogo que tem diferentes objetivos... se for social então todos devem jogar... agora se for formação de equipes que seria desenvolvimento de talentos, então você tem que ver os pré-requisitos em cima dos biótipos, e aí você começa a trabalhar já numa preparação física específica para o basquetebol, você começa a desenvolver as capacidades, e qualidades necessárias para o basquetebol desde pequeno. Acho que até 9-10 anos a criança deveria fazer vários esportes... independente se ela for chegar a ser talento, mas para o próprio desenvolvimento físico... Depois sim, vem a especialização, porque você vai ver quem tem mais aptidão para o basquete e ela própria poderá ter essa decisão. Porque eu não posso pegar uma criança e dizer você vai jogar basquete, não. Eu acho que ela tem que ter experiência em vários esportes...Eu relação ao perfil tático até o mirim não existe. **É o jogo livre...** com base nos princípios defensivos e ofensivos... devemos nos preocupar com a técnica e poucas informações táticas...

**Clube escola;-** o que eu vejo é que, quando a Educação Física na escola mudou sua forma de trabalho perdeu-se as crianças, os talentos que eram formados inicialmente na escola... todos os clubes tinham escolinhas. Era na escola que eu ia buscar a meninadinho para vim especializar-se no clube... então a partir do momento que a educação física passou a negligenciar o treinamento e a formação desportiva, a escola ficou desaparecida, a Heleninha, a Hortência, a Paula apareceram em campeonatos escolares. A nossa formação antes era a escola e hoje tem alguns locais, onde tem gente que gosta de basquete e que faz basquete,mas não resolve. Não existe a preocupação da escola nem com a educação física... Porque a aula em si já não tem mais sentido...

**Competições na iniciação;-** eu me preocupo com a mini e as pré - mini para competir... principalmente porque as pré - mini e as mini, normalmente são filhos de ex-jogadoras. Então, as vezes eu vou em São Paulo e vejo os pais assistindo os jogos xingando o juiz, brigando com o garoto do outro time. Eu acho que nessas idades precisamos educar as crianças para o esporte. Acredito que a competitividade existe no ser humano, é importante falar que vamos treinar e competir, mas deve ser no sentido lúdico... mas no sentido da criança competir com ela mesma, poder fazer o melhor que ela puder....Agora, os jogos de pré - mini e mine, em campeonatos onde os pais ficam

na arquibancada xingando o juiz, não vejo muito proveito nisso. Eu acho que as competições deveriam ser a partir do mirim. Os festivais, as apresentações, competições, participativas para o mini e pré - mini.

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos na etapa de especialização em basquetebol**

Agora o ensino dos **fundamentos** irá depender da periodização. Aí eu pergunto como é que eu vou preparar minha equipe para jogar daqui a um mês que é minha realidade hoje. Então você sempre no Brasil terá dificuldades para estruturar os conteúdos de forma ideal, porque as equipes são montadas rapidamente e temos pouco tempo para elaborar uma periodização correta. Agora se você tem tempo para fazer o trabalho é diferente... Mas, mesmo assim, eu acho que essa periodização tem que ser dividida em 3 etapas: No que diz respeito ao **ataque**

- a) **Pré-temporada** – onde você prioriza a preparação física – e a técnica individual.
- b) **Temporada A)** onde os atletas entram em exercícios mais específicos sem abandonar totalmente a primeira etapa onde trabalharam os exercícios físicos específicos, e o aprimoramento técnico individual...
- c) **Temporada B)** onde você entra no treinamento de técnicas coletivas que são os exercícios tipo A) específicos e B) especiais.

Os *específicos* são exercícios do pivô, armador, lateral individualmente de 3x2 de trio, de dupla...Os *especiais* são, uma parte dos princípios da defesa e ataque... ex: os exercícios de 3x3 ou 4x4 são direcionados para os movimentos pré-estabelecidos que serão parte das jogadas....Então, eu não faço 3x3 sem objetivos, elas recebem orientações de o que fazer e para que fazer tais movimentos já mais padronizados... pedaços da jogada. E aí a hora que eu colocar 5x5 elas sabem fazer as partes das jogadas. Esse é o método por partes – então eu quebro as jogadas em pedaços e dou os exercícios especiais durante a fase pré-competitiva para depois chegar ao ataque de 5x5 que é o todo.

**Na defesa** é a mesma coisa e na verdade no meu treinamento dou mais ênfase a defesa. A minha filosofia de jogo é que o basquete começa da defesa para o ataque.

Eu tenho que, ter boa defesa e a partir da defesa eu vou jogar em contra-ataque...Uma equipe ideal para mim é aquela que faz 60% das cestas em contra ataque 20% de transição e 20% de jogo armado. Então se eu tenho como meta filosófica trabalhar somente 20% de jogo armado, então não posso perder tanto tempo em táticas. Então, me preocupo com defesa e contra-ataque na maior parte do tempo e jogo de transição caso eu não consiga resolver no contra-ataque. Agora, o sistema de ataque armado é rápido 5, 7, 10 segundos no máximo 12. Devemos preparar as jogadoras, sempre é claro, tentar o rebote ofensivo, mas pelo menos duas já pensando na defesa no balanço defensivo pós ação ofensiva.

**No ataque** ;- Quando você traz isso desde o infante, ao chegar no adulto elas já possuem filosofia de jogo. Defendo a tese de que o técnico tem que começar a trabalhar no infantil e isso nós já fizemos aqui na Ponte Preta em 1992, 1993 eu a Heleninha e o Paulinho. A filosofia de jogo era entre os técnicos da base e do adulto....Em 1993 – nós ganhamos todas as categorias da federação do mine ao adulto no Estado de São Paulo. Agora como nós trabalhávamos. Eu a Heleninha, o Paulinho, a Mila, e o Hermes de preparador físico. Sentávamos juntos e até o infantil era jogo livre. Não havia jogadas era só jogo livre. O que tinha era princípios que quando elas chegavam no adulto, elas já sabiam. A gente acabou fazendo uma escola de basquete no Brasil. Hoje as jogadoras que jogam comigo e que começaram conosco não tem problema para trabalhar, apesar de que eu a Heleninha o Paulinho e a Mila temos personalidades diferentes tínhamos a mesma filosofia de jogo... porque nós formamos um grupo de trabalho e trabalhamos muito tempo juntos...E foi uma filosofia que deu certo, um projeto que cientificamente deu certo, ou seja é uma tese que tenho hoje. Agora o país inteiro teria que trabalhar nesse sentido. O país precisa de uma filosofia de jogo, ou seja, o cara que trabalha no Amazonas tem que ter a mesma filosofia porque a hora que uma atleta de lá vier para cá ou para as seleções brasileiras os técnicos não teriam dificuldades para trabalhar.

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de Especialização**

**Perfil especialização**;- temos que forma-las para dominar os fundamentos – saber

jogar e não fazer jogadas – ler o jogo – ter percepção no jogo – ter consciência no jogo – saber ler o ataque, saber ler a defesa, esse é o perfil. É uma alfabetização dentro do basquetebol na iniciação, ele vai ser alfabetizado na iniciação e na especialização ele vai ser aperfeiçoado o que levará a vida inteira em busca da perfeição.

**Clube escola;-** infelizmente os clubes desapareceram por causa dos recursos. O esporte hoje se aperfeiçoou em tecnologia: roupa, materiais, entraram os patrocinadores e o clube acabou e a escola mais ainda. O celeiro eram esses dois cenários. A formação era no clube e na escola. Hoje eu tenho uma tristeza enorme. Por exemplo, quando eu era menina meu sonho era jogar e vestir a camisa da seleção brasileira....Hoje, as meninas tem o sonho de ir jogar na Europa. Então acabou o ideal nacional... hoje a maioria das jovens jogadoras, já querem receber para jogar ou jogar no clube que paga mais, ela não se preocupa em ir jogar com o técnico bom para que possa progredir, pagou mais leva... Isso é uma coisa que está acontecendo em qualquer esporte brasileiro... o atleta juvenil, nenhum clube consegue segurar mais... o técnico Marcelo me disse que ele tinha um time o ano passado infantil-infante legal, mas 2 ou 3 deles foram embora, porque veio outro lá e pagaram para eles e os levaram embora. Isso sempre aconteceu, e é por isso que nós tínhamos escolas de basquetebol porque quando as levavam embora, nós já tínhamos outras da categoria de baixo para suprir....Então eu defendo em qualquer clube que eu vou hoje, que eu não vim para formar um time só... Porque um time só não dura muito na nossa mão, porque a hora que elas começam a despertar vem os outros e levam embora. Por isso que temos que ter a base. Então, o clube e a escola está sem recurso financeiro e os recursos da confederação são utilizados para as seleções.

**As competições na especialização;-** O Brasil é muito grande e dificulta o intercâmbio entre os estados. Eu acho que até no infante deveria ser responsabilidade do governo municipal... e se os governantes entendessem que o esporte é uma grande possibilidade de educar nossas crianças e que as competições deveriam motivar as crianças a jogar pelo amor a cidade....Lógico que se o governo municipal recebe verbas do federal para promover o esporte então ele deve pensar nisso;- organizar e promover o esporte. Agora as prefeituras até quer fazer, mas não tem dinheiro. Então, como é que se faz esporte nesse país... se as prefeituras estão falidas, os clubes estão

falidos... nós não podemos ficar a mercê da iniciativa privada e se elas não patrocinarem, então não vai ter mais competições. O basquete feminino em 1994, tinha 14 mil pessoas no Ibirapuera e hoje os ginásios estão vazios, porque? Porque em 1994 o patrocinador queria vender o produto e investiu muito forte ali e saiu em televisão aberta e lotou o Ibirapuera. E depois disso o que aconteceu? não tem mais televisão aberta? Se não tiver o povo não vê e não vai...Hoje o povo faz o que a televisão fala para ele fazer. Se a Globo ou a Bandeirantes fizer a cobertura enche o ginásio mas, se for a Sportv que é um canal fechado e o pobre não tem como ter TV a cabo, aí ele nem fica sabendo. Então para mim, a divulgação do basquetebol tem que ir para o canal aberto. O governo deveria pagar a transmissão para divulgar seu país, seu estado e sua cidade...O patrocinador é importante mas pode ser o fim, porque ele precisa ter o retorno e sem a televisão não dá...

**As seleções nacionais;-** Nós temos um país de 180.000.000 de habitantes... e o bloco de jogadoras selecionadas aumentou muito. Antigamente para você escolher 12 você só tinha 12, 15 e olhe lá em condições de disputas internacionais. Hoje nós temos 40, porque? Porque elas estão indo para a Europa e para os EUA jogar muito jovens e elas estão melhorando individualmente e quando chegam na seleção, elas estão com mais formação em nível internacional....Quando eu era técnica da seleção em 1986. O primeiro campeonato do mundo que eu fui como técnica eu treinei 2 meses aqui e eu não tinha conhecimento nenhum sobre o jogo da China. O primeiro jogo nosso no mundial era com a China e fazia 5 anos que o Brasil não jogava contra a China e eu não tinha nenhuma informação sobre o jogo da China... era na cega na escura... a partir de lá para cá entrou vídeo, Internet, e hoje se as meninas jogar contra Rússia, Tchecoslováquia, não tem problema, porque elas estão jogando lá toda hora.....Então hoje ficou mais fácil pelo contato que elas tem com o mundo do basquete. Agora isso não deveria ser assim. Nós tínhamos que ter as 40 no Brasil nos nossos campeonatos. Talvez o calendário pudesse não coincidir com o internacional e elas pudessem jogar aqui e depois lá...Mas tudo isso é complicado porque nosso país é pobre e não temos dinheiro.....Eu acho que o local de treinamento não é tanto problema. Por exemplo: o Vôlei já tem centro de treinamento, porque então nós também não temos que ter um centro de treinamento. Mas eu acho que o principal é;- as seleções, infanto-juvenil e



adulto deveriam ter a mesma filosofia de jogo. Deve funcionar igual;- a filosofia do clube, e o técnico da seleção principal têm que dar as diretrizes em consenso com todos os técnicos e comissão técnica. Os técnicos do infante e juvenil, têm que ser assistente da principal porque tem que estar sempre alimentando a seleção adulta. E se essa filosofia de jogo for do país todo, será mais fácil trabalhar nas seleções nacionais.

## **Sujeito 6**

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação**

**Fundamento** é uma coisa que você treina desde o primeiro dia que entra na quadra até quando você nunca mais joga. Você sempre tem que treinar fundamento. Os fundamentos englobam tudo: passe, marcação, drible, eu sempre defendi isso. No Brasil hoje a gente faz uma inversão, hoje no clube a gente contrata um técnico para trabalhar com os garotos, e eles próprios não sabem que são limitados em suas ações. Na categoria mini, mirim os técnicos tentam corrigir dando castigo, se ele errar uma bandeja vai fazer 10 flexões de braço. Enfim acho essa parte pedagógica muito errada....Nessa faixa etária de 10-14 anos você tem que fazer que eles se interessem pelo basquete de forma gostosa, porque nessa época ele só faz aquilo que é gostoso, ele ainda não ta na idade de ser profissional, então você tem que despertar nele o amor pelo jogo, o prazer de ir na quadra jogar. Então você deve fazer um treinamento para ele bater a bola, fintar, que seja sempre estimulado, se errar faz de novo, ao invés de dar bronca, manda fazer de novo, estimular esta parte até acertar, isso que deveria ser feito....O método deve ser em seqüência, primeiro bater a bola, que pode ser com dificuldades, até vendando os olhos, você também pode utilizar de aparelhos para contribuir com desenvolvimento dos fundamentos.

**Em relação a defesa e ao ataque** A marcação deve ser individual, ele deve saber passar a bola, fazer um bloqueio e de maneira nada complicada, principalmente taticamente, porque a tática deve ser aprimorada lá na frente, a tática é a 2.<sup>a</sup> etapa de aprendizagem do garoto, depois de 15-16 anos você deve colocar táticas mais sofisticadas, aí o garoto já pensa diferente, tem outro pique, já ta condicionado para jogar. Você não deve fazer uma tática no mirim, onde o garoto não sabe nem bater a

bola, como que vai ser esta tática? Eles não vão conseguir fazer nenhum bloqueio. Então joga-se todo mundo aberto, e o técnico deve ser um professor, até 15 anos o técnico não existe. Acho que precisa mudar um pouco o que estamos fazendo. Já faz quantos anos que estamos bitolados. No basquete temos casos que o garoto desde o mirim sempre foi pivô, o Roberto era um desses casos, e depois quando chegou no adulto ele não era tão alto e teve dificuldade para jogar porque só sabia jogar de costas para o cesto, então, ta errado pô... Quando você pega um jogador da NBA com 2,11m, você pensa que ele iniciou como pivô, mas ele sabe jogar em qualquer posição, lá o cara com 2,12m traz a bola da defesa para o ataque, chuta de 2, de 3, joga de pivô, esse é o jogador. O Oscar por exemplo era pivô, mas abriu para jogar de ala com 2,07m, e ele jogou a maior parte da carreira com n.º 02. São esses detalhes que nosso basquete não aprendeu nessas categorias, todos os dias tem que ter exercício e o técnico vai corrigindo numa boa. O meu filho um dia chegou em casa chorando, de tanto levar bronca, mesmo sendo filho de técnico. Os exercícios devem ser simples. Em relação aos métodos devem ser utilizados em todas situações que vão acontecer no jogo, mas de maneira bem didática. O jogo nesta etapa deve ser diversão, enfatizar mais exercícios você deve ter o jogo, porque senão o garoto não vai mais, o jogo não deve ter muita cobrança. Hoje os jovens tem muitas opções de diversão e por isso que o jogo também deve ser uma discussão. Eu quando jogava, ficava com a bola das 3 às 6 da tarde porque não tinha o que fazer, hoje não é assim, os garotos tem muitas opções. Eles não pensam no basquete como meio de vida, então você tem que atrair os garotos utilizando métodos diferentes.

**Defesa na Iniciação** Defendo a defesa individual para que o garoto se movimente mais, desde garoto estes aprendem os fundamentos. Tenho um time que foi campeão brasileiro que tem uns 4 que não sabe defender, e hoje com 30 anos não dá mais. Em função da defesa individual desde garoto você obriga o atacante a se virar para sair da defesa. Se você marcar zona, o atacante passa bola para cá, para lá, aí de repente ele fica livre e chuta, aí fica um joguinho amarrado. Agora quando você coloca eles para marcar, a cada momento vai melhorar mais, e o técnico deve ser um pedagogo para ensiná-los a defender, porque isso é fundamental no basquete brasileiro. O que tem que ser feito na defesa é que todo mundo tem que treinar os

fundamentos defensivos e conseqüentemente o ataque. A defesa individual mostra para defesa e para treinador os defeitos que ele não percebe quando defende por zona a defesa por zona deixa o jogo muito estático, ela fica fechadinha e aí você não vê os defeitos dos defensores....Por outro lado, no seu ataque alguns garotos acertam muita bola de fora, quando você defende por zona, porém quando você marca individual ele não sabe o que faz. Daí quando ele chega nas categorias maiores os jogadores são mais altos mais fortes, aí ele não vai conseguir jogar, então se você quer conseguir uma coisa mais planejada desde o mirim até o juvenil você deve preparar os garotos desde cedo para defender.

**Ataque na Iniciação** O ataque tem que ser meio simples, ensinar fazer bloqueios para os arremessos, ensinar bloquear aqui, chutar lá, correr para cá, fazer 4/5 movimentos de forma simples tipo passa e vai.

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de iniciação**

O perfil na categoria mini-mirim não garante a continuação do garoto, e vou dizer porque, há garotos que demoram para crescer, outros crescem muito rápido, então ainda não dá para ter perfil nesta etapa. O interessante é a quantidade de garotos, porque tem garotos de 1,80m com 12 anos, que vai jogar de pivô, e é isso que sou crítico. Temos que preparar esses garotos, mas não tem como selecioná-los por perfil, porque ele deve acontecer mais à frente e a seleção é um processo que acontece naturalmente. O perfil para mim é despertar no garoto o gosto pelo basquetebol, para que todos aqueles que estavam na iniciação possam ir adiante com você. Quando você for selecionar no infantil, que para mim é o começo do afinilamento, e nós erramos por afinilar muito antes, daí o perfil vai ser o biótipo, problemas psicológicos que ele tem, como da família, fatores socioeconômicos, às vezes ele será um jogador de não muita inteligência, dificuldade para raciocinar, mas é muito grande e forte. Temos que ensinar habilidades e raciocínio do jogo mas alguns tem maior dificuldade em alguma coisa ou outra.

**No que diz respeito ao sistema de ensino**, em uma conversa com dirigente

argentino, ele me disse que o grande medo da Argentina é o Brasil se estruturar, se isso acontecer as coisas se complicam...No clube há muita interferência dos pais, diretor, que monta equipes e quer que ganhe. Essa mentalidade não pode existir. Essa é a mentalidade imediatista do brasileiro, as federações devem promover os campeonatos em forma de festivais, para ter integração, preparar o árbitro, o técnico. Deve haver uma reunião na federação com todos técnicos, e dizer, nós vamos ter que trabalhar assim, tem que ser assim, a federação tem que decidir a forma de trabalho. Se não for assim ele deverá ser expulso ou até mandado embora....Na escola fico em dúvida se há ensino de esportes. Esse é outro aspecto estrutural do esporte brasileiro e eu me apego muito porque comecei a jogar na escola, o motivo é porque eu tinha um professor de educação física que me motivou a jogar, mas confesso que eu não tinha nenhum, porque eu jogava futebol e fui até profissional, só que eu havia crescido muito para a época, mas eu me interessei porque o professor era um grande pedagogo e foi responsável por ser jogador de basquete. Hoje o professor de educação física, e aqui não vai nenhuma crítica a nenhum, porque o professor sai da faculdade sem saber de esportes, aí decide ser técnico de basquete e ele não sabe nada, além disso ele dá aula em uma escola e tem que sair para outra para poder ganhar um pouco mais, porque os salários são baixos. Então ele não dá aula, dá um rachaõ de basquete e não ensina nada. Na minha época os professores tinham melhores salários. O melhor modelo para o progresso do basquetebol seria o americano, no qual o principal cenário é a escola. No Brasil não temos modelo, temos o clube que ao mudar de presidente acaba com todo trabalho. Só lembrar do Sírio que tinha o melhor basquete de SP e ainda tinha categorias de base até juvenil, aí mudou a diretoria e acaba com tudo. O basquete é um esporte no Brasil que ainda procura seu rumo – não acha e não sabe para onde vai.

**Em relação aos campeonatos**, eles devem ter regras, ser diferentes. Quando você está no clube por exemplo, para ir para campeonato você só leva 12, se você tem 20, 8 vão ficar de fora então você deve achar uma maneira no campeonato, que todos joguem, porque é da quantidade que você terá qualidade, você deve considerar que parte dos garotos na categoria mini-mirim vão parar ou jogar em outro lugar, ou problema na escola, não se adapta, isso é normal nessa idade. Então daquele grupo que você começou na categoria mirim, vai sobrar poucos, ao você perde muito pelo

meio do caminho....Quando você estiver no infantil, talvez você tenha apenas 2 daqueles, se sobrar, e aí acontece o mesmo problema, não cresceram, não gostaram de treinar o jogo e abandonaram o jogo. Nas categorias menores deveria ter uma regra só, todos deveriam jogar aberto sem pivô, por mais alto que o garoto seja ele deve iniciar jogando aberto, ele pode até entrar no garrafão para receber a bola, mas ele deve jogar aberto.....O campeonato deveria ser de cinco quartos para você aproveitar todos os garotos, você deveria ter festivais, por exemplo: em Campinas se tiver 10 clubes, você deve reunir todos e fazer um torneio e um churrasco, ou com sorvete, para que o garoto possa sempre se interessar, aí ele se motiva devido ao fato de um torneio.

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos na etapa de especialização em basquetebol**

Só muda a intimidade, o garoto com 17 anos, ganha dinheiro para jogar. Agora com 16-18 anos é que você vai virar jogador. Dos 20 que você tinha lá em baixo vão sobrar 4 ou 5 e a maneira de treinar e de jogar será com maior intimidade. Agora deve entrar parte tática, onde você vai trabalhar defesas mistas, conjugadas, com trocas, ajudas, aí tudo fica mais sofisticado porque o cara já passou pelo mais difícil, que é o aprendizado chato dos fundamentos. No basquetebol americano no High School, e na universidade, a defesa é a prioridade e o cara que não defende não joga porque lá é o princípio do jogo....No Brasil o jogador faz a cesta e sai comemorando de costas para adversários, nos Eua os jogadores após a cesta, se preocupam com posicionamento defensivo, porque ele foi condicionado a isso, e tudo no basquete é condicionado. Então nessa etapa o treino é mais apurado, se o jogador tem algum defeito dos 15 aos 17 anos, você ainda consegue tirar....A idéia era os jogadores jogarem todas posições da quadra. Até 18 anos você vai esperar para ver o biótipo do atleta, aí dependendo do biótipo ele vai ser armador ou pivô, e é claro se tiver 2,15m ele joga próximo da cesta e a tática vai depender do que você tem na mão.

**Ataque e defesa na especialização** O basquete brasileiro tem que jogar em velocidade – contra-ataque, deve chegar agredindo. Quando jogar com equipes européias ele não pode ficar armando o jogo, o argentino copiou o europeu e deu certo, porque a cultura é muito parecida com os europeus. Os muitos jogadores argentinos

jogam na Europa, e quando se juntam para seleção, eles tem patriotismo muito forte, eles ganharam medalha olímpica e não quiseram ser recepcionados pelo presidente porque era uma pessoa não eleita pelo povo. No ataque o Brasil deve jogar se movimentando e quem ficar livre arremessa – risos. Para vencer internacionalmente temos que ter um volume de jogo maior porque se nós pararmos para armar o jogo, vamos perder, porque temos poucos jogadores internacionais bons que vão atuar na seleção. Hoje o grande ídolo de futuro é o Leandrinho, e hoje ele ta no basquete americano. O Marcelinho já está parando, já está com 32 anos, mas ele ainda é o principal para o mundial. Acho que o basquete é decidido individualmente, como o americano diz 1x1, então é claro que o embasamento de ataque, saber sair dos defensores, mas a decisão é individual, em especial pela mudança das regras, porque você tem que chegar no ataque agredindo rapidamente para que você tenha logo condição de arremesso. Para o Brasil não adianta muitas jogadas tem que ser algo mais simples, porque não temos muitos pivôs grandes e fortes, só temos o Baby e não sabemos como ele está jogando.....Então temos que usar o Varejão e o Tiago, mas que não são pivôs fixos, por outro lado temos jogadores bons em cima, como Alex e Marcelinho, o Leandrinho que são jogadores que vão decidir o jogo, então temos que dar condições para esses jogadores decidirem.

### **O sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de Especialização**

Nós temos 38 clubes jogando em 2 ligas no Campeonato Nacional, são muitos clubes, nos EUA há 34 na liga americana. Isso significa que são muitas equipes. No entanto quem administra tem que pensar sobre isso e fazer 2 divisões porque há um grande problema financeiro para estas equipes jogarem entre si. No campeonato brasileiro cada um paga o seu, e ficamos arriscados a não ter mais campeonato brasileiro...Nós não temos um centro de preparação, e aí o importante é ter um lugar para treinar. O mais importante é o intercâmbio. Nos anos 80 a Rússia vinha jogar muito no Brasil, e tinham os torneios que sempre vinham times estrangeiros, e é isto que está faltando, para que os jogadores brasileiros possam enfrentar equipes européias, americanas, antes de participar de um campeonato mundial, principalmente nas

categorias de base, para que quando chegar no adulto ele está com experiência de competições internacionais. Um exemplo disso, foi o time dos sonhos americano, que após o jogo, os adversários queriam bater foto com eles, após 3 olimpíadas não se vê mais isso, os jogadores querem ganhar deles e já ganharam em função da experiência internacional adquirida nesse período. Hoje não há mais admiração e sim respeito, por exemplo, o Leandrinho joga com Steve Nach nos EUA, aí lhe pergunto, qual dificuldade ele terá em jogar contra Steve Nach no mundial?

## **Sujeito 7**

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação**

Falar em ensinar técnica, temos que pensar sempre em trabalho individual até 15 anos, e essa é a grande preocupação nossa como técnico não só com as crianças, mas com todos que estamos desenvolvendo nosso trabalho. A grande preocupação nossa esta nos conteúdos que estão sendo passados. O jovem esta lá para aprender e a partir do momento que o conteúdo é bem trabalhado e é passado corretamente para o garoto, ele já vai aprender de forma correta. E se eu puder falar em orientar o que às vezes os técnicos não conseguem enxergar é que o basquetebol é muito amplo, principalmente na fase de iniciação ele não se restringe simplesmente à bandeja, passe, arremesso. O basquete nessa idade tem equilíbrio, coordenação motora, trabalho de lateralidade, e realmente eu não vejo muito isso. O que eu vejo no trabalho com esses jovens é ensinar bater bola com mão direita, esquerda, mas o que eu vejo é que os meninos não tem noção espacial dentro da quadra, as vezes eles se colocam muito agrupados numa parte da quadra, então isso eu vejo que é a parte de orientação do profissional...Agora, posso dizer claramente que eu vejo quando um menino não tem fundamento e quando ele não mostra domínio desses fundamentos e o porque ele terá toda dificuldade em trabalhar a parte tática. E hoje como estou trabalhando com alto nível a gente percebe que o atleta pula etapa. Quando ele chega na categoria adulto, não dominando bem os fundamentos individuais dificulta muito a parte tática. O trabalho que eu faço é que se você trabalhar bastante o fundamento dele, trabalhar bem a questão da lateralidade a

distribuição na quadra, e o professor tem que saber onde o jogador tem que ir, ele vai chegando nas faixas etárias com uma distribuição melhor na quadra, e automaticamente ele vai entender melhor o jogo do basquetebol. Jogar basquetebol é uma coisa e entender é outra, a partir do momento que você entender aquilo que você faz, você fará com maior facilidade.

**Em relação aos sistemas defensivos**, eles são muito complexos e dinâmicos, e às vezes você observa quando pega uma estatística que a equipe perdeu de 80-100 pontos, aí você diz que a defesa está sendo ruim. Às vezes você tem que olhar quando a outra tem uma qualidade ofensiva muito grande. Eu costumo mostrar que para as crianças serem grandes defensoras, elas precisam ter algumas qualidades atléticas. Eu acho que o atleta, o garoto, que tenha uma condição física boa e aliada à esta condição física está a técnica de defesa, a gente sempre diz que o bom defensor não é aquele que fica próximo do atacante. O bom defensor é aquele que mantém uma boa distancia, onde você deixa o atacante em dúvida, se ele está livre ou marcado.

Então, se o garoto tem a bola e o defensor estiver colado nele, ele terá iniciativa de bater pra dentro, e para uma outra situação se o garoto pegar a bola e você estiver muito distante dele, aí ele vai fazer o arremesso, ou ele vai dar um bom passe. O bom defensor é aquele que cria uma dúvida no atacante, ele não sabe se está bem marcado, ou não. Então isso significa ter uma boa técnica de defesa. Agora a gente fala que a perna do marcador tem que ser muito rápida, e pra isso tem que trabalhar muito a perna, muita movimentação da perna. A mesma velocidade que ele tem que ter de perna, ele tem que ter de braço e muito raciocínio. Agente sempre deve falar para eles - *Vocês tem sempre que estar entre a bola, a cesta e o jogador adversário....* Vamos analisar - se o jogador estiver com a bola, você tem que estar entre o jogador e a cesta, para sempre poder dificultar a infiltração do jogador. A defesa parte do princípio que você tem que fazer um bom ataque. Se você faz um ataque precipitado, forçado, automaticamente você vai ter desequilíbrio na defesa, ela não vai ser boa. Se você atacar equilibrado com consciência, mudança de direção, de lado. Quando você voltar para defesa mesmo não tendo sucesso nesse tipo de ataque, você estará com a defesa compactada. Daí você vai dificultar a penetração do adversário, então isso é o sentido de uma boa defesa. Apesar de eu estar dirigindo o universo Brasília, o que me trouxe



aqui foram as categorias de base, e eu entendo que na base temos que trabalhar todos os tipos de defesa.....A defesa individual, a individual pressionada, a individual com mais ajuda, mais cobertura, porque as vezes o técnico diz, vamos marcar individual, mas tem vários tipos de defesa individual, você tem a forma de marcar individual pressionado, a forma de marcar individual com ajuda, você tem a forma de marcar 2 individuais e 3 fechados pra fazer a cobertura, então você tem que trabalhar várias situações de defesa individual, você tem que marcar todas formas de defesa que na verdade já é sabedoria de todos, marcação 2x3, 1x2x2, 1x3x1, então todas essas marcações por zona você tem que trabalhar com seus jogadores e você tem que fazer também as marcações combinadas. Vou falar uma coisa para você leitor - eu tô com 45 anos, meu filho tem 7, e ele tem uma facilidade de aprender mais rápido que eu, por exemplo parto do princípio que o garoto até 15 anos, tem uma mente muito rápida, e ele aprende muito rápido as coisas, é tudo muito fácil para aprender. Então o que não pode é passar todas as defesas no mesmo dia, na mesma semana. Não, o trabalho é numa temporada, você vai passando as defesas por temporada, agora eu não tenho dúvida nenhuma que ele tem que aprender todas. Porque se ele aprender todas, vai ficar muito mais fácil de uma comunicação entre os jogadores e o técnico.

**Em relação aos sistemas ofensivos,** eu falo para os meus jogadores principalmente no treinamento, quando a gente vai corrigir a parte tática, ou fazendo um ataque contra homem ou contra zona, que ele só passa a decidir depois do 5º ou 6º passe. Porque se você definir a bola depois do 5º ou 6º passe, todos jogadores vão por a mão na bola, aí você faz a defesa se desgastar. Num ataque com as categorias menores todos jogadores devem estar com mão na bola, aí você vai trabalhar em cima da defesa onde é o ponto falho da defesa. É o que hoje eu vejo muito em categorias menores a individualização. Hoje nós estamos com reflexo muito negativo da NBA, na NBA é praticamente 1, 2 passes e a conclusão, isso para nossas categorias menores é terrível, porque o prazer de jogar basquete é por as mãos na bola, você pode dar um passe, bater para dentro, fazer um arremesso. Então em todas as categorias menores que eu trabalhei, eu exigia que minhas equipes trabalhassem bastante a bola. O prazer de você jogar basquete, ou qualquer outro esporte que tenha bola, é você ter contato com a bola, agora você não ter contato com a bola é terrível. Se eu falar para você

assim, não tem um jogador de basquete que não gosta de marcar, que não gosta de fazer bloqueio “nenhum”, porque ele sabe que na hora de marcar, de fazer o sacrifício dele, agora quando ele estiver no ataque ele quer ter também o prazer de estar com a bola na mão, de poder fazer uma jogada bonita, dar um passe com efeito, poder fazer um arremesso. Agora isso os técnicos tem que exigir das suas equipes que os atletas façam trabalho de passes. Agora eu digo “Qual é a jogada que é boa?”...Hoje em dia o basquete ficou tão rápido que a cada tempo que passa eles estão diminuindo mais o tempo de posse de bola, aí você fala para mim isso dificulta, o trabalho de passes, mas isso não dificulta não. O que acontece quando você vê uma equipe que não passa a bola é uma equipe que não se movimenta dentro de quadra, toda equipe tem que se movimentar muito sem bola para poder ter a posse de bola para jogar. O jogador que fica parado, fica no banco. O basquete é um jogo muito dinâmico, tem que se movimentar o tempo todo e tem que ter sincronismo e se movimentando no sentido da bola para estar recebendo-a no movimento da seqüência do passe ou para bater para dentro. Na iniciação, ou categorias menores tem que ter movimentações simples ofensivas e poucas movimentações estruturadas. Eu não sou favorável, a você fazer só jogada contra individual, 4 ou 5 jogadas contra zona. Se você por exemplo fizer do perfil atlético da sua equipe não adianta nada, essas jogadas porque você não tem um garoto que é pivô fixo. Você tem que fazer uma movimentação para todos, você tem que criar uma situação de movimento para que você não tenha a obrigação de jogar com pivô de baixo. Você tem que criar situações de movimento de acordo com sua equipe, eu acho que não deve ter mais de 4 jogadas contra individual e 2 ou 3 contra zona, o que você tem que fazer é sistematizar os movimentos.

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de iniciação**

Olhar para mim é muito fácil, se eu sentar 10 minutos em um treinamento, eu vou observar o perfil atlético, eu tenho condições de dizer a você sem chances de errar, se o profissional ta trabalhando de acordo. Se naquela equipe tem algum talento que vai jogar basquete. Eu posso até dizer pela experiência que eu tenho que um garoto de 15,

16 anos até que nível ele vai chegar. Se ele vai chegar na NBA, se vai ter chance de jogar na Europa, se esse jogador mediano, ou pode jogar na seleção, rapidamente já vou ter uma definição...No trabalho que nós fazemos na prática, nós já conseguimos visualizar e não perder etapas, porque às vezes você tem um grupo e está perdendo etapas. E aí você pode estar apostando num grupo que não tem condições nenhuma de evoluir. Às vezes falta o perfil atlético adequado, falta o lado emocional que é muito importante, o lado emocional dele tem um limite, isso tem que ser trabalhado, e você tem que identificar isso rápido, porque tem meninos que se você passar 1 ou 2 movimentos, eles resolvem rapidamente, por outro lado tem outros que não conseguem resolver e se desenvolver e isto precisa ser trabalhado muito com ele, porque automaticamente se ele aceita este desafio ele vai longe. Na verdade, eu percebo que existe profissionais que não tem essa experiência e às vezes fica insistindo com aquele garoto, e ele não vai desenvolver porque ele não tem condições. Eu às vezes cheguei a ver absurdos - o técnico dizer que ele tem que fazer isto ou aquilo, o menino ter que fazer, já uma diferença muito grande de quando ele quer fazer. Então esta é uma avaliação que os profissionais tem que ter....Eu não vejo a questão do desenvolvimento dos atletas baseado na idade, ter 18 anos não quer dizer que está amadurecido. Já teve jogadores que amadureceram com 24 anos. No meio do basquete se ele não estiver no meio do adulto ele está fora e isso é absurdo, barbaridade. Já vi jogadores do juvenil (19 anos) principalmente no estado de SP, aí ele fica com compromisso de que se não conseguir jogar no adulto ele se acabou... agora você imagina um menino de 19 anos com este conceito na cabeça, e eu vejo que um monte de técnicos que às vezes só contratam o jogador se ele tem idade juvenil. Você tem que contratar o atleta pela capacidade dele e precisa dar um tempo para seu amadurecimento.

No que diz respeito ao **ensino do basquetebol no clube** o maior problema do clube, e eu culpo muito os ex atletas e jogadores, porque os ex atletas param de jogar e imediatamente nem no ginásio ele vai mais, não acompanha mais, nem o diretor. O presidente do clube, na maioria das vezes nunca foram atletas. O dirigente quer o resultado, e para tê-lo aí você precisa de trabalho e de tempo, o resultado imediato (é enganoso). Você até pode ter patrocinador e se ele está com boas condições financeiras ele vai buscar melhores técnicos, melhores jogadores e terá resultado

imediatamente, mas não resolve a longo prazo. Agora, quando você pensa em trabalhar a médio e longo prazo, você tem que ter toda estrutura, na qual o resultado virá após anos de trabalhos e estudos, que você vai fazer em cima de cada categoria e você precisa de tempo para isso, agora é lógico que se você contrata um bom profissional ele vai encurtar esse tempo, porque financeiramente ele custa mais e encurta o tempo, que é o que eles querem, classificar, disputar as semi-finais, play offs, e conquistar títulos, ele já tem experiência e rapidamente consegue montar grupos e conseguir isso. Os grupos fortes precisam de muito, eles dão mínimo e cobram o máximo, então isso a gente vê muito. Por isso que essa próxima etapa da minha vida quero ser dirigente, quero dar tempo ao tempo....Em relação ao ensino do basquetebol na escola, cada escola é administrada de uma forma, cada uma tem sua diretora, e tem aquela escola que tem seu professor de Ed. Física. Se eu fosse trabalhar numa escola lá teria basquetebol. Toda escola tem bola e quadra e o que mais precisa é o professor. Então o esporte não tá sendo aproveitado. Os profissionais da Ed. Física, são muito acomodados, e estes não seriam concorrentes para mim, porque se amanhã eu for para escola vou trabalhar todas as modalidades, vou ensinar a meninada porque o produto está na escola, que é o jovem. Principalmente porque eles são obrigados à fazer Ed. Física, e se eu disser para eles que eles tem que jogar Rúgbi, eles vão jogar, ou futebol. Eu acho errado porque ele tem que fazer o que gosta. E se fizer o que gosta ele vai fazer bem. Você precisa conquistar os garotos dando aquilo que eles gostam para conquistar os garotos e depois fazer uma aula de coordenação motora e os outros conteúdos da educação física.

**No que diz respeito as competições**, hoje nós temos 2 entidades, uma é a escolar, aqui os jogos escolares deveriam ser feitos nas cidades depois selecionar os campeões da cidade e da escola, depois ele ia se regionalizando até chegar a final do Estado. Eu me lembro que na época que eu jogava, fomos campeões estaduais fazendo isso. Eu morava na região de Franca aí fomos campeões de Franca depois da região, depois fomos para SP e campeões do estado. Estas competições existem, mas a forma que é feita é só para cumprir calendário. Todas as cidades tem coordenadoria de esportes, e é lá que tem que ser feita as competições.....No caso das federações, em SP está tendo as ligas de basquetebol e estão bastante fortalecidas,

porque elas baratearam o custo e as maiorias das cidades participam dos campeonatos. Até 16 anos são competições regionais e depois do 2º Semestre é classificatória e vai para Estadual, e são competições importantes e você pode paralelamente disputar 2 competições. É lógico que se você for para o lado das confederações são mais fortalecidas, aí você terá que fazer a seleção da cidade você já trabalha o menino para o resultado. Aí eu acho que não precisa ter mais competições. Eu tive um técnico chamado Edvar Simões, que diz que o garoto precisa jogar, mas também precisa treinar, e com muitos jogos não terá tempo para treinar. Então se você tiver esses 2 segmentos de treinamentos e competição, vai dar muito bem para você jogar e treinar.

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos na etapa de especialização em basquetebol**

**Os fundamentos** não mudam, desde a iniciação até a NBA, porque são os mesmos fundamentos, só que a forma de execução deve ser analisada para cada categoria. A execução dos fundamentos nessa etapa, devem ser mais rápidos, mais ágeis, e aí na execução os garotos deverão ter muitos erros, vai ser mais lento o processo, mais a mesma coisa que você fez na outra etapa você deverá fazer nessa e a principal é você fazer com que os garotos gostem e entendam o que estão fazendo...Você tem que ensinar todos os fundamentos, por ex- em relação aos passes, eles precisam ser treinados em todos os tipos em movimento, por exemplo: o drible deve ser em velocidade intensa, sempre com a esquerda e direita, para que os jogadores desenvolvam os dois lados; você tem que trabalhar o jogador sem bola para que ele aprenda corretamente, por exemplo fazer o corta-luz ou o bloqueio, por exemplo: se seu companheiro de ataque for sair para o lado direito ou esquerdo, o jogador sem bola deve saber realizar o corta luz, porque são detalhes técnicos decisivos nessa fase, hoje em dia joga-se muito basquetebol em dupla. Eu posso dizer que existe oito formas de marcar o ataque de dupla, e ainda cada jogador tem facilidade de jogar de dupla de um jeito, aí você precisa ensinar os seus jogadores os fundamentos para isso. Um armador que não tem um bom arremesso, aí você faz a

jogada de dupla passando por trás do jogador. Às vezes você vai pegar um armador que não tem bom drible com a esquerda, aí você vai levar o jogador a ir para o lado esquerdo, e aí ele terá dificuldade em jogada dupla, então todas essas opções tem que treinar. Porque você enquanto defensor deve induzir o atacante para seu lado mais fraco, automaticamente o defensor irá levar o atacante para o lado que ele tem mais facilidade, e é aí que faz a diferença, e esse trabalho você tem que mostrar e fazer seus atletas entender, e se eles não entenderem, vão executar porque você é o técnico e você pressiona e grita, o mais importante é que eles entendam o porque de estar fazendo aquilo, daí eles aprendem e não esquecem mais.

**Em relação aos sistemas defensivos** é a mesma coisa, você não deve passar todas as defesas de uma vez para os garotos, eu cometi muito esse erro. Se os garotos não aprenderem na etapa de 13 a 15 anos eu vou ter que retomar isso. Daí muitos treinadores optam por marcar zona porque lhe dá o resultado mais rápido. Aí a marcação por zona que vejo é para jogador pensar pouco e daí você tem resultado imediato. Você tem que ensinar todos os tipos de defesa por zona e individual e se você observar hoje, muitas defesas por zona estão individualizadas, Hoje falamos que marcamos o homem na zona, quando a bola esta com o jogador sendo marcado individual, ou outros estão fechadinhos. Agora o que eu falo que você não deve pular etapas porque tem um garoto que entra na sua equipe e não sabe tudo isso, e você como técnico tem que trabalhar tudo isso para que quando precisar de uma ou outra que adapte a sua equipe você possa utilizá-la.

**Em relação aos sistemas de ataque** tenho certeza que precisamos ter paciência. Nós falamos muito que o Brasil têm dificuldade em jogar 5x5 em meia quadra principalmente e 5x5 precisa ter paciência, ou seja é preciso trabalhar a bola, como havia dito anteriormente ensinar a trabalhar 5, 6 passes, principalmente nas categorias de 16 à 19 anos, e se você conseguir que estas equipes trabalhem 5, 6, 7 passes antes de uma definição, quando estiver jogando 5x5 em meia quadra nós não perderemos para ninguém, porque você vai fazer que todos atletas peguem na bola, que todos fiquem com condição de jogo e todos eles ficam com decisão e eles aprendem que o melhor momento de atacar no jogo é quando estiverem bem posicionados e de preferência livres para os arremessos. Eu defendo o princípio que a bola tem que

passar por todos, mas dentro de um sistema, e quando você receber a bola em condição ofensiva de ataque, e quando surgir a oportunidade de você finalizar depois da bola ter sido passada por todos eles, todos ficam mais seguros na decisão e criam um ambiente mais positivo no grupo ou na equipe....Hoje o meu trabalho na equipe adulta é o jogo 5x5 em meia quadra. O Brasil jogou 50 anos na transição, assim é a melhor maneira de jogar, só que hoje em dia todos são super atletas. Os nossos jogadores são trabalhados em situações rápidas, e eu falo para minha equipe que se tiver em uma situação rápida e você fizer a cesta, e na outra continua fazendo, agora se você teve uma situação rápida e não teve sucesso, na próxima não pode fazer a mesma coisa. Hoje no meio do basquete se fala em posições 1, 2, 3, 4, 5, hoje não dá mais para jogar com 2 pivôs nº1, porque se você jogar com 2 pivôs nº1, você congestionava o espaço que só cabe um, o jogo hoje é 1 pivô, 2 laterais de força e 2 armadores, você jogando desta forma vai abrir o garrafão e ter mais facilidades para entrar. O sistema triângulo é muito bom para categorias infante e juvenis, para que eles joguem com um fixo e 3 se movimentando, porque ele vai fazer com que o atleta passe e se movimente e praticamente não tem uma posição fixa. As jogadas de dupla são importantes para buscar a penetração.

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de especialização**

Vou iniciar falando do sistema Argentino, há 10 anos os dirigentes e patrocinadores argentinos fizeram um projeto de investimento nas categorias menores. Então eles investiram há 10 anos na geração de ouro olímpico, o resultado que estão colhendo hoje é o investimento de 10 anos. Nosso atleta hoje conquista alguma coisa para depois ser patrocinado, a argentina fez diferente, se você tentar comparar o nível físico você vai ver que não tem comparação, nós temos uma mistura de raça muito grande e isso vai dar nos atletas que temos, versáteis. Só que nós não temos investimento na base, investimento de saúde, alimentação, bons locais para treinar, se tivéssemos e sem cobranças a curto prazo aí o resultado viria lá na frente....O grande problema dos treinadores brasileiros que atuam com as seleções infante cadete e juvenil é que são técnicos do adulto, isso significa que é completamente diferente, por

exemplo:- tem jogador adulto que você não precisa falar o que ele tem que fazer porque ele já está pronto, o garoto não é assim. Então o erro maior é colocar técnicos de categorias adultas para dirigir categorias menores. Em minha opinião, técnicos de seleção de base deverão ser técnicos com experiências nessas categorias e o técnico da seleção principal deve acompanhar todo trabalho, porque a filosofia deve ser em busca da seleção principal e isso já seria um dos grandes fatores motivacionais para os atletas mais jovens.

## **Sujeito 8**

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação**

Bom, na iniciação é muito importante fazer todo um trabalho em cima da coordenação, principalmente para o basquetebol e principalmente de 7 a 10 anos de idade, onde os garotos começam a dominar alguns fundamentos e também a saltar, pular. Então, essa parte da coordenação é muito importante com e sem bola....Nas categorias de mini-mirim, devem ser priorizados os fundamentos básicos o passe, drible, e todos os outros e os movimentos básicos de defesa, por zona, individual, e ir adaptando a cada idade, se deve fazer uma defesa já com contato, com suas triangulações, mas principalmente o fundamento do passe... depois arremessos, bandeja e drible.....Até 10 anos o garoto deve aprender o basquetebol brincando, não pode ter competição. À partir dos 11 anos é que você começa dar treinamento, mas não em carga igual a gente vê muito hoje, carga de treinamento como se fossem jogadores profissionais, né, treinando todos os dias e isso os afasta. Temos que trabalhar fundamentos nas categorias de base e você deixar o lado lúdico o lado criativo da criança se desenvolver. Então você aprende e ensina naturalmente, através do jogo, dos joguinhos os fundamentos de forma recreativa...

**Em relação à defesa** Você deve dar uma noção de defesa por zona..., mas o que se faz hoje é uma defesa fechadinha, para fazer os jogadores errarem, porque nessa idade é difícil acertar arremessos de longa distancia, então é importante a defesa individual e se você dar esse tipo de zona mach-up – dobrando para desenvolver o



raciocínio, 2x3, 3x2, 1x2x2 tudo bem mas o que a maioria faz é pensar em competição é só para ganhar o campeonato.

**Em relação ao ataque** Bom é muito importante você ensinar o ataque como se faz na Europa, principalmente na Iugoslávia que é a **rotação**, onde todos jogam de frente para a cesta, e não priorizar o menino com 12, 13, 14 anos que já vai ser o pivô, o outro já vai ser armador e outro já vai ser lateral. Então, naturalmente eles vão passando por todas as posições, primeiro jogando de frente para o cesto depois de costas para o cesto e a partir de 15 anos você começa a ir direcionando os jogadores para cada posição.

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de iniciação**

**O perfil ideal** do ensino na escola por exemplo, eu acho que tem que ser o lado educacional mesmo...O profissional tem que ter compromisso de educadores, ele tem que entender que o esporte não é só competição e que alguns vão se sobressair, nem todos viram jogador, mas eles podem ser futuros patrocinadores, futuros dirigentes, futuros técnicos e futuros diretores...Eu acho que o nosso maior problema é a cobrança dos pais, a falta de uma filosofia do esporte escolar a falta de por ex. não ter patrocinadores. Os pais no Brasil auxiliam muito as categorias de base e no momento que vira **paitrocinador** ele vai cobrar e ai ele exige muito do filho jogar... e exerce uma pressão sobre os técnicos que estão iniciando e eles de uma certa forma se vendem... E aí é mais difícil lidar com o pai do que com os outros que fazem parte do sistema...**Em relação às competições;-** O lado bom é você ter competições, mas saudáveis. Nós temos um exemplo em São Paulo onde foram criadas 5-6 ligas e cada liga tem 20, 50 equipes em cada categoria então isso multiplicou o número de equipes e a federação entendeu que somado a tudo isso ela tem categorias com 150 equipes que é muito importante a nível competitivo... Vão competindo até chegar o título do Estado, então se os outros estados tivessem também essa mesma estrutura, porque do maior número a gente tira uma qualidade, mas o mais importante até 15 anos é você fazer tudo de uma forma recreativa e não muito competitiva... Não deve ser igual o profissional que a gente vê que se quer só o resultado a qualquer preço...

## **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos na etapa de especialização em basquetebol**

Agora os **fundamentos** nessa etapa, devem ser bem mais específico né. Bom, são os mesmos fundamentos, mas de uma forma mais competitiva, mais intensa, seria a carga de treinamento aonde você já aumentaria o número de repetições... teria que melhorar a qualidade dos resultados mas, priorizando sempre o lado educacional porque por mais que você seja competitivo, que você vai virar um jogador infantil, infante, juvenil e adulto, o mais importante não pode ser só o resultado, e sim a confraternização o lado social dele e o lado da saúde dele...

**A Defesa na Especialização;-** Bom, eu acho que tem que ser passado todos os tipos de defesa, mas a gente tem que dar prioridade principalmente para a parte individual, para as defesas por zona você priorizar as que você combina ou que você busca fazer a dobra... você deve fazer em quadra toda, meia quadra,  $\frac{3}{4}$  de quadra para exigir que o ataque treine os vários fundamentos. Na defesa por zona você trabalha basicamente dois fundamentos: o passe e o arremesso, aí todo mundo quer fazer isso porque quer ganhar o campeonato...Eu acho que dessa forma, e já existem estudos, existem várias discussões, é buscar em nível de federação que seja obrigatório a defesa individual e a proibição da zona estática em categorias abaixo de 15 anos...

**O Ataque na Especialização** Ah! Eu acho que você já pode ir incorporando as coisas táticas, movimentação, sistemas, passing game, triângulo, algumas jogadinhas, mas o que a gente vê muito é os treinadores ficar muito tempo do treinamento nessa parte tática... fica dando movimento de várias jogadas, exigindo isso, onde que deveria ser mais livre... O que deve ser é desenvolver conceitos de ataque e não jogadas, se eu trabalhar com conceitos para desenvolver no atleta o entendimento da leitura do jogo, ele vai aprender qualquer tipo de ataque e como deve ser feito, ele deve aprender os fundamentos que devem ser executados, eu entendo que se você tem bons fundamentos, naturalmente você necessita menos de jogadas...

**Condições dos Clubes;-** bom, eu não vejo desvantagens, o que eu vejo é que se for bem administrado, bem direcionado, fora da quadra com valores, não só a busca de títulos, exigir valores sociais, valores de confraternização é competições saudáveis ai eu não vejo coisas negativas nos clubes e na atividade competitiva....A primeira parte é

que o país tem que entender que não é o só o basquete que temos em nossas vidas, eu como técnico, você como profissional, porque em primeiro lugar vem o dinheiro... E no momento que você ganha menos... por exemplo, o clube tem menos sócios para pagar, os clubes não tem patrocinador, os sócios dos clubes reclamam se você monta equipe competitiva, isso tudo reflete no dinheiro. Nada teria na NBA se não tivesse dinheiro se ninguém pagasse ninguém... O país Brasil está mais pobre... está dando uma melhorada, para a classe pobre mas a média a cada ano sofre mais golpes e golpes... Então quem faz esporte competitivo hoje nos clubes é praticante a classe média não é... É a gente vê que existe uma falta de poder público a nível escolar a nível de prefeitura aonde se vê muito dinheiro, mas é muito pouco a aplicação nas secretarias de esporte. No próprio Ministério nós não vemos nenhuma política de esporte... tipo uma lei mas não é só de incentivo não... Nós vemos nosso dinheiro desaparecer e não ser investido no esporte principalmente na escola... E vemos o Brasil cada vez mais pobre.

A gente tem as **competições**, os clubes, e daí, se não tiver uma política saudável acaba...Então a culpa não é da CBB das federações do Guerrinha ou sua pesquisador é da política...O vôlei... existi o vôlei no Brasil e o Vôlei do Brasil.. O vôlei do Brasil é esse que tem os resultados m nível internacional... agora é um esporte muito pouco praticado no mundo... Os Estados Unidos que é a grande potência no esporte, olha como é o vôlei... Agora olha como é o basquetebol... no vôlei no Brasil quais são as competições que tem... existe no Brasil e o números de jogos e competições em primeiro lugar é o futebol depois é o basquetebol masculino, esse é o basquete no Brasil... Então existe uma divulgação e uma fomentação muito grande por parte do vôlei, mas na realidade existe 2 vôlei.

E o basquete do **Brasil aí sim está faltando resultado**... ta faltando a gente ir para as Olimpíadas. Você pega aí o último campeão mundial que foi a Sérvia - Montenegro ela ficou em décimo segundo nas Olimpíadas. Para você ver o nível que é... Os Estados Unidos faz um mundial dentro do seu país e fica com quinto lugar... Então o basquetebol masculino é muito competitivo. Então para você chegar a disputar uma Olimpíada entre as doze melhores você vai jogar com países como a Itália, a Espanha, esses são países que investem muito no basquetebol. Não adianta então

você chegar perto da Olimpíada e querer falar em medalha e aí eu pergunto qual é a política esportiva que o país tem... Então isso é uma coisa para você questionar?

**Em relação às seleções;**- bom, existem importantes valores no Brasil porque ele é muito grande... Mas eles só querem saber de resultados e resultado é só títulos... Nem sempre é isso por exemplo... Você vê vários jogadores das seleções de base indo para a adulta, você vê vários jogadores jogando na Europa e indo para a NBA, isso é resultado de trabalho... Você pode fazer uma seleção permanente como a Argentina faz e ser campeão... Mas o Brasil é muito grande. A Argentina é pequena e lá isso é possível....O Brasil não pode ter um centro de treinamento só tem que ter vários. É você deve ter sub-sedes, um no nordeste um no centro-oeste, um no sul e depois ter uma única onde você junta ou reúne tudo isso... Daí você poderá fazer um trabalho melhor, ter valores, passar treinamentos para escola... ter encontros com técnicos, formar jogadores, fazer várias reuniões. O que nós já estamos fazendo é uma padronização hoje...Para as categorias de base sobre os conceitos do ensino...Hoje temos testes psicológicos em todas as categorias da seleção...Naturalmente o trabalho está caminhando, mas não é um trabalho do dia para a noite.

## **Sujeito 9**

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação**

Olha, aqui no nosso programa, nós trabalhamos no pré-mirim, com uma seqüência de fundamentos, numa seqüência de fundamentos começamos com o drible, passe e arremessos... Esses fundamentos são passados a essas crianças de uma forma lúdica... Onde a criança começa a visualizar o que é certo e o que é errado... Sem cobrança na liberdade de se expressar... Não é cobrado tanto a técnica exata, por exemplo no fundamento do arremesso... Já na categoria mirim a gente começa a cobrar mais a técnica correta... E a gente segue uma seqüência desde o pré - mini até o juvenil, para ensinar a técnica de forma mais complexa e mais próxima do ideal....Nós ensinamos de várias formas, por exemplo: o drible nós temos muitos materiais e fazemos de forma recreativa... com diferentes bolas. A gente deixa para a criança vivenciar de várias formas até o mini...No mini nós já começamos a mostrar o que é os

fundamentos... Ela começa a entender para quer usar os fundamentos...O passe e o drible no mini, já há uma interferência maior e o arremesso mais na categoria infantil...Pelo tempo que estamos no projeto e pela literatura que pesquisamos, nós temos visto que não adianta acelerar o processo de aprendizagem para a criança que não está preparada fisicamente e mentalmente... fazer com que ela tenha a execução perfeita nessas fases você pode criar uma expectativa de desinteresse pelo basquetebol...Na verdade ela procura até 11-12 anos o esporte mais para brincar do que para treinar para ser atleta... Então nós temos que entender isso e brincar junto com ela... Aí o basquetebol passa ser uma brincadeira legal... e depois ele passa a se tornar realmente um esporte na vida dela se ela quiser continuar nesse esporte...

**No que diz respeito aos sistemas defensivos**, até o mini só trabalhamos com a defesa individual, porque nós entendemos que a menina vai aprender o passe, o drible e os arremessos de uma maneira mais difícil e se ela tiver uma defesa mais próxima acompanhando, ela... isso vai acontecer e daí ela vai aprender a tomar atitude... Agora se a gente ensinar esses fundamentos com bastante espaço, por que a defesa por zona só libera espaço para arremessos e dificilmente ela vai treinar as assistências e as infiltrações e ela não estará preparada para fazer isso na defesa por zona...Nós durante o mini algumas vezes mais principalmente no final do ano nos torneios do mirim nós ensinamos atacar contra zona porque essa é a nossa maior dificuldade...Ela aprende individual o tempo todo e depois tem que jogar contra zona porque as equipes que jogamos nos marcam por zona... Por isso, trabalhamos de vez enquanto. Em minha opinião, todos os técnicos deveriam trabalhar até o mirim só a defesa individual... e só a partir do mirim deveria ser qualquer tipo de defesa. A gente vê que no mirim a menina já tem mais condições técnicas e confia mais nela mesma. Já é melhor na mão direita na mão esquerda já faz uma bandeja diferente, com a esquerda por exemplo, já faz um jumpinho... então poderia a partir daí, ver outros tipos de defesa... porque ela já se sente mais confiante para isso aí...Eu acho importante as defesas pressionadas e já começamos no mini porque já tem competições e quando entra competições temos que ir na realidade do negócio de como é uma competição... E eu acho que deverá ser a pressão individual quadra inteira meia quadra... Eu acho importante porque trabalha bastante com o psicológico da menina ela já começa viver

situações adversas... Se a gente ficar segurando muito essas situações ficará mais difícil para ela aprender... Até 12 anos nós trabalhamos meia quadra só... Depois 13-14 já entramos com pressão quadra toda individual e não por zona...

**Em relação aos sistemas ofensivos:-** para entender o ataque partimos do princípio que na defesa ela deva acompanhar sempre a sua adversária... Não há ainda muitas coberturas... Em relação ao ataque não vamos falar em jogadas no ataque ou organizações ofensivas... Vamos falar em jogo livre. O que é jogo livre? O jogo livre tem algumas regras de ocupação do espaço, mas ele dá para a menina a liberdade para jogar... Ela não tem a situação de fazer jogadas... a gente aqui até o mini não ensinamos nem corta-luz – Já no mirim começamos a ensinar o corta-luz... Porque a gente acredita que primeiro ela precisa se virar sozinha, saber jogar sozinha sem atrapalhar a outra é claro... E depois ela começa a jogar em dupla, em trios, e assim por diante mas, na cabeça dela nós entendemos que ela deva jogar livre... Que é perfeitamente normal pela característica psicológica da menina... Ela é egocêntrica, egoísta, e se você começar a falar de outras coisas, conceitos ou princípios você estará indo contra o desenvolvimento delas... E aí depois a gente começa a falar das outras situações... Então para nós aqui é o jogo livre, nos Estados Unidos é o passing-game que é passar e seguir, na Europa eles usam bastante o passar e seguir também, então a gente usa muito isso... Depois no mirim falamos bastante sobre posicionamento, se vai jogar como pivô ou não, mas usamos muito 4 abertas ou 3 abertas e 2 mais próximos ao garrafão...

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de iniciação**

Não podemos nos basear em modelos de outros países... porque temos o nosso próprio e o brasileiro é muito criativo... tanto os técnicos quanto os atletas... Na criatividade elas criam muitas situações, na realidade não dá para dizer que o Brasil joga assim ou assado é muito difícil um modelo aqui... Porque tempos atrás na época da Vânia Teixeira nós não tínhamos pivô. Eram jogadoras baixas... Depois nós tivemos uma época que apareceu mais pivôs e tivemos outro cenário e daí começamos a nos apresentar de outra forma. A gente oscila muito porque depende muito das safras... não

é que nem nos Estados Unidos que tem 4 mulheres na seleção acima de 1,90m sempre... Aí temos que ser criativos para jogar... Mas os técnicos do Brasil no caso do feminino lidam muito bem com isso...

Nosso **perfil** é a criatividade e a versatilidade... são jogadoras muito inteligentes... Temos que trabalhar isso na base e selecionar bem as jogadoras... Aqui em Osasco temos 1000 crianças no projeto fazendo basquete... Quem nós vamos selecionar... as meninas com esse perfil... biótipo longe líneo criativa e versátil... as baixinhas inteligentes também... são rápidas e você não pode deixar fora do contexto por que as vezes faz a diferença, temos que selecionar, pela criatividade, pelo biótipo, pela inteligência mas não é só isso... A gente entende que até mini não existe função nenhuma na quadra... todas as armadoras, lateral e pivô... não tem nome, elas jogam brincam, e vamos embora tocando o barco... No mini-mirim nós determinamos quem joga fora e quem joga dentro... Mas a menina que joga dentro vai fazer todos os trabalhos de quem joga fora e vice-versa... Mas como ela é maiorzinha colocamos mais próxima da cesta...

No mirim nós já falamos sobre as nomenclaturas, como exemplo:

- a) As funções das armadoras
- b) As funções das laterais
- c) As funções dos pivôs.

Mas mesmo assim, o tipo de jogo que fazemos aqui é muito versátil, e obrigam elas a jogarem tanto de costas como de frente para o cesto...

Em relação ao **ensino nas escolas** vejo muitas deficiências no trabalho da educação física é... desde a 1ª a 5ª séries. E aí perdemos os pré-requisitos básicos para a aprendizagem do basquetebol... Há tentativas isoladas, mas não resolve o problema da E.F... Acho que o Brasil tem muito talento, mas bem pouco lapidado... muito talento perdido porque não temos nas escolas o recrutamento desses talentos. Nos clubes eu acho que é muito fechado e o acesso da classe média para a alta... Aí perdemos duas situações de buscar talentos... A Austrália tem a escola que faz a base desportiva... Existem muitos centros e esses centros, sabem o que as escolas fazem, sabem de todos os talentos, seus históricos, físicos, etc... Então eles já sabem dos talentos e já encaminham para os centros para ver qual modalidade ela vai melhor... O

Brasil nisso é ainda muito precário...Existem várias idéias... mas eu acho que teria que começar pelas escolas...

Quando **se trata das competições** como forma de ensino, eu acho que no mini ser campeão a qualquer custo aí as competições são precoces... Até 13 anos eu acho que tem que ter a competição, mas evitar um único campeão. Essas competições devem existir em forma de circuitos, fazer finais de semana, mas que não tivesse um único campeão. Deveria ter jogos, festivais, encontros obrigando a defesa individual, entre outras regras que poderia ser criadas. No masculino com 12 já existe o campeão estadual, para que?..A partir de 14 anos eu acho que no feminino já poderia ser com um único campeão...Antes disso a gente começa a acelerar o processo até pela ansiedade do técnico em ser campeão... aí começa a fazer jogadas, 3 a 4 tipos de defesa e no fim a criança vai ser prejudicada. A criança estará sendo massacrada e não vai evoluir... e a gente vê muitos mini campeões e poucos campeões adultos...

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos na etapa de especialização em basquetebol**

Para elaborar melhor o nosso planejamento de ensino dos fundamentos de técnicos e táticos, nós trabalhamos com estatísticas onde mapeamos o que as jogadoras fazem nos treinos e nos jogos e aí a gente bate muito em cima dos fundamentos nos treinamentos:-

- A correção é maior
- Deve-se buscar ter poucos erros
- Busca-se atingir metas

Por exemplo: no lance livre nós já vamos colocar metas: vamos dar notas para elas no infante e cadete a média deverá ser 70%... e aí a equipe toda trabalha para isso... atingir a meta. Os passes errados no jogo, não deverá ultrapassar 25. Aí já começamos o trabalho dos fundamentos em grupo... e aí entra a correção dos arremessos: através das filmagens, detectamos os posicionamentos dos braços a e a posição das pernas... entramos pesado no trabalho técnico... nessas faixas pegamos bastante no pé delas... A partir das estatísticas, feitas através das filmagens e as



atletas estudando é que trabalhamos os fundamentos...Porque nessas fases as meninas devem estar prontas para o esporte que escolheram e é isso apenas que ela vai fazer se quer chegar a ser uma jogadora adulta...E se a gente não fizer assim elas não vão chegar bem na fase adulta...Se nós pensarmos nessas fases de cadete e infanto-juvenil em só ser campeã e passar por cima dos fundamentos técnicos a menina terá carreira curta. E no adulto caso chegar terá dificuldades para jogar...Ao olhar no aquecimento já dá para ver quem tem dificuldades de fazer a bandeja pelo lado esquerdo. Sendo assim nós iniciamos as sessões de treinamento pelo método analítico... exemplo no arremesso:

- a) Primeiro ela aprende ou treina sozinha acertando posição de braços e pernas; depois vamos para as:-
- b) Situações de jogo onde ela aprende a preparar para a outra arremessar. Situações de 3x2, etc.

Agora os fundamentos para nós no jogo é a estatística. No treinamento, fazemos a estatística da jogadora tal... Nos amistosos também e nas competições também e dependendo dos resultados vamos no treinamento, treinando os defeitos... Daí, ainda fazemos as estatísticas de play-off e fases finais. Porque tem meninas que na hora do play-off some apaga... e é diferente de quando a mesma está num jogo amistoso...Fazemos assim no arremesso e para todos os fundamentos...Agora nessas fases os exercícios são treinados na sua maior parte na realidade do jogo. Mas tem também os analíticos que são os mais simples... porque às vezes tem meninas que chegam para a gente muito tarde e daí temos que fazer todo trabalho de base aí temos que retomar o processo...

**No que diz respeito aos sistemas defensivos**, agora é assim... continuamos a defesa individual como base até a juvenil... só que já trabalhamos outros tipos de defesa...Eu gosto muito da (2:1:2) e também da pressão zona (1:2:1:1) trabalhamos muito com box... Em função das estatísticas....Aí elas já estão com boas noções para marcar e a individual é que dá a base para tudo... São anos de prática na individual e aí fazemos a defesa zona de acordo com os adversários, mas pode ser qualquer uma... Na semana, de 5 treinos, 2 dias eu dedico ao trabalho individual de defesa por função no jogo... Pivô de um lado lateral e armador do outro... Ou outros 3 dias aos trabalhos

mais específicos: que pode ser o contra-ataque: pode ser o ataque de 5x5 pode ser a defesa...

**Em relação aos sistemas de ataque:** Agora como elas já vem dessa seqüência: Trabalhamos o jogo com três abertas e 4 abertas, porque elas já tem a noção de espaço e daí a gente coloca as situações de um corta-luz por exemplo do pivô ou no armador. A partir daí vai depender de quem está com a bola e quem está agindo... tem que agir junto com o outro que está fazendo...Eu ensino para elas um princípio da movimentação o restante é o jogo livre... A tomada de decisão é muito mais da menina do que da situação que colocamos para ela... Nas quatro aberto, por exemplo, a única que joga mais próxima da cesta pode ficar em baixo ou em cima do garrafão e a partir daí começa a movimentação com ou sem corta-luz, vai depender das dificuldades do jogo...Só pedimos para não ficar paradas... ou jogar de dupla ou de trio... e se a dupla ta jogando do lado direito o centro e o lado esquerdo tem que estar se movimentando e quando o jogo for para a pivô é só o deslocamento que ela tem que fazer para receber a bola para tentar a cesta com corta-luz ou não e as outras ficam em movimento buscando uma boa posição para receber a bola...Então elas jogam muito em função da defesa e não em cima de uma estrutura como: *“você vai passar ali e depois vai lá e depois volta aqui”*.. Senão fica um monte de robôs na quadra...Elas devem correr onde as situações de jogo determinam e não onde a jogada determina...

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de Especialização**

O ensino do basquetebol no Brasil em busca de um perfil é difícil, porque cada técnico trabalha na sua linha... e cada técnico que atuar nas seleções irá colocar as suas linhas de pensamento e não o perfil ideal... se é que existe...o nosso perfil independente da etapa deve ser a criatividade e versatilidade...Nós não temos um padrão de jogadoras para cada temporada. Por exemplo, logo a Alessandra vai parar e não teremos ninguém nesse perfil... e daí só teremos a Érica...Na Austrália o perfil para eles é a estatura... é começa na base essa filosofia pensando nos torneios internacionais...Se nós colocarmos isso no Brasil ficaremos limitados...Não estamos

preparados ainda para esse perfil (estatura) como o voleibol já esta fazendo...A Rússia é igual a Austrália... se fizermos uma triagem no sul do país talvez pudéssemos aproximar, mas quando formos ao nordeste já não teremos os mesmos resultados.. o Brasil é muito grande e temos uma diversificação de biótipos de atletas e cultura de treinadores....Com relação a preparação das seleções nacionais de base nós temos mudado a forma de preparação, estamos ficando mais tempo com as atletas, por exemplo, antes das competições na República Tcheca nós ficamos 2 meses treinando no Maranhão...

No que diz respeito aos **locais de ensino** as Universidades no Brasil não adotam o basquetebol como formação... O que eles querem é divulgar suas marcas. Nos clubes no feminino, principalmente em São Paulo são poucos os clubes que trabalham na formação.. Quem faz são as empresas e as prefeituras... Nas escolas penso que pelo menos aqui em Osasco já melhorou um pouco o basquete escolar e para nós é o principal celeiro...

Eu penso que em **relação as competições** temos que regionalizar as competições estaduais... Já em nível de Brasil, elas acontecem mais em São Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul no masculino e já no feminino é mais em São Paulo... O que acontece no feminino é que quando elas são talentos nos seus Estados logo migram para São Paulo...O que poderia fazer é depois que a garota jogar os campeonatos dos clubes retornem para seus estados e joguem para as seleções estaduais de suas origens o campeonato Brasileiro de Seleções... eu acho que seria um bom negócio.

## **Sujeito 10**

### **o ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação**

Se considerarmos que o fundamento é uma habilidade motora, e quando ele começa a se especializar numa habilidade, no caso o basquete penso que deve ser uma continuidade do que ele aprendeu anteriormente. Acredito que qualquer modalidade esportiva, deve ensinar as habilidades daquela modalidade, principalmente na escola. Nós sentimos muita falta nas categorias posteriores em função da dificuldade

que eles tem nas habilidades. Não só os fundamentos específicos do basquete, mas as habilidades em geral. Aí, acaba ficando um pouco restrito e com poucos recursos. Por exemplo, giro, mudança de direção, parada brusca, que são domínios do corpo e ainda os dribles, passes, arremessos. Se eles tem essas habilidades motoras que são geral mais amplas, eles terão mais recursos. Acredito que os fundamentos nas categorias de base, devem iniciar pelas habilidades motoras simples em uma seqüência pedagógica do simples para mais complexo. Deve-se não pensar muito na parte tática para não prejudicar a equipe, porque para você realizar bem a parte tática, você tem que realizar muito bem as habilidades que são os fundamentos....Se o objetivo for a longo prazo tudo bem, mas o problema é que muitos querem ser campeões no mini-mirim, aí ele vai ser campeão nessas categorias e depois não vai jogar nas categorias juvenil, vai abandonar. Nas categorias menores temos que ter um modelo de preparação maior, não apenas nas habilidades que ele vai executar no momento.

**Defesa na Iniciação** Penso que na iniciação a prioridade é aprender os conceitos da defesa individual, porque a partir dela, você trabalha melhor as outras, acredito que temos que trabalhar os fundamentos individuais de defesa, que são: posicionamento, deslocamento em diferentes posições, pensando no passe, drible, e nos arremessos dos atacantes. Independente do sistema, ele precisa saber como se deslocar e se posicionar, isso para mim é a parte principal da aprendizagem.

**O Ataque na Iniciação** Hoje temos vários recursos para ensinar o ataque, são: os áudio-visual, multimídia, que é uma maneira de dar o flash-back para os atletas e eles possam ver o que estão fazendo. Quando chegam na idade que precisam de uma precisão e qualidade melhor dos fundamentos de ataque eles acabam pecando. Nós tivemos na seleção juvenil brasileira uma média de 30 erros por jogo nos fundamentos, passes e violações no último sul-americano. São erros causados porque quando eles chegam na categoria juvenil, deveriam ter uma base melhor, e como eles são pressionados nos jogos acontecem muitos erros. Deve-se melhorar a qualidade de execução no treinamento, ao invés de se preocupar com o sistema a ser utilizado ou a jogada que ele vai fazer, o ideal é cobrar os fundamentos que ele vai fazer principalmente na etapa de iniciação da aprendizagem.

## **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de iniciação**

Os atletas de basquetebol no Brasil, não têm um perfil, o que há, é uma mescla do cenário internacional. Hoje nós temos jogadores que conseguem jogar de diversas maneiras, porque o jogador brasileiro está mais globalizado, jogando em vários lugares do mundo. Uma das coisas para perfil que acho fundamental é a leitura do jogo – saber utilizar os fundamentos técnicos na parte tática na hora certa, aí o jogador vai saber jogar contra a zona e contra individual, quando estiver jogando com uma equipe mais alta ou mais baixa. Acho que não há um perfil, porque o perfil está bem diversificado, o que acontece é que os técnicos vão ter que montar suas equipes de acordo com suas filosofias de jogo, suas realidades...Na iniciação fica muito difícil um perfil, daí a importância de um professor/treinador observar os aspectos psicológicos, físicos, técnico e tático do atleta, para que ele possa estabelecer as metas de treinamento de forma motivante, dentro da realidade, para isso o treinador deve ter o entendimento pedagógico para que ele possa identificar o perfil e incentivar tais habilidades.

No caso **da escola**, ela não deve pensar em formar o atleta, mas ela pode dar base para que seja um bom atleta, a educação física deve se preocupar os alunos/atletas à prática da atividade física. Se gostar de basquete ele vai praticar no tempo livre, e daí fará porque gosta, e se gosta ele vai ter uma qualidade melhor, e se o técnico souber trabalhar bem isso poderá dar certo, caso contrário dará errado. O professor de educação física na escola é responsável pela qualidade do atleta. Acho que a educação física tem seus conceitos prontos e o esporte tem seus conceitos. O trabalho que a Educação Física poderá melhorar o trabalho do atleta, acho que a educação física não deve priorizar os mais habilidosos, tem que se preocupar com todos. É importante o trabalho que muitas escolas fazem ao oferecer escolinhas de treinamento.

Em **relação ao clube** penso que quando o atleta vai para clube, ele já ta sendo pré-selecionado. O que eu vejo de complicado é exigir do atleta que ele seja o melhor atleta mini, enquanto deveria exigir que ele fosse melhor no futuro. O clube tem que pensar na formação de um atleta na visão mais futurista. O clube se preocupa muito em formar o atleta para ser campeão mini, por exemplo, um jogador no mini com 1,50m,

provavelmente será pivô, mas muitas vezes ele pára de crescer e vai ser armador, e daí só foi desenvolvido nessas fases as habilidades de pivô e ele será um jogador restrito, aí pára de jogar e o clube começa perder jogadores.

**As Competições na Iniciação** devem ser criados regras, que propiciem mais o trabalho coletivo, a longo prazo, e é complicado falar disso porque quem compete vive de resultado, se a gente pensa que este trabalho tiver objetivo a longo prazo você dará longos passos e estes devem ser respeitados e valorizados. É muito difícil porque tem um jogador que nunca ganhou nada, e a princípio pode ser desmotivante, mas se você estiver pensando em um processo, poderá vê-lo em uma seleção brasileira adulta por exemplo. O Marcelinho foi meu jogador e hoje joga no basquetebol europeu. Ele nunca foi convocado para nenhuma seleção paulista até o infante, foi convocado uma vez para a juvenil e foi cortado, primeira seleção que ele participou foi a seleção brasileira adulta. Imagina se ele tivesse sido desmotivado por não ter sido convocado nas categorias de base, então precisamos criar uma cultura de pensamento a longo prazo.

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos na etapa de especialização em basquetebol**

Nessa etapa não posso pensar só na parte tática, preciso continuar os movimentos com qualidade, mas é claro que agora eles serão trabalhados de forma mais específica dentro das situações de jogo ou da parte tática. Vou trabalhar o drible de acordo com situações de jogo e a cada treino você vai especificando cada vez mais....Não adianta treinar os fundamentos paradinho que no jogo não vou utilizá-los paradinho, no entanto a parte técnica deve acontecer dentro da parte tática.

**Defesa na Especialização** O importante é conseguir fazer a leitura do jogo, não basta ter um bom componente físico apenas, para executar um bom deslocamento e ter um bom posicionamento vou precisar fazer a leitura do jogo. Por exemplo se vou fazer a troca de marcação no caso do bloqueio e você sabe que se trocar vai ficar com jogador mais pesado, como é que você vai marca-lo? Você terá que marcar de forma diferente, do que o outro que você marcava anteriormente, isso aí é leitura de jogo e nessa etapa deve estar preparado para isso. Nessa preparação você vai estar se dedicando no dia-a-dia e estará baseada nos conceitos de aprendizagem que você tem,

na leitura de jogo que você tem, para utilizar isso da melhor forma....A opção da defesa que você vai ter vai depender da característica da equipe adversária e da sua equipe. Não adianta você querer que um jogador que não seja muito ágil defenda pressão quadra toda, porque não vai conseguir fazer isso. Se ele não souber isso desde as categorias de base, dificilmente vai conseguir na categoria adulta, ou vai levar mais tempo.

**O Ataque na Especialização** Quanto mais o atleta vai sendo exigido nas competições, mais específico tem que ser seu treinamento. As jogadas são movimentos que você cria para quem tem habilidades melhores na sua equipe. Devo criar movimentos para propiciar condição onde eu quero que ao melhor arremessador consiga arremessar, vou criar um movimento para dar condições à ele de receber a bola livre e utilizar melhor a habilidade que ele tem. Posso usar um movimento que simplesmente o atleta possa jogar a bola no cesto em 1x1. Na minha equipe tenho a jogada 1, e esta é para meu armador, e não necessariamente ele precisa definir e aí vai depender da habilidade que ele tem e da leitura do jogo. Muito vai depender também se os jogadores sabem jogar em uma ou outras funções e aí podem fazer uma jogada na posição de pivô para meu lateral, daí a importância da diversidade entre os jogadores. Você deve evitar os movimentos que sejam previsíveis, porque senão todos saberão como você vai jogar.

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de Especialização**

No Brasil existem muitas equipes, principalmente em São Paulo participando das competições, e aí você vai participar de um campeonato e vai jogar muito. Então a maioria dos clubes que visam resultados vão querer ganhar os jogos, especializando os jogadores naquela função. E isso acaba atrapalhando um pouco, o Uruguai que esta na nossa chave no Campeonato Sulamericano, estudando eles ficamos sabendo que ele esta em uma seleção permanente porque lá não há muitas equipes disputando campeonatos, onde essa seleção tem jogado com diversas seleções adultas, e com isso ganham bastante ritmos de jogo, e também um aprimoramento específico para diversos jogadores, dessa forma você tem continuidade no trabalho com esta equipe.

No Brasil é muito difícil porque o jogador tá sendo utilizado pelo clube na sua categoria e na categoria acima e isso é muito ruim, e aí a seleção acaba tendo um tempo restrito para preparar os jogadores. E de certa maneira nossos jogadores estão sendo muito exigidos, o que acontece em outros países, é que eles treinam bastante, principalmente a questão dos fundamentos.

**Nas Seleções Nacionais** Temos um ponto bom e um ponto ruim, o bom é que nossos jogadores estão sendo solicitados por outros países, o ruim é que temos pouco tempo para trabalhar. Não vejo problema na qualidade dos jogadores, acho que é importante jogarem em outros países, terem outros conceitos, adquirir novas culturas de jogo, e isso pode ser bastante importante para seleções. O problema é que nós precisamos ter uma organização para administrar esse pouco tempo, para assim formatar a equipe para que as seleções estejam prontas para campeonatos. O problema de centralizar o treinamento dos atletas de seleção é que ele tem seus clubes e não estão totalmente disponíveis para seleção. Mas é importante que ele esteja jogando no clube, porque ele vai ter bastante competições. Não nos preocupamos com isso porque isso acontece com atletas do mundo todo. Onde há seleções permanentes é porque existe muito poucos clubes e o país é muito pequeno. Agora nada impede as seleções se encontrem mais vezes para treinar. Nas categorias de base isso já está acontecendo.

## **Sujeito 11**

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação**

Acho que a primeira coisa é realizar um planejamento com a periodização do que vai ser feito na qual o ensino dos fundamentos básicos, deve partir dos movimentos menos complexos para os mais complexos. Primeiro ensinar o manejo do corpo, ter qualidade de saber parar, deslocar, ter equilíbrio, posicionamento e trabalho de perna. Depois domínio de bola que é o manejo da bola, depois passes e dribles, depois arremessos parado e em progressão, de badeja, depois você tem outros momentos de defesa ou de ataque e em relação ao espaço devemos começar de perto da cesta e depois para quadra toda, partindo do 1x1 para as diferentes situações de jogo. Primeiro



1x1 com bola, depois 1x1 sem bola, depois 1x1+1 e progredindo 2x2+1, 3x3+1 e em situações de igualdade. Dessa forma progredimos até chegar no 5x5....Esse projeto que nós desenvolvemos em Minas, e pelo que eu aprendi com companheiros de trabalho e com técnicos que convivi mais de 10 anos, temos crianças desde escolinha até treinamento. As crianças de 11 anos que são da categoria pré-mini, essa categoria tem um certo número de fundamentos e suas exigências vão progredindo dentro de uma periodização, onde os conteúdos vão sendo apresentados em níveis de complexidade e dentro daquilo que o basquete precisa, que é primeiro uma formatação dos fundamentos para que seja muito bem executados, para que depois sejam colocadas táticas de jogo. Acreditamos que aí ele vai executar muito bem os fundamentos em jogo.

**A defesa na Iniciação;**- nessas categorias a individual é fundamental. O básico é você estabelecer o ensino dos fundamentos individuais e principalmente 1x1. O que nós estabelecemos são noções básicas de domínio de corpo, e em cima disso ele vai aprender deslocamentos de defesa, aprender a ler qual a perna que esta na frente do homem com bola, e aí você vai progredindo de pequenos grupos de 1x1 para 1x1+1 que é o desenvolvimento de marcar um homem com a bola e sem a bola, depois a mesma coisa no 2x2 e 2x2+1, e aí você vai progredindo nas noções de triangulo defensivo, ensinar a marcar o homem com bola e sem bola, observar o lado fraco da defesa, trabalhar na linha da bola, ajuda e recuperação, e todas noções básicas de ensino da defesa, e ir progredindo até chegar 5x5, tanto  $\frac{1}{2}$  quadra, como  $\frac{1}{4}$  de quadra e quadra toda e também as situações de jogo 4x4, de 3x3, e a partir do infanto-juvenil nós incorporamos todos os tipos de defesa. Defendo que o mais importante é aprender a defender individualmente primeiramente.

**Ataque na Iniciação;**- é a mesma coisa, começamos primeiro com o 1x0, onde ensina-se as soluções básicas de ataque, que é saber se posicionar em relação à cesta, seu corpo e a bola, aí você vai saber quando driblar passar ou arremessar. A partir do conhecimento sobre a posição do seu corpo, você começara cm as situações de jogo, que é atacar 1x1, começando perto da cesta, até bem longe da cesta para que ele possa saber se ele tiver longe, ele poderá driblar, passar e se deslocar, ou se estiver mais perto da cesta, ele vai poder driblar, cortar e arremessar....É importante

eles saberem as diferentes situações que podem acontecer no ataque. Isso tudo vai estar partindo da situação posicional, para que os garotos aprendam fazer leitura da defesa e em seguida a tomada de decisão, este é o ponto básico do ataque, ou seja, precisam saber se a defesa esta longe, ou perto, para que ele saiba se dribla, se corte, ou passa e vai para uma localização melhor para receber a bola. É muito importante, é a situação de **saber jogar sem a bola**. Dentro da periodização do nosso clube, ensinamos primeiro que eles saibam jogar com bola e depois sem a bola, e no movimento sem a bola acrescentamos situações de como receber a bola, onde ele vai fazer as fintas em “V” em “L”, em “Back door” para que ele possa receber a bola em um local certo, estas situações vão progredindo do 1x1 até 5x5, e nesse processo, a seqüência é ele saber realizar o corta luz ou bloqueio, para levar vantagem e receber a bola, tanto para aquele que faz bloqueio ou para o que recebe bloqueio....No aspecto **metodológico**, existem exercícios que daremos ênfase à defesa, e outros que daremos ênfase ao ataque, depende do *objetivo da seção*. O importante é que quando estamos enfatizando o ataque estaremos fazendo feedback com os atletas sob os movimentos de ataque e quando enfatizando a defesa, estaremos fazendo feedback sobre defesa, que pode ser sobre o corte. É claro que treinaremos tudo, mas a ênfase sempre estará em uma coisa ou outra. É claro que a gente acaba corrigindo as duas coisas.

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de iniciação**

Penso que no ensino a busca de um perfil técnico e tático, está em dois fatores, que são muito importantes: os jogadores devem ser bons tecnicamente e taticamente. Então, primeiro temos que dar condições necessárias para que eles possam ter a **tomada de decisão**, e através de pequenos jogos, acreditamos conseguir que eles possam ir tendo uma visão jogo como um todo... Em relação ao **Clube e a Escola**, penso que o basquetebol depende muito dos clubes e de suas filosofias. Mas, hoje o que vemos muito é que os técnicos pulam as etapas e priorizam os resultados da competição como fator primordial. Entendo que o resultado deveria ser a formação dos atletas para que no futuro pudessem ser profissionais. Hoje o que vemos é valorização do resultado na categoria mini-mirim – ser campeão com 12, 13 anos, quebrando a

seqüência da aprendizagem dos fundamentos, pulando etapas e dificultando seu saber em jogar basquetebol de forma mais mais completo... Então, acho que este é o maior problema do basquetebol brasileiro. Sendo assim os técnicos são obrigados e estão mais preocupados a manter seus empregos, porque sem resultados de curto prazo nas categorias de base eles podem ficar sem seus empregos. Daí apressam a parte tática sobre parte técnica que são os fundamentos nos treinamentos prejudicando o processo de ensino aprendizagem.... No nosso clube em Minas nós temos a padronização e a porcentagem dentro das seções de treinamento, onde 15 a 20% são dedicados a questões táticas e 80% às técnicas, para que não haja uma supervalorização da tática nessas categorias. Agora, na escola, o problema esta na educação física escolar. Penso que não deve-se dar ênfase ao treinamento na escola ou à formação de atletas, porque a escola não está voltada para formação, mas infelizmente para o resultado, porque as escolas querem ser campeãs nas cidades, depois no Estado e se promover em cima do esporte. Então, acho que a escola deveria dar ênfase a formação como todo, e não ao resultado a curto prazo.

**Em relação às competições na Iniciação;-** acho que as competições tem que existir, mas a forma como é cobrado perante aos técnicos e à instituição, que é essa cobrança de resultado acho errado “o técnico se cobrando na competição, porque senão perde o emprego”. Cria-se uma expectativa e uma sobrecarga de informações para os atletas, principalmente nas ações táticas nessas categorias, e é uma coisa superficial, porque você acaba encontrando depois nas categorias infante e cadete muitos erros técnicos, como erros de passe, violações, finalizações, e ainda as dificuldades nas tomadas de decisão, como erros básicos nos posicionamentos ofensivos e defensivos, porque não tiveram uma base bem consolidada, e essa base não bem consolidada veio de onde? Se o primordial é vencer, não deveria, você deveria aprimorar nessas competições os comportamentos técnicos e não os táticos, e daí vislumbraríamos um futuro melhor.

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos na etapa de especialização em basquetebol**

O que muda agora no ensino dos fundamentos é a forma de cobrança, que é a

exigência em relação a execução. Porque se você já está consolidado em relação a aprendizagem os fundamentos, agora você precisa evoluir em relação à complexidade, e também aumentar a cobrança em relação aos erros e/ou violações que acontecem no jogo, mas para isso os fundamentos devem estar bem consolidados na base. O que acontece hoje é que os jogadores não estão chegando nesse ponto nas categorias de cima em vários aspectos: tanto nas habilidades como nos posicionamentos ofensivos. E quando vamos jogar fora do Brasil, o que a gente vê hoje em certas categorias é que, os jogadores principalmente juvenil e adulto acham que não precisa mais treinar habilidades – fundamentos, e nós já vimos lá fora, inclusive na NBA os jogadores treinando a maior parte do tempo fundamentos, até mesmo os melhores jogadores, é que, eles entendem que esses fundamentos são fundamentais para jogo e os treinam com muito empenho, só vai executar bem os fundamentos, treinando todos os dias, e infelizmente no Brasil quando chegam nessas categorias, os jogadores acham que não precisam mais treinar estas habilidades, e é aí que os jogadores erram durante o jogo. É justamente na fase de aperfeiçoamento que se tem que consolidar os hábitos de treinar as habilidades que são fundamentais para o jogo.

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de Especialização**

Há uma diferença muito grande no perfil de ensino da escola brasileira de basquete com as de outros países. A forma do brasileiro jogar é muito diferente de como se joga nos EUA, na Europa. Os europeus tem uma visão muito grande sobre a disciplina tática, isso leva a um jogo mais controlado, com poucos erros e violações, e nos EUA nós vemos um jogo mais veloz e em cima de 1x1. Já o brasileiro é um jogador criativo que gosta de jogar em velocidade, mas, gosta de fazer pontos, não gosta muito de marcar, e então o brasileiro hoje tem isso como uma “escola de jogar em velocidade”. Então hoje temos que ter uma conscientização maior de que, em alguns momentos precisamos saber priorizar a posse da bola. Entendemos que hoje estaremos participando de competições muito importantes e não podemos cometer tantos erros como já cometemos em outros campeonatos. Então o grande problema

principalmente nas categorias inferiores esta na conscientização tática, mas as características hoje dos jogadores brasileiros, deve ser a velocidade, mas precisa melhorar a defesa e principalmente a conscientização tática que é eles saberem fazer a leitura do jogo, que é essencial para que o jogador tenha sucesso desde a base até a categoria adulta, e é isso que esperamos que os jogadores possam conseguir nos próximos anos.

**Competições na Especialização** Realmente não existem muitas equipes competindo, o que eu vejo hoje, é que o grande responsável pela formação do basquetebol brasileiro são os clubes, e estes estão falidos, e dentro dessa falência o clube perdeu interesse de formar atletas, porque ele não vai ter retorno nenhum, nem financeiro, nem social, pelo contrário, vai ter prejuízo. Então o que a gente vê é que as competições estão cada vez mais fracas. Os técnicos menos capacitados, muitos não passaram pela escola de educação física e ainda muitos que não tem experiência para estar trabalhando com basquete principalmente na base..Por outro lado, os que tem competência para trabalhar com diversas idades, não trabalham porque não são remunerados à altura para sua competência. Então enfraquece as competições como um todo. As equipes começam cada vez mais participar menos das competições e em consequência cai muito o nível técnico, e isso é decorrência da estrutura e não do esporte basquete, “o basquete continua sendo fantástico e apaixonou todos”.

**Seleções Nacionais** O maior problema das seleções são os clubes, porque quem forma os jogadores, não é a seleção brasileira, são os clubes, o objetivo da seleção é reunir os melhores talentos para ir para competição internacionais, e temos apenas um mês, 40 dias para ir para uma competição, e esse tempo é muito curto para dar a formação básica para uma equipe para disputar um campeonato internacional, e essa representatividade tem sido fraca em função da falta do trabalho de formação, e esta formação vem de onde? dos clubes. Então, precisamos melhorar no geral os trabalhos executados nos clubes, e se isso acontecer teremos cada vez mais, melhores jogadores. O que falta é política de investimento. Penso que temos que ter mecanismos de organização. O que o vôlei tem hoje é planejamento, capacitação profissional e organização, e esse é o caminho se a gente quiser participar melhor das competições internacionais.... Para que os nossos treinadores possam ter mais trabalho, ética,

cientificidade, e conseqüentemente fazer com que nossos jogadores que são fantásticos sejam campeões, precisamos pensar numa reestruturação do basquetebol no País, no que diz respeito ao basquete em longo prazo. Nós não temos conseguido muito sucesso porque, quando levamos as seleções para as competições internacionais, eles estão, até com potencial físico bom, mas com qualidade técnica baixíssima. No entanto, esses fatores não refletem a competência do técnico que está representando Brasil, porque é momentâneo seu trabalho, mas recai sobre ele ou eles, porque estão representando todos os técnicos do país. Então, o que precisamos é fazer que os clubes trabalhem melhor, e a alma desse clube é o técnico, então a capacitação dos técnicos é urgente principalmente no que diz respeito às questões éticas do basquete.

## O PROCESSO ENSINO-TREINAMENTO DA TÉCNICA E DA TÁTICA NO BASQUETEBOL DO BRASIL: A ÓTICA DE PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR

### Sujeito 1

#### O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação

Eu acho que **todos fundamentos** devem ser ensinados. O problema é como eles devem ser ensinados, é claro que alguns são mais complexos e aí a gente não consegue ensinar de forma adequada, por exemplo, eu acho o jump é um movimento muito complexo a ser ensinado na iniciação porque ele depende de uma coordenação motora de membros inferiores, e que é muito difícil uma criança na iniciação executar. É mais fácil ela executar um movimento simples que o jump., agora os outros fundamentos todos podem ser ensinados, só que eu vejo assim, que a questão de ensinar os fundamentos deve ser o como, eu acredito que ele tem que ser ensinado com relação direta que acontece no jogo...Ensinar o fundamento puro e simplesmente como gesto técnico eu não vejo muita vantagem, porque o gesto em si não é muito complicado, o complicado é você estabelecer relação desse fundamento com a maneira que ele deve ser executado durante o jogo. Então, colocar duas crianças uma de frente para outra passando a bola, isso é uma coisa que eu diria trivial, agora como é o comportamento desse fundamento em jogo?...A relação com jogo acho importantíssima. O drible é um fundamento que deve ser ensinado pensando como ele ocorre no jogo, drible com mudança de direção, de ritmo, em diferentes posições protegendo a bola, em velocidade, mais lento, enfim... Então eu acho assim, que os fundamentos, tem que ser ensinados a partir de uma leitura que você faz do jogo. Aquela forma tradicional de ensinar fundamento que você ensina fundamento por fundamento, eu não sei se isso traz muita vantagem para o praticante. É evidente que a medida que você evolui de categoria, a criança estará ficando mais velha, mais madura, e terá melhores condições de executar algumas coisas de maior complexidade, e o que modifica é o nível de exigência e cobrança que você faz....Então a criança em idade inicial, mini e pré-mini, vai executar os fundamentos de forma básica, e eu acho que não deve ter muita cobrança. Já na categoria mirim infantil, ele precisa ter uma técnica mais

apurada e executar para poder cumprir as outras fases, como por exemplo, a tática, aí é importante a diferença que vejo é o nível de complexidade das ações e a cobrança do que você faz nas correções inclusive. Então para mim talvez tem que deixar a criança mais livre, fazer poucas correções. Agora, quando vai chegando no infantil e depois no infante juvenil tem que corrigir este movimento e tentar apurar a técnica.

Defendo isto porque o jogo é o principal. Você treina basquete para jogar e não só para saber fazer fundamentos, qualquer criança precisa aprender os fundamentos, só que elas precisam saber relacioná-los com o jogo, porque aquele que não souber não vai virar jogador. Você pode ensinar um arremesso para uma criança é a mesma coisa aquele garoto que é bom em embaixadinha, significa que ele tem controle de bola. Agora a pergunta é: Ele sabe jogar futebol? Se você colocar esta criança no campo de futebol, ela vai saber jogar? Essa é a questão. Para jogar bem você tem que saber usar bem os fundamentos. Eu sou desse ponto de vista, você tem que aprender a partir da **leitura do jogo**, tem que entender as situações que se relacionam com jogo: situações de dupla, trio, sempre relacionando com jogo.

**A Defesa na Iniciação;** na defesa o conceito é o mesmo, se você me pergunta, quais tipos de defesa, acho que a base é a individual, depois você teria as defesas por zona, eu não vejo necessidade de você ensinar só um tipo de defesa, mas eu defendo que a defesa deve ser iniciada a partir da individual, e quando você deriva para zona, deve-se ensinar apenas 1 ou 2 tipos de defesa, não adianta ensinar todas porque você não vai conseguir. Mas o conceito é o mesmo, quando eu ensino fundamento de defesa, eu preciso ensinar ao iniciante a entendê-la e saber o que ele esta fazendo ao se deslocar e posicionar. Acredito sempre na relação da defesa com jogo e isso é o foco principal, não dá para pensar de uma outra maneira que não seja essa. Só relacionando-a com jogo, porque a aprendizagem da defesa no jogo é mais motivante, é claro que você não precisa trabalhar utilizando jogo de basquetebol com todas as regras, mas você precisa criar situações que leve ao jogo, você pode modificar as regras, estruturas, que vão ficar mais fáceis para as crianças aprenderem tendo como plano de fundo o jogo.

**O Ataque na Iniciação** não muda meu pensamento, eu acho que deve ser baseado em movimentos simples. Eu sou contra jogadas, aquelas coisas ensaiadas,



estilo coreografia, daí se você sai um pouco não sabe mais o que fazer, a criança tem que ser trabalhada para saber pensar e não repetir algo em seqüência, porque senão ela só vai aprender uma parte, por isso tem que haver trabalho relacionando com jogo, de novo aí o ataque em dupla, trio. Isso da liberdade à criança e ela vai aprender a solucionar problemas, daí esses problemas que apresentam em um jogo ela soluciona....Quando você estabelece uma coisa muito rígida, você treina aquela criança para fazer coisas rígidas, e se mudar ela não consegue fazer, eu não acho legal essa coisa de ensinar jogadas pré-estabelecidas, você tem que estabelecer conceitos, de passes e deslocamentos, e uma outra coisa importante nessa fase e a não especialização em termos de posicionamento. Por exemplo, aquela criança que só porque é mais alta, ela inicialmente vai jogar de pivô e mais nada, daí quando ela vai para 13-14 anos ela já não é tão alta assim, aí ela não sabe jogar basquete. Acho que ela deve ter informação bem ampla, ela tem que ser preparada para jogar basquete, independente se ela for armadora ou lateral, o tempo é que vai determinar.

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de iniciação**

**Perfil da Iniciação;** eu acho que o perfil é da criança que saiba todos os fundamentos e saiba relacioná-la com jogo, que não tenha uma especialização proposição, para que depois quando chegar no infante e juvenil possa jogar de armador ou lateral e ao sim você vai definir a sua posição, porque aqui ou o atleta é armador, ou pivô, ou lateral, o que pode acontecer é alguns ter bom desempenho e mais que uma função. Na realidade não é assim, porque desde mini ele só aprendeu uma posição. Muitas vezes o que é feito é que o atleta alto e até desordenado, então ele irá para pivô, só aprende pegar a bola, virar e arremessar para cesto, você está trabalhando apenas com critério altura, e são justamente estes que necessitam de atenção maior no que diz respeito a coordenação, senão será desordenado pelo resto da vida, porque ele receberá toda atenção. Agora os coordenadinhos vão melhorar sempre mais, porque os técnicos dão mais atenção para estes, então para mim o perfil é este, uma criança que tem possibilidades de chegar ao infante na qual ele vá para posição dele, mas ele vai

conseguir e com muito mais bagagem independente se ele for pivô, lateral ou armador.

**O Clube/Escola na iniciação;** o maior problema não é o ensino e sim o objetivo, ou seja, você ensina sempre para ganhar os títulos. A maioria dos técnicos, não estão preocupados com a formação do atleta, ele está preocupado sempre em ganhar o jogo, não se preocupa se vai ou não ser jogador. Se preocupa em ganhar o jogo da semana que vem e ponto final, e este é o maior problema. É claro que nós temos que analisar do ponto de vista estrutural, porque é assim que é exigido e é assim que são feitos os campeonatos nos clubes e se o técnico não ganhar ele está fora, aí o técnico acaba não tendo tempo de ensinar. Então, ele coloca o garoto fazendo bandeja meia hora do lado direito e 5 minutos do lado esquerdo, e é um grande erro porque não se trabalha a criança como um todo. E daí entra no aspecto da especialização, só aprende fazer determinado movimento, se precisar fazer a bandeja no jogo do lado esquerdo dificilmente ele conseguirá, é tudo muito complicado, teríamos que mudar toda estrutura de competições porque a maior preocupação está no campeonato e não nas crianças. Se a preocupação fosse com as crianças não existiriam estes tipos de campeonatos, estes seriam mais livres, soltos, sem ter que chegar ao fim, ter o melhor. Sou contra tudo isso. Escolher o melhor mini da temporada, qual é o parâmetro para isso? Quais os critérios utilizados para dizer quem é o melhor mini da temporada? Os técnicos olham e dizem, vamos escolher aquele lá mesmo. Na minha opinião, tudo isso está errado.

**Na escola,** eu não vejo ensino na escola, na escola não ensina nada, o professor não tem tempo de ensinar. A escola deveria se preocupar com a formação geral do indivíduo, ensina-los a ter gosto pela atividade física, e que não deveria ser na aula de Educação Física, mas num outro horário, na aula de Educação Física é um espaço de prática para todos, os 3 que jogam de basquete, os 4 que gostam de vôlei e 3 que gostam de futebol...As aulas de Educação Física dependem muito do professor, se ele gosta muito de basquete, vai deixar seus alunos felizes pelo resto da vida, e os outros 40 prejudicados pelo resto da vida, não vejo que na escola deva ser isso aí. Na escola tem que usar basquete, vôlei, mas não como ponto final, mas como meio de motivar as crianças para fazer atividade física, agora a escola enquanto ambiente, essa sim poderia promover o esporte e dar um bom aprendizado, mas no fim acaba na

mesma história, a criança vai para campeonato e tem que ganhar, é campeonato da escola, olimpíada colegial, competições na Universidade, então a escola deixou de ser um ambiente onde as crianças se destacavam e iam para clubes. Esta invertido, é a escola que vai no clube, pegar um bom jogador e dar –lhe uma bolsa de estudos para ele ganhar o campeonato em cima disso, e lá faz o marketing escolar. Antes, era o contrário, hoje não, as escolas que são potencias financeiras, estão preocupadas em vender sua marca e não formar jogadores.

**Em relação às competições na iniciação;** acho que tinha que ser uma coisa mais livre, não tão comprometida com resultado, onde tem que ganhar a qualquer preço e ter um campeão. Acho que deveria ter mais jogos. As competições mais regionalizadas. Uma cidade como São Paulo por exemplo, a zona leste deveria ter seu próprio torneio para que os atletas pudesse jogar sem se preocupar em ganhar ou perder. Mas é complicado, não é essa a estrutura não. Os campeonatos pré-mini e mini são uma loucura. Vou ser sincero, estou a mais de 30 anos no basquete, e eu não vejo tantos resultados assim não, saindo bons atletas dessa categoria, a maioria não segue para frente não. Será que o cara que não jogou nessas categorias, será que não pode ser bom atleta? Pode sim, o Oscar começou com 15 anos, o Pipoca com 16 anos, e tantos outros que começaram mais velhos, é claro que tem aqueles que são bons e começaram jogar cedo, mas será que são bons porque começaram cedo ou porque reúne todas as condições para serem bons atletas. Não significa que com sete ele vai ser campeão, acho que as competições devem ser mais abertas, mais soltas, livres, sem tanta cobrança, tanta regra.

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos na etapa de especialização em basquetebol**

Aí sim agora eles estão na especialização, mas o pensamento é o mesmo, tudo deve ser relacionado ao jogo, agora os fundamentos devem ser cobrados, tem que ser dado uma atenção maior nos detalhes, mas sempre no foco do jogo. E aumentar a intensidade do trabalho, senão não tem jeito porque quando atleta chega no juvenil, aí ele realmente deve estar numa condição diferente, ou vira atleta ou pratica como lazer. Daí o treinamento tem que ser mais metódico. Eu defendo que tem que ser uma coisa

mais direcionada, uma coisa mais pontual. Particularmente não gosto de nada analítico, defendo muito o aspecto global. Em alguns momentos o analítico é importante para aperfeiçoar o treinamento, mas no geral as coisas devem ser feitas no global, porque não adianta repetir por repetir. Por exemplo, dar 500 arremessos por treino, é legal, mas não adianta nada repetir se estiver fazendo errado, o importante são as correções para fazer o certo, aí sim o analítico é importante. Então eu penso que mesmo 500 arremessos deverão ser feitos em posições variadas, com dificuldades, porque arremessar 500 de forma parada não leva a nada, porque no jogo isto não acontece, dificilmente você arremessará livre no jogo. Você deve arremessar em desequilíbrio com 2 pessoas marcando. O importante é você fazer uma progressão de dificuldade no ensino: primeiro individualmente, depois em dupla, trio, e coletivamente, porque aí você estará dando um grau de dificuldade para eles, é importante que você repita sozinho, depois com a presença dos companheiros e depois dos adversários, tem que haver esta progressão, senão vai haver estabilização da aprendizagem, você deverá sempre dar desafios para eles. Isso tudo porque no basquete nós não temos previsibilidade das ações, e elas devem acontecer de acordo com as ações de seus companheiros e adversários. Quando eu me posiciono na defesa, vou agir de acordo com que o ataque fizer, se for para lado direito tenho uma reação, para esquerdo outra e se você fizer uma finta e arremessar na minha cara terei outra reação, então agirei sempre de acordo com sua ação.

**A Defesa na Especialização;** agora que estão na categoria cadete e infante juvenil, o atleta tem que saber defender em todas situações, aí todas variações de defesa individual, defesa por zona em todas variações. Todos os atletas tem que saber todos sistemas. Os métodos de treinamento é a mesma coisa, tem que criar situações de trabalho individual de 1x1, 2x2, 3x3, até chegar no 5x5....Quando eu era técnico, uma coisa que eu gostava de fazer era treinar defesa e a inferioridade numérica, por exemplo, uma taque de 5x4 defensores, porque assim você aumenta a velocidade da defesa, nesse caso é claro defesa por zona, pode até ser feito também contra individual e você cria mecanismos de cobertura para que eles aprendam agir rápido, daí você cobra aquele ou outro não pode ficar livre, ou do lado da bola ninguém livre, eu pedia para que eles deixassem alguém sobrar lá, são estratégias que você vai criando para

dar a defesa noção de cobertura. É claro que você deve pensar sempre no treino e defesa em função de que o ataque faz. Então se amanhã vou jogar contra seu time vou treinar situações para parar o que você faz. Um erro que cometemos é que quando treinamos a parte tática, treinamos só o que vamos fazer. Aí quando treino minha defesa, treino contra meu ataque, mas o meu é diferente do seu. Outra coisa que você pode fazer é criar situações de final de jogo, placar adverso, entre outras situações.

### **O sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de Especialização**

**O Perfil na Especialização;** hoje o atleta deve estar muito bem preparado fisicamente, porque o jogo é extremamente físico, tecnicamente, eu acho que quanto mais recurso ele tiver, e isso ele tem que trazer da base, agora o que é fundamental é que este atleta precisa entender o jogo, porque se não entender ele não sobe para adulto. Aqui entra o aspecto cognitivo que é a inteligência de jogo, ele tem que ler o jogo saber como agir. Por exemplo: eu sou armador e você tá na minha frente e se não der para fazer a jogada 3 em função da posição dos jogadores, eu tenho que fazer a leitura, só que isso é uma decisão que ele tem que tomar rapidamente, só que se ele não foi preparado para isso não vai ser agora que ele faz. Nós temos jogadores no Brasil extremamente limitados, só sabem fazer aquilo, agora você vê jogadores que são diferenciados, que realmente tem uma grande visão de jogo saiba mudar uma situação a hora que aparece, então são 3 coisas, físico, boa técnica, e boa compreensão de jogo, é claro que não é fácil encontrar vários Michael Jordan que sabe que tem ótimo físico, ótima técnica, inteligência e que saiba lidar com situações em dificuldades. Eu poderia citar outros como Magic Johnson, Hortência, Paula e outros que são muito bons. A Paula fisicamente nunca foi boa jogadora ela não tinha muita explosão, nem muita força, mas em compensação para mim foi a pessoa mais inteligente que eu vi jogar basquete na vida, com uma leitura de jogo fantástica, por isso que ela e Hortência sempre formaram uma dupla fantástica, porque Hortência fisicamente é um avião, tecnicamente maravilhosa e lia o jogo muito bem, claro inteligente, só que a Paula tinha visão de quadra fantástica, a Hortência era ótima finalizadora, só que se você colocasse

ela na armação talvez ela não conseguisse sucesso em função das suas características. A Janete por exemplo é uma extraordinária jogadora, talvez não no nível da Hortência e ela tem muito mais característica da Hortência que da Paula, porque ela é finalizadora, forte, sabe jogo de pivô, aberto, apesar de não ter alta estatura, tem uma condição técnica fantástica. Hoje para mim o basquete é um jogo feio de maneira geral, porque é um jogo muito físico, muito forte, mais fraco tecnicamente eu não estou falando de Vlamir, to falando das gerações mais recentes, e o Robertão até vai rir, porque aí não se compara, mas estes atletas não conseguiriam jogar no basquete de hoje. Paulinho Villas Boas, Adilson, Marcel, foram perfis técnicos fantásticos. Agora Oscar foi caso a parte, em função de uma finalização poderosa, mas o perfil ideal é um que reúna todas as qualidades, e nós não temos hoje nem um jogador na seleção brasileira que tem essa mistura física, técnica e tática, o masculino era o Oscar, tem outros que são fortes mas não são bons tecnicamente.

**As competições na Especialização;** as competições na Universidade para mim é uma piada, nós vemos os campeonatos universitários feitos aqui em São Paulo, é brincadeira de mal gosto, tudo desorganizado, não vai arbitro, é uma festa, e no meio da festa tem jogo. Enquanto eles jogam pessoas jogam coisas na quadra;- eu desconsidero esportes universitários no Brasil....A nossa estrutura é clubística e quem chegou aí chegou. Acho que o basquete é caso para aquilo que oferece, e quanto custa hoje para manter um time, vamos pegar um como o COC, ou Franca, enfim quanto custa manter estas equipes e qual retorno que dá para seus investidores? O COC é penta campeão brasileiro e quantas vezes aparecem na televisão? Imagina os outros, então o basquete precisa aparecer mais na mídia, ter mais incentivo, e aí a seleção precisa ganhar, precisamos de resultado. Não adianta ser sonhador, todos jogando basquete nesse nível o que vale, é..... ganhou medalha? O voleibol só esta nessa fase porque ganha medalha, o basquete quando começar ganhar medalha vai ficar igual os outros. Então temos que torcer para basquete ganhar, ir para mundial e ir bem, e retornar aos jogos Olímpicos....Já tem 12 anos que não vai para Olimpíada e isso ta acabando com basquete. Se o Brasil ficar fora da próxima Olimpíada será a fase crucial do basquetebol brasileiro, ninguém mais vai falar de basquete nesse país. Chega de falar de PAN de 87 ou do mundial de 63. São 20 anos que nada mais aconteceu. Há

quantos anos que a seleção juvenil não vai para mundial, já faz mais de 70 anos, isso é um prejuízo muito grande para próximas gerações, o que acontece com esta seleção da Argentina que já foi para 3 mundiais, campeão em um e vice no outro e campeão Olímpico, e tem jogador em tudo que é lugar, até na NBA.

O grande problema das nossas **competições** é que você leva todo mundo para um local e aí acaba o campeonato. Aí aquele garotinho lá do Rio Grande do Sul como de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, consegue manter um nível legal, e Brasília um pouquinho, como você vai conseguir levar uma equipe do Paraná para jogar no Sergipe, é muito complicado e o Brasil pela característica do seu tamanho dificulta muito, é muito caro, e quanto custa um jogo hoje? Se regionalizar vai cair nos estados mais próximos e aí não resolve o problema. Onde está o Basquete do Centro-Oeste, Norte, Nordeste?... se a nossa liga é a salvação do basquete brasileiro, então nós estamos muito mal, nem a CBB, nem a nossa liga estão certos, as 2 partes devem pensar no basquetebol.

**A preparação das Seleções Brasileiras** As seleções adultas não tem muito que fazer, os campeonatos estão aí e estão acontecendo, agora os de base, apesar da CBB ta promovendo cursos, não deveríamos ficar centrados só Rio de Janeiro, São Paulo para selecionar jogadores, tem muita gente boa Brasil afora, talvez organizar clínicas e levar os técnicos. Para que a CBB tem um projeto para levar técnicos para organizar clínicas e levar os jogadores, e vai ter que fazer isto porque senão não conseguirá observar os melhores jogadores, e aí vamos continuar perdendo para a Argentina o resto da vida. Antes nós não perdíamos para Argentina, depois começou perder o adulto e agora as categorias menores. Estamos falando do masculino, mas no feminino esta pior, porque cada vez mais o numero de jogadores é menor. O campeonato nacional feminino tem muito poucas equipes jogando, porque muitas equipes que disputam o nacional são de outros estados e representam São Paulo, isso não é divulgar o basquete. E o feminino se não toma rumo pode ser a ultima geração Olímpica e depois mundial. Então acho que a CBB deveria pensar em centros de treinamentos.

## Sujeito 2

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação**

Penso que o fundamental seria desenvolver nos alunos o domínio de corpo e o domínio da bola... que é o domínio do espaço e do tempo no campo de jogo... dentro desse ponto de partida iniciaria os fundamentos tradicionais da modalidade como o drible, os passes, os arremessos o rebote e assim por diante.... julgo que deveríamos ter critérios específicos para a fundamentação básica do basquetebol para essas categorias / exemplo: o arremesso em suspensão deveria ser priorizado para uma categoria adiante no processo por exemplo a infantil, pois essa apresenta características biomecânicas bastante diferente do mesmo arremesso em categorias pré-mini ou mini, por conta do nível de desenvolvimento... então eu vejo que o fator principal que devemos ensinar são os fundamentos específicos porém de acordo com o nível de desenvolvimento físico e motor dessas faixas etárias que é o que eu não vejo na literatura e na ocorrência do dia a dia do nosso trabalho... No início desses aspectos no ensino do desporto, eu vejo que o principal, são os aspectos motivacionais... devemos ter estratégias de ensino que motive o participante a permanecer no desporto... logo a ludicidade compatível com nível de desenvolvimento desse praticante é fundamental...; é nesse momento que nós vamos motivar esses praticantes para dar seqüência no processo de pratica do desporto... Eu penso que o jogo é o que vai atender a maior proximidade do aspecto da ludicidade para essas faixas etárias... deve haver uma preocupação maior para os aspectos motivacionais, mas não para o aprimoramento em si do gesto esportivo... Eu vejo que na seqüência isso vai ser atingido... porém como eu disse a pouco a motivação ou seja manter o praticante motivado a pratica desse esporte e o jogo é o melhor método nessa etapa....Porque o Jogo? Para manter a motivação e evitar uma rotina onde a freqüência que esse praticante deve estar envolvido com os fundamentos não leve a saturação... a pratica do esporte sobre tudo o basquetebol exige uma pratica freqüente / é quando essa pratica freqüente poderá levar a saturação ...então devemos evitar isso / ou equilibrar isso...ou seja, existe a necessidade da pratica e a freqüência, mas a saturação não é



recomendada...

**Em relação ao ensino dos sistemas defensivos do basquetebol.** O aspecto principal é a defesa individual...eu vejo que além de trabalhar melhor principalmente nessas faixas já se deve criar essa cultura de defesa no basquetebol ...a posição básica por exemplo: os deslocamentos das situações defensivas individuais e na seqüência os coletivos..é devemos nos policiar que não seja introduzidos sistemas defensivos já com grau de dificuldade maior em que não haja condições do praticante por ser mini – mirim – sem que eles tenham condições de compreensão...as vezes nós damos sistemas muito complexos para a compreensão / e ai insisto: - - na motivação porque não estão entendendo e não estão conseguindo alcançar o que está sendo proposto...Eu insisto no jogo para ensinar os fundamentos de defesa nessa fase ... o jogo é a base disso...o desporto é o jogo...então eu vejo que a todo momento ele deve estar jogando e colocando isso em pratica... **e colocando isso em pratica...** julgo que eles começam a entender as implicações das defesas ...então eles estarão vivenciando uma situação até esse momento real / através do jogo... Eu vejo que existe vantagens e desvantagens nas diferentes metodologias.. na pratica de exercícios e na pratica do jogo...a vantagem da pratica de exercícios é que / mais imediatamente alcançaríamos as metas que se estabelece até pelo número de repetições das ações motoras que são realizadas...em contra partida a gente terá as desvantagens ...corre se o risco da saturação da pratica... então nós teríamos uma praticante pré-mini e mirim por exemplo - - que poderia não chegar a fase adulta que é a categoria principal...exemplo pratico são os excelentes em categorias menores que não conseguem alcançar as categorias maiores... não por deixar a excelência mas por não suportar a saturação no ambiente que ele está envolvido...o basquetebol é um jogog de contato corporal... onde muitos fundamentos na pratica se dá exatamente pelo contato físico.. os bloqueios nos arremessos por exemplo / nesse esporte o contato físico prevalece e é algo que estamos trabalhando... as vantagens da pratica do jogo é que eu teria mais tempo para esse praticante se preparar....as desvantagens é o jogo é um método de mais longo prazo... até mesmo pela própria pratica...

**Em relação ao ensino dos sistemas ofensivos do basquetebol.** Em relação aos sistemas ofensivos eu diria não só ensinados mas desenvolvidos nos jovens...os

aspectos da inteligência de jogo a tática ...obviamente para não dizer dos fundamentos técnicos que interferem...assim como nos sistemas defensivos devemos iniciar com os fundamentos de ataque individual e depois de forma coletiva...eu penso que o mais importante disso é a **inteligência do jogo** ...a idéia de ter que atender a equipe como um todo...para um praticante nessas idades alcançar a meta que é o cesto...então a precipitação em arremessos, a idéia que eles fazem que é ter a maior pontuação é que o melhor jogador tem que ser barrado...nós temos que desenvolver nos jovens essa idéia do conjunto para o melhor jogo...penso que isso nessas categorias é que iniciará uma cultura e esse desenvolvimento de pensamento tático ainda está distante...O basquetebol é um jogo como todos os outros desportos coletivos e que houve uma mudança e uma grande evolução no aspecto físico / o condicionamento....também conseguimos fazer essa evolução nos aspectos das habilidades dos gestos que são as técnicas ... logo o diferencial de um jogador melhor desempenho está na inteligência de jogo e é ai que se faz a diferença e eu acredito que devemos iniciar esse pensamento através da coletividade de esquemas de cooperação entre os jogadores....Deve haver uma preocupação nessas categorias porque os jovens estão iniciando em varias modalidades esportivas...o aspecto físico por exemplo o crescimento pode fazer a diferença em função do aspecto maturacional, mas como as categorias vão se elevando no decorrer do processo todos poderão alcançar o mesmo nível maturacional e ai é que as inteligências de jogo aparecerão e farão a diferença...

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de iniciação**

Nós tivemos no passado um período que fomos os melhores do mundo no basquetebol porque tínhamos bons valores individuais... isso fez com que nós criássemos uma cultura que eu chamo cultura da individualidade no jogo ... e ampliou-se para o campo técnico no ensino das crianças através das habilidades individuais / passar bem , driblar bem, arremessar bem, ...eu vejo que temos que tentar mudar essa cultura....é importante a individualidade nesse aspecto porém temos que pensar que o basquetebol é uma pratica coletiva ...é temos que transferir essas individualidade

para o pensamento coletivo... Na atualidade até por méritos de alguns treinadores isso começou a ser valorizado, mas antigamente era a individualidade técnica...e nós nos preocupávamos muito com isso e não com a coletividade...eu tenho dificuldade para dissociar os aspectos técnicos dos aspectos táticos porque acho que ambos estão muito próximos no jogo...mas eu vou insistir no ponto anterior que a tática é a inteligência do jogo... e temos que formar o jogador inteligente...o jogador que joga para o grupo / o armador deve armar uma situação ofensiva para o grupo...historicamente nós armávamos sistemas táticos em cima dos potenciais **individuais desvalorizando o grupo..** nas categorias mais jovens onde esse potencial coletivo é bloqueado vai ocorrer essa individualidade...eu penso que seria o início de uma tentativa de solucionar os problemas que apontei...e começar a formar jogadores criativos em quadra para um jogo que vive de situações imprevisíveis...e por mais que nós possamos treinar formas poderíamos ainda estabelecer nos atletas principalmente nas categorias menores o / poder de criação e de improvisação nas situações do jogo... jogar de uma forma... como se fosse uma individualização tática o que não é...porque eu não vejo que tenha proposta melhor de resolver o problema conforme os problemas vão surgindo no jogo...

**No que diz respeito aos locais de ensino da técnica e da tática do basquetebol no Brasil** Eu vejo que o principal problema é ganhar a qualquer preço...os clubes muitas vezes pensam em curto prazo...a preocupação dos clubes é ganhar nas categorias menores infantis e não pensam em projetar a seqüência da vida atlética desses praticantes... e o que ocorre então é que o profissional que está atuando num contexto deste prisma tem que dar a resposta ..ele tem que vencer os torneios os jogos e dar pressa ao processo...os clubes quantificam esses resultados como número de vitórias...eu penso que os jovens jogadores não suportam essa pressão; - - porque o ambiente é de pressão!!!...o profissional precisa ganhar e isso se projeta para o praticante....na realidade um jogo introdutório como no mini- mini a pressão é até maior do que nas categorias principais...porque na principal já se administra bem o ganhar e perder / nas categorias menores isso não ocorre até pela maturidade do praticante..

Na **escola** a partir do momento que ela oferece o esporte...ela passa por não trabalhar o esporte com objetivos educativos e através dele produzir uma sociedade justa...uma sociedade onde deve-se dar oportunidade a todos...na minha opinião a

escola equivocou-se diminuindo a importância da promoção do esporte...ate o ponto que algumas modalidades escolares o esporte foi excluído totalmente do seguimento escolar...eu vejo que talvez o esporte poderia ser um dos principais mecanismos de educação e cidadania e deve-se dar a ele uma importância maior porque ele oferece aos praticantes a oportunidade de conhecer melhor a si próprio e suas potencialidades...isso parece ter uma força maior nos países que tem sérias preocupações com o termo esporte e educação física...esses países assumem hoje claramente que o esporte e a educação física tem finalidades diferentes....aí nós temos que nos policiar porque o esporte basquetebol promove as competições na escola e temos que entender o caráter dessas competições na escola ...e elas devem ser justas porque nesse cenário não é homogenia as competências dos alunos....

**Em relação as competições.** Eu vejo que tanto em nível de estado como em nível de país...vai depender do enfoque que estamos abordando...eu vejo que devemos ter nessas categorias que aliás não são tão problemáticas o mini o mirim o infantil... os problemas estão nas fases dessas divisões..em função do crescimento e da maturação que é chave ...não basta colocarmos que o garoto está na competição infantil...temos que ver que a faixa etária é restrita ..acontece que o garoto tem aos doze anos diferenças de desenvolvimento e as vezes muito grande em relação ao seu colega que também tem doze anos ...então as competições promovidas por categorias etárias é o principal problema...a proposta é que as competições não sejam por faixa etária seja por aspectos maturacionais...no basquetebol feminino isto fica muito claro... tem meninas da mesma idade cronológica igual com desenvolvimento diferente....há meninas com doze anos que está trinta quilos e há meninas com o mesmo doze anos que está com quarenta quilos.. ai eu pergunto como elas podem jogar na mesma categoria? Onde no basquetebol há o contato físico durante o jogo todo....então os problemas nas competições estão ai..é fácil ver as categorias por idades cronológica... se analisarmos pela praticidade tudo bem, mas eu penso que é extremamente injusto e perigoso e pode começar a desmotivação...porque tem mesma idade mas são diferentes e quais são as chances dos maturados tardiamente vencer as competições?...precisamos estudar como poderíamos fazer essas classificações que são mais viáveis e de uma forma pratica onde necessariamente vamos ter que usar

avaliações maturacionais....quem observa hoje as técnicas que temos para as avaliações maturacionais comparado com vinte anos atrás ela continua ainda com dificuldades de ser realizadas apesar da sua evolução e dos estudos...seria interessante nós estudarmos se hoje os nossos melhores jogadores do principal também eram os melhores jogadores quando eram mirim...eu tenho dúvidas se isso é verdadeiro..por outro lado quantos jogadores mini- mirim eram bons jogadores, mas hoje não jogam mais...

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos na etapa de especialização em basquetebol**

Agora eu vejo que a ênfase maior esta nos fundamentos técnicos individuais de defesa ...entendo que os atletas já possuem a concepção do jogo de basquetebol...então nós temos agora nessas fases de infante cadete e mirim a função de aprimoramento ou seja o aperfeiçoamento da fundamentação individual...é claro que se ele já tiver a concepção clara do jogo coletivo...que ele já tenha a inteligência de jogo advinda das categorias anteriores....vejo que a limitação nessa fase são aqueles que iniciam muito tarde ...ai pode ocorrer o aspecto sobrepôr as competências de habilidades e leitura do jogo...então começa a minimizar suas limitações pelos aspectos físico...sendo assim o profissional deve se policiar nesse sentido...Devemos ir migrando do aspecto do jogo para a metodologia dos exercícios tomando maior parte nos treinamentos...porque já houve uma evolução e ele está mais maduro...os fatores que motivam a pratica do basquetebol já são diferentes em relação as categorias anteriores...então ele já possui a estrutura psicofisiológica para suportar as cargas mais acentuadas que os exercícios promovem na ausência do jogo...Porque estamos da metade para frente de um funil ...esse funil tem como fim a fase adulta ...ele já tem estrutura física, psicológica , social ...ele já possui meta ...foco...e claramente já está definido na modalidade...e onde ele quer chegar...

**Em relação ao treinamento dos sistemas defensivos do basquetebol.** Eles devem ter consciência que a defesa premia o ataque e se temos um bom ataque antes teremos que ter uma boa defesa ...ou seja como o basquetebol é diferente de algumas modalidades onde o mesmo jogador que ataca também defende a defesa tem que

parar o ataque adversário ...então eu acredito que é uma via de mão dupla..ele tem que ter essa consciência de defender bem para atacar bem...no basquetebol as cinco posições atacam e defendem...devemos treinar as defesas de forma coletiva... a defesa hoje é individual mas sua concepção é coletiva..o coletivo prevalece através de trocas e de coberturas...pela rapidez que hoje o jogo ocorre nesse nível..o jogo está muito dinâmico e fica difícil neutralizar os sistemas ofensivos dos adversário...daí a necessidade de produzir na defesa o pensamento coletivo mesmo que seja individual....na verdade esse termo individual para mim tende a desaparecer porque dá a impressão de um contra um o que não é....prefiro chama-la de defesa individual de aproximação....passa a ter lógica essa terminologia ...porque o basquetebol está muito dinâmico e há a necessidade o tempo todo da ajuda mutua entre os jogadores...

**Em relação ao treinamento dos sistemas ofensivos do basquetebol.** Devemos aprimorar as técnicas individuais ...na seqüência estender para a coletividade em função dos sistemas defensivos que estão cada vez mais exigentes... está mais aprimorada as condições físicas dos atletas...o que vai ocorrer em função disso...o ataque precisará ter coletividade o que muitas equipes ainda não o faz...precisamos mudar a nossa cultura de jogo...precisamos quebrar certos paradigmas de jogo individual..

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de Especialização**

Depois de uma longa bagagem nos fundamentos individuais a inteligência tática é que temos que buscar nos atletas...temos que entender que o jogador de basquetebol se faz em muitos anos...um atleta para chegar a categoria adulta de bom nível tem no seu currículo uns vinte anos de basquetebol porque nos dias atuais os jogadores estão jogando até trinta trinta e cinco anos antes de encerrarem a carreira...temos então que entender que depois da bagagem técnica e tática a imprevisibilidade e a concepção de jogar em time é o perfil ideal com solidariedade e entender que ele não deve abandonar os colegas e imediatamente deve ajuda-lo no caso da perda da posse de bola...ele deve passar a bola e se colocar imediatamente eu um melhor local para recebela...esse jogador deverá saber jogar em todas as funções apesar da especificidade e da

sua função no jogo... ele deverá ser versátil e inteligente... No campo físico estamos muito evoluídos e as equipes se comparam...agora o que nos resta é a inteligência tática de jogo...a coletividade...na base estamos muitas vezes trabalhando de forma contrária...dai lá na frente isso vai refletir no jogador principal...

**No que diz respeito ao local da preparação técnica e tática dos atletas de basquetebol do Brasil:** Eu vejo que o Brasil nos clubes o problema está nas diferenças estaduais...por exemplo em são Paulo joga-se muito mais do que nos outros estados...no Brasil as competições são insuficientes para os atletas...um exemplo típico é o estado do Paraná .. é difícil assim para os clubes manter suas equipes...não dá para manter equipes em torneios ou campeonatos onde joga-se muito pouco...não é interessante para os clubes...Outra coisa nós estamos tendo um campeonato nacional onde as equipes jogam em distancias muito longas...eu vejo que os clubes não tem condições para manter suas equipes assim...temos por exemplo no infante e cadete no Paraná um torneio regional e um final ...não funciona...Em relação as escolas ...as escolas não apóiam a pratica do esporte...nos estados unidos o esporte universitário é fortemente valorizado...no nosso País não tem significado social nenhum...e ai é a razão que quando os atletas chegam na universidade abandonam a pratica...sou docente de basquetebol na universidade de londrina nos cursos de educação física e esportes e recebo muitos atletas bons, mas abandonam porque não temos a cultura de promove-los como atletas...

**Em relação as competições.** Precisamos regionalizar as competições ...fazer jogos em todos os níveis / municipais, regionais, estaduais, nacionais e faze-los por divisões exemplo...categoria ouro prata bronze...aproximaríamos assim de mais patrocinadores...venderíamos melhor a modalidade e criaríamos uma via de mão dupla com eles...não dá mais para fazer quatro jogos por ano...estamos perdendo a concorrência para outras modalidades....

**Preparação técnica e tática das seleções brasileiras de basquetebol, para representar o Brasil em nível internacional** Quando se pensa em seleção nacional a escolha é muito restrita sem excelência internacional...os jogadores infante cadete juvenil não tem uma história de seleção ...ai chega na seleção sem esse nível de competição...a evasão dos atletas para o exterior e o desinteresse pela seleção já está

acontecendo em função da má organização da modalidade no País...está acontecendo no País dois campeonatos na fase adulta ao mesmo tempo... a liga nacional e a nossa liga e isso é inadmissível ...está complicado para os clubes e patrocinadores decidirem o que fazer em função das políticas adotadas...o expectador não entende...caio o nível nas competições internacionais do País...apesar que ficar em décimo terceiro lugar hoje não é um resultado ruim, mas se compararmos aos nossos resultados do passado é péssimo.....Ora já fomos campeões do mundo...o que será que mudou tanto? Eu vejo que estamos perdidos sem organização...tudo está complicado...qual é a motivação dos atletas de outros estados...ele vai com certeza migrar para São Paulo...

**A nível de seleções brasileiras...**temos problemas reunimos as nossos atletas com muito pouco tempo de treinamento para as competições alvos...e os atletas vem para as seleções com culturas de preparação diferente...e para jogar coletivamente os treinadores não tem tempo suficiente para prepara-los bem...sendo assim os treinadores se vêem obrigados a permitir a individualidade.. e ai isso não se torna interessante...um exemplo disso são as últimas seleções norte americanas da NBA que participaram das olimpíadas lá estão os maiores jogadores do planeta, mas não estão mantendo o mesmo sucesso de antes em função da não coletividade...o basquetebol evoluiu vertiginosamente e o aspecto coletivo é a chave...

### **Sujeito 3**

#### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação**

Antes de pensar em fundamentos técnicos no ensino, devemos pensar qual é o grau de maturidade esportiva das crianças nessas fases para o ensino dos fundamentos. É interessante fazer essa análise primeiro, porque as crianças nessas fases, antes de uma especialização, deve ter um bom repertório motor dos aspectos gerais e do basquetebol envolvendo as bolas de basquete, diferentes quadras enfim todo o contexto do basquete...Antes de pensar na especialização e na correção dos gestos técnicos, da forma gestual codificada, eu pergunto... será que os jovens iniciantes estão preparados para aprender esses fundamentos? Provavelmente se você começar ensinar você vai perceber logo que a grande maioria está desprovida de



algumas habilidades motoras básicas fundamentais para executar os fundamentos do basquetebol específico. A partir daí sim... eu vejo que a gente pode iniciar sim o ensino dos fundamentos...Devemos também, prestar atenção na questão da criatividade e alegria, oportunidade de participação para manter o nível de motivação alto e especialmente o interesse para aprender o basquetebol. Não devemos no início dessa etapa se preocupar em demasia com os movimentos especializados dos gestos técnicos...Em relação aos métodos de ensino deve-se ter uma mistura dos métodos de preferência que utilizem os movimentos de caráter global. Onde a criança passa ter uma idéia geral do movimento a ser executado, para depois trabalhar de forma parcial... É preciso antes de executar o gesto técnico constante, que ela tenha a idéia geral do movimento a ser executado... Idéia do jogo e da execução dos fundamentos também...Nessa faixa de idade a criança precisa estudar a execução da atividade pois ela tem dificuldade em função do seu desenvolvimento. Fica difícil sincronizar a questão neuro-motora, ou seja, aquilo que ela vê e aquilo que ela pretende fazer... Nem sempre o que ela vê ela consegue executar na prática... Porque não está completo seu desenvolvimento neural... Essas fases são ainda da regressão do equilíbrio... e a explicação teórica para isso, se deve ao fato de que seus mecanismos de regulação se encontram em mudanças bruscas... Então não existe ainda a sincronização entre os mecanismos suficientemente necessários para a execução desses gestos motores. O trabalho pode ser feito, mas não podemos esperar movimentos perfeitos dos gestos técnicos... mesmo que ela queira... em geral antes dos doze anos. Após os 12 anos o processo está mais propenso a especialização dos gestos técnicos para o basquetebol. Há muitas literaturas que confirmam essa tese...Outro fator importante que existe é a variabilidade, porque tem crianças que se encontra com referencial motor ótimo para o aprendizado e outras crianças que estão iniciando... Provavelmente influenciado pela prática e pelo ambiente de estímulo e não pela genética. Obviamente que a genética faz diferença um pouco mais para frente, na prática ele poderá melhorar. Não significa que quem já possui um rendimento ótimo nessas fases o terá até 17-18...

**Em relação aos sistemas defensivos;** eu sempre defendi isso e depois que eu voltei da seleção do Paraná na qual fui técnico... Fui percebendo através de ensaio e erro que o principal é que a criança tenha a noção de espaço e tempo bem

desenvolvida, para que ele desenvolva a responsabilidade e o senso de defender...Saber como fazer e de maneira adequada e se você me perguntar individual ou zona, a individual. Depois de desenvolvida essa noção de defesa individual, posso incorporar a cooperação e os processos de cobertura definida...O ponto de base do método deve ser aproximado ao máximo das situações de jogo...Já iniciamos o trabalho de defesa no aquecimento, porque entendo que já deve no início ser com bola de basquete... não somente os aspectos físicos. Cada 1 marca 1. Utilizando diferentes lugares na quadra. Marcar em meia quadra – quadra toda. Em primeiro lugar devemos investir nos jovens a responsabilidade de marcar. ..“Ensinar que uma bola recuperada vale mais do que dois pontos, uma cesta”. Utilizar o tempo que melhor convém a equipe. Ter o controle do jogo. A marcação pode ser em diferentes espaços: na saída de bola, na lateral, no fundo, e em diferentes momentos. Essas formas servem para todas as fases dessa etapa. Nas fases iniciais, como pré-mini, mini, é fundamental....Durante esse processo, deve-se aprender através do jogo e da ludicidade, isso é básico em todas as faixas da iniciação. A vivência deve ser em situações de jogo e especialmente que o técnico faça intervenções;- tipo, parar o lance e perguntar, por exemplo. Existi alguma possibilidade de melhorar a defesa. Não tem outra possibilidade. Não devemos dar o peixe a resposta imediata. Devemos abrir a possibilidade de reflexão entre os alunos e com o aluno....Para estimular o futuro atleta de basquetebol (a capacidade de raciocinar, de pensar, de refletir, de ter autonomia, criar outras possibilidades de jogo, pensar o que está fazendo...). Porque daí o esporte deixa de ser uma mera prática esportiva. Aí ele vai além de um mero desporto. Possibilidade de refletir o que está fazendo... O que queremos na realidade? Que o atleta vai na quadra e faz o que o técnico manda.... penso que não é por aí, mesmo nas grandes equipes.....Aí você poderá ter atletas responsáveis, capazes de realizar jogadas, conhecer as situações de jogo de executar as ações com eficiência e acima de tudo saber como fazer... E esse lado humano da pessoa nunca será esquecido e isso ele levará para o resto da vida. Já o desempenho desportivo nem sempre... é esses que chegarão lá no máster treinando o esporte. E levará o esporte como educação para a vida dele, além do desempenho.

**Em relação aos sistemas ofensivos.** Quanto mais eles vivenciam situações de jogo com bola, sem bola, com diferentes tipos de marcação individual e diferentes situações nos espaços da quadra. Quanto mais aproximarmos o treinamento as situações que eles vão enfrentar durante o jogo é lógico que ele vai entender melhor o jogo e resolver os problemas dessas situações, para fiscalizar ou assistir um outro jogador e diferentes locais. Terá uma melhor visão de jogo e não será só o armador. É claro que esse deverá ser talentoso nas habilidades da especificidade da função. Mas serve para todos os jogadores... Eu iniciaria, ou melhor ensinei de forma global... interrompendo a prática e evidenciando as situações que são criadas e trabalhando a tona, os alunos/atletas as possíveis soluções. Por exemplo, eu tinha atleta de 13 anos que tinha 1,90 pivô... Só que ele não sabia a altura que tinha ainda... não tinha noção do que ele era capaz de fazer, ele recebia a bola embaixo da cesta e devolvia a bola para o ala ou armador... eu deixava fazer e depois o chamava e explicava o que ele deveria fazer. Você consegue, você pode... a partir daí ninguém mais o marcava embaixo da cesta... Creio eu que nessas fases os alunos precisam descobrir seus potenciais ofensivos... Os técnicos são responsáveis pelo jogo dos seus educandos através de suas intenções.No entanto deve ser global em princípio, fazendo o aluno pensar, refletir como atacar e buscando criar situações favoráveis.

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de iniciação**

**Qual o perfil do aluno de basquetebol.** Dizem que o brasileiro é ofensivo por natureza e que marcamos mau. Por outro lado o mundo inteiro sabe que somos bons por zona. Isso reflete nossa própria cultura que não é individualista. Ouvi os americanos no qual eu escutei quando fazia doutorado lá. Fiquei surpreso quando escutei isso. Entendo que melhoramos muito no aspecto defensivo. Nessas fases de idade é fundamental que formemos o jogador com intuito de defender....Em primeiro lugar podemos pensar na nossa cultura...Nos Estados Unidos há para os olhos da NBA 350 mil atletas no país. Mas claro que os fundamentos bem executados está em primeiro lugar, mas com a compreensão do jogo... Porque o espírito coletivo, a cooperação de equipe passa pelo entendimento da responsabilidade que ele sozinho, mesmo que

hábil, não reflete a equipe. Ele tem mais quatro com ele. Ele pode até ser um ótimo. Às vezes um ótimo assistente, mas se não tiver espírito de equipe, provavelmente não vai vencer. O trabalho de equipe e cooperação nessas fases é essencial, sem é difícil ser bom jogador. Pode até ser cestinha de várias Olimpíadas. Eu trabalho com uma disciplina chamada Dimensões Educacionais do Esporte. Uma vez eu mandei um atleta embora por suas atitudes, e depois de muitos anos ele me agradeceu... São valores que não podemos abrir mão, estima, cavalheirismo, espírito de grupo, seriedade, disciplina. Em treinamento desportivo se não existir esse espírito é complicado. Lamentavelmente as escolas não dão base para os talentos se conduzir ao treinamento desportivo. Às vezes crianças com 10-14 anos que estavam apresentando algumas habilidades motoras de destaque deveriam estar bem desenvolvidas aos 7-8 anos... 3-4 anos de atraso. Com base no R+R e outros testes motores por de aprendizagem motora, nos faz repensar nossa prática pedagógica... Deixar brincar mais, e foi o que provocamos na escola para melhorar o esporte. Vencer ou vencer. Nos clubes a criança já pretende fazer, já é talvez indicada ou os pais levam. Na escola você só tem as aulas de Educação Física com muitas crianças diferenciadas... No Paraná não temos aulas de treinamento nas escolas estaduais muda de governo para governo. Falta oportunidade para técnicos e crianças. Nas escolas particulares onde acontece a prática, as aulas o trabalho aparece. Em São Paulo eu não sei como é, mas deve ter nas escolas públicas... As metodologias também não são adequadas em função da variabilidade de competição dos jovens na iniciação esportiva.

**Competições na iniciação** Creio eu que elas precisam ser diferentes... Por exemplo: obrigar que seja a participação de todos os inscritos. Premiar o desempenho individual. Tivemos uma pesquisa de nossos alunos que as crianças preferem perder os jogos mas se elas poderiam jogar... Do que jogar esquentando o banco. A única maneira que eu posso melhorar é estar na quadra. Adequar as regras a participação de todos. Obviamente que em se tratando do jogo o maior problema é que os atletas reproduzam o que os técnicos fazem e falam...

## **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos na etapa de especialização em basquetebol**

Aqui nessas fases, todos os fundamentos devem ser revistos. Mas nessas, o que vai mudar é a **intensidade**, o jogo precisa ser mais intenso, mais vezes, mais rápido, mais número de repetições. O treinamento precisa ser mais aprofundado em todos os itens. Mas não podemos perder de vista a questão da cognição, inteligência, atenção, reflexão...No sentido de formação os atletas....Precisam entender o que se trata treinar basquetebol... até então na etapa anterior estava divertido para as crianças... Estava sendo lúdico e interessante. A partir dessa idade às vezes deixa de ser interessante para os jovens praticantes e eles desistem... Provavelmente existe uma série de fatores que podem influenciar o abandono. Não tenho dúvida que a cobrança dos pais, treinador, do clube. Às vezes até além das competições técnico-tática dos jovens nessas fases iniciais. São fatores que contribuem para o abandono. A ênfase excessiva na vitória. Vencer ou vencer não interessando de que forma. Às vezes os técnicos utilizam de subterfúgios não legais para obter vitórias. Creio eu que quando existir a clareza de que não existe preocupação com os aspectos educacionais começa o abandono do jovem atleta. Nos Estados Unidos nas faixas de 7-17 anos de idade... Hoje estaria em torno de 35 a 40 milhões de jovens participando de práticas esportivas. Em geral após 2 anos de início de uma prática a criança abandona ou troca de esporte 80%. Primeiro a cobrança exercida além dos resultados, dos pais, do clube, e vitória a todo custo. Lá nos Estados Unidos é assim individualista e competitiva os atletas perdem o prazer de competir por esses aspectos. Por outro lado os atletas entendem que nessa fase de aperfeiçoamento eles:

- A) Gostam de estar com os amigos.
  - B) Gostam de perceber sua melhora.
  - C) Gostam de não ser comparados aos outros mas que tem seus valores em relação quando começou.
  - D) Vencer está em 7º colocado na ordem de valores até 1º e 2º ano do colegial.
- ... Sendo assim entendo que existem diferenças entre a raiz e o fruto.

**Em relação aos sistemas de defesa e ao ataque na especialização** Deve ser treinado em todas as possibilidades na quadra., Realizando treinamento com outras

equipes e de preferência mais fortes. A simulação em relação as situações reais de jogo. O grau de exigência deve ser maior, mas de acordo com as possibilidades dos jovens... Porque se eles estiverem motivados se submeteriam a treinamentos mais fortes....Devemos dizer a eles vocês conseguem sempre. No treinamento dessas fases temos que fazer com que os atletas treinem 3 horas por dia jogando 1 ou 2 vezes por semana e ainda fique com vontade de chegar logo o próximo jogo ou treino. Agora quando não existe motivação outros fatores passam a intervir principalmente quando desenvolvemos neles compreensão de incapacidade de resolução de problemas ou no jogo ou na vida... Problemas entre atletas, entre técnico-atleta, desmotiva os jovens...

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de Especialização**

**Perfil do atleta na especialização** Deve ser o mais completo possível. Existem duas correntes:

- A) Os atletas tem grande habilidades para contribuir com a equipe. Uns finalizam mais, outros passam mais e melhor, outros posicionam-se melhor, bloqueiam melhor... Outros são mais fortes na defesa outros são mais velozes. Então o trabalho de equipe é a função de todos seus potenciais. Ao meu ver os atletas que tem possibilidades de vivenciar diferentes situações e dominá-las nos diferentes graus de destreza ele vai se diferenciar dos outros.
- B) Por outro lado, se os atletas são muito habilidosos, mas não conseguem criar para a equipe... é... criar situações de jogo que propicie melhores condições como: saber fazer assistências... Perdem em termos de criatividade....Devemos então buscar oportunizar os jovens atletas a vivenciar todas as coisas, mesmo de forma recreativa. Ele deverá saber o que se passa no contexto do jogo... ter a responsabilidade de iniciar jogadas e criar situações favoráveis para que outros atletas possam concluir jogadas.

**Os clubes e as escolas na Especialização** Obviamente que são níveis diferentes. Hoje no clube, na escola... precisamos embasar nosso trabalho cientificamente...Preparar a pré-temporada, a pós-temporada... Se não houver a idéia

de uma organização do treinamento sobre o que é micro-ciclo, e outros ciclos de competição aí é complicado... Saber o que é calendário e preparar... O grau de amadorismo principalmente no desporto escolar é muito complicado... porque atrapalha nas montagens das seleções. Não tenho dúvida que precisamos de um trabalho mais científico.

**As Competições na especialização** Primeiro temos que pensar nos patrocinadores, porque eles não vão injetar dinheiro se não houver retorno. Internacionalmente ainda estamos bem, mas se não existir espelho, estímulos, divulgação, transmissão de jogos, não motivamos os praticantes. Isso acontece mais no Rio e São Paulo e não podemos pensar o basquete brasileiro só nesses dois cenários... Muito mais ainda no âmbito escolar... Jogos brasileiros a mídia não tem interesse. Na verdade os jogos escolares é a base para o alto nível... É impossível alguém chegar lá se não passar pela base escolar, pelas seleções dos Estados.

**A preparação das Seleções Nacionais** Hoje mesmo no nível brasileiro passando por sul-americano, pan-americano e mundial, não dá pra chegar sem muita ciência e organização extrema em todos os aspectos.

- preparação física
- técnica, tática, etc.

Devemos ter e precisamos em nível de ministério o apoio devido. Estamos tendo agora um pouco de atenção em função do pan. Na verdade queremos resultados mas temos que melhorar as condições onde inicia-se o processo no trabalho de base nas escolas, nos clubes... Não existe incentivo para os clubes que são os que fazem o esporte desse país... não existe apoio. No caso do voleibol antes da vila olímpica eles tiveram que mostrar resultados. Vice-Olímpico – Mundial....Através desses resultados os seguintes foram muito fortes... Nosso trabalho no basquete está mau estruturado e com pouco sucesso para competições em todos os níveis e estamos assim pecando no processo de formação.

- A) Especializando precocemente.
- B) Rendimento ótimo até a fase infantil.
- C) E no juvenil não ganhamos nem sul-americano.
- D) Onde estão os praticantes de esporte.

A massificação é o principal problema. Onde está a paixão dos atletas hoje é difícil. Até dentro do curso de Educação Física inclusive no curso de esportes. Onde está o erro. Há meia culpa em todos os níveis. A forma mais adequada... Como podemos pensar em esporte de rendimento se no Brasil só há 2 escolas de esportes a VEL e a VIP. Não temos por todo país, a formação de técnicos desportivos. Hoje passamos por um processo de formação acadêmica ainda. Não temos técnicos competentes para atender a demanda. E isso reflete com certeza no produto final. Agora ainda assim o processo de formação esportiva analisando só a busca do desempenho técnico-tático....Principalmente devemos buscar a massificação e a oportunidade facilitará o rendimento final na fase adulta. A ciência aplicada ao processo de organização e função do atleta de basquetebol é o primeiro caminho a seguir. Eu não vejo em grandes congressos trabalhos nesses sentidos... temos que embasar a prática na ciência. Estamos começando agora via Cenesp mas está muito fraco. Os níveis de pesquisas são incipientes e não muito aprofundadas. Priorizamos estudar faixas de idade cronológica e biológica no treinamento. As categorias de competições são baseadas em idades cronológicas. Muitas crianças vão passar por essas categorias sem estarem maduras para a faixa em relação a maturação biológica.A questão de busca de talento para o basquetebol. Agora em Gramado uma federação de basquetebol apresentou um trabalho no Congresso da rede Cenesp e me desapontou pela falta de cientificidade. O trabalho apresentado foi de cunho técnico na qual, todos já sabem como é feito, sem novidades, sem preocupação, sem compromisso, previsível e sem fundamentação. A ciência é o caminho. A formação de base é o caminho.

#### **Sujeito 4**

#### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação**

Primeiro, precisamos saber se as crianças envolvidas dominam as habilidades básicas e o domínio corporal. Além dessas habilidades básicas todas as que são inerentes ao basquetebol. Em relação as categorias, quando as crianças que entrar no pré-mine deverá estar dominando as habilidades motoras fundamentais e combinadas....Dentro dos **fundamentos** do basquete eu entendo que se deve respeitar



as fases do crescimento, então o passe por exemplo ele é coletivo e o drible é individual. Tem alguns autores que preferem começar pelo drible porque é uma habilidade individual e nessa fase a criança é bem individualista e em seguida o passe....Penso que devemos trabalhar todos os fundamentos e nos preocuparmos bastante com a coordenação motora, mais do que o gesto técnico específico para evitar a especialização precoce na categoria pré-mine... eu acho que devemos trabalhar o desenvolvimento motor geral e específico e devemos trabalhar bem os dois lados do corpo direito e esquerdo. Devemos também diminuir a altura da tabela, utilizar diferentes tipos de bola. Eu acho que isso é o primordial no aprendizado...Nessas categorias os jogos pré-desportivos são importantes e com o aumento da idade a criança vai passando por transformações sociais, psicológicas e maturacionais, e aí devemos ir aprimorando a trabalho, dos fundamentos com outros métodos. Aí você pode já começar a fazer exercícios com mais repetições de movimentos, diferentemente das categorias iniciais de pré-mine. Acredito mais numa visão desenvolvimentista, depois a motora e a construtivista, eu acho que os jogos são muito importantes para a criança e também para desenvolver a concepção tática... Porque nos jogos coletivos o principal é o trabalho de equipe....O aspecto tecnicista deve ser observado também, não deve ser exclusivo, mas deve aparecer porque com o aumento da idade ele precisa dominar bem a técnica e precisa repetir, e não tem como aprender bem a técnica se não repetir muito os movimentos... mas não deve ser visando um gesto estereotipado, por ex: no treinamento de passe ele pode ser analítico, mas também em situações onde ocorre a imprevisibilidade no caso nos jogos reduzidos. Então não deixar a repetição só pela repetição, mas deve haver também uma reflexão do movimento que é a tônica do jogo, e com o avançar da idade você deve priorizar a parte tática, mas não esquecer dos fundamentos técnicos que é fundamental para o bom desenvolvimento da tática... “se não houver um bom domínio da técnica a tática fica prejudicada”. Em síntese: nas categorias: a) Pré-mini → As habilidades acontecem de forma geral- b) Mini → O trabalho técnico e tático é adaptado- c) Mirim e infantil → repetir as ações, mais refletir sobre o que está fazendo e nessa fase então vai se solidificando a especificidade do basquetebol.

**A defesa na iniciação;-** Justifica-se a defesa individual em função da

aglomeração, pela falta de compreensão do tempo e do espaço das crianças nessas fases iniciais... A defesa individual faz ele se perceber melhor no contexto do jogo. Eu não acho que é a melhor defesa. Eu penso que ela facilita o entendimento da criança porque ela tem a responsabilidade de marcar 1 jogador. Ela a criança, pensa em jogar mas não domina muito bem os movimentos, ela vive um problema social que é o individualismo. E para você fazer uma defesa que utiliza-se de mais recursos e inteligência, como a defesa por zona... ela teria mais dificuldade para aprender. Tem que marcar individual sim, mas com delimitação do espaço porque ela quando feita com uma equipe que é superior ela terá desvantagens no aspecto físico e psicológico....Penso que o mais importante em qualquer defesa é a visão que temos que ter, do adversário com bola, sem bola, o pé de apoio, o equilíbrio, a postura, a forma de marcar... Então temos que bater nos conceitos de defesa. A postura e a mecânica talvez não seja o principal pelo fator nessas idades, mas sim: a compreensão da antecipação, cobertura, ajuda, ou seja o sentido de equipe... pensar em respostas e soluções que a criança consiga construir e deixar ela livre para entender o que está fazendo... com o avançar nas categorias e na idade a defesa deve priorizar a inteligência na marcação, com atenção nos pontos fracos e fortes, observar o que o atacante faz de melhor e isso está mais no sentido da tática e da observação do espaço...Eu acho que na categoria infantil deve começar com essa filosofia com as devidas proporções... E os jogos são importantes nessas fases... e principalmente ensiná-los a marcar quem está sem a bola... o método é o da busca de soluções de problema e não só o exercício em si... a defesa é físico mais é muito mais inteligência do que físico. Devemos estimular as inteligências múltiplas nessas fases... Então primeiro uma base de movimentos e depois de forma mais específica para o basquetebol.

**O ataque na iniciação;-** no ataque, o principal que elas tem que aprender é o objetivo do jogo, que é fazer cesta... e quando você pensa nisso a defesa vai tentar impedir o ataque. O ataque é quem determina o que a defesa vai fazer... 1.º do ataque é trabalhar quem está sem bola... 2.º eu tenho que ensinar o ataque facilitando as ações dos meus companheiros e ao invés de eu ir ao encontro do meu parceiro tenho que ir para o lado contrário... ou seja, eu preciso facilitar o jogo de quem esta com a

bola, preciso saber desmarcar com fintas e evitar ficar parado porque senão facilita o trabalho defensivo. Mas a noção básica do ataque é possibilitar a cesta... então devemos fazer muito o 1x1, 2x2, 3x3, que é para os americano, o jogo dentro do jogo... onde na individual predomina a ação individual e na zona o coletivo...

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de iniciação**

**Do clube escola na iniciação;-** eu acho que o clube tem menos jogadores e melhor estrutura, e esses atletas já são selecionados e já vem com uma bagagem melhor e daí o técnico ganha tempo. Há uma maior repetição dos movimentos. Os jogadores são melhores fisicamente também... e o trabalho é elitizado...O problema é o sistema que os clubes adotam para o trabalho. Quando se fala em escolinha de basquete já pensa-se em especialização... E aí ele não faz esporte ele faz basquete...O reflexo da atuação dos pais, dos dirigentes e da torcida é a cobrança que as competições exercem influencias negativas sobre os técnicos e as crianças... o desenho da competição está errada... aí os pais acham que o melhor para o filho dele é ser campeão... e isso é um caminho que temos que modificar nas categorias de base... porque a educação deve vir em primeiro lugar... porque a % que vai seguir adiante é muito pequena. Ele pode ser o melhor no momento mas poderá não será o melhor no futuro e ninguém sabe quem vai ser o melhor nessas idades.....O grande problema aqui no Brasil é a educação em geral, o ensino e o professor não é valorizado...As escolinhas de esportes deveriam existir em todas nas escolas, lá seria o lugar certo para o trabalho geral de aprendizagem motora e depois os expoentes deveria receber uma atenção especial. Aí o clube já pegaria os alunos com potencial para o esporte...

**Competição na iniciação;-** eu quero deixar claro que entendo que a competição é a essência da vida. Até para nascer competimos. Eu digo que a competição é fabulosa e ela pode trazer ganhos extraordinários, desde que, ela seja adequada, para quem nós estamos propondo. Então ela não é ruim, "ruim é o que se faz dela". Então nessas categorias menores elas não podem ser o modelo do adulto... Quem está preocupado em ganhar e perder é o pai e o técnico, a criança não. Primeiro temos que diminuir o tempo total de jogo, todos os jogadores devem participar o mesmo tempo de jogo,

porque o importante é que todos participem...Os fundamentos do jogo podem ser avaliados e contar pontos...No intervalo do jogo poderia ter atividades educacionais...A partir da seleção natural que ele está passando a sua escolha é o mais importante para a continuidade...Daí para frente deve especializar-se no basquetebol, mas não ainda em uma função... e depois do juvenil aí sim.

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos na etapa de especialização em basquetebol**

Considerando agora que eles estão numa fase em final de adolescência e que ele já tem um desenvolvimento físico chegando no final e que a maturação das capacidades e habilidades já estão melhores desenvolvidas, bem como do aspecto social, ele já está sabendo do que vai encontrar pela frente ao ser jogador.... Os **fundamentos técnicos** agora devem ser mais apurados para ele fazer uma bandeja de costas, e a intensidade é bem maior na prática dos exercícios. Você deverá valorizar os aspectos fisiológicos e treinar muito a potência anaeróbia alática, que é a explosão. Eu sempre digo que no basquetebol não tem velocidade, o que tem é a aceleração, além disso ele tem bola, companheiro e adversário. E é essa a capacidade que tem que ser estimulada desde pequeno, já o aeróbio será utilizado para a saúde do atleta...Isso deve ser feito em diferentes ritmos, distâncias, etc. Na adolescência em diante o anaeróbio será predominante...A parte técnica é dependente desses fatores e é nessa intensidade que ela deverá ser apurada.....Depois de um bom desenvolvimento motor e um bom desenvolvimento tático porque ele já passou por vários trabalhos cognitivos aí ele vai se especializar no basquetebol e o treinamento vai se aprofundar num treinamento muito mais intenso, muito mais rígido, no que diz respeito ao contato físico, mas ele ainda não deve definir sua função no jogo. Ele deve trabalhar em todas as posições. Com isso o armador terá a experiência de jogar de pivô e o pivô de jogar de lateral e o lateral de armador para que eles valorizem as outras funções e os ajudem se movimentando para receber a bola...Apenas na fase adulta você deverá especializar as funções. O meu conceito de formação de jogadores é com 18/19 anos porque é aqui que eles estão formando fisicamente e não existe mais a maturação precoce que supre os outros aspectos principalmente o aspecto técnico e tático. Só aos 25 anos no

basquetebol é que os atletas estão no auge da forma técnica tática e física, e aí é que aparece os melhores resultados em nível mundial e olímpico.

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de Especialização**

**Perfil de jogador na especialização;**- o brasileiro é imprevisível, o brasileiro é individualista. Devemos ensinar eles a ser individual dentro do sistema tático. Devemos pensar em equipe. Devemos saber utilizar melhor nossa condição psicológica – controle no começo do jogo. Paciência sem lentidão. Velocidade sem pressa. Inteligência e perspicácia. Precisamos de diretrizes nacionais para a cultura de jogo.

**Defesa;**- agora ele deverá saber todos os sistemas tanto individual quanto por zona. Eu acho que os atletas agora precisam muito da parte teórica... eles precisam estudar o basquetebol... Entender para que e porque marcar, saber quais são os tipos de defesa... saber as características dos adversários... O jogo de basquete é de contato e tato, no entanto no ataque se você quer receber a bola não saia da marcação antes do passe sair em sua direção, não vá para o rebote, primeiro tire a ação do seu adversário. Estudar como o adversário joga, para que você perceba olhando nos seus pés o que ele vai fazer, para onde ele vai sair e dependendo de como ele fizer eu já flutuo...As vezes a defesa pode até dar um lado para surpreender os adversários e a psicologia de cada defesa é muito importante... a defesa tem que ser sempre alterada...Às vezes o armador poderá determinar como vai jogar na defesa...Você pode iniciar uma defesa por zona e a partir do primeiro passe você muda para individual...Nas categorias cadete infante isso é ótimo... no adulto eles se adaptam mais rápido...

**Clube e escola ;**- não existe metodologia nem um padrão nos clubes... cada clube faz do seu jeito... de acordo com suas possibilidades...No caso do basquetebol deveríamos ter um aperfeiçoamento para os técnicos...Eles deveriam passar por todos os níveis de estudo e não apenas por categorias. Os técnicos deveriam ter um perfil x para atuar nos diferentes níveis. Deveria ter mais competições internacionais.

**Competições nacionais e internacionais;**- precisamos de um diagnóstico do nível das competições. Temos poucas equipes. Temos um perfil diferenciado de atletas.

A equipe do COC é a melhor equipe do Brasil mas não é ótima. Precisamos ter mais campeonatos no Brasil de nível internacional. Precisamos de atletas de outros países para atrair público. Porque jogar no nível internacional é bem diferente do que no basquetebol doméstico. Precisamos do intercâmbio internacional.

## **Sujeito 5**

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação**

Independente de qual for a categoria, mas principalmente no início do trabalho e que inclusive facilitou meu trabalho como técnico, foi que primeiro desenvolvi uma avaliação com as crianças em cima das qualidades físicas que achamos importantes para basquetebol. Para que? Para que o ensino seja facilitado e a aprendizagem também dos fundamentos. 1.º temos que pensar na formação do atleta, então temos que ensiná-los a correr de acordo com as necessidades do basquetebol....No basquetebol a velocidade é decisiva e nós temos que ensinar o trabalho de corpo, de membros superiores e inferiores visando a melhoria da velocidade, todos fundamentos são importantes, especialmente o manejo da bola, recebimento da bola explicar com os diferentes tipos de bola, das diferentes categorias. No nosso trabalho era da forma crescente, depois da corrida do manejo da bola, o passe, drible, arremesso, rebote. No caso do arremesso que é um fundamento muito importante, porque é dele que sai os pontos e é ele que faz você ganhar ou perder. Ele é importante desde a pegada da bola até a maneira de se arremessar, deve-se trabalhar muito tempo no ensino do arremesso. Eu que tive nas mãos uma das maiores jogadoras do mundo, no caso a Hortência, ela iniciou este trabalho com 12 anos e foi até o fim. Como ela tinha potencial físico importantíssimo que era velocidade, e também aprendeu com detalhes todos os fundamentos técnicos e nos mínimos detalhes o arremesso. Isso foi decisivo por ela ter sido muito efetiva nesse fundamento....Os meus métodos de ensino são baseados no princípio da aprendizagem. Qual a melhor forma de aprender? Quando você se baseia na pedagogia e estuda os métodos de aprendizagem, por exemplo, a fala com atleta te dá um X de aprendizagem, teoricamente falando, se você mostra um vídeo para ela, você terá outro nível de aprendizagem, mas o principal fator da aprendizagem é a

repetição. Sendo assim devemos ter um número de bolas suficientes. Se você tiver 20 crianças deverá ter ao menos 10 bolas. Quando não havia eu dava um jeito, sempre consegui ter uma para cada. Quando eu tinha 2 horas de treinamento, respeitando o objetivo do dia se eram 2 horas de treinamento de arremessos e isso dariam aos atletas ótima precisão nos arremessos no treinamento....O jogo deve ser utilizado como incentivo. Porque se você deixar a criança sozinha ela não faz fundamentos de drible ou passe, ela vai direto para cesta, e quando ela está com mais um companheiro, ela quer jogar, então devemos fazer os movimentos ensinando-os e repetindo-os ensinando a jogar em trabalhos de grupo.

**Defesa;-** você deve pensar em 3 fatores importantes para desenvolver nas crianças.

A) Como ela se movimenta na quadra: porque a defensiva tem aspectos importantes, a defesa joga de costas, lateralmente, e o ataque se movimenta de frente com ou sem bola, e esse posicionamento é desfavorável para quem defende. Por isso temos que ensinar bem à ela que é preciso se movimentar e posicionar-se, aí você ensina no trabalho físico a movimentação de pernas principalmente. Eu nunca ensinei defesa direto pelo sistema, ou zona, ou individual, 1.º trabalho o físico para elas agüentar e realizar os movimentos, o de pernas que é o mais utilizado, e a coordenação de braços para dar equilíbrio e segurança para criança.....A defesa principal é sempre a individual, porque eu não acho, tenho certeza, que qualquer outro tipo de defesa são defensivas coletivas. 1.º elas devem aprender o que fazer individualmente, no basquetebol o jogo é 5x5 e enquanto um joga com a bola, 4 jogam sem, então devemos ensinar como jogar com bola e sem bola. Paralelo à isso você tem 2 fatores importantes: A) determinação de defender, só para dar um exemplo, eu tive em equipes mirins e infantis, jogadores que eu colocava na quadra e mandava ela defender a melhor adversária, às vezes ela não tinha condições técnicas, então eu a ensinava marcar, aí você estava designando a ela uma missão importante para que ela pudesse se desenvolver na defesa e no basquetebol.

b) Outro aspecto é a agressividade positiva é claro, sem raiva. Defendo até que você às vezes tem que fazer uma falta mais forte para mostrar quem manda, isso foi utilizado muito, é claro na categoria juvenil e adulta, não devemos ensinar para crianças

apesar de ter muitos técnicos que utilizam, já vi até técnico mandar empurrar quando for fazer uma bandeja.....Quando comecei minha carreira como técnico, fui muito bem sucedido, e foi na escola, porque? Porque trabalhava muito bem com a defesa, isso que eu to falando é verdade, as crianças aprendem muito rápido à defesa. Dessa maneira eu ganhava na minha época 80 à 4 e às vezes até 80 à 0, porque minha defesa era trabalhada em cima de princípios defensivos, gosto muito de detalhes, então sempre quis saber o porque das atitudes das atletas, até na influência que pode ter o vento em determinado jogo de quadra aberta, qual a diferença da gravidade em cima da bola, tudo isso, até a maneira de ensinar, tudo isso tem que ser ensinado.

**Ataque na iniciação;-** 1.º temos que ensinar a atacar contra individual. Na minha estratégia de ensino eu começo o ataque quando elas estão na defesa e esse ensino, são baseados em princípios e sendo assim o principal é trabalhar com exercícios sincronizados, buscando desenvolver a criatividade do jogador, e quando você está ensinando a defesa, você já está dizendo o que a ofensiva faz, aí precisa de muito trabalho técnico individual. A criatividade é muito importante, acompanhada de deslocamentos, o motivo é que no basquete só tem uma bola e os outros 4 jogam sem bola e por isso é preciso se deslocar, então temos que montar um sistema ofensivo.....Primeiro ele vai jogar muito tempo para desenvolver a criatividade dele, aqui o corta luz é importante para facilitar o trabalho dele e aí você deve observar como se movimentam para receber a bola, e quando ele receber a bola, ele deve criar alguma coisa apesar de você não ter ensinado nada ainda. O mais importante da aprendizagem nessa fase é a mudança de ritmo, saída rápida, parada brusca, os cortes, as fintas. Os exercícios sincronizados são os mais importantes, tudo isso aprendi fazendo cursos nos EUA principalmente, lendo, e com base nisso sempre verifiquei o seguinte. Você precisa fazer uma tática para eles jogarem, mas sem fundamentos e deslocamentos eles não conseguem realizar nenhum tipo de tática....Muitas vezes o que ganha jogo não é tática, por exemplo, o Jordan jogava encima de corta luz e a melhor qualidade deles eram os fundamentos individuais, defendendo que a ofensiva depende do trabalho técnico individual e dos deslocamentos, fora isso não tem mais nada. Aquela tática de correr para cá e para lá, pode ser parada na primeira bola que o atleta receber. As vezes o técnico fora fica gritando “vamos armar”, mas o que ele deve dizer é “vamos



acalmar” para retornar a posição inicial e tentar os deslocamentos visando deixar alguém em condição de arremesso.

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de iniciação**

Vou dar o exemplo da Hortência porque ela se tornou grande jogadora, quando ela começou, percebemos logo de princípio que ela tinha uma qualidade que era velocidade, ela tinha também determinação violenta e uma agressividade firme, então tínhamos que aproveitar isso dela. No mundial de 1994, a Hortência na final foi até onde eu estava e disse: Como eu faço, não to conseguindo arremessar como gosto? Aí respondi, você está fazendo o que aprendeu desde criança? “A velocidade”. Então naquela hora difícil, pedi para que ela usasse a velocidade em todas as ações ofensivas, porque o arremesso ela já fazia bem. Na volta já na primeira bola ela cortou em velocidade e já resolveu, daí ela passou pelo banco e acenou para mim, isto significa que temos que desenvolver nos atletas o que eles tem de mais forte. Existe uma soma de fatores e detalhes para que você tenha um perfil. Então você como técnico tem que entender que quem é flexível é flexível e quem não é tem que trabalhar para ser....Naquela seleção que fomos campeões do mundo em 1994, foi feito trabalho mental e a coisa mais importante a ser cobrado era “não queira ser mais do que você é”. Ex: a jogadora X entendeu que não teria como ser Hortência, e isso é uma grande missão para o técnico que quer levar as atletas ao seu melhor. A soma dos potenciais foi o que nos levou ao título do mundo. No caso do ensino em busca de um perfil, você tem que insistir na repetição e nas qualidades de cada um. Em síntese este perfil está na velocidade, criatividade, compreensão do potencial, deslocamentos....No basquete nós corremos no máximo 15 metros em velocidade máxima e se você não vê estes detalhes e que até a própria Hortência precisava saber, você pode não desenvolver ao máximo a capacidade dos atletas, e todos estes detalhes devem ser trabalhados na etapa de iniciação.....Eu tive na seleção, brasileira muitas jogadoras com defeitos nos fundamentos, você ensinava e ela fazia nos treinos, mas na hora da decisão ela não fazia, é incrível essas coisas. Vou repetir bem para você, tem que repetir muito os movimentos e trabalhar em cima de que seu grupo tem de bom.

**Clube/Escola na iniciação;**- atualmente ninguém perde tempo com basquete, porque já vem errada nas faculdades de Ed. Física, tem algumas que nem consta no currículo, e quando tem o professor que ministra não se interessa ou não sabe trabalhar, porque o basquetebol não é fácil de se trabalhar. Você tem que ter um bom conhecimento para trabalhar. Porque senão você vai ficar gritando “Vamos, volta para marcar”, isso tudo tem que ser muito bem ensinado, ele não tem que pedir para voltar marcar, isso deverá ser aprendido. Primeiro o grande problema está nos profissionais. Digo isso porque no início do meu trabalho na escola, um dia foram me buscar nessa escola e meu salário aumento 10x, porque? Eu trabalhava direitinho, e nessa época fui trabalhar com Heleninha, M.<sup>a</sup> Helena, e eu fui dirigir este time, e eu fiz a mesma coisa que eu fazia com as crianças. Comecei a trabalhar, mudei de 3x por semana para todos os dias. Depois comecei treinar de manhã e a tarde, eu entendo que o basquetebol foi campeão mundial no feminino partindo desses princípios, o Brasil era equipe que mais treinava durante o ano. As americanas se reuniam um mês antes das competições.

**Competições na iniciação;**- as competições nas categorias menores podem ser diferentes, você pode fazer uma de fundamentos, quando for fazer o jogo, você pode determinar por exemplo, não pode marcar por zona. Jogar os 12 jogadores, pode até variar as defesas, ½ tempo individual, ½ tempo zona, são acertos que se pode fazer, eu acho que a federação deve dar oportunidade para que todos possam opinar a respeito das competições, talvez possa melhorar as competições. O mais importante é a conscientização dos técnicos e professores de que não podem ser mais ou menos tem que ser boa, eles devem saber os princípios para que possam comandar os atletas.

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos na etapa de especialização em basquetebol**

Começam aparecer as diferenças e você precisa saber fisiologicamente o que ele precisa, então você tem que fazer todos seus treinamentos encima da preparação física específica do basquetebol, por exemplo, no basquete o jogo para 3 a 4 vezes em um minuto, ou pelo lance livre, ou por tempo, mas as vezes ele fica num grande ritmo em vários minutos, onde a frequência está a 200 batimentos. Tudo isso deve ser observado e esses fatores muitas pessoas não observam no jogo, e o atleta a mesma

coisa. Então eles devem aprender este tipo de coisa, é a etapa de especialidade dele, se ele é armador, vamos trabalhar os exercícios que melhorem sua condição de armador. Ele deve evitar perder tempo sendo pivô. Tem até os que fazem duplas funções, mas ele deve aperfeiçoar estas duas funções apenas. A Hortência com todas as suas competências não podia ser armadora, porque? Porque ela não é de passar bola, ela faz cesta, e ela realmente resolvia, não tínhamos problemas com ela, de pular fora. Ainda falando na Hortência, até a forma de arremesso ela aprendeu desde baixo, que tinha que respirar, dava equilíbrio, confiança, e isso ela sempre fez muito bem, a gente passa muito tempo ensinando este tipo de coisa a filosofia muda, a repetição continua....Mais especificamente, você tem que fazer bom trabalho de pivôs, de laterais, e sempre buscando no basquetebol, a criatividade deles, você nunca deve falar não para o atleta, você deve ensinar e explicar a ele o que ele deve fazer, ou seja, eles precisam saber o porque das coisas, e assim você controla as atitudes individuais.

**Defesa na especialização;**- você deve continuar os princípios defensivos, só que agora mais específicos, é o aperfeiçoamento da ação individual com e sem bola, se o jogador estiver com bola o defensor precisa saber tudo que ele possa fazer. Então a primeira coisa é impedir que ele faça o arremesso, aí precisa tomar uma posição favorável. Se ele pode me driblar ou fintar e cortar para o cesto, então preciso de outra atitude e não posso ir afoito para cima dele porque aí ele me corta. Mas tem os que não driblam e não cortam, então isso são fatores específicos que você vai fazer e treinar de acordo com quem vai jogar. Em síntese deve-se evitar arremessos, corte e passe ou o bom passe. Devemos ensinar muito bem esses 3 princípios. Sendo assim precisamos ensinar aos jogadores todos os conceitos de defesa e o que pode acontecer no jogo, por exemplo se ele parou de bater bola, devo apertá-lo para que ele erre o passe...Eu quando dirigia equipe adulta, eu mudava a defesa no momento do lance livre, por exemplo, se ele errasse marcaria pressão individual se ela acertasse retornaria e marcava por zona. E é através dos exercícios que você soma os conceitos até formar a equipe.

**O ataque ;**- Nas olimpíadas de Atlanta, eu fui para lá um ano antes, para ver onde iríamos jogar, o piso, tipo de bola, e daí comprei 120 bolas para treinar, e aí observei o calibre da bola em relação ao piso, visando o controle da bola no jogo, voltei para o

Brasil e treinei durante 4 meses com bola igual e piso ao que íamos jogar. E depois não ouvi reclamações, principalmente da Hortência, que era perfeccionista nos detalhes, e os detalhes nessa etapa são decisivos. Fiquei nos EUA com John Wooden, e aí ficava sempre do lado dele ouvindo o que ele falava e só perguntava quando tinha dúvida, aí fui no treino dele antes do jogo final e eu vi ele dizer para os jogadores “tudo que vocês aprenderam aqui, será utilizado no jogo”, ou seja, não ensinava nada naquele momento, a não ser, como jogava a outra equipe.

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de Especialização**

**Perfil** ;- em relação ao perfil é o que eu disse anteriormente no caso da Hortência só que naquele caso o objetivo são para os iniciantes e agora já é para os futuros atletas.

**Competições no Clube e na Escola**;- em relação as competições só o fato de existirem já é boa coisa, o que eu diria é que precisamos de mais competições, naturalmente repetiríamos mais, ou seja, se o campeonato tiver 10 equipes, seria melhor se tivesse 20, porque é praticando que vamos detectando os problemas. Você já viu um piloto dirigir um Boeing, sem antes ter pilotado um teco-teco. Isso significa que os atletas precisam competir em diferentes situações.

**Em relação as seleções nacionais**;- teve uma época que botei na cabeça do Brito Cunha, que a equipe infanto-juvenil do Brasil jogasse fora, anos depois muitos deles estavam na categoria adulta e já tinham uma gama de experiência, e vou dizer alguns que vocês conhecem, Fernando Minuté, Rogério. Contra Porto Rico jogamos contra equipes adultas e assim foram pegando experiência. Ganham, perderam com equipes adultas, com arbitragem contra, então não tem outro jeito a não ser praticar nas competições, agora é necessário ter pessoas a frente que entendam do negócio, não podemos admitir técnicos gritando e cobrando o que não ensinou....No juvenil tem quantas equipes disputando o campeonato paulista, e como vamos ter bons jogadores? E nos outros estados? Além de não ter equipes, as que tem são mal preparadas, então nós já não temos mais quantidade, o que temos é qualidade de alguns jogadores, e como podemos chegar bem em uma Olimpíada. No masculino parece que agora temos

um bom grupo que pode até ganhar Olimpíada, porém há problema, entendo que temos que levar os melhores, não podemos levar jogadores na marra, o que ta acontecendo é uma briga com Nenê e outros, me parece que não vão para o mundial e isso não pode acontecer, se o cara joga bem basquete, ele tem que ir, independente de problemas financeiros e outros. Se não tivermos estes jogadores, podemos não ir bem no mundial e não classificar para olimpíadas.

## **Sujeito 6**

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação**

Considerando o espaço entre 8 e 14 anos, entendo que é um espaço bem diferenciado para o ensino dos fundamentos. De 8 a 10 acredito que aconteça o primeiro contato com o basquete e deve ser bastante lúdico, criativos ter bastante contato com a bola de forma agradável, prazerosa que desperte o interesse e mantenha-os no aprendizado. Depois os conhecimentos vão se aprofundando, mas até por volta de 14 anos você dá um enfoque mais lúdico na qual você deve adaptar os conteúdos e não perder a oportunidade de valorizar todos para não desmotivar um ou outro....Agora os aspectos técnicos que são os **fundamentos**, deve ser bem feito, o mais próximo do esporte de rendimento, porque são influenciados pela mídia. Os conteúdos são, manipulação da bola, controle da bola, drible, passes, depois, tipos diversos de passes, receber e arremessar já nas idades iniciais, de maneira lúdica e algumas regras básicas como não andar com a bola na mão, em seguida continuar os fundamentos diversificados. Já deve acontecer uma organização básica na quadra de ataque e defesa.

**Defesa na Iniciação;**- depois das noções gerais dos fundamentos - alguns sistemas. Eu sempre ensinei a individual primeiro, depois você ensina que parte da quadra tem uma área e que cada um vai ter um espaço, com objetivo de proteger a cesta. Deve-se tomar cuidado com a forma de cobrança e em relação ao vocabulário técnico.

Eu utilizo como método muitas brincadeiras, tipo pega-pega, um contra um com e sem bola, objetiva-se situar-se no espaço, locomoção. O ponto básico da defesa é que

ele deve ficar entre a cesta e o adversário. É importante que os alunos compreendam o porque fazer e não o fazer por fazer. Utilizo o jogo também como método em todos os treinamentos. Utilizo também exercícios em dois terços do treino, quando aplico o jogo de 5x5 pelo fato de ter mais jogadores, eu divido o tempo igual para todos, para que todos possam ficar satisfeitos com a prática e não fiquem injustiçados. Sempre ensinei para eles que mesmo que não fossem bons atacantes, seriam bons defensores. O sistema defensivo 2x1x2 por zona é mais fácil na compreensão dos iniciantes do que os outros sistemas e já podemos aplicá-los....Não existe sistema defensivo sem falha e também não existe jogadores que não possam ser marcados, porque todos jogadores tem suas limitações, falava isso porque queria motivar os menores e os mais fracos fisicamente.

**Ataque na Iniciação;**- Eu sempre trabalhei com exercícios buscando o conjunto, eles aprendiam os fundamentos e em seguida eu começava combinar o passe com drible, depois com arremesso, através de exercícios 2x2 sem defesa, que eu chamo de combinação de fundamentos. Porque entendo que o jogo é a combinação de vários conhecimentos. Depois o 2x1, e ia progredindo até chegar o 5x. Em forma de inferioridade numérica defensiva e superioridade ofensiva, quando o objetivo era defesa, e quando o objetivo era o ataque eu colocava dois atacando e três defendendo até o final, até chegar 5x5. E a resolução ofensiva era livre para que eles decidissem. Quando eu ensinava no jogo de 5x5 eu ia parando e mostrando para eles, como estavam os posicionamentos em relação aos defensores e as cestas para que eles fossem fazendo a leitura....Esse trabalho é muito demorado, isso acontecia todo treino. No próximo treino retomava de onde parou. Não faço isso durante muito tempo para que não fique chato, porque enquanto 10 estão jogando os outros ficam olhando, e aí o treino fica muito chato. Sempre me coloquei no lugar do atleta.....Eu não trabalho com jogadas até 7ª e 8ª, todo dia tinha jogo. E no jogo eu passava conceitos de ataque, tipo olhar se tem alguém livre e em melhores condições que você, então passe ao invés de perder tempo, se não der para passar, drible com a bola. Não me preocupo, quem estava livre, se era o melhor ou pior jogador, ensino a eles que eles tem que passar a bola e que o que importa é o time e não o sucesso individual, por outro lado se ele tem condição de ir para cesta tem que ir e os outros participariam na busca do rebote, então

esses são os conceitos, principalmente de coletividade, sempre me perguntam se eu não estou podando os garotos, porque sempre tem os que são mais ousados, e é muito difícil fazer com que ele entenda nessas faixas etárias a importância da coletividade e que ele tem que passar a bola, que nem sempre é para o melhor da equipe. Me preocupa isso, porque cada um quer mostrar seu jogo, temos que tomar cuidado porque às vezes você pode estar podando o potencial de um garoto criativo e até de futuro, então temos que achar o equilíbrio....Nessas fases, no ataque não há posição definida, apesar de você colocar eles nas 3 funções, porque alguns tem características de armador, porque é baixinho e rápido, outros altos você coloca de pivô, tem os mais preocupados com a equipe e passa bola, outros mais ousados, e aí colocava na lateral. Mas os pivô também deve bater bola, correr, passar, e nessa fase todos devem ter os fundamentos bem desenvolvidos independente das suas competências físicas, sempre me elogiam dizendo que meus pivôs são rapidinhos, ágeis, por outro lado tem armadores que nunca jogaram de pivô e é diferente, porque estes jogam de frente para o cesto e a mesma coisa para os laterais que jogam de lado para cesto.

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de iniciação**

**Perfil na Iniciação;**- O jogo é imprevisível, não se sabe o que vai acontecer, ele pode criar, inventar, se expressar, tem a expectativa da novidade. Tem que mesclar muito lúdico com jogo, não desmotivar a criança. Não devemos podar a criatividade da criança, manter o prazer na atividade, manter a vontade de jogar no coletivo, porque eu dependo dos outros e eles de mim, é assim que os alunos devem pensar. As atitudes de um jogador são diferentes totalmente de um esporte individual. Ou seja, a coletividade é fundamental e ela é o perfil....No meu caso fiz Educação física porque sempre fui apaixonada pelo esporte, entrei na escola de educação física e já comecei como técnica, mas eu sentia que o conhecimento só do curso não me bastava, então, procurei fazer cursos com vários profissionais, para aquilo me interessava, não basta ser professor de Educação física, tem que buscar mais. Acho que falta um pouco mais de conhecimento por parte dos professores também na Universidade.

**Clube/Escola na Iniciação;**- Na escola em aulas de Educação física devemos ensinar todos os conteúdos relacionados ao basquetebol, incluir todos para que eles possam ter a vivência, todos tem direito ao conhecimento. Você tem que achar uma forma de passar o conhecimento, na qual que todo mundo consiga realizar, vivenciar o que a professora falou, para ver como é e o que é, ele tem que ter esse conhecimento. A dificuldade está em aliar a necessidade de passar o conhecimento e de pegar o conhecimento e fazer a transposição de idéia, fazer com que todos entendam, aquilo que você sabe, porque às vezes você sabe muito e os alunos não compreendem o que você está falando...Acho que o Clube é meio utópico, porque aqui a criança aprende basquete na escola, os que jogam pelo clube, vieram do colégio, com treinamento na escola, era aluno de determinado professor, na verdade a nível de Ponta Grossa, eles não aprendem no clube. Se ele não aprende na escola nas aulas de Educação física, onde o esporte é o carro chefe, e os alunos amam o esporte, inclusive detectei isso na tese do meu doutorado. No tempo livre deles, eles fazem esporte, principalmente os coletivos. Defendo que se a criança quer jogar, no caso, o basquetebol, ela tem que ter um espaço na escola, seja ela pública ou particular. A criança que estuda em escola particular em Ponta Grossa, ela tem esse espaço, a criança de escola pública não, ela teria que ter este direito e ela não tem. Mas a escola particular tem uma série de questões, e uma delas é o marketing que é muito forte. O governo sabe fazer propaganda né, “Jogos Colegiais do Paraná”, parece que aquilo é bem democrático, todas crianças participam se quiserem, o que é uma grande mentira, a maioria que estão lá é de escola particular.....Falta organização, vontade política, uma série de coisas para que o esporte e as competições sejam direito de todos, em especial dos alunos de escola pública. As escolas particulares investem em treinos, de diversas modalidades, e aula de educação física é uma por semana de 5ª a 8ª série, é um absurdo, vai contra tudo que esta na mídia, em revistas de saúde. Com isso o aluno não é motivado para prática de atividade física, e isso deveria existir para a qualidade de vida dessas pessoas. Eles deveriam ter no mínimo 3 aulas semanais. Já a pública tem na maioria 3 aulas semanais e o esporte como treinamento pode-se dizer que não existe.



**Competições na Iniciação;**- tem que ter a competição porque é o fator motivador. Meu filho vai jogar esta semana e esta todo ansioso, será que jogo esta semana... Será que serei convocado, mas deve ter caráter educacional e lúdico.

## **Sujeito 7**

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação**

Na etapa de iniciação deve-se ensinar os **fundamentos** básicos do jogo de basquetebol – domínio de corpo, manipulação da bola, passes, drible, arremesso e rebote. Estes devem ser ensinados pela necessidade do jogo e aí nossos alunos precisam para aprender a jogar. Eu não vejo que um fundamento é mais importante que outro, na categoria mini mirim todos são importantes. Não dá para ensinar um e deixar o outro, o controle do corpo talvez seja principal, tanto com ou sem bola, mas não vejo um, mais ou menos importante que outro...Os **métodos** que eu utilizo são jogos, brincadeiras onde estão inseridos os fundamentos. Até o pré-mirim só são brincadeiras e jogos e só um pouco de exercícios tradicionais. A partir do mirim vamos colocando coisas mais complexas dos fundamentos. Faço assim porque acredito que a iniciação deve ser generalizada, e as crianças precisam do desenvolvimento motor e de diversas modalidades, e quando ela decidir por uma modalidade ela vai utilizar esses recursos. Defendo o jogo porque ele é muito importante para motivar os praticantes.

**Defesa na iniciação** Deve-se ensinar a defesa individual primeiro, por ela ser mais fácil, mais ágil, mais rápida e por deixar o jogo fluir. O jogo de criança precisa fluir, quando defendemos por zona o jogo fica monótono, onde as crianças ficam muito paradas e quem tem um garoto maior acaba ganhando o jogo, e isso prejudica o ensino aprendizagem em si... O método de ensino é o próprio jogo e durante o jogo vou ensinando e explicando quem marca quem e de acordo com as características dos praticantes. A partir da categoria mini vamos introduzindo a defesa individual com ajuda e ampliando o processo. Tenho percebido que meus alunos aprendem rápido assim, porque não usar o jogo?.

**Ataque na iniciação** Há uma discussão em pauta que é ensinar pela tática ou ensinar pela técnica, por um autor chamado Cloud Bayer, e é uma disciplina que dou na

faculdade. Eu faço os dois: através do jogo e explico como abrir os espaços, explicando que o jogo acontece com 80% sem a bola na mão, e eles precisam aprender a jogar sem a bola, aprender a passar e se movimentar para recebê-la. Outra coisa muito importante são os fundamentos, tanto para mão esquerda, quanto para mão direita: saber driblar, controlar a bola, a tática é importante para ele *saber o que fazer*, mas ele precisa dos fundamentos para *saber como fazer*. Como eu trabalho dessa forma não falo em jogadas, o que eu ensino para eles são as movimentações e o corta luz. Dependendo do nível do campeonato, e se eu acho que tenho condição de ganhar, apesar de não ser minha primeira intenção nessas categorias, aí faço jogadinhas de ataque, mas eles têm toda autonomia de ataque. Nessas categorias eu não falo de posição, ensino a jogar 1x1, depois 2x2, depois 3x3 e sempre dou jogo de 5x5, porque é motivante para os praticantes.

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de iniciação**

**O perfil** deve ser completo – eles tem que entender o jogo e ser bem fundamentados, e a questão da posição na quadra não interessa, ele tem que dominar todos fundamentos para que ele possa entender o jogo, tem que saber que o jogo é coletivo, que cada um faz um pouco e que cada um tem sua função.

**O Clube/Escola na iniciação** baseado na *Pedagogia do Esporte*, esse trabalho no clube vai depender do dirigente, e este por sua vez sempre diz que você tem que fazer uma equipe vencedora, independente da idade. Antigamente eu faria o que precisasse para ser campeão, em função do meu dirigente, hoje não aceito mais este tipo de proposta, o grande problema do clube é a pressão dos dirigentes, dos pais, amigos, se são ou não associados....Na escola eu penso que a questão pedagógica educacional deveria prevalecer, e eu penso que independentemente do cenário e a faixa etária da mesma o trabalho tem que ser o mesmo, baseado numa pedagogia, que para mim são os fins educativos, independente do local. Então, penso que na escola dá para fazer este tipo de trabalho, mais livre, e eu ensinaria partindo da defesa individual. Mas acho que dentro da escola o trabalho é mais fácil e você tem mais autonomia. E se tem um campeonato escolar, aí sim eu faria alguma coisa mais específica em função

das outras equipes, mas o trabalho seria geral, a escola tem menos problemas que o clube.

**As Competições na iniciação** sou presidente da associação na minha região, e nós dividimos em dois campeonatos, um para iniciantes e outro para quem já está mais avançado, que é o campeonato que vai classificar para finais do interior e depois vai para final do Estado e São Paulo....A Federação fez parcerias com as ligas porque senão ia perder mercado e essas ligas têm sido muito boas, porque tem promovido festivais pedagógicos e isso é muito bom para que eu possa escolher qual campeonato participar em função do nível da minha equipe.....Os festivais são muito bons, porque tem festas, premiações para todas equipes, as vezes as crianças trocam de equipes, no fim estamos jogando basquete, dando chance para aquele que tem menor talento, porque nessa fase não dá para saber quem vai ser talento ou não, então o importante é dar oportunidade e só no dia-a-dia do processo vai dizer se ele vai ser atleta ou não. Por outro lado existem talentos e equipes que querem ser campeões do Estado e precisamos de campeonatos para eles, não podemos dizer que isso é errado, mas devemos cuidar das duas partes.

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos na etapa de especialização em basquetebol**

**A fundamentação na especialização;-** o que muda agora é a intensidade do treinamento, mas os conteúdos são mesmos, muda também a quantidade de vezes que você treina por semana, e a forma de cobrança que você deve realizar. O fundamento deve ser trabalhado muito forte até a fase adulta, então o treinador deve criar exercícios que aumentem a intensidade e que sejam treinados em situações reais de jogo e mais vezes. Para que ele seja bom jogador ele deve ser bem fundamentado e cada dia fazer um pouquinho mais, e é muito importante que ele entenda o jogo. Não adianta ser bem fundamentado e não entender o jogo....Os principais **métodos** são as situações de jogo, porque os resultados desportivos são muito importantes, sendo assim todo trabalho deve ser feito nas atividades que se aproximem do jogo, principalmente nos trabalhos coletivos. No início do treino já aliamos trabalho físico e técnico. Defendo esse método porque o jogador deve ser preparado para reagir de acordo com a situação que

vão acontecer no jogo.

**A Defesa na especialização;**- nessa fase deve ser trabalhado todos sistemas, o mais importante é saber o potencial de sua equipe, ou seja, se sua equipe é rápida, você pode defender individual se é muito grande por zona. No entanto não importa o técnico trabalhar todos tipos de defesa, o importante é saber o que ele tem na mão para escolher o tipo de defesa. Mas a defesa mais completa é a individual....Utilizo muito trabalho de defesa em ½ quadra, nos exercícios de 1x1, 2x2, até chegar em 5x5. No trabalho individual, trabalho a postura de defesa, resistência muscular, localizada de membros inferiores, deslocamentos e entendo que o técnico tem que ser uma pessoa presente para motivar os atletas, para que eles entendam a importância da defesa.

**O Ataque na especialização;**- no ataque eu trabalho 1x1, 2x2, 3x3, baseado nas situações de jogo, o corta luz eu trabalho o tempo inteiro, muitas fintas, back-door, e em ½ quadra. Mesmo agora nos 15/17 anos não faço muitas jogadas para não impedir a liberdade deles de criar. Acredito que jogador tem que ter autonomia, trabalho também individualmente com armadores, laterais e pivôs, que são os exercícios específicos, mas fazer jogadas de ataque no primeiro momento não.....Se eu estiver em uma periodização na pré temporada, no inicio não tenho jogadas para que eu possa descobrir as armas do meu time, e aí durante o campeonato estaria colocando uma jogada ou outra.

### **O perfil e o ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos na etapa de especialização em basquetebol**

**O Perfil na especialização;**- precisamos de jogadores bem fundamentados, bem inteligentes, forte fisicamente, a estatura é importante, não que ela seja o principal, mas ele tem que ser inteligente. O basquete no Brasil, tem no masculino muitos jogadores, mas não temos tido resultado de expressão, apesar de que, devemos analisar se estar entre os 10 do mundo não é posição de destaque, temos que ver que os outro países são muito bons...Já o feminino estamos com muitos problemas, poucas jogadoras jogando, principalmente nas categorias de base. Os professores não se preocupam com a formação, se preocupam em vencer o campeonato para segurar seus empregos. Sendo assim o processo ficou complicado, já no masculino penso que temos uma

seleção de futuro com jogadores novos.

**Clubes–Escola na especialização;** precisamos de uma política voltada para escola, porque senão não existirá trabalho, na universidade não há trabalho, o que há é um grupo de amigos que vão para jogos universitários. Se não houver política educacional, igual a dos EUA por exemplo, não haverá formação de atleta no contexto educacional....No clube entra a questão financeira na formação. Acontece muito no Brasil todo em função do marketing a venda do produto nas categorias menores e aí se um clube tem mais dinheiro leva os atletas para seus clubes e oferece dinheiro, bolsa de estudo e acaba atrapalhando o trabalho do outro profissional. Então fazer basquete no clube passa pelo financeiro. Em Campinas o clube Regatas quer fazer esporte de competição, já os outros não têm como objetivo o esporte competitivo.

**As Competições na especialização;-** o trabalho nas categorias de base está equivocado porque não há bases pedagógicas e não oportuniza todos, independente da escola, clube ou praça pública. Por outro lado, em SP as federações e as ligas estão fazendo um bom trabalho, está bem organizado, os árbitros bem preparados, tem mais recurso, departamento jurídico, tem campeonato onde todos jogam contra todos, onde realmente os campeões são os melhores, não prevalecendo os de melhor poder aquisitivo, as ligas nessa categoria promovem campeonatos e dão suporte para quem não está neste tipo de campeonato... Os problemas estão nas questões políticas e econômicas.

**A preparação das Seleções nacionais** Tem que seguir o que o vôlei está fazendo, tem que ter seleções permanentes, um centro olímpico de basquetebol, centros de excelência para que possamos treinar 60 atletas na categoria para posteriormente levar 12 para competição, isto pode acontecer nas férias de janeiro, julho, onde possamos estar se encontrando, se conhecendo, fazendo trabalho de fundamentos, conceitos táticos para a realidade brasileira, que possamos ter acompanhamento de suas vidas, a confederação tem que ter um cadastro não apenas com nome, peso ou estatura, mas sim com toda trajetória da vida esportiva de cada um e principalmente sobre as competências físicas e técnico-táticas além das condições psicológicas e sócias.....Outro aspecto é um trabalho de capacitação docente para formar técnicos, no sentido mais amplo e não apenas em cursos técnicos e onde eles

deveriam ser obrigados a passar pelo processo de qualificação, para que eles pudessem saber trabalhar com diferentes faixas etárias, isso também daria oportunidade aos técnicos de um melhor intercâmbio.....Em relação as competições internacionais as seleções de base precisa viajar o mundo. Não adianta só jogar no nível sul-americano. Para que isso aconteça precisamos trabalhar sério e administrar bem o dinheiro, levar realmente os melhores jogadores, todos os atletas da categoria de base deve ser estudante. Precisamos ter um mapeamento nacional para detectar e identificar os possíveis talentos. Devemos ser profissionais e ter muita ética para mudarmos o trabalho.

## **Sujeito 8**

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação**

Todos os **fundamentos** devem ser ensinados, porque são muito importantes, agora a ordem ideal é outro aspecto, desde o primeiro dia de treinamento de basquetebol, porque só à partir do conhecimento dos fundamentos, é que é possível o entendimento do jogo em si, você não consegue jogar basquete se não souber driblar por exemplo, o drible é um fundamento, agora o **método** que deve ser ensinado é outro aspecto, a vontade da criança a hora que vai para treino de basquete é fazer cesta, e o arremesso é um fundamento, o aperfeiçoamento é posterior. O passe no basquete da sentido de coletividade, você só se comunica através do passe, e este é um fundamento, como a defesa, o rebote é um fundamento, todos os fundamentos, e por isso são chamados de fundamentos, e são importantes para o desenvolvimento do jogo...No dia-a-dia tudo depende da criança que você estiver trabalhando, e os estímulos poderão ser diferentes, e eu acredito que nas categorias menores poderia ser priorizado na forma de ensinar, o método onde os fundamentos estivessem embutidos no jogo. Dentro do jogo nós vamos mostrando onde os fundamentos estão presentes. Eu não entendo que a técnica deve ser aprimorada em quanto técnica, para depois ensinar o jogo, porque o jogo é o grande barato, é gostoso jogar, então temos que no meio do jogo ensinar os fundamentos, é assim que eu penso. ....Através de jogos pré-desportivos, situações de jogo, nós vamos ensinando os fundamentos. Situações de

jogo de 3x3, 3x2, que são muito comuns e podem ser inseridas no contexto, e às vezes até brincadeiras, você deve organizar e ir construindo a formação da criança não preocupado exclusivamente com a técnica. Nós não vamos parar na técnica, vamos inserir a técnica no jogo. Acredito que a iniciação em si deveria ser dessa forma, a divisão que existe de categoria é para uma competição, e não significa que ela esta apta para tal atividade. Essas subdivisões ocorrem para as federações, para os organizadores das competições, para nós não existem estas subdivisões é a iniciação em basquetebol e nós temos que saber trabalhar na iniciação.

**Defesa na Iniciação;**- a defesa individual deve ensinar ao jogador toda técnica defensiva: deslocamento, postura, posicionamento, a defesa individual é mais concreta, você marca um jogador e a bola, você tem que ajudar seu time a não levar a cesta e principalmente marcar seu jogador. É lógico que tem todo um valor abstrato da defesa, mais ela é mais concreta, porque você consegue visualizar melhor sua função, mas ela também apresenta problemas no seu desenvolvimento, que pode ser numerados: questão de posicionamento, em 1x1, diferença técnica, um mais forte que o outro, e no confronto direto de 1x1 tem que ser muito bem trabalhado....A defesa por zona tem para o jogador uma visão mais abstrata em relação aos espaços na quadra, e para quem não tem ainda a estruturação espacial bem desenvolvida dificulta um pouco. Por outro lado também não tem muitas responsabilidades, muitas vezes o erro dele não aparece, porque o conjunto de uma forma geral encobre, ela tem uma parte que é importante, ela permite que o ataque tenha mais facilidade para trocar passe, permite um jogo de conjunto ofensivo. Eu acho que a mescla da defesa por zona e individual é interessante. E através de brincadeiras e situações de jogo você consegue inserir os dois sistemas defensivos. Ainda existem as defesas mistas e pressões, mas por enquanto na iniciação estas não são as mais importantes.

**Ataque na Iniciação;**- as crianças quando vem para o basquete, elas querem fazer cesta, isso é uma verdade. Então todas de forma geral, têm que ter oportunidade de fazer a cesta. O sistema defensivo deve na iniciação deve proporcionar a todos, o prazer de fazer a cesta, e não ficar potencializando uma ou outra criança, então, penso que a gente deveria ensinar os garotos a fazer cesta, porque este é o grande barato do jogo. No segundo momento ensina-los, como jogar sem bola, e os posicionamentos

para receber a bola em melhores condições, porque é aí que desenrola o jogo. Devemos ensinar os deslocamentos sem posse de bola e mostrar através de diferentes exercícios, e situações de jogo, como eles deveriam jogar sem a bola e não só se preocupar com a bola, e mostrando que um deslocamento dele de forma inteligente, provocará uma melhor relação com companheiro. Por isso na iniciação eu gosto muito do **jogo livre**, este é meu sistema ofensivo, alguns chamam de passing game, é dar a bola e segue, este segue é um deslocamento buscando receber a bola em uma situação melhor de cesta ou chamando atenção da defesa para abrir espaço para outro, e este posicionamento é uma forma de espalhar o time na quadra inteligentemente, gosto muito de jogo livre, e penso que nesta categoria deveria ser o mais utilizado.

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de iniciação**

Ao final dessa fase teoricamente é claro, ele deveria no mínimo conhecer todos fundamentos do jogo e ter uma leitura do jogo, entender o que é o jogo. Ele deve conhecer os sistemas de jogo básicos de defesa e ataque, aí eles conseguiriam entender o basquete e isso já deveria estar pronto na etapa de iniciação, para quando eles estiverem, num momento mais tarde, o alicerce e esse é conhecer o sistema de jogo e os fundamentos....O maior problema hoje não é onde, é quem vai ensinar, precisamos primeiro formar quem vai ensinar, e acho que o grande problema é que, nas faculdades de Educação Física o perfil do aluno mudou e elas não dão conta de passar todo conteúdo para que realmente o aluno entenda essa modalidade, ensinam apenas uma parcela do que o basquete pode ser ensinado na escola, penso que hoje no Brasil temos que formar técnicos, que é o que tem na Europa, Canadá, EUA, ter uma formação diferente na Educação Física e estudar para ser técnico. Porque, quem deve ensinar certa modalidade, deve ser um técnico. Então penso que tem que ter um novo modelo de formação, independente de clube e escola. Hoje em dia quem ta no clube, já foram atletas, ou é o prático, que já jogou ou o graduado, é o formado em educação física que ensina o basquetebol. Na escola, por exemplo, só tem o graduado. Deveríamos pensar em um modelo de ensino na escola, porém também um modelo brasileiro de formação de atleta que vai atuar nos clubes. Acho que a iniciação de



basquete deveria ser na escola, e o clube trabalhar com aperfeiçoamento. Não que a escola não pudesse fazer isso também, a universidade posteriormente.

**Em relação às competições na iniciação;-** eu entendo que os problemas não estão nas competições, esta na estrutura como um todo, na formação de quem vai formar, nós não sabemos quem está formando, na atuação de quem vai propor a competição, dentro dos clubes, quem que estrutura e formam as equipes, normalmente são os diretores de esporte, e normalmente são pais e pessoas que não são da área, que não tem conhecimento específico da área da educação física, e traz para aquele momento todo sistema capitalista, de que o melhor deve vencer. O problema não está na competição, porque se o técnico passou por um processo de formação ele sabe os valores que se deve ter quando esta enxergando uma criança jogando basquetebol.....A federação deve saber qual sua missão. Se perguntar qual é a missão das confederações, talvez elas acharão que é organizar campeonatos. A missão dela para mim é organizar a modalidade. A questão é: Quem são os dirigentes e presidentes das federações? No entanto, o problema não está nas competições, mas como as pessoas vão para as competições. A federação no caso da arbitragem por exemplo deveria não só ensinar técnicas de arbitragem aos árbitros, mas sim sobre o basquetebol, sobre o desenvolvimento maturacional dos adolescentes, sobre a pedagogia do esporte entre outros.

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos na etapa de especialização em basquetebol**

Agora é treinamento, outra conversa, **aperfeiçoar o fundamento**, agora o cara tem que executar o fundamento de forma eficaz eficiente, para que ele possa desenvolver o fundamento da forma que é executada no jogo, economizando energia, e dentro de uma realidade de jogo, e sendo assim, não dá mais para fazer o treinamento em um ritmo que não seja de jogo. Eu acredito muito na especificidade do treinamento. Exemplo: Se eu for treinar drible, vou treinar nas mesmas características do jogo, se eu sentir qualquer dificuldade no drible, em condições de jogo, eu posso isoladamente treiná-lo de forma específica para melhorar o fundamento no jogo, mas de uma forma geral os fundamentos devem estar inseridos na especificidade do jogo. Penso assim,

existe uma fase de aquecimento dentro do treinamento, esse aquecimento físico, emocional, psicológico, na qual ele precisa deixar o corpo e a cabeça prontos para treinar. Nessa parte do treinamento, os primeiros 20, 30 e 40 minutos, nesta fase a gente ta desenvolvendo todas as competências necessárias do treinamento, tanto individualmente como em grupo. Mesmo no aquecimento o ritmo é de jogo, mas esse momento de preparação é utilizado para desenvolver os fundamentos.

**A Defesa na Especialização;**- devem ser treinados todos os sistemas defensivos, porque nessa fase o sistema que você vai escolher para o jogo deve ser um ponto forte, e o meu é uma defesa individual pressionada. Mas de repente pego um time que sai desse tipo de defesa, aí eu preciso saber quais pontos fracos dessa equipe: se ela joga com um pontuador só, joga com pivô, quer dizer precisamos conhecer todos os sistemas, não significa que você tem que treinar todos sistemas, mas os seus atletas devem conhecer os conceitos de todos sistemas, porque no jogo você pode adaptar;- se você ta treinando 2x3, você poderá no jogo mudar para 3x2. Eles devem conhecer todas, mas a que você deve utilizar vai depender das características do adversário e também da sua equipe. Se eu tiver uma equipe muito lenta não vou conseguir marcar individual, se tenho um time ágil, posso fazer uma defesa individual quadra toda, se tenho uma equipe grande, posso realizar defesa 2x3 ou 3x2 igualada em meia quadra. O sistema depende da característica física, técnica, e do conhecimento que os jogadores tem, taí a importância de você ensinar todos os conceitos e todos os sistemas de defesas à eles.

**Ataque na Especialização;**- tem que potencializar e saber seus pontos fortes, se teu time é extremamente competente para arremesso de 3, você vai montar um sistema que permita o arremesso de 3, se você tem bons pivôs, você vai tentar criar espaços para que os pivôs recebam a bola e joguem 1x1. Qual é o melhor sistema ofensivo? Você deve adaptar o que de melhor caberá na sua equipe, essa é a melhor resposta. Eu defendo nessa etapa o jogo semi-livre, semi-rígidos, ele tem início de movimentação inicial dos atletas, eles já sabem mais ou menos os possíveis movimentos e eles vão utilizar os movimentos decorrentes das situação de jogo.

## **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de Especialização**

O perfil técnico é estar muito bem fundamentado, o tático é saber jogar basquetebol sem posse de bola. É importantíssimo saber se posicionar na quadra e não ficar desesperado atrás da bola, a bola vai chegar na mão dele, se ele se posicionar bem, e isso vai ocorrer se ele souber jogar sem bola. Conhecer o jogo não é só conhecer os atletas, ele tem que saber como se movimentar, porque tem mais 5 pessoas tentando não deixar ele se movimentar que são os adversários. Aí seria o ideal. Em síntese, o perfil ideal é o jogador ser muito bem fundamentado e conhecer muito bem o jogo e como ele se desenvolve, e o perfil físico basicamente seria para jogar basquetebol: forte, veloz, ágil, boa envergadura, boa estatura, aí seria o ideal. Apesar que, dentro dessas características dificilmente você encontrará no Brasil perfil parecidos, porque você vai precisar de baixinho no time, você vai ter um lateral com característica mais agressiva, um cara com característica mais ponderada, mais frio, quando a bola vai na mão dele ele está sempre tranquilo, um pivô que seja dono do garrafão, um outro mais técnico. Compor uma equipe não é fácil, a soma de vários talentos e várias diferenças de talentos.

**Clube/Escola na Especialização;**- o Brasil não tem preparação de atleta na escola, desculpa mas eu desconheço tanto na escola como na Universidade, que tenha essa característica de treino organizado com preparação física, não é nossa cultura, a nossa continua sendo clubística, penso que deve ser no clube. Nessas categorias de formação o ideal é que os atletas conciliem os estudos com treinamento, depois na fase adulta, se ele quiser ser profissional e tiver competência, aí sim poderá levar como profissão, porque daí a prioridade é a profissão;- respeitar horários de treinamento, treinar em dois períodos, ele terá uma preparação toda específica realmente como profissional de basquetebol. Dividir isso por idade na escola, na Universidade, esta muito longe da nossa realidade, e não sei se é aos 19, 21, 24 anos.

**Competições na Especialização;**- as competições são boas nessa etapa, em São Paulo, no cadete, no juvenil, o nível é muito bem de um campeonato, o problema é que é difícil fazer um jogador cadete juvenil chegar no adulto, porque culturalmente ele tem que estudar, tem algumas coisas que impedem o avanço, por isso defendo que o

problema não está nas competições, nem na forma como são organizadas. Faz 4, 5 anos que vou nas reuniões de federação, o problema está na forma como as pessoas querem chegar lá, porque há muita briga de interesse, uns querem jogar mais, outros menos, uns querem com 30 jogos, outros com 12 por causa de custos. O problema é que a federação precisa definir melhor sua missão, porque senão acaba fazendo um mistão....Penso que deveríamos ter diretriz de desenvolvimento;- qual é o papel da confederação, federação, clube, escola, técnicos? Isso não está claro e nem na **Constituição**, e aí fica muito complicado. Nós estamos tendo dois campeonatos nacionais, onde um está tentando quebrar o outro, quer dizer, se nós fossemos o 1º e 2º do mundo aí teríamos que ter a liga A e B, mas não conseguimos nem ir para Olimpíada, sem contar os interesses paralelos, próprios. Eles precisam sentar e decidir qual é a missão de cada um, e elaborar um planejamento estratégico para desenvolvimento o basquetebol brasileiro, e que de conta de da missão, da visão, dos valores, com suas diretrizes, com objetivo geral, específicos e metas. É uma fase administrativa muito sensível, mas se tiver planejamento a gente consegue. Na Argentina há um planejamento para desenvolvimento do basquete, lá cada um sabe qual seu papel dentro do sistema.

**A preparação das Seleções Nacionais;-** se nosso campeonato fosse muito bem organizado, se tivesse planejamento muito bem feito, e não fosse só em São Paulo, mas no Brasil todo, as seleções seriam conseqüências, aí elas teriam os momentos para estar reunindo, reunindo os talentos, os melhores, daquele ano. Isso tudo deveria estar dentro do planejamento estratégico, dentro de uma visão e de uma missão de ser melhor do mundo, mas isso não acontece e se um dia tiver esse modelo as coisas vão acontecer naturalmente. Na realidade atual para se ter um melhor aproveitamento em nível mundial, nós deveríamos ter pelo menos 1 mês e meio de preparação dos atletas e nas categorias menores, estar chamando muito mais atletas, de 40 até chegar a 12, e isso motivaria os atletas a continuarem. Se nós tivéssemos um planejamento isto seria conseqüência. Contratar atletas bons e colocar todos numa mesma equipe, ou mesmo num estado, momentaneamente resolve, mas atrapalha o desenvolvimento lá na frente em função da não visão de futuro. Penso que hoje deveríamos fechar para balanço e durante uns 2 meses elaborar um novo projeto para desenvolvimento do basquetebol.

## Sujeito 9

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação**

Primeiro eu mostro o jogo a eles, o que é, de onde veio e em seguida entro nas questões metodológicas em que eles vão aprender o basquete. Em relação aos **fundamentos** do basquete a **metodologia** utilizada para ensinar está baseada no seu orientador Roberto Pais, Pablo Greco, Milton Felker, Nestor, que são pessoas que trabalham com basquete a partir de uma metodologia do ensino esporte coletivo. Então discuto com os alunos e faço comparações entre os métodos tradicionais, analíticos e os globais, que partindo do jogo, eu jogo para aprender ou aprendo para jogar. Então os fundamentos são distribuídos dentro do curso quando abordo aspectos técnicos, eu ensino para eles, conceitos da técnica e da tática e na prática do ponto de vista teórico eles vivenciam os métodos analíticos e globais, temos ainda o método parcial, e são essas as temáticas que abordamos para ensinar para eles, mas temos que compreender que muitos deles nunca viram o basquetebol anteriormente...Inicio com controle da bola, domínio do corpo, baseado na metodologia do esporte coletivo, depois do drible, passe e arremessos, daí oferto para eles através do jogo os fundamentos analíticos e parciais. Não defendo nenhum nem outro método, digo isto também sobre a defesa. Defendo o que o que existe são vantagens e desvantagens em cada método. Eu gosto do método situacional que o Greco cita em sua obra "Iniciação Esportiva Universal", porque quando trabalhamos com fundamentos isolados eles aprendem como fazer e tem maior dificuldade para e porque fazer. Então, mostro também que através do jogo podemos aprender o para e o que fazer que é uma proposta do Roberto e que você também aborda no seu livro...Eu sei que a Unicentro já está diminuindo a carga horária do basquetebol, eu não sei se na UEL e UEM, essa disciplina está dentro do Esporte Coletivo. O curso de Ed. Física em Ponta Grossa, do qual faço parte do grupo docente, só tem licenciatura, não temos bacharelado e o curso prioriza as disciplinas pedagógicas. A disciplina de basquete tem 136 horas e é obrigatória. Tem acadêmicos, que tenho que apresentar o basquete, alguns nunca viu um jogo, e é um grande problema. Acredito que não preciso ser bom atleta para ser bom professor, mas o contato é importante.

**A Defesa na iniciação;**- primeiramente ensino a técnica individual, que é como controlar o corpo na defesa, deslocamento para frente e para trás, deslocamentos laterais, priorizo movimentos de pé depois ensinamos as possíveis formas de marcar individual e por zona, iniciando pela individual. Se você quiser um bom jogo nesta fase, deve ensinar por zona, porque a defesa individual é desorganizada para o espectador e nessa fase de acordo com garganta, o jogo é anárquico e desorganizado. A questão é será que quem aprende marca individual facilitará a defesa por zona, eu sigo essa linha e trabalho com defesa individual porque desenvolve mais recursos para aprender a marcar, o que precisa inicialmente é aprender a defender individualmente, de frente para o adversário, de costas para a cesta. O grande problema nessa fase, é lidar com espaço e tempo, sigo princípio do Piaget que a criança aprende mais rápido com o concreto do que com o abstrato, sendo assim na defesa individual ela estará trabalhando no concreto, ou seja, ela tem seu jogador para marcar, a partir daí você coloca sempre menos dificuldades, por ex: ela entender uma zona 1:2:2 ou 3:2. Eu abordo a defesa zona, individual de forma intercalada e vou ensinando os conceitos de forma intercalada....Em relação aos acadêmicos, eles tem muitas dificuldades para entender a relação em cima, em baixo, direita, esquerda, espaço e tempo, e mais específico do basquete, o que é lado fraco o que é lado de ajuda, é muito difícil que eles entendam rápido jogo de basquetebol, na minha geração quem fazia Ed. Física era ex-atletas ou esportistas, exemplo: tenho acadêmico no curso que era meu aluno no colégio que não fazia Ed. Física porque tinha atestado médico.

**O Ataque na iniciação;**- primeiro tem que se respeitar as condições físicas e técnicas de quem vai executar, então armadores, laterais e pivôs, deverão ter características próprias para executar tais funções no jogo, o importante é ensiná-los a fazer a leitura do jogo e essa é importante para que ele viva as diferentes posições. Passo para eles o ataque sem posição específica, depois as posições utilizadas no ataque e aí a construção da equipe, que é mais tarde o jogo organizado....As vezes cometemos o erro de posicionar as crianças em lugares específicos para atacar e queremos cobrar um jogo dinâmico, então temos que ter muito cuidado em como ensinar as questões táticas. Defendo os exercícios de passar e ir, os sincronizados, utilizando figuras geométricas de triângulos, quadrados, círculo, estrela, para que aí sim

ele desenvolva o raciocínio tático. Tática não são estratégias mirabolantes. Nós temos que ensinar a passar de um lado, correr para outro, em seguida ensinar o corta luz e vamos situando o aluno nas exigências táticas, ensinando para eles, que sistemas são posicionamentos e que táticas são estratégias utilizadas no sistema. Utilizo muito o Daiuto, que é uma literatura utilizada a muito tempo e deve ser sempre. Explico para eles a importância de saber a diferença entre basquete da NBA e da FIBA; Explico a eles que podemos atacar com 5 abertos, 2 no garrafão, 1 no garrafão, 3 no garrafão e essa é a tática.

### **O perfil e o sistema de ensino e das competições de basquetebol no Brasil na etapa de iniciação**

**Perfil da Iniciação;**- vou começar com uma frase do Parlebaz “O esporte não tem nenhuma virtude mágica, ele é o que fizemos dele”, ou seja, podemos formar boas ou más pessoas. Então a primeira coisa é pensar na formação global do atleta, então esta etapa deve ser vista como meio e não como fim, porque o perfil da iniciação é brincar de jogar basquetebol, e se o talento despertar tudo bem mas os valores primeiro ou seja o homem depois do atleta....Em relação a técnica e a tática, deve-se dominar bem a técnica que é o como fazer e a tática que é o que fazer, e aí terá um atleta completo, que possui competência técnica e inteligência, como Roberto tem estudado, as inteligências múltiplas, e que vão ser importantes nos momentos que a tática exige. Não vejo outro perfil. Não adianta acertar 50 bandejas, se eu não conseguir fazer a mesma coisa com pessoas marcando. Um grande problema na formação chama-se pais, eles não entram na sala para ver português e matemática, mas acompanham os treinamentos dos filhos.

**Os Clube/Escola na especialização;**- temos muito basquete na nossa cidade, mas não temos resultado de expressão nacional e os títulos são de outrora, são muitos os estaduais e poucos os nacionais, Ponta Grossa não tem muito clube, então o basquete é na escola, nós temos uma liga e não é muito atuante, então nosso calendário está centrado em 2 competições, nos jogos estudantis municipais, promovido pela prefeitura no primeiro semestre e no segundo, os JEP (Jogos Estudantis da Primavera), ambas competições tem mais de 20 anos. O perfil de

profissional de Ed. Física e para atuar na escola, então fazemos treinamentos específicos na escola, e as vezes as aulas de Ed. Física exclui os menos habilidosos, em função dos dotados de talentos. Porque se faz na aula de Ed. Física e treinamento desportivo, essas escolas disputam muitos campeonatos em Curitiba, estamos tentando juntar as escolas, formar as equipes e entrar na federação. Não temos uma análise do que é trabalhado na formação do atleta. Como se faz uma seleção mini e pré-mirim, infantil, porque daí seria mais fácil formar as seleções para formar os campeonatos.

**As Competições na iniciação;**- existe basquete na escola e o da escola, não posso no basquete na escola colocar 35 crianças no pátio e 10 jogando e 25 assistindo, quando Naismith propôs este jogo em 1891, não era esporte era um jogo de 20x20, e ele mesmo disse que quanto mais pessoas jogarem mas atraente seria e quanto menos jogassem, mais científico seria, porém atingiriam cada vez menos pessoas, já estamos em 5x5...O grande problema chama-se pais, porque muitos deles visualizam um craque no filho, e nem sempre ele vai ser. Deve-se repensar o tempo de jogo nessas fases, baixar a cesta, diminuir a bola, observar o desgaste das crianças até prejuízos escolares, não estão claros os objetivos, faltam pesquisas científicas para realmente aplicar com critérios as competições para crianças, o que nós fazemos é reduzir a crianças nos conceitos do adulto. Outro problema são os craques nas categorias menores, e a iniciação no começo tem outro problema que é o aspecto maturacional que pode levar à saturação, tem crianças de 14 anos, 15 anos que estão despontando e 2 anos depois não suportam falar em basquetebol e realmente abandonaram, outro fator é que o pai acompanha até um determinado momento e depois abandona, outro problema é nas regras que se criam poderia ser atribuído a mais equipes de um mesmo estabelecimento, isso evitaria substituir as crianças....Como sugestão, nós temos o baby basquete que é 3x3 e o mini que é 4x4, com substituições obrigatórias e ao invés de ter 12 crianças em uma equipe, temos 3 ou 4, equipes que multiplicado da 12-16 alunos que jogam todo tempo, o que falta, são estudos aprofundados, sobre as capacidades das crianças porque senão vamos continuar atropelando o processo, porque o problema está em especializar cedo e não iniciar cedo, como já dizia Roberto Paes. Desde cedo decide se é lateral, pivô, armador ou atleta



**O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos na etapa de especialização em basquetebol** A partir dos recursos técnicos e táticos conseguidos anteriormente, o que muda agora, são talentos individuais, que o basquete oportunizou para muitos deles, daí vejo a importância do professor dar oportunidade a todos e não ter olhar muito técnico para o trabalho porque poderemos estar desprezando aquele que o seu resultado viria posteriormente. Não vejo que o problema esteja no método, que eu vejo é interferência da mídia, ou até companheiros em classes avançadas.

### **Sujeito 10**

#### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação**

Pensando no jogo propriamente dito do basquetebol, os principais fundamentos que nós temos que trabalhar são as bandejas, os dribles, os passes, os arremessos, as fintas, os giros, rebote. Então, esses são os conteúdos. Para eu trabalhar a iniciação esportiva eu entendo que a gente deve partir do jogo do contexto do jogo. Quanto mais a gente propiciar para a criança a vivência através de jogos, onde elas possam aos poucos ir aprendendo o jogo propriamente dito....No caso do esporte basquetebol, os **métodos** para a iniciação eu entendo que é a partir do jogo, da brincadeira é que você possa deixar a criança explorar. Quanto mais ela explorar os movimentos e é claro que devem ser associados ao arremesso, a bandeja e a técnica deve ser também aos poucos sendo corrigida para que ela também não crie vícios. Eu vejo, que muitos adolescentes e adultos, que tem vícios no arremesso por exemplo. Porque quando crianças talvez não foi muito bem trabalhados e aí prejudicou-se na adolescência e também na fase adulta...Então eu acho que nós temos que tomar esse cuidado. A gente tem que ter clareza do movimento da técnica e do jogo de basquetebol e ir trabalhando com as crianças com esses movimentos e que elas possam explorar o máximo. Eu acho que também temos que trabalhar por partes; aprender a execução da bandeja dos arremessos, o gancho com giro, com drible, onde as crianças consigam desenvolver a coordenação, a agilidade. Utilizar bastantes materiais alternativos para que ela possa ir desenvolvendo a criatividade....Defendo esses métodos primeiro pela

própria natureza das crianças. A criança está no período de brincar, então eu acho que o próprio brincar favorece o processo de ensino aprendizagem até por volta dos 12-14 anos. Se você pegar um grupo de 30 crianças; você vai colocar elas em fila para fazer bandeja né, para fazer arremessos não dá eu acho. Eu penso que o professor tem que buscar alternativas. Agora eu penso que a criança ou o adolescente no jogo de basquetebol, vai ter um momento que ela vai ter que aprender exercitar; na bandeja, por exemplo, batendo a bola dar os dois passos corretamente e arremessar na cesta.

**Sistemas Defensivos** Para pensar em sistemas defensivos, eu penso que temos que deixar claro para as crianças que o importante é marcar o espaço, o garrafão. Como a gente costuma falar não vamos deixar infiltração. Vamos trabalhar a defesa dessa forma, evitar a infiltração. Ai você tem as formas 2x1x2 e vai depender de cada grupo que eu tiver; a altura delas; se o outro time infiltra bem ou não; se tem alguns que arremessam muito bem de fora, ai você pede para o marcador chegar mais próximo. O princípio da defesa é você evitar a infiltração, pensando no jogador e nos arremessos propriamente dito. A marcação individual vai depender do momento do jogo...Eu inicio por zona e a individual depois. Na marcação individual eu penso que tem que ter uma preparação física melhor e também a preparação cognitiva, em que, para as crianças na iniciação é mais complicado....Em relação ao **método** eu penso que temos que estimular as crianças a defender no próprio jogo, no contexto do jogo. Eu penso que quanto mais ela viver o contexto do jogo mais fácil e interessante fica a aprendizagem e também pela motivação. Eu também acho importante, os exercícios, mas de forma dinâmica em 2 contra 2 é mais interessante....O que eu acho, é que temos que ter clareza dos conteúdos de ensino e temos que ter domínio do que estamos ensinando, Eu penso que temos que trabalhar muito bem os fundamentos defensivos a partir do jogo e durante o jogo vamos parando e explicando o que tem que ser feito para todos. Explicar o que deve e o que não deve. Discutir o porque dos erros também é muito importante. Depois parar o jogo e ensinar de forma individual para corrigir os erros....Utilizo filmes, conversas para explicar onde estão errando e também acertando “por exemplo homens brancos não sabem enterrar” passo vídeo. Defendo esses métodos para possibilitar as crianças a melhorar a agilidade, a coordenação, e quanto mais ela estiver no contexto do jogo mais interessante é.

**O Ataque na Iniciação** Nos conteúdos de ataque as crianças precisam ter bons dribles, boa corrida, entender a movimentação da bola né de quem está jogando, trabalhar em grupo, evitar o individualismo, perceber se ela deve ir sozinha para a cesta ou se ela deve segurar e esperar o time. De forma coletiva, penso o respeito que cada um deve ter com o companheiro eu penso que crianças de 11-12 anos, talvez não estejam preparadas para jogadas muito complexas. Eu acho que deve-se começar com jogadas mais simples....Não vejo problemas em trabalhar com jogadas simples. Você definir o armador, os alas, o pivô. O pivô abrir para receber, e ala fazer o corta-luz para o pivô, a criança se movimentar e entrar para receber. Eu acho que com jogadas simples dá. O problema maior é o aspecto psicológico de ter que vencer a qualquer custo. Mas trabalhar bem os fundamentos de ataque e que elas consigam se posicionar bem no jogo para que ai depois possa cada vez mais aperfeiçoar, eu não vejo problema nisso.....O fato é como devemos evitar a vitória a qualquer preço. Penso que temos que explorar o máximo ensinando bem, sem exigir uma performance, respeitando os limites de cada criança. A metodologia e primeiro o jogo de depois é claro com as atividades individuais ou em pequenos grupos.

**Fundamentos técnicos na etapa de Especialização** – Agora cada vez mais possibilitar para as crianças o aperfeiçoamento. Ai sim os movimentos são mais complexos, mais combinados, individualmente primeiro, depois em pequenos grupos e de forma coletiva através do jogo propriamente dito e explorar cada vez mais. Quanto mais fontes de estratégias você utilizar mais interessante vai ser.

**Defesa Especializada** Eu acho que nós temos agora que trabalhar todos os tipos de defesa. Zona, individual seja no jogo, em grupo e individualmente. Porque você precisa também trabalhar o condicionamento físico e aí é importante ter conhecimento da fisiologia, da teoria do treinamento. Temos que ter essa preocupação.....**A metodologia** agora é bem mais séria, porque é a formação do atleta e o atleta precisa de disciplina, porém precisa do desenvolvimento adequado e quase que perfeito. Eu vejo muitos defeitos nos arremessos das jogadas do basquetebol feminino. Então o adolescente o futuro atleta tem que treinar muito por partes em situação de jogo para que ele possa desenvolver as suas habilidades. Para ele utilizar no jogo a mão esquerda e direita ele precisará trabalhar muito de forma a aperfeiçoar os movimentos.

**Em relação ao ataque na especialização** Eu não sei se agora o pivô deva vivenciar as outras posições. Eu acho que depois dos 12-13 anos onde se caracteriza o armador, o pivô, o ala. Daí eu penso que deve entrar na especialidade do papel dele no jogo. Eu penso que o pivô precisa arremessar perto da cesta. Não adianta você ficar insistindo que ele arremesse de 3 pontos.

## **Sujeito 11**

### **O ensino dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação**

Em relação ao ensino dos fundamentos técnicos do basquetebol todos os fundamentos devem ser ensinados mais principalmente drible e passe. Eu começo com o manejo de bola para ensinar as crianças amortecer a recepção da bola, depois drible, passe, marcação. Eu tenho um rol de 20 fundamentos e para cada categoria o que muda é a intensidade e o grau de dificuldade em cada exercício....Eu sempre costumei dividir por idade. Se eu pego uma turma que tem, por exemplo, idade de pré-mini é uma coisa se for mini é outra coisa, mirim é outra coisa. No infantil já é mais próximo da real situação de jogo. No pré-mini, por exemplo, o que eu costumo fazer é desenvolver as capacidades físicas juntamente com a iniciação em basquetebol. A iniciação em basquetebol não é feita exigindo a técnica correta de movimento como a gente tem que exigir um pouco mais no mirim e infantil. Então o que eu faço, trabalho muito com as habilidades do drible e do passe....Os **métodos** que eu utilizo são as séries de jogos e de exercícios. Série de exercícios que são relacionados aos fundamentos e série de jogos que são os pré-desportivos. Divido eles em cooperativos e competitivos. Nessa fase eu acho que tem que se explorar a parte cooperativa dos jogos também. Eu faço isso no pré-mini, no mini e no mirim. No infantil eu já dou mais ênfase no exercício. ...Defendo essas estratégias porque penso que não devemos esportivizar as crianças antes da 5ª série. Porque muitas vezes as crianças não estão prontas nos padrões motores para receber os ensinamentos do jogo coletivo. Não suportam as cargas do ensino. O problema é que às vezes não se tem propostas pedagógicas. Portanto primeiro precisamos preparar a criança para a iniciativa esportiva.

**Sistemas Defensivos** Eu costumo iniciar pela individual. Porque penso que ela desenvolve no iniciante a responsabilidade em defender. Ai temos que ensinar que quando a equipe dele perder a posse de bola, ele terá que procurar o seu adversário para marcá-lo é dessa forma que eu ensino. Sempre de acordo com a idade. Você deve enfatizar mais, exigir mais da defesa na categoria mirim, infantil, para atuar no basquetebol para o resto da vida, se ele vai ser atleta profissional, muito vai depender do que ele fez na iniciação. Então eu acho que ele deve marcar individualmente porque quando você coloca a defesa por zona ficará mais difícil para eles. Porque a zona você determina posição de cada um e as coberturas, e aí é mais fácil de ensinar. ....A grande preocupação e dificuldade que eu vejo na iniciação da defesa é colocar os princípios básicos da defesa, que é você ensinar os alunos atletas a ficar entre o adversário e a cesta. Com o feminino, nós temos um projeto aqui em Prudente e sempre trabalha mais com individual e esse ano começamos também por zona, ai elas disseram pô professor é mais fácil assim né... o problema é a cobertura.....Sempre eu valorizo como **métodos** a série de exercícios e série de jogos. Eu trabalho cada aula um tipo de fundamento. Por exemplo, a posição de expectativa individual. Depois passo para situações coletivas. Quando eu trabalho as defesas com jogos, vai depender da categoria. Até o mirim, trabalho só individual, depois faço a zona com variações, por exemplo, a defesa combinada, os sistemas de cobertura e até a pressão.

**Sistemas ofensivos** O ataque eu ensino basicamente com base em dois fundamentos o passe e o drible, e depois vou trabalhando com outros fundamentos de ataque. Na ofensiva temos os fundamentos individuais e os fundamentos coletivos nos coletivos obrigatoriamente. Precisamos dos individuais, você tem que saber passar para rapidamente movimentar a bola....Sendo assim, primeiro trabalho com os fundamentos individuais ofensivos que são os dribles, passos, fintas, mudança de direção, para depois trabalhar os fundamentos coletivos. Ai entra a sincronização dos pivôs. A superioridade numérica os diferentes tipos de bloqueio e na verdade até o mini o fundamento ofensivo principal é você ensinar a eles que eles precisam encontrar uma posição para jogar e ajudar seu companheiro...Então eu não trato de bloqueio até o mini. Somente no mirim é que faço o bloqueio direto, falso, externo, interno. Até o mini o básico é que eles encontrem um espaço para jogar. Busca-se abrir a ofensiva e você

mostra a eles que eles precisam fazer as jogadas para os companheiros e procurar aparecer para receber a bola. Nessa fase, eles jogam muito amontoados, então a orientação principal até no pré-mini e mini é que os alunos encontrem um espaço vazio para jogar. Agora depois do mirim para frente começamos a valorizar os fundamentos coletivos e de conjunto principalmente com a utilização dos bloqueios...Nos fundamentos ofensivos a **metodologia** é a mesma, temos série de exercícios e série de jogos. Para você ensinar o bloqueio em série de exercícios, coloco três colunas, uma coluna que é de marcação, uma coluna que vai receber a bola e outra coluna que está com a bola: ele passa a bola para uma coluna e vai fazer o bloqueio no lado contrário, o seu parceiro faz a finta sai para receber a bola. Isso é a fundamentação do sistema ofensivo. Depois disso na situação de jogo, você pode aproximar as situações e depois fazer o jogo.

**Fundamentos técnicos na etapa de Especialização** - Eu penso que a idade para especializar deva ser após 12 anos. Antes disso, eles devem aprender todos os fundamentos básicos do basquetebol. No meu programa que é a minha tese, eles devem aprender um fundamento por aula e o meu programa são 20 aulas. Dos treze anos em diante você pode começar a especializar, ou aperfeiçoar. Agora eu acredito que todos os fundamentos são importantes desde o pré-mini até o adulto. Agora a especialização é a repetição. A Hortência quando ela jogava aqui em Prudente eu pude ver ela realizar 200 a 500 arremessos todos os dias....Quando se está especializando, você pode aumentar a intensidade. Por exemplo, o drible você pode fazer drible com obstáculos em diferentes formas, você pode fazer com corridas moderadas, intensificar mais a corrida. Então o técnico agora precisa verificar qual é o nível dos jogadores através de scouts, ou outros testes para realizar o trabalho e a partir daí, especializar melhor, aqueles fundamentos que não estão ainda muito bons. O jogo passa a ser uma possibilidade de você observar o que precisa mais ser treinado....A **metodologia** continua em série de exercícios e série de jogos. Na série de exercícios você vai exigir mais. A série de jogos, acontece na prática do jogo. Agora é o jogo propriamente dito. Defendo isso pelos anos de experiência. Já fiz muitas experiências em escolas durante 23 anos. Um ano começava com um fundamento, no outro começava com outro. Até que acabei criando uma seqüência de fundamentos que defendi no mestrado. Oriento

para a seriedade no horário, organização, planejamento e uma atenção especial para quem joga.

**Sistema Defensivo Especialização** A minha tese defensiva é a seguinte, primeiro você tem que trabalhar muito bem lá na iniciação. Quando você trabalha com a individual, tem que perceber a quadra e o jogador em relação a quadra, se ele está bem fundamentado nos aspectos básicos da defesa, aí você poderá ensinar individual quadra toda, meia quadra, pressão 2:2:21, 3:2, 1:2:2, 1:3:1. Ou seja, se você trabalhar bem os fundamentos, quando for para a parte tática você não terá problema. A técnica individual precisa ser muito boa para ter um bom conjunto. Deve-se fazer muitos exercício de 1x1, 2x2, 3x3, 2x1, esses exercícios vão te dar base para a tua defesa e a utilizar no jogo....A **metodologia** é a minha tese de sempre, série de exercícios e série de jogos. Dependendo da categoria, você intensifica. Independente de ser individual ou zona, faço muito exercícios de 1x1, porque na hora que você for para a cesta vai ter um te marcando. 2x2 e 3x3 você já está trabalhando a tática também.

**Ofensiva na especialização** de acordo com o técnico Ari Vidal, o mais importante é o ataque, porque se você não pontuar você não ganha. Eu discordo porque você tem que defender primeiro para depois atacar. Eu acho que a ofensiva é muito importante e enfatizo os fundamentos ofensivos de acordo com a idade. Trabalho os individuais depois de conjunto. Ai se for contra zona, precisamos cortar, jogar com os pivôs. Contra individual, usamos diferentes tipos de bloqueios, muita mudança de direção, infiltrações....A partir do mirim, já da para trabalhar com algumas jogadas. Agora vai depender muito da turma que você tiver. Se for uma turma mais experiente que já praticou basquetebol, que tem acesso a clube, acesso a jogos de basquetebol na tv, acesso a internet é outra coisa.....Só que, tem que ter toda a fundamentação necessária. Ai você vai ter que fazer exercícios para que eles, por exemplo, consigam fazer na hora do jogo um bloqueio. Tudo deve acontecer com fundamentos individuais e de conjunto. A jogada na hora do jogo onde você pega a planilha e fala olha; você faz um bloqueio aqui, passa ali, não vão acontecer se você não ensinou antecipadamente os fundamentos. Agora se você o ensinou vai fazer a jogada.